

A romantic couple is shown in a close embrace, their faces nearly touching. The woman is on the left, looking down with a soft smile, and the man is on the right, looking up at her. They are in a field of bright yellow sunflowers under a warm, golden light. The background is a soft-focus landscape with more sunflowers and a small wind turbine visible in the distance.

J é s s i c a L a r i s s a

O que fazer quando a emoção
se depara com a razão?

YELLOW

Paixão que Incendeia



DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.love

Converted by [ePubtoPDF](#)

YELLOW
Paixão Que Incendeia

JÉSSICA LARISSA

2018

Copyright © 2018 JÉSSICA LARISSA

Capa: Hadassa M. Vaz
Revisão: Victória Gomes
Diagramação: Mari Sales

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, data e acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados

São proibidos o armazenamento e ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios, tangível ou intangível, sem o consentimento por escrito da autora.
A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido na forma do artigo 184 do Código Penal.

Sumário

[Agradecimentos](#)

[Sinopse](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Epílogo](#)

[Capítulo bônus](#)

[Sobre a Autora](#)

[Redes sociais](#)

Agradecimentos

Começo agradecendo ao nosso adorado Deus, por permitir que eu realizasse o sonho de concluir e publicar meu primeiro livro.

Agradeço ao meu amado esposo, por segurar a barra e me apoiar, mesmo quando eu passava as noites em claro me dedicando ao livro.

A minha filha, a fonte do meu amor. Te amo muito, filha.

A minha mãe e irmã, que sempre estiveram do meu lado, dando-me forças. Amo muito vocês.

As minhas primas Del e Clara, minhas primeiras leitoras, betas e irmãos do coração, que me acompanham dia após dia e nunca deixaram de acreditar em mim.

As amigas que conquistei ao longo desse ano, que me mostraram que pessoas boas ainda existem. Que me ajudaram, me apoiaram e, principalmente, acreditaram no meu trabalho: Christine King, Gabriela Servo, Mônica Kimi, Wânia Araújo, Wilma Heck, Eveline, Pry Oliver, Natália Dias, Victoria Gomes, Letti Oliver e todas as meninas dos grupos RDN e MLN. Vocês são incríveis, amo todas vocês.

Minhas leitoras queridas, obrigada por darem uma chance ao meu livro, vocês moram no meu coração, sem vocês eu não estaria realizando esse sonho de vida. Em especial, as minhas pecadoras do grupo Pecadoras da Jesse. O meu muito obrigada, meninas.

Sinopse

Diferença de idade, polêmico e proibido.

O que acontece quando a razão e a emoção se desejam? Quando a atração e a realidade se chocam em um romance sensual e envolvente?

Sebastian é razão e tempestade. Um fuzileiro naval que é pura testosterona, mas que guarda mágoas profundas em seus olhos cinzas e que busca sua cura ao sair da marinha e voltar a um lugar do seu passado. Ele quer se reconstruir com suas próprias mãos.

No seu caminho, conhece Eliza, uma jovem rica, emotiva e inconsequente que vai ver seus sonhos sendo confrontados pela realidade deliciosa de Sebastian e sua atração máscula implacável.

Eles não apenas se desejam, mas se confrontam. Será que ambos poderão construir uma vida juntos? Eles serão a luz um do outro? Podem superar a poderosa volúpia que os consomem?

Emoções envolventes desabrocham em Yellow, como girassóis procurando o sol.



Prólogo

18 anos antes

O dia havia amanhecido bastante ensolarado, a claridade adentrava o quarto através da janela semiaberta, formando um rastro de luz bem no meu rosto. Se aquele fosse um dia qualquer, com certeza eu teria fechado a janela, deitado e dormido novamente, mas não, era um dia especial.

Saí da cama com toda pressa, jogando no piso de cerâmica os lençóis alvos, cheirando à lavanda. Nem ao menos me dei ao trabalho de trocar de roupas, só para então, ao chegar na porta, retornar e arrumar os lençóis que minha mãe havia lavado com tanto carinho. Coloquei-os dobrados sobre a cama e saí quase correndo, passando pelo corredor até o quarto dos meus pais.

— Mãe? Pai? — chamei

Passaram-se alguns minutos até dona Marta aparecer na porta, colocando a mão sobre a boca, bocejando.

— Filho, o que aconteceu? — perguntou ela, sonolenta e visivelmente preocupada.

Sua pele clara, já cansada pelos anos, estava cheia de marcas deixadas pelo

travesseiro, e seus cabelos pretos, os quais herdei, agora já com alguns fios grisalhos, formavam um ninho de passarinho em cima da sua cabeça. Mesmo assim, nada era capaz de ofuscar sua beleza.

— A senhora não se lembra? Hoje é dia de pegar as correspondências na cidade, finalmente vou saber se passei ou não no concurso. Onde está o meu pai?

Ela me olhou com a expressão mais suave, enquanto seus lábios se curvavam em um sorriso. Recostou-se na porta do quarto, arrumando o roupão azul em volta do corpo.

— Fique tranquilo, ele já foi buscar. O mais provável é que já esteja a caminho, de volta para casa.

Franzi o cenho frustrado.

— Mas como? Por que ele não me chamou? Eu iria também! — respondi um pouco contrariado, devido à minha ansiedade

Ela sorriu, estreitando os olhos e colocou as mãos em meu rosto.

— Não seja ingrato Sebastian, se acalme — advertiu-me com semblante sorridente.

Logo depois, o barulho de passos ecoou pelo corredor e meu pai entrou em meu campo de visão, segurando alguns papéis em suas mãos.

— Bom dia filhão — cumprimentou e caminhou até minha mãe, depositando um beijo em seus lábios.

— Bom dia. Por favor, diga que tem algo para mim — pedi, esperançoso.

Ele me encarou suavemente, escondendo o riso.

— Eu não disse que ele já estava chegando? — falou minha mãe, abraçando-o.

Meu pai ainda era um homem forte, íntegro e honesto que dava um duro danado para sustentar a família. Possuía as feições sérias e um olhar cinzento que herdou do meu avô, e que eu havia herdado também. Os dois se amavam com a mesma intensidade de anos atrás, era admirável.

— Os jovens de hoje em dia, sempre tão impacientes — comentou ele, deixando-me ainda mais ansioso.

— Anda logo homem, entrega o envelope para o menino — falou minha mãe enquanto o cutucava com o cotovelo.

Meu pai pegou um dos envelopes que segurava e me entregou. Estendi a mão para segurar o papel e o abri rapidamente para ver o resultado do concurso. Senti meu coração dar um salto quando li o conteúdo.

— E aí, filho? — questionou dona Marta, aflita.

Eu continuei olhando o papel quase sem acreditar no que via.

— Sebastian, fala logo — articulou senhor Luís, meu pai.

Levantei meu olhar e abri um sorriso orgulhoso.

— É o seguinte... — pronunciei batendo a mão no peito, fazendo um breve suspense. — O "filhão" aqui foi aprovado no concurso de soldado fuzileiro naval da Marinha do Brasil.

Os sorrisos em seus rostos se abriram de orelha a orelha instantaneamente.

— Isso aí, meu garoto. — Meu pai veio em minha direção, me abraçou fortemente e deu um tapa nas minhas costas. — Que orgulho, Sebastian.

Assim que ele se afastou, minha mãe abraçou-me também, emocionada.

— Meu coração de mãe está transbordando de orgulho, filho.

Sequei suas lágrimas com meu polegar e dei-lhe um beijo na testa.

— Ah, mãe, não chore.

— São lágrimas de felicidade, meu amor. Seu sonho também é meu sonho.

— Consegui pela senhora, para que pudesse sentir orgulho de mim — murmurei, olhando em seus olhos.

Ela levou a mão à bochecha, secando outra gota de água e voltou a falar:

— Eu já me orgulho, filho. Já tenho orgulho de você desde o dia que te segurei pela primeira vez em meus braços.

— Eu te amo — declarei, dando-lhe um abraço.

— Também te amo, muito.

A vontade de ser um fuzileiro esteve comigo desde a minha infância, quando ainda era um garotinho de oito anos. Tudo começou quando assisti à um filme pela primeira vez em minha vida, na companhia do meu pai: *A Força do Destino*. Eu havia ficado fascinado.

Os anos passaram, muita coisa mudou, mas esse sonho apenas cresceu dentro de mim. Agora, aos meus dezoito anos, finalmente iria ser realizado, e me

sentia mais que preparado.

— Vamos parar com o chororô que já estou morto de fome — falou meu pai, dando um abraço coletivo.

Mamãe se afastou, encarando-me. Seu nariz estava vermelho, mas seus olhos brilhavam como as estrelas.

— Vamos pra cozinha, vou preparar o café da manhã pra gente.

Concordei, e seguimos os três para a cozinha. Coloquei os copos e pratos sobre a pequena mesa de madeira, forrada com uma toalha xadrez, enquanto mamãe coava o café preto e assava os pães de queijo no forno.

Naquela manhã, o sol parecia estar mais vibrante que de costume e as nuvens no céu pareciam dançar com o soprar do vento.

Meu pai ligou o velho rádio enferrujado que estava sobre o balcão e começou a passar as faixas à procura de uma música agradável. Lembro-me da voz marcante de Sting ecoar no ambiente, cantando *Fields of Gold*, a música favorita dele e da minha mãe. Eles diziam que era a história das nossas vidas e, apesar de eu nunca ter dado tanta atenção a isso, tinha que confessar que era uma bela letra.

Você vai se lembrar de mim quando o vento do Oeste soprar

Sobre os campos de cevada

Entre os campos de ouro

Você ficará comigo? Será o meu amor?

Meu pai se dirigiu até minha mãe e a puxou para uma dança, rodopiando-a pelo piso da cozinha. Mamãe sorria feliz, estava radiante.

Sorri, observando-os, e logo depois saí até a varanda da nossa pequena e humilde casa para sentir o frescor da manhã e observar os girassóis. Naqueles momentos, eu me sentia a pessoa mais feliz do mundo.



O dia havia passado rapidamente. Ajudara meu pai em alguns serviços diários da plantação de girassóis que cultivávamos com tanto gosto e, no cair da noite, tranquei-me no meu quarto, cansado, enquanto minha mãe se arrumava

para sair com meu pai. Costumávamos fazer programas em família aos fins de semana, principalmente naquela época do ano quando tinha festejos na cidade, mas naquela noite decidi não ir.

— Sebastian? — Minha mãe bateu na porta e me chamou.

— Oi, dona Marta — respondi.

— Tem certeza que não quer vir com a gente, meu filho? Não vai ver sua namoradinha?

Levantei-me da cama e abri a porta para minha mãe.

Ela estava linda como sempre, com os cabelos presos em um coque, usando um vestido verde que batia abaixo dos joelhos e sandálias rasteiras.

— Eu e Ana não estamos muito bem — respondi, vendo o sorriso de minha mãe morrer em seu rosto. — A propósito, a senhora está lindíssima. — Tentei mudar o foco do assunto.

— Filho, o que houve? Vocês formam um casal tão lindo — perguntou, triste.

— Não quero falar disso agora, dona Marta. — Segurei em suas mãos. — Vá se divertir, você e meu pai merecem um tempo juntos. Eu não estou a fim de ir.

— Tem certeza?

— Sim, tenho certeza — confirmei.

Beijei-a no rosto e, logo depois, ela saiu.

Tranquei a porta e me perdi em pensamentos. Sobre a marinha que eu tanto sonhei, e sobre Ana, minha namorada desde o colegial, que andava estranha e distante nos últimos dias.

As horas começaram a passar com lentidão e eu não conseguia pegar no sono.

Impaciente, levantei-me e fui até a cozinha tomar um copo de água, minha garganta estava seca devido ao calor escaldante; estávamos no início do verão. Sentei em uma das cadeiras em volta da mesa, olhei no relógio de parede e naquele momento senti uma sensação estranha nascer em meu peito. O relógio marcava uma e vinte e seis da manhã, já era para os meus pais terem voltado.

Afastei os maus pensamentos e terminei de tomar a minha água.

Levantei-me, deixei o copo de vidro sobre a pia e já estava voltando para o quarto quando vi pela janela um carro aproximando-se da varanda. No breu da noite, reconheci pelos faróis intactos que não era o carro do meu pai, pois a velha caminhonete do senhor Luís estava com os faróis caindo aos pedaços.

Abri a porta que dava acesso à varanda, acendi a luz e saí. Senti o sangue congelar em meu corpo ao constatar que era um carro de polícia.

— Olá, Sebastian, boa noite. — O policial Hernandez saiu da viatura, veio até mim e estendeu a mão em um cumprimento.

— Boa noite senhor. Posso ajudar em algo? — respondi, tenso.

— Infelizmente não. Na verdade, vim até aqui para te dar notícias, e sinto informar que não são as melhores. — Seu semblante estava pesado, aflito.

Algumas gotas de suor começaram a brotar na minha testa e meu coração dizia que tinha algo errado acontecendo, mas eu não queria crer.

— Aconteceu alguma coisa? — questionei, sentindo um aperto enorme no peito.

— Infelizmente sim... — Ele fez uma pausa e continuou. — Seus pais sofreram um acidente. Eu sinto muito.

Meu mundo parou naquele momento.

— Como assim um acidente? — indaguei, trêmulo.

— Você precisa ser forte, rapaz. — Seu olhar triste me açoitou em cheio, fazendo meu coração parar de bater por um segundo. — Era mais ou menos onze horas da noite quando seus pais saíram da praça e pegaram o caminho de volta para casa, mas, na primeira curva, o carro em que eles estavam se chocou com um caminhão que vinha em alta velocidade.

— Mas e os meus pais, como eles estão? — questionei ainda descrente que aquilo estava realmente acontecendo.

Passei a mão por meus cabelos, sentindo-se tenso e angustiado.

— Ambos estavam sem o cinto de segurança. O motorista do caminhão passa bem, mas seus pais... — Ele pausou e fitou o chão, como se procurasse a melhor maneira de continuar. — Seus pais infelizmente faleceram no local do acidente. Eu sinto muito, Sebastian.

O policial continuou falando, mas a única coisa que pairou na minha mente foi a notícia de que meus pais haviam morrido.

— Meus pais... morreram — murmurei baixinho, fitando o nada.

Meus joelhos se dobraram mecanicamente e eu caí por terra, desolado, destruído. À medida que as lágrimas escorriam pelo meu rosto, senti o meu peito sendo destroçado. Eu estava sozinho, eles haviam me deixado, a felicidade estava acabada para mim.



Capítulo 1

18 anos depois

*Olhe para as estrelas
Veja como elas brilham por você
E por tudo que você faz*
Coldplay

Eliza

— Senhorita Martinez, poderia compartilhar conosco o assunto tão interessante que estás tratando com a senhorita Bitencourt?

Meu coração quase parou ao constatar que eu era o centro das atenções naquele momento. O homem de meia idade na minha frente, com seus cabelos grisalhos, pele clara um pouco enrugada e uma barriga de chope bastante avantajada, só me deixou ainda mais tensa, pois era difícil disfarçar o semblante

de riso diante uma cena tão exótica expressa pelo professor Breno Cartinez em uma tentativa frustrada de parecer autoritário.

— É... Desculpe, senhor Cartinez — proferi, sem saber exatamente como prosseguir, ou como evitar o riso.

Ele fechou a expressão e ajeitou os óculos fundo de garrafa nos olhos.

— Assunto mais interessante até mesmo que a nossa aula, eu diria — continuou ele, impassível, olhando-me seriamente.

Mais que depressa, guardei o bilhete enviado por Larissa, onde constava o número de pintos pequenos e sem graça que tivemos o desprazer de conhecer no decorrer das nossas experiências sexuais, e ajeitei o caderno sobre a mesa, fingindo estar por dentro do assunto aderido pelo professor.

Disfarçadamente, olhei para minha amiga, que me encarava tentando disfarçar o riso, e fiz um sinal com as mãos para que pudssemos continuar nossa conversa depois da aula. Voltei minha atenção para o professor que me analisava com uma expressão bastante raivosa e sorri, pondo a ponta do lápis na boca e cruzando as pernas.

Senhor Cartinez observou os meus movimentos com atenção e eu vi o tom da sua pele passar de maracujá azedo para vermelho em questão de segundos, velho babaca.

— E-espero que isso não se repita, senhorita, o-ou serei obrigado a tomar medidas drásticas — gaguejou.

Dito isso, ele virou as costas, sem nem ao menos me dar a chance de respondê-lo por ameaçar me expulsar da sala, e retornou à frente do quadro, dando continuidade à aula pavorosa de história.

Ao fim da aula, Larissa e eu fomos para o pátio do colégio, um espaço amplo repleto de plantas, e nos sentamos na grama embaixo de um ipê amarelo centenário. As flores da árvore embelezavam ainda mais a paisagem do lugar, marcando o início da primavera.

— Eliza, o que foi aquilo na sala? — perguntou Larissa, tentando manter-se séria, mas logo em seguida tendo uma crise de riso.

Larissa era a minha melhor amiga desde sempre. Possuía os cabelos vermelhos como fogo e olhos azuis brilhantes e seu corpo era bem esguio. Com pernas longas e seus quase um metro de setenta e cinco de altura, ela era uma linda mulher.

— Eu sei, não aguento mais aquele velho rabugento — respondi de forma cordial, seguindo o ritmo de suas risadas.

— Acho que ele ficou excitado só com uma cruzada de pernas.

Meu estômago embrulhou só de imaginar.

— Que nojo, Larissa, pelo amor de Deus.

Ela gargalhou mais uma vez e voltou a falar.

— Será que ele ainda é virgem?

Encarei-a, chocada.

— Pelo amor de Deus. Pra mim o professor Cartinez é assexual.

Sorrimos mais um pouco e, após alguns minutos em silêncio, Larissa voltou a falar.

— Amiga, tenho uma surpresa pra você.

Arregalei os olhos, surpresa, e voltei toda minha atenção para ela.

— O que você está aprontando dessa vez? — perguntei, curiosa e ao mesmo tempo com uma pitadinha de medo, lembrando de como havia sido arrancada da cama naquela manhã por minha amiga e toda a minha família com uma calorosa confraternização, com direito a bolo e tudo, em comemoração ao meu aniversário de dezoito anos.

Arqueei uma sobrancelha, desconfiada ao constar o semblante divertido no rosto de Larissa.

— Relaxa, Eliza, agora que vem a parte boa — respondeu com uma expressão bastante maliciosa para o meu gosto. — Antes que você me julgue, não estou aprontando nada demais, só iremos comemorar seu aniversário em grande estilo.

— Então anda, mulher, fala logo porque já estou curiosa.

Larissa pegou sua bolsa cor de rosa, abriu o zíper, tirou dois papéis e me entregou. Peguei-os de suas mãos e franzi o cenho ao ver que eram ingressos.

— Iremos dançar, beber e curtir muito na inauguração da boate Terrazza Music Hall hoje à noite — falou ela e me deu uma piscadela.

— Uau! — Levantei-me, já pulando de alegria. — Pensei que os ingressos já haviam se esgotado.

— Realmente já se esgotaram, por isso garanti os nossos antecipadamente.

— Poxa, eu não acredito! E você não me disse nada? — Abracei-a, feliz.

— Se eu dissesse, deixaria de ser surpresa.

Afastei-me dela, sorridente.

— Sua boba, obrigada.

—Você merece, dona Eliza — disse ela, sentindo a mesma felicidade que eu.

Após as aulas que se encerraram, ao meio-dia, seguimos para nossas casas para almoçar e descansar um pouco antes da sessão de beleza. Por ser um ano mais velha que eu, Larissa já havia tirado sua CNH e conduzia orgulhosamente seu primeiro carro, um Volkswagen vermelho que ganhou de presente do seu pai. Eu vivia na sua cola; em todos os lugares que ela ia, lá estava eu no banco do carona.

Nossos pais eram amigos e sócios, ambos donos de uma construtora na cidade, a BM Engenharia, e, como nossas famílias eram muito próximas, consequentemente éramos amigas desde criança. Fazíamos tudo juntas, desde a escola a passeios e festas.

Paramos em frente à minha casa e após combinar o horário de irmos para a boate, nos despedimos e eu desci do carro.

A casa da minha família era ampla e bem compartimentalizada, com um grande jardim em frente repleto de rosas e girassóis, que era a paixão da minha mãe.

Entrei e encontrei meu pai, que havia acabado de chegar da construtora para almoçar. Ele era um homem de quarenta e cinco anos, bonito e sempre bem vestido, de pele clara e cabelos grisalhos, que fazia minhas colegas da escola suspirarem.

—Oi, querida. — Ele veio até mim e me deu um beijo na testa. — Como foi na aula?

— Oi, papai. Foi bem na medida do possível. Cadê a mamãe?

— Provavelmente na cozinha, ajudando a Márcia com o almoço.

Márcia era nossa cozinheira há anos, uma segunda mãe para mim.

— E o Jonas? Espero que aquele pirralho não esteja fuçando nas minhas coisas.

Papai olhou-me, sério, balançando a cabeça, discordando do que eu havia acabado de dizer.

— Seja mais paciente com seu irmão, Eliza, ele é só uma criança — papai repreendeu-me, mas eu não liguei.

Ainda não havia esquecido a última travessura do meu irmão com os meus perfumes, felizmente cheguei a tempo, antes que ele derramasse todos pela janela do meu quarto. Deixei papai na sala e me dirigi até a cozinha, dei um beijo na mamãe e outro em Márcia, além de dar uma beliscada, sob protestos, no prato que estava sendo preparado.

Fui até a janela da cozinha, que estava aberta, e vi Jonas. Graças a Deus ele estava brincando lá fora em um balanço que havia no quintal, debaixo de uma árvore frondosa.

Deixei a cozinha e subi as escadas em direção ao meu quarto, precisava de um banho urgentemente para tirar o cheiro da rua. Tomei um banho demorado e me vesti, desci para almoçar e, depois de comer, voltei para o quarto e desabei na cama.



— Ai! — gritei igual uma louca ao sentir os pelos da minha virilha serem arrancados com cera quente.

Maldita hora que decidi aderir à depilação brasileira, junto com a minha sessão de beleza. Não tinha certeza se uma possível foda gostosinha valia todo esse sofrimento.

— Calma, senhorita — falou uma moça baixa e um pouco gordinha que havia se apresentado como Joyce.

No início, ela pareceu ser muito gentil, mas agora só conseguia sentir ódio por ela.

— Dói apenas na primeira vez, depois você se acostuma — completou, dirigindo-me um sorriso amigável.

— Não, não, pode parar. Nem morta faço isso de novo — dramatizei, em pânico.

Foi bem audível a risada que ela soltou diante o meu sofrimento.

— Relaxa, menina. Aguenta firme que estou quase acabando.

Fechei os olhos e me preparei para o próximo puxão. Lágrimas transbordavam por meus olhos e no final da sessão já estava chorando igual a um bebê. No fim da tortura, prometi a mim mesma que nunca mais iria sair do tradicional: o bom e velho prestobarba. Queria matar Larissa por me convencer a fazer isso, ela como sempre me manipulando. "Ah, amiga, vai que a gente conhece uns boys gostosos? Temos que estar bem preparadas, nunca se sabe".

Aff, vaca. Homem nenhum merecia que passássemos por todo esse sofrimento, pensei comigo.

Foram dolorosos e longos minutos de puro sofrimento.

O salão ficava a umas duas quadras da minha casa, então decidi voltar andando e aproveitei para admirar a bela paisagem do parque no outro lado da rua, ipês amarelos floridos eram a grande atração do lugar e até atraíam alguns visitantes para a cidade naquela época do ano. Os lagos estavam repletos de patos e seus filhotinhos, enquanto casais e crianças corriam em volta da pequena floresta verdejante, chamuscada de amarelo.

Estava tão entretida na paisagem e em meus pensamentos que não percebi uma pessoa vindo em minha direção e nosso choque foi inevitável. Quase caí de bunda no chão, mas fui amparada por braços fortes que me seguraram pela cintura, impedindo minha queda.

— Você está bem, moça? — perguntou uma voz grossa e marcante que eletrizou todos os poros do meu corpo, causando-me um tremendo arrepio.

Recompus-me rapidamente, arrumando os meus cabelos compridos que caíram sobre os olhos, e pude ver o rosto do homem que se chocou comigo.

Eu havia morrido na sessão de beleza e estava no céu? Era isso?

— Estou bem, obrigada — respondi, sentindo-me inebriada pela sua aproximação.

Foi inevitável notar o quanto ele era incrivelmente bonito. Seus cabelos, pretos e lisos, esvoaçavam com o vento e sua pele era clara. O formato do seu rosto exalava masculinidade, dando-lhe um aspecto rústico com a barba por fazer, mas o que mais me intrigou foram os olhos, de um azul acinzentado tão raro, acho que eu nunca havia visto nenhum parecido em toda a minha existência. Eram como espelhos e, pior, estavam me analisando milimetricamente.

O vento soprou suave, fazendo-me perder o ar, e a brisa do fim da tarde trouxe até mim o aroma inebriante do seu perfume amadeirado.

Ele me soltou ao perceber que ainda segurava em minha cintura. E até me senti frustrada por isso, não eram todos os dias que eu me chocava com um deus desses na rua.

— Me desculpe — disse ele, enquanto eu sentia seus olhos queimarem na curva dos meus lábios. Ele pareceu acordar de um transe, logo depois voltando a falar: — Prazer, me chamo... — Foi interrompido pelo toque do celular.

Sorri ao ver sua cara de insatisfação pela interrupção. Então o bonitão ficou interessado? Que interessante.

— Desculpe, preciso atender — disse ele, fazendo um aceno para que eu o esperasse, e atendeu o telefone.

Até fiquei tentada a conhecer um pouco mais do senhor testosterona, mas, apesar das minhas vontades, aquilo era loucura, claro que eu não iria ficar conversando com um desconhecido no meio da rua. Então simplesmente saí de perto dele e entrei na próxima rua, mas não antes de vê-lo se virar e vir na minha direção. Antes que ele me alcançasse, saí correndo o mais rápido que pude até chegar em casa.



Sebastian

Naquele dia estava fazendo um mês que retornei para minha cidade natal, após dezoito anos dedicando-me e servindo à marinha.

Preso em pensamentos, me lembrava do quanto havia sido difícil seguir em frente depois de perder tudo o que amava. Após a morte dos meus pais, fui embora e nunca mais voltei. Não havia o que fazer aqui, não naquela época.

Não foi uma decisão fácil retornar à propriedade onde cresci e fui feliz, principalmente depois de tantos anos estando distante. Voltar me trouxe maravilhosas lembranças, mas também péssimas recordações. Mas precisava dar um rumo à minha vida, estava cansado de sofrer relembando os demônios do passado.

Ao chegar aqui, a primeira coisa que fiz foi seguir direto para a fazenda, talvez se relembresse os bons momentos eu me sentiria mais forte. Porém, os anos distante não foram capazes de me preparar para o choque que eu seria

submetido ao deparar-me com um cenário triste e abandonado, muito diferente do que me lembrava.

Minha antiga casa estava deteriorada pelo tempo e a plantação de girassóis já não existia mais, nem mesmo os vestígios.

Alguns meses antes de retornar, entrei em contato com meu tio Vicente, irmão mais novo do meu pai, e o propus que me ajudasse a retomar os negócios da família. Após muito planejamento e análise dos prós e contras, investi em um moderno e barato sistema de irrigação e deixei tio Harry a par de todos os meus planos e negócios aqui em Minas.

Assim que cheguei à fazenda, encontrei tio Harry e alguns homens contratados por ele para fazer o plantio das sementes de girassóis. A terra já estava arada e adubada, e o sistema de irrigação, montado. Tantos anos economizando teriam de servir para alguma coisa.

Naquela manhã, deixei os homens com seus afazeres e adentrei a casa, fazendo uma inspeção pela sala. Notei que ainda estava tudo como eu havia deixado, exceto pelo fato dos móveis estarem todos desgastados e servindo de alimento para cupins, e o mesmo acontecia com as portas e janelas. As paredes, antes brancas, estavam amareladas e descascando a pintura, o piso se encontrava rachado e cheio de buracos, e de todas as cortinas das janelas, só restaram os farrapos e poeira.

Aproximei-me da estante empoeirada e peguei um pequeno porta-retratos coberto de pó. Limpei o excesso com as mãos e contemplei uma fotografia de minha mãe e meu pai abraçados, sorridentes. Em outro porta-retratos, havia uma fotografia da minha mãe comigo ao seu lado, suas mãos pousadas em meus ombros e o sorriso de sempre estampado no rosto. Naquele momento, senti uma lágrima escorrer pelo meu rosto. Chorar não fazia parte da crosta grossa que eu havia construído em volta de mim, não fazia parte do meu eu, mas, diante as circunstâncias, tudo se tornava possível.

Coloquei a fotografia no mesmo lugar e deixei a casa, me despedi do meu tio e voltei para a cidade, onde aluguei uma pequena casa no centro de Itaú. Encostado na janela do quarto, admirando a vista lá fora por cima do muro, observava as florações amarelas dos ipês, que contrastavam com o azul do céu. Era realmente um cenário encantador.

Após alguns minutos na mesma posição, decidi dar uma volta pela cidade, já que era sexta-feira e eu não tinha nada importante para fazer. Ainda não conhecia ninguém interessante que pudesse me fazer companhia, a não ser

alguma transa ou outra. Mas isso não era um problema aparente, já que eu estava acostumado com a solidão superficial. Mesmo estando rodeado de pessoas, me sentia só, distante de tudo.



Estava com o carro estacionado em frente a um restaurante local de comida típica mineira, ainda decidindo se entrava ou não. Após conferir as horas e constatar que passava do meio-dia, resolvi me aventurar.

Ao entrar no estabelecimento, fui alvo de alguns olhares femininos que elevaram o meu ego. Não que eu fosse um garanhão ou algo do tipo, mas ser homem é isso e, como qualquer outro, gostava de ser cobiçado.

Escolhi uma mesa em um canto mais reservado e logo fui atendido por uma garçonne baixinha de cabelos loiros cacheados que era toda sorrisos.

— Boa tarde, senhor. Seja bem-vindo — cumprimentou-me, bastante educada, e me entregou o cardápio.

— Obrigado — respondi com um meio sorriso, vendo-a suspirar e sair.

Folhee as páginas do cardápio e fiz o meu pedido. Fiquei um tempo aguardando até ser servido e aproveitei cada pedacinho da comida. Depois de me alimentar, paguei a conta e continuei o passeio pela cidade. Algumas coisas haviam mudado, outras continuavam exatamente como me lembrava.

Parei o carro em uma rua em frente ao único parque da cidade e fiquei observando as pessoas conversando alegremente, crianças brincando com seus pais, casais apaixonados fazendo piquenique, outros andando de mãos dadas. Até mesmo os patos no lago nadavam em sintonia.

Desviei minha atenção do parque e apenas permaneci parado, olhando para frente, pensativo. Um aperto enorme tomou conta do meu peito e as lembranças massacrantes impregnaram na minha cabeça. Fechei os olhos como uma forma de tentar amenizar a saudade que sentia dos meus pais, testemunhar aquelas cenas era como ver um flashback da minha própria vida passando pelos meus olhos.

Respirei fundo e decidi andar pelo parque, precisava espairar um pouco e para isso nada melhor que um lugar como aquele.

Atravessei a faixa de pedestres e cheguei até a entrada, sentando em um banco embaixo de uma árvore frondosa próxima ao lago. A paisagem ficava

ainda mais bonita de perto, a tarde estava quente e instantaneamente me arrependi por ter saído com calça jeans; aquele era um dia para usar roupas mais leves e confortáveis. Suspirei, frustrado, e tentei relaxar, sentindo o vento tocar o meu rosto. Tirei meus sapatos e foi reconfortante a sensação da grama verde nos meus pés.

O parque também estava repleto de ipês floridos e por um minuto me peguei imaginando como seria ter alguém para dividir a vida e os sonhos, passear de mãos dadas e fazer piqueniques debaixo das florações amarelas.

Sorri com meus próprios pensamentos idiotas. Relacionamentos nunca foram uma prioridade na minha vida, já que, desde meus dezoito anos até agora, aos trinta e seis, meus dias se resumiram a construir uma carreira dentro da marinha. Nunca me aprofundei como deveria em uma relação, tive algumas namoradas, mas nada tão intenso a ponto de me prender, eram apenas noites de prazer para amenizar a tensão.

Fiquei sentado ali pelo que supus ser horas, já me sentindo mais leve. Levantei, calcei meus sapatos e retornei pelo mesmo caminho. Fui andando com as mãos no bolso da calça, um pouco distraído, fixando os olhos no chão e, alguns segundos depois, trombei com alguém.

Por ter um porte físico forte, consegui me manter de pé, mas tive que ser rápido para segurar a pessoa que já ia se estatelando no chão devido ao impacto brusco. Confesso que fiquei encantado ao analisar a bela silhueta feminina à minha frente. Seus cabelos pretos e longos estavam soltos, um pouco bagunçados pelo choque, espalhados por seu rosto, mas não me impediu de ver sua linda face, sua boca carnuda e bem-feita, olhos castanhos um pouco puxados, pele morena e um corpo cheio de curvas generosas.

Vi-me prendendo o ar naquele momento. Ela era linda.

— Você está bem, moça? — perguntei, preocupado.

— Estou bem, obrigada. — Ela se recompôs e me respondeu.

Fiquei alguns segundos observando as formas do seu rosto, seus lábios grossos pedindo por um beijo, até que acordei do meu transe. Meu celular tocou no exato momento em que eu ia me apresentar a ela, deixando-me frustrado.

Vi seus lábios se curvarem em um sorriso, analisando-me. Acenei para que ela esperasse um minuto, torcendo para que o fizesse, e atendi o telefone, mas ela apenas balançou a cabeça em negativa e se afastou de mim. Tirei o celular do ouvido e andei em sua direção, mas a garota simplesmente entrou na próxima

rua e desapareceu. Parei no meio do calçamento e fiquei olhando a rua vazia, frustrado e imaginando se a veria novamente algum dia.

Voltei o celular ao ouvido e atendi a chamada do meu primo Ricardo, filho de tio Vicente.

— Oi, Ricardo, pode falar.

— Oi, cara. E aí, tudo bem?

— Sim, estou bem. O que você tem a me dizer? — perguntei impaciente.

— Tenho um ingresso sobrando para a boate que vai ser inaugurada hoje, você está a fim de ir?

— Desculpe, Ricardo, mas não gosto de festas.

— Ah, Sebastian, fala sério. Você precisa se divertir um pouco, cara.

— Realmente, não estou a fim — respondi firmemente, tentando cortar o assunto. A essa altura do campeonato, eu já andava de um lado para o outro com vontade de esganá-lo.

— Faz assim, então: mais tarde passo lá na sua casa e a gente conversa.

Meu primo desligou o telefone na minha cara antes mesmo que eu dissesse não definitivamente. Droga. Guardei o celular no bolso, entrei no meu carro e dei a partida, liguei o som e coloquei na pasta da minha banda favorita, Coldplay. O percurso até em casa estava sendo bem tranquilo, optei por fazer uma rota diferente para poder me familiarizar com a cidade novamente.

Passei em frente a meu antigo colégio e pude notar que estava totalmente reformado e ampliado. Do outro lado da rua havia uma pequena lanchonete, que agora dava lugar a um restaurante de comida italiana; a quadra de futebol agora estava totalmente coberta e aparentemente bem estruturada.

Continuei meu percurso pelas ruas e, algumas quadras depois, próximo à saída da cidade, lembrei que havia um terreno baldio por ali. Guiei o veículo até lá, precisava saber que fim havia levado aquele lugar, e me surpreendi quando cheguei e vi a rua toda asfaltada, repleta de pequenos prédios e estabelecimentos comerciais. Logo mais à frente, uma placa com luzes vermelhas piscantes me chamou a atenção. Estava escrito “GRANDE INAUGURAÇÃO DA BOATE TERRAZZA MUSIC HALL”.

Ignorei a placa e retornei para meu trajeto, pouco tempo depois cheguei em casa e guardei o carro na garagem, pois não estava em meus planos sair

novamente. Adentrei o local e fui até o quarto, tirei a calça jeans e vesti uma bermuda mais confortável, segui para a cozinha e peguei uma cerveja na geladeira. Sentei-me no sofá da sala e liguei a TV enquanto saboreava a bebida extremamente gelada. Terminei a cerveja e voltei minha atenção ao noticiário até que ouvi a campainha tocando. Bufeí por alguns instantes antes de ir atender a porta.

— Oi, cara, e aí? — falou meu primo Ricardo assim que abri a porta. Já veio me dando um aperto de mão e um abraço de lado. Cínico como sempre.

— Oi, Ricardo, entre. Aceita uma cerveja? — perguntei a ele, já que eu estava com a garrafa vazia na mão. Seria até falta de educação não oferecer.

— Opa, aceito sim — respondeu e sentou no sofá.

Busquei duas cervejas e entreguei uma a ele.

— E então, a que devo a honra da sua visita? — perguntei irônico, sentando-me também.

Ricardo era dois anos mais jovem que eu, mas éramos parecidos fisicamente, com a diferença deque ele era mais moreno e muito mau caráter pelo que me lembro.

— Ah, somos primos, Sebastian, precisamos manter o contato.

Arqueei uma sobrancelha e o encarei sério. Nunca foi do feitio dele ser agradável, muito pelo contrário, nunca nos damos bem.

— Meu pai me disse que você pretende reformar a casa da fazenda — falou ele.

Fitei-o por um momento, refletindo se ele merecia uma resposta ou não, mas decidi respondê-lo secamente:

— Sim, é o que pretendo fazer.

— Ok, Sebastian. Eu sei que a gente nunca se deu bem antes, mas éramos jovens, cara, vamos esquecer o passado — Ricardo falou, olhando-me, e pude notar que ele estava sendo sincero, ao menos ali, naquele momento.

Mas não era tão simples assim. Passei muito tempo fora, sem ter contato algum com ele, não seria tão fácil esquecer nossas diferenças e fingir que éramos uma família feliz.

— Olha, Ricardo, não sei o que você quer, mas dá pra ir direto ao ponto?

— Calma, cara, só quero ser seu amigo, relaxa — ele respondeu e se

levantou do sofá. — Olha, trouxe aqui o ingresso da boate que te falei mais cedo, acho que seria uma boa a gente sair pra se divertir um pouco.

— Eu já disse que não gosto de festas — respondi impaciente.

— Tudo bem, tudo bem. — Ele se levantou do sofá e ergueu as mãos em forma de rendição. — Fique com o ingresso caso mude de ideia. — Colocou o papel sobre o rack e se dirigiu para a porta, mas antes de abri-la se virou para mim. — Sebastian, espero sinceramente que algum dia a gente se entenda. — Dito isso, meu primo saiu e trancou a porta atrás de si.

Fiquei ali no sofá, analisando o que foi aquela conversa. Levantei-me e joguei as garrafas vazias no lixo, desliguei a TV e fui para o quarto, deitando na cama com a cabeça apoiada no travesseiro. Fiquei olhando para o teto, para logo depois pegar o celular e conferir as horas. Nove e trinta e seis da noite. Desliguei a tela e continuei fitando o teto.

Droga, eu realmente não sabia o que fazer da minha vida.

Fechei os olhos e meus pensamentos viajaram, como um imã, direto para o lindo rosto que me deixou encantado naquela tarde. Sorri comigo mesmo e me achei um imbecil por isso.

Peguei no sono por um tempo e acordei em um susto, todo suado. Havia tido um daqueles pesadelos que me acompanhavam todas as noites desde minha última missão pela marinha. Sentei-me na cama e passei a mão por meus cabelos. Aquelas lembranças me deixavam atordoado.

Depois de me recuperar, fui para o banheiro e tomei um banho relaxante. Coloquei uma calça moletom e voltei para sala, tentando distrair um pouco. Peguei o controle sobre o rack e vi o ingresso que Ricardo havia deixado. Era a mesma boate que eu havia passado em frente mais cedo, então, sem pensar muito, apenas o guardei e fui para o quarto me trocar. Realmente precisava me divertir um pouco, ou pelo menos tentar.



Capítulo 2

Chame de magia

Chame de verdade

Chame de magia

Quando estou com você

Coldplay

Eliza

Estava deitada em minha cama, já sem ânimo para procurar uma roupa à altura das festividades da noite. Do meu lado havia uma pilha gigante, mas nenhuma me agradava o suficiente. Já estava arrependida por não ter passado em uma loja no caminho de casa.

Bufei, frustrada, e me lembrei do homem no qual havia trombado no parque. Será que era algum visitante? Eu nunca o tinha visto por aqui. Lembrar-me dele me deu até mais ânimo, quem sabe não estaria na boate? Já que metade da cidade estaria lá hoje... Aí sim eu poderia conhecê-lo melhor, conversar e quem sabe dar uns amassados.

De repente, ouvi um *bip* de mensagem. Peguei o celular para conferir e v
que era de Larissa.

“Apronta sua mala, liguei para sua mãe e a convenci a deixar você dormir
aqui em casa. Não precisa me agradecer, tá? ;)”

Ri altamente com a audácia daquela vaca.

“E quando você pensou em me informar sobre isso?”

“Estou informando agora hehe. Disse a ela que nós já havíamos
combinado.”

“E quanto ao seus pais?”

“Viajaram hoje para a capital, o fim de semana é todo nosso.”

Levantei-me, pulando de felicidade. Finalmente teria uma noite para fazer
o que quisesse, sem ter que me preocupar com horários.

— Filha. — Ouvi a voz de minha mãe e logo depois ela bateu na porta.

— Oi, mãe, já vou — respondi e coloquei o celular de volta sobre a cama.

Fui até a porta e abri para que ela pudesse entrar. Minha mãe ainda era
jovem, sua pele era morena como a minha, seus cabelos, escuros. Não era à toa
que papai havia se apaixonado perdidamente por ela.

Ela entrou e me entregou um pequeno embrulho.

— Espero que goste — falou, dando um sorriso enquanto aguardava que
eu abrisse o presente.

Após tirar uma caixinha de dentro do papel de presente, abri-a e me
deparei com uma pulseira de ouro com elos circulares e várias correntes
intercaladas, com um lindo berloque de coração oco e outro em formato de
chave.

— Eu amei. — Abracei minha mãe e a agradei pelo presente lindo. Eu
amava esses mimos.

— Fico feliz que tenha gostado, filha — falou e se dirigiu para a porta. —
Antes que me esqueça, Larissa me ligou pedindo minha autorização para você
dormir na casa dela. Juízo vocês duas, hein.

— Pode deixar, dona Caroline — respondi e pisquei.

Minha mãe saiu e trancou a porta atrás de si. Fiquei mais alguns minutos
admirando minha nova pulseira antes de guardá-la junto com os outros

acessórios no meu porta-joias. Logo depois, arrumei uma bolsa com itens necessários para uma noite fora de casa, preendi meus cabelos para não desmanchar a escova e segui para o banheiro, onde tomei um banho demorado e comecei a me arrumar de pronto.

Comecei pela maquiagem, não sou *expert* no assunto, mas me viro bem. Dei uma leve preenchida nas sobrancelhas, depois as delimitiei com um corretivo. Esfumei os olhos com uma sombra fosca marrom, fiz um delineado fino e apliquei cílios postiços e rímel. Passei uma base de cobertura leve e pó bronzeador, finalizei com um batom mate vermelho

Depois da maquiagem, passei um creme hidratante por todo o meu corpo e, em seguida, abri o meu closet novamente para olhar as roupas que ainda não tinha revirado. Peguei uma lingerie de renda cor marsala e, enquanto pensava no que vestir, deparei-me com um vestido preto de mangas compridas com decote canoa. Nem me lembrava mais que o havia comprado, mas vibrei por dentro ao vesti-lo e ver o resultado. Ele era justo no corpo, mas não muito curto, cobrindo até a metade das minhas coxas. Perfeito!

Calcei sandálias de salto grosso na cor azul royal e apliquei um perfume floral frutado da mesma linha do hidratante. Soltei meus cabelos e os parti de lado, peguei minha *clutch*, coloquei meu celular e todos os documentos que iria precisar, além de dinheiro e cartão de crédito.

Dei uma última conferida no espelho e me dirigi até a porta. Quando a abri, dei de cara com Larissa, que estava prestes a bater. Ela estava linda, com seus cabelos cor de fogo presos em um rabo de cavalo alto, blusa azul turquesa de alças e um pouco soltinha, saia rodada branca de cintura alta, saltos pretos e maquiagem marcada nos olhos.

— Uau, Eliza, você está um arraso — disse ela, analisando-me.

— Obrigada, você também não está nada mal — respondi animada.

— E então, pronta?

— Já nasci pronta, meu amor.



O local estava lotado, abarrotado de patricinhas e mauricinhos da alta sociedade. Enquanto éramos alvos de olhares e sorrisos masculinos em aprovação, algumas mulheres nos olhavam com desdém.

Nos entreolhamos, sorridentes, e seguimos em direção ao bar. O DJ agitava a festa com um funk extremamente alto e isso não me agradou muito, mas relevei.

— Caramba, olha só quanto gato — Larissa falou, gritando no meu ouvido.

Muitos homens bonitos e bem vestidos nos olhavam interessados, mas nenhum despertou meu real interesse.

— Talvez, mas não vejo nenhum que valha a pena terminar a noite — respondi com desdém.

— Ah, Eliza, não seja tão chata.

— Não estou sendo chata. Venha, a noite só está começando — falei e a puxei até o balcão do bar.

Pedi duas doses de tequila e o barman fez o registro na comanda. Virei-me para Larissa, peguei minha bebida e virei tudo de uma vez, quase tendo um troço.

— Argh, que coisa horrível — falei, fazendo uma careta.

Olhei para minha amiga, que estava petrificada, olhando-me incrédula. Provavelmente achando que eu era louca.

— Vá com calma, senhorita, não quero ninguém bêbada antes da hora. Até porque não quero perder a oportunidade de agarrar um boy sendo sua babá — disse ela, começando a rir compulsivamente. — Você precisava ver sua cara, Eliza.

Revirei os olhos e coloquei o copo sobre o balcão. Minha amiga era o drama em pessoa.

— Ok, já chega — falei e voltei a chamar o barman.

Experimentamos mais algumas bebidas — eu, especialmente — e já me sentia até mais leve e desinibida. Principalmente desinibida. Ao meu ver, Larissa seguia os mesmos passos.

Começamos a dançar sensualmente ainda no bar e depois de alguns minutos nos dirigimos para a pista, nos perdendo ao som de *This Is What You Came For*, da Rihanna. Logo depois o Dj começou a tocar *Runaway*, do Galantis, e eu enlouqueci. Como amava essa música!

Larissa parou de dançar, virou-se para mim e comunicou que iria buscar

mais bebidas. Assenti e continuei dançando. Fechei os olhos, aproveitando a sensação maravilhosa que a música causava em mim, e levei as mãos ao alto. Cada célula do meu corpo era puro êxtase.

De repente, levei um susto quando mãos ousadas tocaram a minha cintura, agarrando-me por trás e esfregando o corpo no meu. Meu sangue congelou. Virei-me abruptamente e empurrei o cara atrevido que me olhou com cara de lobo mau.

Apesar das luzes piscando, pude ver seu rosto limpo, sem barba. Era um homem alto e magro com o cabelo raspado, seu olho direito estava meio arroxado e ele exala um cheiro horrível de cigarro.

— Calma aí, gatinha, não seja tão grosseira — falou e segurou meu braço com força, dirigindo-me um sorriso cínico.

— Me solta, seu idiota — gritei, irritada com a ousadia daquele babaca, mas ele apenas me segurou mais forte.

Ele prendeu o meu corpo junto ao seu e começou a falar no meu ouvido:

— Qual é, gatinha. Te vi dançando, rebolando, e estava gostosa pra caralho. Aposto que está doidinha pra dar e eu estou muito a fim.

Senti meu estômago embrulhar com a ousadia do imbecil.

— Eu já disse pra me soltar — vociferei mais uma vez, irritada, vendo-o sorrir.

— Solta a garota, você é surdo ou o quê? — Vi alguém se aproximando e proferindo essas palavras em alto e bom som, ao mesmo tempo empurrando o babaca para longe de mim, fazendo-me soltar um suspiro aliviada.



Sebastian

Deixei o carro no estacionamento e adentrei a recepção da boate. Depois de realizar todos os procedimentos necessários, fui direcionado a um corredor para ter acesso a casa.

O espaço tinha uma área grande e bem distribuída, com pista de dança onde muitas pessoas dançavam ao som de uma música extremamente alta. Logo

mais ao fundo, havia um palco, e à direita, um bar bem equipado. Andei até o bar e pedi ao barman uma garrafa de uísque e um balde com gelo. Ele fez o registro na comanda e fiquei aguardando o pedido em uma área mais calma, afastada da pista.

O som alto e os refletores já estavam me deixando com dor de cabeça e, consequentemente, arrependido de ter vindo. Não sou muito adepto a lugares barulhentos e muito movimentados.

Em alguns minutos, o garçom posicionou a mesa e trouxe o meu pedido. Servi-me de um copo e fiquei observando o movimento na pista, onde havia um grupo de mulheres que me encaravam sorrateiramente, em especial uma loira de cabelos compridos.

Ela começou a dançar sensualmente, olhando em minha direção. Fiz um discreto aceno com a mão e voltei minha atenção para o lado oposto. Não satisfeita, ela veio até a mim, e pude ver o quanto ela era bonita, porém um pouco exagerada, usando um vestido extravagante com um decote enorme exaltando os seios siliconados.

— Oi, gato, posso te fazer companhia? — perguntou e me lançou um olhar provocante.

Encarei-a, sério, e respondi:

— Claro. Aceita uma bebida? — perguntei, apontando para garrafa sobre a mesa.

— Aceito, sim — ela respondeu e passou a língua pelos lábios pintados de rosa. — Então, gato, posso saber o seu nome? — perguntou, aproximando-se um pouco mais enquanto passava a mão direita pelo colarinho da minha camisa.

Observei seus movimentos ousados sobre mim, tentando demonstrar algum interesse, mas ela era muito fútil, o que acabava não despertando nada em mim.

— Me chamo Sebastian — respondi e tomei mais um gole da minha bebida. — E você?

— Muito prazer, Sebastian — disse ela e continuou passando a mão pela minha camisa, descendo-a gradativamente. — Pode me chamar de Andressa — completou, mordiscando o lábio maliciosamente, encarando-me.

Segurei sua mão que já se alastrava pelo cóis da minha calça e abri um sorriso forçado. A situação já estava ficando estranha.

Ela passou suas mãos pelo meu braço esquerdo, segurando na minha e me puxou em direção à pista.

— Venha, gato, vamos dançar.

Contive seu impulso, parando-me e recusando o seu convite.

— Me desculpe, Andressa, mas eu não curto muito dançar, principalmente esse tipo de música — falei sério e desinteressado. O DJ tocava um funk de baixo calão.

Ela me olhou, manhosa, e pousou as duas mãos em meu pescoço.

— Venha, por favor, só uma música — disse e em seguida sussurrou no meu ouvido. — Prometo que você vai gostar.

Naquele instante, seu perfume forte impregnou em minhas narinas, deixando-me tonto. Não estava gostando nada daquilo, mas também não queria ser mal-educado.

— Tudo bem, só uma música — concordei e a conduzi até a pista.

O DJ passou a tocar uma música bem mais agradável, Galantis se não estava enganado. Andressa começou a dançar balançando os quadris largos e eu a acompanhei como pude.

Ela me virou as costas e colocou minhas mãos em sua cintura enquanto rebojava de forma vulgar, esfregando-se em mim. Como qualquer outro homem, fiquei excitado, claro, uma bela mulher insinuando-se daquela forma deixaria qualquer homem doido. Aquela com certeza seria a oportunidade perfeita para terminar bem a noite, mas eu ainda não estava satisfeito, e lá em meu íntimo tinha esperança de rever a garota do parque mais uma vez.

Andressa virou-se para mim e começou a beijar o meu pescoço, mordiscando-o.

— Vamos sair um pouco, pra gente se conhecer melhor, que tal? — perguntou ela, voltando a passar a mão pelo meu abdome.

Respirei fundo e respondi:

— Não estou interessado. — Ela me olhou surpresa, talvez não estivesse acostumada com a recusa de um homem, mas voltou a sorrir, maliciosa.

— Acho que você não me entendeu — disse ela e deu um beijo no canto da minha boca.

— Sim, eu entendi — respondi seco e me afastei um pouco.

Virei o rosto tentando disfarçar minha irritação, pois já estava ficando de saco cheio com a ousadia da mulher, mas meus olhos se fixaram em uma cena à minha frente e eu paralisei.

A garota com quem eu havia trombado naquela tarde estava dançando maravilhosamente ao lado de uma outra mulher, uma ruiva de pele bem clara.

Observei detalhadamente quando ela fechou os olhos e elevou os braços no alto, perdendo-se no ritmo da música e, uau, como ela estava linda, usando um vestido preto de mangas compridas delimitando cada curva do seu corpo.

Fiquei tão hipnotizado diante aquela imagem que nem ao menos me dei conta que Andressa ainda se encontrava do meu lado, tentando chamar minha atenção.

— Sebastian? — chamou com a voz alterada, fazendo-me virar o rosto em sua direção para encará-la. Pude ver a raiva que transbordava de seus olhos.

Olhei-a por alguns instantes sem dizer nada e voltei minha atenção para a garota do outro lado da pista. Percebi pelo canto do olho quando Andressa seguiu o meu olhar e, pela sua expressão, estava bastante irritada.

Não dei importância e continuei olhando a linda morena dançando. Sua amiga havia saído em direção ao bar e não gostei nada quando um homem chegou até ela, por trás, agarrando a sua cintura. Por um momento pensei ser algum conhecido ou namorado, mas ela se virou assustada e o empurrou, deixando-me em alerta. Eu já estava ficando puto vendo aquela cena e meu sangue ferveu quando vi o cara segurando o braço dela com força, fazendo os meus nervos aflorarem.

Andei apressado em direção a eles e deixei Andressa plantada me chamando.

Saí empurrando algumas pessoas que impediam minha passagem, abrindo espaço, até chegar perto o suficiente.

— Solta ela, você é surdo ou quê? — falei em alto e bom som e o empurrei para longe dela.

Ele deu alguns passos para trás, mas equilibrou-se, segurando na parede. Em questão de segundos, se recompôs e partiu para cima de mim, tentando me acertar com um soco. Segurei seu punho e o empurrei novamente, não queria brigar e não iria lhe dar esse gostinho.

O cara estava bufando de raiva, seus olhos estavam vermelhos, provavelmente pelo uso de drogas, mas isso não me abalou em nada. Ele pegou

uma garrafa que estava sobre uma mesa próxima e a quebrou. Fiquei posicionado no mesmo lugar, presenciando aquela cena ridícula. Ele veio com tudo para cima de mim novamente, mas foi impedido pelos seguranças, que o arrastaram para fora.

Virei-me para a mulher ao meu lado, seus olhos estavam arregalados pela cena, sua mão direita pousada sobre a boca. Toquei seus ombros delicadamente e percebi que ela tremia.

— Ei, você está bem? — perguntei, olhando-a preocupado.

Ela pareceu estar em choque, mas logo em seguida respondeu.

— Nossa, que susto! — Ainda trêmula, ela virou sua atenção para mim.

Sua expressão de surpresa foi inevitável quando seus olhos cruzaram com os meus.

— É você... — disse ela.

Não entendi bem se foi uma pergunta ou uma afirmação. Quando abri a boca para respondê-la, fomos interrompidos por sua amiga que chegou desesperada, perguntando o que havia acontecido.



Capítulo 3

Agora você me deixou de braços abertos

Agora você me deixou sem palavras

Coldplay

Eliza

Meu braço ficou dolorido devido o aperto brusco, não pude ver direito o homem que me salvou daquela enrascada por causa das luzes piscando, mas fiquei inteiramente agradecida.

Aproximei-me para agradecer e constatei que ele tinha um porte bem forte e alto, mas, antes que o olhasse no rosto, meu foco foi desviado para o homem que tentou me agarrar. Fiquei em choque ao perceber que o babaca havia quebrado uma garrafa e estava encarando o meu salvador, provavelmente preparando-se para proferir um golpe.

O homem do meu lado nem ao menos saiu do lugar, e eu fiquei petrificada, já em pânico prevendo o pior. Meus olhos começaram a marejar e o meu corpo a tremer. O cara veio em direção a ele, segurando a garrafa com pontas afiadas.

Seus olhos estavam vermelhos e sua expressão refletia puro ódio, mas antes que ele se aproximasse, foi impedido pelos seguranças, que o arrastaram para fora.

Continuei paralisada, minha mão direita pousada sobre a boca em desespero vendo o cara ser levado, até que senti mãos grandes tocando meus ombros com delicadeza.

— Ei, você está bem? — perguntou ele.

— Nossa, que susto! — respondi, acalmando-me, e virei minha atenção para ele.

Minha surpresa foi evidente quando me perdi no brilho daqueles olhos azuis.

Desci meu olhar para o seu corpo e até senti o medo desaparecer instantaneamente. Ele estava maravilhoso, usando calças jeans de lavagem clara, camisa cinza e uma jaqueta de couro preta que o deixava extremamente sexy.

— É você... — falei, mais para mim mesma do que para ele ao relembrar nosso choque no parque.

— Eliza! Eliza, o que aconteceu? — Larissa chegou até mim, desesperada, e me abraçou. — Você está bem? Aquele cara te machucou?

Abracei-a de volta e respondi:

— Não, amiga eu estou bem. Foi só um susto — falei, confortando-a. — Estou bem, graças a ele.

Saí do seu abraço e apontei para o homem ao meu lado.

Ele estendeu a mão para Larissa, que o analisou dos pés até o último fio de cabelo, e sorriu.

— Prazer, me chamo Larissa — disse ela, apertando a mão dele, apresentando-se.

— É um prazer conhecê-las. Me chamo Sebastian — ele respondeu, e logo em seguida voltou a me olhar.

Larissa se aproximou de mim, sem desgrudar os olhos dele, na maior cara de pau.

— Eliza, que gato, olha só isso — sussurrou em meu ouvido. — Aposto que esse tem o pau grande.

— Você fica quieta — reaprendi, tentando conter o riso.

Larissa deu um risinho safado e voltou a encará-lo.

Olhei-o novamente e percebi que ele me analisava detalhadamente sem disfarçar o interesse, e eu estava adorando.

— Então você se chama Eliza?— perguntou ele, aproximando-se um pouco mais de mim. Confesso que fiquei um pouco envergonhada ao lembrar-me que havia fugido dele naquela tarde.

— E você Sebastian — respondi arqueando uma sobrancelha.

Ele acenou em concordância e ficamos nos olhando por alguns segundos, até que fomos interrompidos por outro homem.

— Oi, Sebastian, você veio, cara — falou um homem alto e também forte.

Ele era um pouco parecido com Sebastian, só que mais moreno e igualmente bonito.

— Oi, Ricardo — Sebastian respondeu, franzindo o cenho, dando a entender que não havia gostado muito da nova companhia.

— Oi, meninas — o homem cumprimentou, referindo-se a mim e a Larissa.

Nos apresentamos rapidamente e ele voltou a atenção para Sebastian, mas percebi seus olhares nada discretos para minha amiga. Olhei-a de lado e vi que ela correspondia aos olhares.

Sebastian e Ricardo continuaram conversando e depois nos convidaram para lhes fazermos companhia. Larissa aceitou instantaneamente e eu não tive escolha a não ser concordar, até porque estava bastante interessada em conhecer o bonitão mais a fundo, bem fundo mesmo.

Afastamo-nos da pista e fomos os quatro para uma ala mais calma. Ricardo logo engatou uma conversa com Larissa, e Sebastian ficou ao meu lado.

— Então, Eliza, você quer beber alguma coisa? — perguntou ele educadamente.

— Aceito sim — respondi.

— Espere aqui, já volto — disse, enquanto se aproximava um pouco mais. — Por favor, não fuja dessa vez. — Sorriu abertamente e sussurrou em meu ouvido, causando-me arrepios.

Ele exalava testosterona pelos poros e isso já estava me fazendo ter pensamentos impróprios. Mordisquei o lábio inferior e o vi fitar minha boca,

mas, como um *gentleman*, saiu em direção ao bar.

Poucos minutos depois, Sebastian retornou com nossas bebidas. Agradei aos céus, pois Ricardo e Larissa já estavam se agarrando um pouco mais afastado. Essa minha amiga quebrava minha cara.

Tomei um gole da bebida para tentar me acalmar, pois já estava um pouco nervosa. E isso era estranho para mim, pois, com exceção da minha primeira vez, dificilmente eu ficava nervosa perto de um homem. Mas Sebastian estava mexendo com meus pensamentos pecaminosos.

Conversamos por um tempo, ele me pareceu ser um cara sério e muito responsável, além de muito gostoso e incrivelmente cheiroso. Falamos sobre sua carreira na marinha e o enchi com bobagens sobre o colégio, o engraçado é que ele prestava atenção em cada abobrinha que eu dizia como se fosse a coisa mais interessante do mundo. Só achei estranho o fato dele não mencionar ninguém da família.

Continuei bebendo feito louca e o efeito do álcool já se fazia iminente no meu organismo. Tomando coragem, me aproximei e o convidei para dançar. Ele hesitou um pouco, mas aceitou de bom grado.

Comecei dançando devagar na sua frente e ele me acompanhou, fomos nos soltando pouco a pouco e, quando me dei conta, nossos corpos já estavam colados, nossos rostos bem próximos.

O D começou a tocar *Warm*, do SG Lewis e fiquei extasiada. Não sei se foi a música ou a bebida, não sei se foi o momento ou simplesmente a atração que nos conduzia um para o outro, só sei que lentamente fechei os olhos e senti sua respiração quente no meu rosto, seus lábios tocaram os meus tão suaves, inebriando a minha alma, e me perdi naquele beijo. Passei as palmas pelo seu pescoço e ele entrelaçou uma das mãos por meus cabelos, a outra na minha cintura, aprofundando o beijo. Éramos somente nós dois e a música, meu coração batia no ritmo da melodia e cada estrofe parecia ter sido escrita para definir aquele momento.

Momentos como estes são de ouro

Nunca me senti tão aberto

Mesmo que eu esteja sonhando,

Estou sonhando com você

Então respire meu ar, e beije-me

Porque eu estou com frio

Mas eu vou aquecer com você.



Sebastian

Lentamente ela afastou os lábios dos meus, mas seus olhos continuavam fechados, ainda inebriada. Aquele beijo me trouxe um *mix* de sensações nunca experimentadas antes. Levei minha mão direita até a sua face e tirei uma mecha de cabelo que cobria parcialmente seu rosto. Ela abriu os olhos e me fitou, seu olhar transmitia pura luxúria e isso me deixou doido.

— Uau... Isso foi...— Ela começou a falar, mas se embaraçou com as palavras, parecendo estar nervosa.

— Delicioso! — completei, olhando-a seriamente.

Eliza mordiscou o lábio mais uma vez, provocando-me, e sorriu. Percebi que isso era mania dela, mania essa que ainda iria me levar a loucura.

— Sim. Delicioso — concordou.

Gostei demais do que ouvi, instantaneamente sentindo minha rigidez pulsar dentro da calça apenas com o peso das suas palavras.

De repente ela se afastou de mim, mudando o rumo da conversa.

— Que tal mais uma rodada de tequila? Ainda tenho muito o que comemorar — sugeri.

Comemorar?, questionei-me internamente. O que estávamos comemorando, exatamente?

— E o que estamos comemorando mesmo? — perguntei, curioso.

Mais uma vez ela sorriu, revelando os dentes brancos.

— Meu aniversário de dezoito anos.

Congelei, ao mesmo tempo que fiquei impressionado com quanto ela era jovem e sexy, tão menina, mas também tão mulher. Seu rosto angelical com formas tão graciosas e um corpo lindo, como se tivesse sido esculpido pelas

mãos do mais talentoso artista, ela era a personificação da beleza em pessoa.

— Parabéns, Eliza. — Abracei-a, mas agora sentindo um enorme peso na consciência por beijá-la. Já sabia que ela era bem jovem, isso era óbvio, mas não imaginei que fosse tanto.

Depois de dançar um pouco mais, fomos até onde se encontravam a amiga dela e meu primo. Ambos pediram mais bebidas com álcool e eu apenas uma água de coco, não queria ultrapassar o limite.

Recostei na parede com as mãos no bolso da jaqueta, me sentia confuso e ao mesmo tempo atraído demais por uma garota que eu havia acabado de conhecer.

Ricardo veio para o meu lado e as meninas começaram a dançar. Vez ou outra Eliza me olhava, mas logo desviava o olhar. Eu não conseguia parar de admirá-la e me achei um tolo por isso. A garota mais linda que eu já havia visto na vida era dezoito anos mais jovem que eu e isso cheirava a problemas.

Algum tempo depois, as meninas se aproximaram e Larissa veio ao encontro de Ricardo, dando um selinho na sua boca. Já era possível ver que as duas haviam ingerido álcool além da conta. Eliza pediu mais uma rodada de bebidas, o que me deixou preocupado, ela realmente estava levando muito a sério a comemoração daquele dia.

Lentamente, ela veio se aproximando ainda mais de mim, olhando-me nos olhos. A expressão contida já não existia mais, dando lugar a um olhar desinibido e lascivo.

Engoli em seco quando ela começou a dançar, rebolando na minha frente.

Pouco a pouco, seu corpo pairou colado no meu, ela fixou seus olhos castanhos em mim e eu fiz o mesmo. Sem pensar duas vezes, ela grudou sua boca na minha enquanto suas mãos pousavam em meus cabelos. Abracei-a forte e retribui o beijo com a mesma veracidade, meu corpo começando a dar sinais de excitação novamente. Esse não era um beijo suave como o anterior, era um beijo intenso e voraz, cheio de desejo.

Eu queria mais dela, muito mais, meu corpo já estava implorando por isso, mas me contive e encerrei aquele beijo, dando um selinho em seus lábios. Não poderia me aproveitar da situação sem ter certeza que ela queria o mesmo, já que estava sob efeito do álcool.

Ela sorriu abertamente para mim e mordiscou o lábio inferior, foi uma cena excitante demais. Depois, se afastou um pouco e virou outro copo de

bebida que estava sobre a mesa, sua amiga fez o mesmo e logo as duas caíram na risada.

— Acho que já estou bêbada — Larissa falou e Eliza concordou, ainda sorrindo.

— Sim, nós estamos — respondeu, segurando-se na amiga para não se desequilibrar.

Passei uma mão por sua cintura para que ela não perdesse o equilíbrio e Ricardo fez o mesmo com Larissa. Ela se segurou em mim e começou a falar coisas sem sentido.

— Cara, você é gostoso demais, posso ir pra sua casa hoje? — perguntou e voltou a sorrir compulsivamente. Ela realmente havia extrapolado o limite do álcool. — Eu não acredito que estou falando isso, será que sou eu mesma? — disse fitando-me. — Eu morri e fui para o Olimpo, é isso? E você é Zeus?

Não pude deixar de sorrir diante as suas constatações inusitadas.

— Sim, nós vamos pra minha casa — respondi. Não permitiria que ela voltasse com sua amiga embriagada e que muito menos pegasse um táxi naquele estado.

Ricardo e Larissa se aproximaram, aparentemente ela estava mais sóbria que Eliza.

— Mano, a gente está indo — Ricardo falou e deu uma piscada para Larissa, que estava grudada nele.

Larissa abraçou Eliza, depois virou-se para mim

— Cuida bem da minha amiga, tá? — ela falou e eu assenti, e os dois saíram abraçados.

Eliza passou o braço pela minha cintura e eu a conduzi até o caixa, depois de “duas horas” procurando, ela encontrou a comanda dentro da pequena bolsa, paguei a conta e saímos.

Chegamos até meu carro e eu abri a porta do carona para que ela entrasse, dei a volta e adentrei no banco do motorista. Alguns minutos depois, chegamos à minha casa e eu estacionei na garagem. Abri a porta do carro e ela saiu cambaleando, segurei-a para que não caísse e ela teve outra crise de riso. Em seguida, se desvencilhou de mim e começou a rodar com os braços abertos.

— Sinta o ar, Sebastian. Eu me sinto tão leve — disse alto, fechando os

olhos. Eu a segurei novamente antes que ela se espatifasse no chão e tentei conduzi-la para dentro. — Acho que eu vou vomitar — disse, abaixando a cabeça, e começou a vomitar ali mesmo na garagem, nos meus pés.

Firmei-a e preendi seu cabelo para que não se sujasse, depois abri a porta de casa e a guiei para dentro, fazendo ela se sentar no sofá.

—Fique aqui, já volto.

Fui até o quarto rapidamente e tirei a roupa e o sapato sujo.

Voltei para a sala e encontrei Eliza dormindo. Ela parecia um anjo de tão linda, seus longos cabelos pretos caíam magnificamente pela almofada do sofá. Aproximei-me e toquei sua face suavemente, sua pele era tão macia. Depois de alguns minutos admirando-a, peguei-a em meus braços e levei para o meu quarto, pousando-a sobre a cama, e ajeitei os travesseiros. Tirei suas sandálias e a cobri com um lençol.

Peguei um lençol fino e um travesseiro no guarda-roupa e me arrumei no sofá. Tentei dormir, mas meus pensamentos me traíam miseravelmente, não conseguia parar de pensar nela, muito menos agora que estava ali tão perto, a poucos metros de mim, no meu quarto, na minha cama.



Capítulo 4

*Algumas coisas você tem que acreditar,
mas outras são enigmas,
me confundindo.*
Coldplay

Eliza

Acordei variada, sentindo um cheiro forte de café impregnando os meus sentidos. Tentei abrir os olhos, mas a dor de cabeça se fez eminente e meu estômago embrulhou. Flashes da noite anterior passaram pela minha cabeça, luzes piscando, som alto e bebida, muita bebida.

Fiz um esforço sobre-humano para abrir os olhos, mas quando finalmente consegui, surpresa, percebi que não estava no meu quarto nem no quarto de Larissa.

O ambiente tinha uma decoração simples, com paredes cinzas e um guarda-roupa marrom escuro logo à frente. A cama ampla estava coberta com lençóis brancos e o edredom que me cobria o corpo também possuía a tonalidade

cinza das paredes. Do lado direito, havia uma janela, coberta por cortinas brancas. Próximo a cabeceira da cama, um criado mudo de cor marrom um pouco mais claro que o guarda-roupa, sobre o qual estava um pequeno abajur branco e minha bolsa. Olhei para o teto e constatei que havia uma luminária discreta.

Em um sobressalto, tirei os lençóis sobre o meu corpo, já temendo o que poderia ter acontecido, e fiquei aliviada ao constatar que estava vestida. Sentei-me, sentindo minha cabeça latejar, e continuei analisando o quarto. Próximo ao guarda-roupa tinha uma porta que supus ser a de acesso ao cômodo e, logo a minha esquerda, havia um pequeno corredor que dava acesso ao banheiro.

Ouvi um barulho de passos aproximando-se e supus ser o dono da casa, fiquei aflita. A porta se abriu e um perfil familiar adentrou. Sebastian entrou no quarto, trazendo consigo uma pequena bandeja com uma cartela de comprimidos analgésicos e um copo com água.

Fiquei olhando-o, confusa, sem conseguir entender como havia parado ali, sem que eu me lembrasse de nada coerentemente, até que pouco a pouco as lembranças me atingiram em cheio.

Boate, bebidas, eu bêbada. Meu Deus, havia vomitado nos pés dele.

— Bom dia, Eliza — ele me cumprimentou e colocou a bandeja sobre o criado-mudo. Pegou um comprimido e me entregou, juntamente com o copo cheio de água.

Recebi o copo e o analgésico e passei a observá-lo mais detalhadamente. Percebi que ele tinha algumas tatuagens no braço esquerdo, não havia visto esse detalhe. Ele usava uma camisa branca de mangas curtas e bermuda jeans, seu corpo era ainda mais forte do que me lembrava.

— Bom dia — respondi, inibida, e desviei o olhar, vermelha de vergonha pelo papelão que passei. Ele percebeu minha reação e esboçou uma expressão preocupada, sentando-se ao meu lado.

— Não precisa ficar envergonhada, Eliza, está tudo bem.

Levei o analgésico a boca e engoli com dificuldade, tomando um gole da água antes de responder quase em um sussurro:

— Eu não acredito que fiz isso.

— É, você se divertiu — respondeu, sorrindo. — Bastante!

Voltei a olhá-lo e retribuí o sorriso. Ficamos assim, nos olhando por alguns

segundos, perdidos em pensamentos. Eu não conseguia parar de admirar a sua boca, relembrar nossos beijos, até que ele voltou a falar:

— Liguei para o meu primo e ele me disse que já está em casa, falou que bem cedo. Ele e sua amiga buscaram o carro dela que havia ficado no estacionamento da boate e ela te ligou várias vezes, mas você não atendeu.

Ouvi-o atentamente e peguei o celular que estava dentro da minha *clutch*. Havia cinco chamadas perdidas e três mensagens de Larissa.

“Onde você está?”

“Você está bem?”

“Eliza, me responde!”

Pensei em retornar à ligação, mas não estava com ânimo para conversas, então a respondi com uma mensagem para tranquilizá-la.

“Estou bem, não se preocupe.”

Larissa me respondeu quase imediatamente, imagino que já estava com o celular na mão esperando uma mensagem.

“Me conta tudo, vocês transaram?”

Olhei para Sebastian sentado na minha frente, observando-me. Será que ele imaginava o que Larissa acabou de me perguntar? Se bem que não teria sido uma má ideia ter transado com ele. Minha última vez havia sido um fiasco e ele tinha cara de ser delicioso na cama. Um homem experiente!

Voltei minha atenção para o celular e respondi a mensagem da minha amiga:

“Ainda não. Depois conversamos, beijos”

Desliguei a tela e coloquei o celular de volta na *clutch* antes que Larissa começasse a me ligar freneticamente pedindo explicações de por que não havia pegado o boy maravilhoso. Mal sabia ela que além de vomitar nele, ainda apaguei totalmente.

—Bom, você pode ficar à vontade para tomar um banho, tem escovas de dente novas no armário do banheiro e toalhas limpas nessa parte do guarda-roupa — ele falou enquanto se levantava da cama, dirigindo-se até o móvel. — Estarei te esperando na cozinha.

Assenti e Sebastian me deu uma última olhada antes de deixar o quarto.

Fiquei aliviada quando ele saiu, pois já estava louca para usar o banheiro. É o preço que se paga por uma noite de bebedeiras. Rapidamente me levantei, tirei minhas roupas e as deposei sobre a cama, peguei uma toalha verde escura, me dirigi para o banheiro e, depois de usar o vaso sanitário, entrei debaixo do chuveiro. Instantaneamente me senti um pouco renovada à medida que a água morna escorria pelo meu corpo.

Terminei o banho e escovei os dentes, me sequei e voltei ao quarto para me vestir. Aproveitei para abrir a janela na intenção de trazer mais luminosidade ao cômodo e fiquei encantada com a vista lá fora. Havia vários ipês amarelos floridos do outro lado da rua e dava para vê-los perfeitamente por cima do muro. Uma brisa suave tocou-me a face e fechei os olhos, apreciando aquele momento. Já me sentia bem melhor.

Deixei o quarto, fechando a porta atrás de mim, e me deparei com uma sala modesta, bem diferente do que eu estava acostumada, sem muitos móveis. Havia um jogo de sofá de cor preta e um tapete cinza no centro, as paredes estavam pintadas de branco e um rack com uma TV finalizava a decoração, dando um clima vazio e sem vida ao local que poderia ser melhor aproveitado.

Encontrei um corredor e continuei andando até chegar à cozinha, onde, como na sala, só havia o básico. Sebastian estava em pé escorado no balcão com os braços cruzados olhando para o chão, parecia tão distraído em seus pensamentos que nem ao menos percebeu minha chegada. Percorri o ambiente com o olhar, minuciosamente, desde a geladeira, fogão, armários, até a mesa, posta com algumas frutas, café e pão de queijo.

— Oi — falei, encostada na porta. Ele levantou seu olhar e me encarou, seus lábios formando um sorriso discreto.

Moveu-se e caminhou em direção à mesa.

— Oi. Está com fome? — perguntou.

— Na verdade, estou sim — respondi e me dirigi até a mesa. Ainda me sentia um pouco enjoada, mas precisava comer alguma coisa.

Servi-me de um pouco de café, mas o cheiro forte não me caiu muito bem, então peguei algumas uvas. Sebastian não comeu nada, estava um pouco sério e se manteve calado o tempo todo.

— Você não vai comer? — perguntei, estranhando seu comportamento.

— Ah não, já tomei café — ele respondeu, conferindo as horas no celular.
— Já está quase na hora do almoço — completou.

Arregalei os olhos, surpresa. Dormira mais do que imaginava e precisava ir até a casa de Larissa urgentemente, antes que alguém da minha família descobrisse que não passei a noite por lá.

— Nossa, eu preciso ir — falei, levantando-me rapidamente.

— Calma, eu te levo — ele respondeu e também se levantou. — Só vou tomar um banho rápido e já volto — concluiu e saiu em direção ao quarto.

Voltei a me sentar e fiquei aguardando-o retornar. Sebastian estava demorando mais que o previsto. Levantei-me novamente e fiquei andando de um lado para o outro, impaciente, até que me lembrei que havia deixado minha bolsa sobre o criado mudo.

Dirigi-me até o cômodo para buscar meus pertences. Encostei na porta, mas não ouvi nenhum barulho; bati e chamei por Sebastian, porém ele não me respondeu. Supus que ainda estivesse no banho e então entrei.

Como previsto, minha *clutch* continuava sobre o criado mudo. Caminhei rapidamente em direção ao móvel para pegá-la. O plano era entrar de fininho, pegar minha bolsa e continuar esperando na sala, mas não foi bem isso que aconteceu, pois assim que cheguei na metade do caminho, Sebastian saiu do banheiro completamente nu, utilizando a toalha para secar os ombros e o pescoço.



Capítulo 5

Os melhores momentos não são planejados.

Coldplay

Eliza

Parei completamente congelada perante o homem nu na minha frente. Meu coração acelerou de uma forma que pensei que sairia pela minha boca a qualquer momento. Sebastian me olhou surpreso, permanecendo imóvel, e eu engoli em seco.

Seus cabelos estavam molhados e algumas gotas de água escorriam por seu pescoço. Um detalhe me chamou muito atenção, havia um girassol com pétalas abertas tatuado no peito juntamente com dois nomes que não consegui identificar.

Continuei seguindo o trilho das partículas de água que se estendiam pela barriga definida até o início de sua virilha, intercalada por ralos fios de cabelo pretos. Peguei-me mordendo o lábio inferior, desta vez com certa força, sentindo uma sensação agradável entre as pernas à medida que meus olhos analisavam detalhadamente seu pênis grosso, semiereto.

Putá que pariu, por um desses eu faria depilação à brasileira todos os dias se fosse preciso.

Após alguns segundos, acordei do meu transe momentâneo e desviei o olhar da sua virilha, fitando-o, completamente excitada, e encontrei uma expressão séria e acirrada, que observava minuciosamente cada passo da minha visão sobre o seu corpo. Suas pupilas estavam dilatadas e seus olhos refletiam puro desejo. Respirei fundo e mergulhei profundamente no azul cinzento dos seus olhos que naquele instante estavam ainda mais intensos.

— Ah, desculpe. Só vim buscar minha bolsa! — balbuciei, apontando para o criado-mudo, e me dirigi depressa até ele. Sebastian não disse absolutamente nada, apenas me seguiu com o olhar enquanto eu saía quase correndo do quarto.

Cheguei à sala ofegante e me sentei no sofá, inquieta.

Caramba, que corpo é aquele? E que negócio... Ah, que delícia, Senhor.

Por que eu havia fugido mesmo? Acho que foi a emoção.

Passaram-se minutos, que mais pareceram horas. Já havia pensado várias vezes em ir embora sem comunicá-lo, de tão nervosa que eu estava, mas achei que não seria uma atitude muito madura da minha parte.

Até que finalmente ele chegou à sala, vestido e cheiroso, muito cheiroso.

Sebastian usava calça jeans e camisa preta de mangas curtas, deixando seus braços fortes à mostra ao mesmo tempo que demarcava as formas dos seus músculos. Seus cabelos pretos ainda estavam molhados e um pouco desalinhados, simplesmente maravilhoso.

Segurei fortemente minha *clutch* e me levantei, ajeitando o vestido.

— Vamos? — disse ele.

— Vamos — assenti.

Ele abriu a porta, dando passagem, em seguida a fechou atrás de si. O sol brilhava como nunca, contrastando com o azul do céu. À nossa volta haviam alguns arbustos e tufo de grama quase secos, supus ser o que um dia foi um jardim.

Sebastian seguiu até a garagem e eu o acompanhei, adentramos no seu carro, um Corolla preto de modelo ultrapassado com vidros fumados.

Acomodei-me no banco do carona, pondo o cinto, e ele deu a partida. Comecei a olhar em volta e me dei conta que havia uma moto, também preta,

toda empoeirada, estacionada na garagem.

— Então, para onde estamos indo? — ele perguntou, mas se manteve atento à direção do veículo.

— Pra casa de Larissa — respondi e expliquei o trajeto, que era bem simples, já que morávamos em uma cidade de tamanho moderado.

Seguimos em silêncio por todo o percurso, mantive minha atenção voltada para as magníficas florações de ipês que traziam um ar leve e delicado às ruas. Sebastian permaneceu firme e concentrado no volante, até que entramos na rua da casa de Larissa.

— Pode parar aqui mesmo! — afirmei apontando para a sombra de uma árvore a alguns metros do meu destino.

Sebastian estacionou o carro e desligou o motor.

— Então é isso, chegamos! — disse, virando-se para mim, e eu fiz o mesmo.

Ele me olhou, pensativo, antes de voltar a falar:

— Você aceita sair comigo qualquer dia? — perguntou, sério, enquanto passava o braço direito sobre a minha poltrona.

— Tipo um encontro? — perguntei cheia de expectativas.

Ele sorriu abertamente, mostrando seus dentes brancos, e seus olhos brilharam.

— Sim, tipo um encontro! — afirmou.

— Claro — respondi, correspondendo seu sorriso.

Ele pegou o celular no bolso e anotou meu número, guardando o aparelho de volta no bolso da calça e retornando sua atenção para mim.

Suas mãos tocaram meus cabelos suavemente, colocando algumas mechas por trás da minha orelha. Seus dedos percorreram meu rosto até a minha boca, com movimentos delicados.

— Você é linda — falou, aproximando lentamente sua face da minha. Nossos olhares se encontraram tão serenamente, meu peito subia e descia pelo ritmo acelerado da minha respiração.

Senti seu toque pelo meu pescoço, colocando os meus cabelos de lado, dando passagem à sua boca que começou a trilhar beijos suaves. Experimentei

sua respiração quente sobre a minha pele e inspirei profundamente o aroma do seu perfume. Instantaneamente, meu corpo se arrepiou por inteiro e toquei em seu peito levemente, sentindo as batidas do seu coração.

Um pequeno gemido escapou da minha garganta e fechei os olhos. Sebastian continuou os beijos pelo meu rosto, chegando até a minha boca. Ele me beijou suavemente e ansiei por mais, abri a boca dando passagem à sua língua que me invadiu sofregamente. Levei minhas mãos aos seus cabelos, puxando-o para mim. Ele pousou as mãos em minha cintura, apertando-a gradativamente enquanto intensificava nosso beijo. Lentamente, senti as mãos de Sebastian passeando pelas minhas coxas, deixando-me acesa.

Percorri minhas mãos pela sua barriga e desci lentamente, enfiando-as por baixo da sua camisa. Toquei sua pele quente e não contive meu desejo e curiosidade, permitindo que minhas mãos corressem pelo cós da sua calça. Ele deixou minha boca e começou a beijar e lambe o meu pescoço com voracidade, e passei minha mão pela sua excitação, sentindo sua ereção dura como pedra. Sebastian grudou as mãos em minha bunda e um discreto gemido escapou dos seus lábios.

— Gostosa — balbuciou entre beijos e sussurros. — É melhor a gente parar por aqui, estamos no meio da rua — completou, dando-me um selinho nos lábios.

Olhei-o frustrada, mas assenti a contragosto. Ainda me sentia tonta e extasiada com aquele momento mágico. Umedeci os lábios, quando ele fechou os olhos, entorpecido, e ajeitou o enorme volume dentro da calça, soltando um longo suspiro. Em seguida, se voltou para mim.

— Mais tarde eu te ligo, Eliza — disse ele e eu concordei, ainda inebriada, sem ar e completamente excitada.

Aquele foi de longe o amasso mais gostoso que já dei na vida.

Despedimo-nos com um beijo e eu saí do carro.

Fui até a calçada e esperei que ele saísse, fiquei observando até que o carro virasse a esquina e, quando voltei em direção à casa de Larissa, dei de cara com dona Celeste, a fofoqueira mais apta da cidade.

— Não sabia que seu pai havia trocado de carro, minha filha — falou a senhora robusta e baixinha, usando um coque perfeitamente alinhado e um vestido floral cobrindo os joelhos.

Olhei-a espantada e quase tive um desmaio.

— Meu pai? — perguntei, em choque.

— Sim, seu pai! Não foi ele que veio te trazer? Eu imagino que tenha sido, já que não fica bem uma moça de família andar de carro com homens por aí — ela pronunciou, mantendo um ar de superioridade na cara. Tive vontade de pular no pescoço da velha.

— Ah claro, meu pai! Sim, ele trocou de carro — respondi, fingindo o meu melhor sorriso, mas por dentro estava em pânico.

Não que eu me importasse com o que ela pensasse, mas não queria que meu pai soubesse que eu estava me agarrando com um homem dentro de um carro depois de ter dormido bêbada na casa dele.

— Ah bom... Se bem que o modelo anterior era bem mais moderno — dona Celeste pronunciou e eu congelei.

— É, claro — balbuciei. — Mas meu pai não liga muito pra essas coisas, então tudo certo — completei, dando um sorriso amarelo.

— Sendo assim, mande lembranças à sua mãe — proferiu e me lançou um olhar desconfiado.

— Claro — respondi. — Foi um prazer revê-la.

Saí apressada em direção à casa de Larissa, não queria prolongar aquela conversa por mais nenhum segundo.



— Não acredito, você não transou com ele? Como assim, em que mundo você estava Eliza? — Mal entrei e já encontrei minha amiga com quatro pedras na mão, enchendo-me de perguntas.

— Não, por favor, nem vem! — respondi impaciente, dirigindo-me até as escadas.

— Eliza, espera, o que aconteceu? — Minha amiga veio atrás de mim, seguindo-me até seu quarto, e eu me joguei na cama de bruços.

— Eu quero dormir, por favor! — respondi praticamente implorando.

— De jeito nenhum, você vai me contar tudo agora mesmo.

Virei-me preguiçosa e fitei Larissa, que me olhava com as mãos na cintura, esperando uma resposta convincente. Revirei os olhos e bufei derrotada.

— Tudo bem, vou te contar tudo, mas não me incomode depois.

— Prometo — ela jurou, beijando os dedos em formato de cruz.

Contei tudo à Larissa, desde o fim de festa frustrante, onde quase morri de vergonha, passando por quando acordei, até o quase flagra de dona Celeste. Larissa ouviu tudo atentamente, vez ou outra colocando as mãos sobre a boca para segurar um riso. Quando terminei, ela saiu do quarto e fechou a porta, mas foi bem audível sua risada histérica antes de dizer que tinha lasanha na geladeira para quando eu acordasse. Não pude deixar de sorrir também, principalmente ao me lembrar que há alguns minutos estava nos braços de um homem lindo e excitante. Abracei o travesseiro e, entre pensamentos eróticos, adormeci profundamente.



Sebastian

Deixei Eliza na casa da amiga e segui de volta pelo mesmo caminho. Sentia-me aceso com os últimos acontecimentos, mas também triste, porque naquele dia, justo naquele dia, era aniversário de casamento dos meus pais.

A saudade bateu em cheio na minha porta, as lembranças da minha adolescência, os jantares em comemoração às datas especiais. Tudo nessa cidade me lembrava deles, até o vento fresco e reconfortante me trazia memórias da minha mãe, seu sorriso singelo, seu jeito inconfundível e seu abraço fraternal que por muitas vezes me aqueceram nos dias de tempestades. Lembrava-me de tudo como se fosse ontem.

Fiquei dando voltas por vários minutos, tentando pôr minha cabeça em ordem, até que decidi que era hora de ir a um lugar que não havia visitado desde que retornei. Dei meia volta com o carro e saí da minha rota em círculos, peguei um percurso diferente, rumo ao meu próximo destino.

Parei o veículo em frente ao único cemitério da cidade, deixei o carro e permaneci hesitante na entrada. O lugar tinha um clima pesado e desgastante, talvez por ser palco de inúmeras despedidas descomunais, onde o adeus era para sempre concretizado.

As lápides brancas dos meus pais estavam alinhadas, uma junto a outra. Ambas possuíam uma foto dos dois eternizando o que um dia juraram perante a

Deus.

— Mãe, pai. Quanta falta vocês me fazem — sussurrei tristemente, ajoelhando-me no chão em frente às lápides para me sentir mais próximo.

— Muitos anos se passaram, mas essa dor aqui dentro não diminui. Daria tudo nessa vida para tê-los de volta e me sentir vivo novamente, feliz!

Fiquei ali por alguns minutos. Minha garganta estava seca e meu peito sufocado, era agonizante demais todas aquelas sensações juntas. A saudade é um sentimento que dilacera a alma e enegrece o coração.

Levantei-me lentamente e limpei minha calça, que estava totalmente suja de terra, me despedi, pesaroso, e segui para a saída. De alguma maneira, estava melhor, mais leve, sentindo como se realmente eles estivessem ali para mim, ouvindo os meus lamentos.



Cheguei em casa e fui direto para cozinha, estava morto de fome. Abri a geladeira, mas não havia muitas opções. Precisava fazer compras urgentemente, o problema é que eu não tinha a mínima paciência para isso.

Peguei alguns ingredientes e preparei um macarrão com carne moída e muçarela, um dos únicos pratos que eu sabia fazer. Ou seja, só sabia cozinhar o básico. Depois de me alimentar, lavei as louças que havia sujado para não acumular bagunça. Não que eu fosse compulsivo por limpeza, mas era melhor não exagerar tanto na desorganização senão só Deus na causa.

Deixei a cozinha depois de arrumar tudo, fui até meu quarto e peguei uma caixinha que estava dentro da terceira gaveta no guarda-roupas. O pequeno objeto de madeira leve e sutil, trajando as iniciais dos nomes dos meus pais, L e M esculpidos por dentro da tampa (Luís e Marta), continha um anel de ouro branco, cravejado com diamantes em toda sua extensão exterior; no centro, havia uma pedra um pouco maior de esmeraldas, fixada por um discreto elo de ouro amarelo. Uma joia clássica e ao mesmo tempo delicada, coberta por um tecido de veludo vermelho e que estava na minha família há gerações.

Havia sido o anel de noivado que meu pai deu para minha mãe, e agora estava nas minhas mãos, esperando a hora de ser designado a alguém.

Guardei a caixinha novamente e me despi, tirei toda a roupa e vesti apenas uma bermuda jeans. Deitei na cama, pensativo sobre o quanto minha vida era

solitária. Aconcheguei-me nos travesseiros e o cheiro de Eliza impregnou minhas narinas.

Ah, Eliza. Sorri ao me lembrar dela. Tão linda e sexy, tão menina e tão mulher. A forma como ela me olhou completamente sem roupas despertou em mim um vasto campo de curiosidades e desejo, senti que ela me queria. Nossos beijos e carícias quentes me mostraram que ela também me desejava, assim como eu a desejava desesperadamente, mas uma dúvida pairava na minha mente.

Seria mesmo conveniente me envolver com uma garota tão mais jovem? Era algo que me parecia tão errado, mas que estava me atraindo como um imã, direto para um campo minado.

Peguei meu celular, ainda indeciso sobre como proceder. Busquei seu número nos contatos e parei um pouco, pensando no que deveria fazer. Minha mente dizia não, mas meu corpo me traía miseravelmente e já ficava excitado só em pensar nela. Sem mais delongas, selecionei o número e enviei uma mensagem.

“Oi, anjo. Estou ansioso para te ver novamente. Sebastian.”

Esperei um pouco, mas não obtive resposta. Desliguei a tela do celular e me levantei da cama, vesti uma blusa rapidamente, saindo em seguida indo em direção à garagem.

Peguei minha moto empoeirada e apenas limpei os rastros de pó, coloquei o capacete preto e segui em disparada rumo à fazenda de girassóis. Ficar parado sem fazer nada não era a minha praia, só me deixava estressado.



Capítulo 6

Por um segundo, eu estava no controle

Eu havia conseguido

Mas agora perdi,

E o tempo todo o fogo se acendia

Coldplay

Eliza

Acordei um pouco desnorteada devido à ressaca, mas logo reconheci o espaço no qual me encontrava. O quarto de Larissa era amplo e bem decorado, com móveis modernos e paredes pintadas de branco. Olhei em volta e encontrei minha pequena mala posta no chão, nos pés da cama. Peguei-a e abri, escolhendo um vestido verde soltinho de tecido fino.

Tomei um banho e aproveitei para lavar os cabelos. Enxuguei o excesso de água que escorria pelas minhas madeixas com uma toalha, penteei-os e me vesti. Peguei o celular para conferir as horas. Já passavam das cinco da tarde. Constatei que havia uma mensagem de um número desconhecido, recebida horas

atrás. Meu Deus, eu havia dormido muito mais do que o previsto.

“Oi, anjo. Estou ansioso para te ver novamente. Sebastian.”

Sorri feliz ao ver que era uma mensagem dele.

“Eu também, Sebastian. Não imagina o quanto!”

Respondi ansiosa, estava louca para vê-lo novamente. Sentia-me como uma adolescente quando beija o crush pela primeira vez. Respirei fundo, sorrindo como uma boba, até que ouvi o bip de mensagem.

“Oi, linda, você está bem?”

“Sim, estou muito bem.”

“Podemos sair na quinta-feira à noite?”

Uau, ele era direto e eu estava amando aquilo.

“Pode ser, me encontre às oito, em frente ao parque. Bjos”.

“Certo. Bjos”

Guardei o celular em êxtase e segui rumo à porta. Estava morrendo de fome, ainda não tinha me alimentado direito. Comecei a descer as escadas, achando estranho todo aquele silêncio, Larissa não era uma pessoa tão quieta assim.

— Larissa? — chamei! — Larissa? — chamei de novo, mas não obtive resposta.

Dei de ombros e decidi deixar para lá, provavelmente estava dormindo em outro cômodo. Segui para a cozinha para saciar a minha fome e tomar um copo de água. Fui andando, distraída, relembando todos os acontecimentos do dia, mas quando abri a porta levei um susto imenso pela cena bem na frente dos meus olhos.

Sem querer, deixei a porta bater atrás de mim, fazendo um barulho retumbante. Larissa e Ricardo, que estavam transando descaradamente em cima da mesa da cozinha, me olharam surpresos e corei de vergonha. Acho que esse seria o meu carma da semana, flagrar os outros em situações constrangedoras.

— Desculpe, não sabia que vocês estavam aí nessa pouca vergonha em cima da mesa — falei debochada e saí de fininho.

Não demorou muito e Larissa logo veio atrás de mim, seguida de Ricardo, que tinha um sorriso safado nos lábios enquanto me encarava. Não sei por que,

mas eu não estava indo muito com a cara dele e esses olhares nada discretos me deixaram em alerta.

— Será que agora eu posso entrar na cozinha? Estou morta de fome! — falei dramática.

— Não seja boba, Eliza, vai me dizer que você nunca transou na cozinha? — Larissa me respondeu na maior cara de pau.

— Pra falar a verdade, não! — respondi fingida.

— Bom, meninas, estou indo. Linda, te vejo mais tarde — Ricardo pronunciou e começou a beijar Larissa descaradamente sem se importar com a minha presença.

— Ei. Ainda estou aqui. — Cruzei os braços e protestei. Os dois se soltaram sorridentes e Ricardo me olhou mais uma vez de forma estranha, analisando-me dos pés à cabeça, antes de dirigir à porta.

Larissa o acompanhou e retornou em seguida. Andamos juntas até a cozinha. Abri a geladeira e tomei um copo cheio de água, peguei a lasanha que ela havia mencionado e coloquei no micro-ondas para aquecer. Larissa colocou dois pratos em cima da mesa, juntamente com dois copos e um litro de Coca-Cola. Fitei-a, séria, arqueando uma sobrancelha, desacreditando no que ela estava fazendo.

— O que foi? — perguntou cinicamente.

Encarei-a, incrédula.

— Você não está achando que irei comer nessa mesa, está?

— Qual o problema?

— Fala sério, Larissa, você quer mesmo que eu explique? — rebati nauseada.

Ela caiu na risada, divertindo-se com a minha cara de nojo.

— Ok! Você venceu. Vamos pra sala de jantar.

Depois de comermos, Larissa começou a contar como havia sido sua noite regada de sexo e blábláblá. Tentei não ouvir os detalhes sórdidos, mas vindo da minha amiga isso era quase impossível. Confesso que até me bateu uma pontinha de inveja, mas se tinha algo que eu tinha certeza, é que iria mudar esse quadro rapidamente. Sebastian não perdia por esperar.

— E você e o boy maravilhoso! Vai rolar ou não vai? — minha amiga

perguntou, indo direto ao ponto, tirando-me dos meus devaneios.

— Ah vai, nem que para isso eu tenha que fazer jogo sujo! — respondi sorridente, já traçando um plano em minha cabeça.

Ficamos até tarde jogando conversa fora, contei a ela sobre meu encontro com Sebastian na próxima quinta-feira e o quanto ele era cavalheiro e sensual. Por volta das dez horas da noite, Ricardo chegou e os dois saíram, provavelmente para um motel.

Fui dormir consideravelmente tarde assistindo a *The Walking Dead* no Fox Premium, e, claro, criando um plano infalível para seduzir Sebastian de uma vez por todas. Ele já estava se transformando em minha obsessão.



Capítulo 7

Ela sonhava com o paraíso, toda vez que fechava os olhos.

Coldplay

Eliza

Os dias passaram rapidamente, dividi o meu tempo entre o colégio e o curso de inglês avançado. Às vezes Sebastian me ligava e conversávamos por horas, em outras ficávamos trocando mensagens até de madrugada.

Enfim havia chegado quinta-feira. Tomei um belo banho com óleos aromáticos e fiz uma make leve. Coloquei minha roupa na bolsa do colégio, me vesti com uma calça jeans e camiseta, soltei os cabelos e saí de casa por volta das sete horas da noite.

Informara aos meus pais que iria terminar um trabalho na casa de uma amiga e que retornaria mais tarde. Ambos concordaram em meio a protestos e inúmeros avisos, já meus eram ciumentos além do normal, principalmente o meu pai. Às vezes me sentia sufocada com tantos cuidados, como se eu ainda fosse uma garotinha.

Como já havia combinado com Larissa, segui direto para sua casa. Ela estava me esperando no portão, escondida nas sombras das trepadeiras para não ser flagrada por nenhuma visita inconveniente. Rodeamos pelos fundos para que os pais dela não me vissem. Entrei no banheiro da área de serviço e troquei meu look básico por um vestido branco com decote profundo. Retoquei o batom e saí. Larissa me acompanhou até o portão e, em seguida, retornou para dentro.

Cheguei ao parque no horário marcado. Sebastian já estava me esperando dentro do seu Corolla fumado, até me sobressaltei com tamanha pontualidade. Entrei no banco do carona e o surpreendi com um beijo ardente, mostrando minhas intenções para aquela noite. O fervor cintilante dos seus olhos confirmou o que eu tanto almejava. Ele também me queria com a mesma intensidade.



Jantamos em um restaurante de comida típica mineira, conversamos e nos divertimos muito. Sebastian estava me saindo uma companhia muito agradável, prestando atenção em cada detalhe do que eu falava. Estava amando cada minuto do nosso tempo juntos, tirando a parte dos olhares femininos sobre ele, inclusive as funcionárias do restaurante.

Mas como culpá-las? Ele estava um pecado de tão gostoso. Usando camisa social branca e calça jeans escura, seu corpo exalava masculinidade nua e crua.

— Então você é um ex-fuzileiro? — perguntei imaginando como seria ver aquele homem de uniforme.

Estávamos sentados em volta da mesa, saboreando a sobremesa enquanto falávamos das nossas vidas.

— Sim. Passei metade da minha vida na marinha. Confesso que foram bons momentos — respondeu e tomou mais um gole do suco de laranja.

Coloquei mais uma colherada de sobremesa na boca, observando-o.

— Tem quanto tempo que você foi embora?

— Exatamente a sua idade — respondeu.

Uau, isso eram anos demais. Por isso nunca o tinha visto por aqui.

— E pretende ficar definitivamente? — Eu realmente já estava extrapolando com a minha curiosidade.

Ele sorriu ao ver que eu lambia a colher suja de doce, mas logo respondeu:

— Sim, não tenho planos de ir embora. Minha carreira está definitivamente encerrada. — Sebastian cruzou as mãos em cima da mesa e voltou a falar. — Agora, me fale um pouco de você.

Sorri maliciosa, estava amando o seu interesse em me conhecer melhor, então resolvi ser mais ousada.

— Pergunte o que quiser, sou um livro aberto. — Sorri.

Ele estreitou os olhos ao perceber minhas palavras de duplo sentido, mas não escondeu o contentamento nem a curiosidade.

— Não tem nenhum namoradinho, Eliza?

Para falar a verdade, não estava afim de um namoro sério, apenas queria me divertir um pouco. Não me importava se ele era muito mais velho que eu, tudo que eu queria era me deliciar naquele corpo e me perder naqueles braços fortes.

— Não. Ainda não conheci nenhum homem que valesse a pena um namoro. — Pisquei — Mas e você?

Ele me analisou por um instante, como se pensasse exatamente como ou o que iria dizer.

— Estou só há muitos anos. O último namoro sério que tive foi antes de ingressar na marinha.

Olhei-o, curiosa e ao mesmo tempo surpresa.

— Uau! Isso faz o quê? Dezoito anos?

Ele esboçou outro sorriso antes de me responder:

— Mais ou menos isso. Eu ainda era jovem, ela também. E quando terminamos, decidi dedicar-me exclusivamente à minha carreira.

— Isso que é gostar de trabalho — comentei — Por que vocês terminaram?

— Você é uma menina muito curiosa, Eliza — disse ele, sorridente.

— Talvez, Sebastian, mas só porque quero te conhecer mais intensamente!

Ele gargalhou alto diante a minha afirmação nada discreta e colocou as mãos sobre a mesa.

— Muito bem, Eliza. Vou te contar tudo. Eu tinha dezoito anos e ela dezessete quando começamos a namorar, éramos amigos do colégio. Ela se

chamava Ana. Namoramos durante alguns meses, mas nosso relacionamento chegou ao fim assim que recebi a confirmação que iria entrar definitivamente para a marinha. Na época, fiquei arrasado, eu estava enfrentando uma barra. Poucos meses depois que eu havia ido embora, soube que ela estava de casamento marcado com outro homem, mais um motivo para eu não querer pisar os pés aqui por tão cedo.

Ouvi tudo atentamente, sem conseguir acreditar que alguém era capaz de dispensar um deus desses. Deveria ser louca essa tal Ana.

Depois de muita conversa e inúmeras indiretas da minha parte, ele pagou a conta e eu o convenci a me levar até o parque.

Assim que chegamos, ele insistiu fervorosamente para me deixar em casa, mas é claro que eu não permitiria, não poderia correr o risco de ser flagrada por meus pais. Além disso, era hora de pôr meu plano em ação.

— Não posso te deixar aqui sozinha, Eliza! — falou, olhando-me de forma prudente. — Está tarde. Pode ser perigoso.

Sorri e passei meu dedo pelos botões da sua camisa, vendo-o puxar o ar.

— Pode não ser perigoso se você ficar aqui comigo, Sebastian — falei, dando ênfase ao nome dele, olhando-o nos olhos.

Peguei sua mão devagar e a coloquei sobre a minha coxa, puxando a barra do vestido para cima propositalmente. Ele me fitou seriamente, seus olhos passando de azuis para acinzentados em uma questão de segundos, suas pupilas se dilatando instantaneamente. Sebastian tensionou o maxilar e eu me aproximei um pouco mais, sentindo sua respiração pesada. Toquei seus lábios de leve com os meus e me virei para o seu pescoço, inspirando profundamente o perfume de sua loção pós-barba.

— Ah, Eliza, não faça isso — sussurrou em meu ouvido.

Não dei importância, continuei provocando-o. Desci minha mão pelo cós da sua calça, abri o zíper e desabotoei os botões, passei minha mão pelo seu membro duro feito pedra e o ouvi gemer baixinho.

Senti suas mãos passeando por baixo do meu vestido e eu tremi de ansiedade e excitação. Abri um pouco as pernas, dando passagem, e ele avançou um pouco mais. Seus dedos tocaram minha intimidade por cima da calcinha rendada e eu arfei.

Nossos lábios se encontraram em um beijo caloroso e excitante, porém,

pouco a pouco Sebastian foi se afastando, como se não estivesse certo do que deveria fazer. Olhei-o, embaraçada e frustrada. Não podia acreditar que ele estava fazendo aquilo. Abri a boca para contestar, mas fui interrompida.

— Não, Eliza, não faz isso! — suplicou ainda inebriado. — Eu quero muito ficar com você, princesa. Mas não podemos fazer isso aqui, não agora — falou tocando a minha face, dando-me um selinho nos lábios.

— Mas por quê? — perguntei desapontada.

Ele respirou fundo, encarando-me.

— Quero fazer as coisas direito. Além disso, tenho trinta e seis anos, isso é o dobro da sua idade. Não faça eu me sentir culpado, menina.

— Eu não me importo com a nossa diferença de idade. — Sorri e me aproximei novamente, beijando-o.

Sebastian correspondeu um pouco mais contido e logo depois desgrudou nossos lábios. Olhou-me seriamente, pensativo, e falou:

— Vou te deixar em casa, depois a gente conversa com calma.

Olhei-o, desacreditada, mas não revidei. Ele tinha que ser tão certinho assim? O que custa um sexo casual? Mas bem que ficar sabendo que ele tinha o dobro da minha idade me deixou ainda mais empolgada. Além disso, ele já estava no meu jogo, pude ver no seu olhar, era só uma questão de tempo. Sorri com meus pensamentos e o observei olhando-me pelo cantinho do olho.

— Pode me deixar na casa de Larissa — falei por fim. Ele assentiu e assim fez.



Sebastian

Deixei Eliza em seu destino e me dirigi para casa. Estava completamente excitado e louco para possuí-la a noite inteira, mas eu não queria fazer as coisas daquela forma, queria conhecê-la melhor, me aproximar mais, sem pressa. Eu já me encontrava completamente deslumbrado por ela, porém o peso da nossa diferença de idade estava me massacrando.

Eu a queria, muito. Mas não achava certo levá-la para cama sabendo que eu tinha idade para ser o seu pai. Eu precisava pensar, pôr a cabeça no lugar e

tomar essa decisão com calma, o problema era que Eliza não estava facilitando a minha vida nem um pouco. O que era para ser apenas um simples jantar, acabou se transformando no meu tormento. Sentir a umidade da sua calcinha quase me fez gozar nas calças feito um adolescente.

Entrei em casa e fui para o meu quarto, tirei a roupa e entrei debaixo do chuveiro para aliviar a tensão. Eliza estava mexendo demais com a minha cabeça, ultimamente ela ocupava mais da minha mente do que eu pensei ser possível. Sempre a mantinha nos meus pensamentos, o cheiro do seu perfume adocicado, seu sorriso brilhante como o sol, seu corpo jovial e voluptuoso.

Deitei na cama de toalha, mas me sentia desconfortável com aquela ereção descomunal que chegava a doer. Joguei a toalha no chão e fechei os olhos sem acreditar que estava realmente prestes a fazer aquilo.

Toquei-me, completamente louco e insensato em busca de alívio, imaginando como seria sentir seu corpo debaixo do meu, seu sexo quente envolvendo a minha ereção. Quase podia sentir o cheiro floral que exalava dos seus cabelos e o gosto doce da sua boca. Essa menina estava brincando com fogo e eu estava me deixando levar perdidamente.

Intensifiquei os movimentos de vai e vem em meu pau, com os olhos fechados, imaginando cada pedacinho do corpo feminino que estava virando a minha cabeça, até que rapidamente senti o meu corpo tensionando e explodi em um gozo exorbitante chamando o nome dela.



Capítulo 8

*"Eu cheguei aqui com um fardo
E tudo parece muito mais leve
Agora que eu te conheci."
Coldplay*

Sebastian

— Sebastian, me ajuda. Me ajuda, por favor. Socorro! — Uma voz masculina me chamava suplicante, implorando por socorro, mas eu não conseguia me mover.

Havia fogo por todos os lados, as chamas consumiam tudo à minha volta. Pessoas corriam desesperadas, algumas jaziam estiradas no chão sem vida.

— Por favor, me ajude! — Ouvi as súplicas uma última vez antes de escutar um barulho ensurdecedor de tiros, tudo ficando silencioso logo em seguida.

Acordei ofegante e suando frio. Já não aguentava mais aqueles pesadelos que me acompanhavam há meses sem descanso, quase todas as vezes que o sono

me abraçava desde minha última missão pela marinha, onde marcas profundas ficaram para sempre cravadas na minha memória.

Há alguns meses, um grupo de contingentes fuzileiros do qual eu fazia parte foi designado pela ONU a uma missão de paz no Haiti, o país mais pobre da América. Em sua maioria eram parceiros de trabalho há vários anos, entre eles meu melhor amigo, Carlos, que esteve comigo desde o início.

Iriamos substituir os contingentes anteriores por um período de seis meses, mas na noite do segundo dia no país aconteceu algo inesperado. Estava ocorrendo tudo conforme o planejado, três cabos faziam a escolta, sob o meu comando, de um caminhão de suprimentos. Estávamos há alguns metros de distância da base quando fomos surpreendidos por bandoleiros. Apareceram em um número surpreendentemente maior, trajando armas e munições. Não houve tempo para pedir reforços, entramos em combate mesmo estando em menor número, havia muitos inocentes dependendo daquela guarnição.

Conseguimos controlar o alvoroço com certa dificuldade. Alguns soldados que ouviram os disparos vieram até nós para reforçar a artilharia. As pessoas que estavam na rua correram apressadas tentando se proteger dos disparos.

Depois do ocorrido, seguimos rumo à base, cautelosos, porém, após alguns passos, ouvimos vários tiros vindo em nossa direção. Lembro-me de ter sido atingido em cheio no ombro, olhei para ao meu redor e vi vários colegas caídos no chão, ensanguentados. Carlos tentou me ajudar, mas foi atingido também. Lutei para manter a consciência, mas desmaiei miseravelmente.

Acordei em um leito de hospital, com o ombro enfaixado. Mais tarde, recebi a notícia que vários colegas haviam morrido em combate, entre eles meu amigo Carlos.



Passei o resto da noite acordado pensando naquele pesadelo, já havia me deparado com perigos durante a minha carreira, mas nada se comparava à perda de alguém importante na nossa vida, principalmente porque não pude ser capaz de fazer nada a respeito.

Parecia um fardo que eu deveria carregar, parecia ser minha sina. Tudo que era importante para mim, simplesmente era arrancado.

Depois de tomar um café forte, troquei de roupas e saí para fazer meus

exercícios diários, um hábito costumeiro.

Em seguida, peguei minha moto e fui para a fazenda de girassóis. Havia muito trabalho a ser feito, começando pela reforma da casa que estava praticamente caindo aos pedaços.

Cheguei ainda bem cedo. Nem tio Vicente, nem nenhum dos homens contratados haviam chegado. Aproveitei o tempo para ir até a plantação de girassóis. As plantas estavam verdes vibrantes, ainda com um pequeno porte, mas breve estariam radiantes quando acontecesse a floração.

Sentei-me debaixo de um ipê amarelo imenso no meio do campo, meu pai sempre fizera questão de mantê-lo ali. As pequenas plantas verdes contrastavam com a árvore completamente florida. Permaneci olhando a paisagem, sentindo o frescor da manhã no meu rosto. Lembrei-me de Eliza e sorri, desejei que ela estivesse ali comigo, talvez não hoje, mas em um futuro próximo.

Por volta das seis horas da tarde, voltei para a cidade. Cheguei em casa morto de cansaço, reflexo de muito esforço físico e da noite mal dormida. Tomei um banho demorado e me deitei na cama, completamente exausto.

Estava prestes a pegar no sono, mas ouvi um som típico de chamada vindo do meu celular. Estendi o braço, pesaroso, e peguei o aparelho sobre o criado-mudo. Era uma ligação de Eliza. Atendi prontamente, levantando-me da cama.

— Você pode me encontrar agora? Te espero em frente à minha casa! — falou ela apressadamente assim que atendi o telefone.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntei, preocupado diante do alvoroço dela.

— Uhum. Por favor, se apresse!

— Me passa o endereço por mensagem. Estou indo! — respondi e desliguei o telefone.

Vesti-me rapidamente, saindo de casa em seguida. Estava amplamente preocupado, imaginando o que poderia ter acontecido, torcendo para que não fosse nada grave.

Analisei o endereço que ela me enviou por mensagem e dei a partida no carro. Dirigi apressado, até que finalmente estacionei o veículo na rua da casa dela. Imediatamente peguei o celular e liguei pra Eliza.

— Cheguei, linda. Onde você está?

— Estou dentro de casa, veja se não tem ninguém te observando! — ela pediu

Fiz o que ela pediu, olhei por todos os lados e não vi ninguém fora de suas respectivas casas, nem olhando pelas janelas. A rua estava praticamente deserta a não ser por alguns vira-latas.

— Não há ninguém! — confirmei.

— Ótimo. Venha rápido. Vou abrir o portão.

Deixei o carro cautelosamente, observando discretamente todos os lugares à minha volta. Não entendia o porquê de tanta discricção da parte de Eliza, mas não seria eu a pessoa a contrariá-la.

Ela me encontrou no portão, puxando-me apressadamente para dentro.

— Venha, Sebastian. Não podemos ser vistos — ela falou, mas estranhei seu semblante divertido.

— Ei, espera, linda. O que aconteceu e onde estão os seus pais? — perguntei hesitante.

— Já te explico.

Segui-a apressado, até entrarmos dentro de sua casa. Deparei-me com um ambiente espaçoso, bem decorado e aconchegante.

— Os meus pais foram a um casamento, não deverão retornar por tão cedo — ela falou, voltando-se para mim, mordendo o lábio inferior.

Foi então que percebi o quanto ela estava linda com seus longos cabelos soltos cobrindo os ombros, combinando com sua pele morena da cor do pecado. Vestia uma minissaia jeans e blusa colada no corpo esbelto, seu olhar travesso demonstrando segundas intenções.

Olhei-a perplexo. Então todo aquele alvoroço era para ficarmos a sós? Que danadinha! Umedeci os lábios com ansiedade, engolindo em seco ao imaginar o que me esperava. Se ela pretendia me fazer passar por cima dos meus princípios, estava conseguindo com sucesso.

— Isso é perigoso, princesa, podemos ser pegos! — afirmei, ao mesmo tempo que me aproximava ainda mais dela. Era irresistível a atração entre nós.

— Não vão nos pegar — sussurrou em meu ouvido. — Estamos completamente sozinhos.

Peguei-a pela cintura, colando seu corpo no meu, olhando-a nos olhos,

almejando beijar seus lábios carnudos. Meu cansaço já havia voado para lua, junto com meu raciocínio.

— Você está brincando com fogo, Eliza — murmurei.

— Não se preocupe, Sebastian. Quero ser queimada! — respondeu com ousadia, fazendo-me tremer de excitação.

Beijei-a com desespero, doido para dar tudo o que ela queria. A danada sabia que me tinha aos seus pés, que eu estava rendido. Prendi seus cabelos com uma de minhas mãos, enquanto a outra passeava por seu bumbum empinado.

— Vem. Vamos subir — ela sugeriu interrompendo o nosso beijo, deixando-me com um gostinho de quero mais.

Eliza segurou a minha mão e me puxou em direção às escadas. Segui-a sem relutar, guiado pelo desejo louco e avassalador. Nem ao menos me dei conta que estava fazendo algo aparentemente errado, não conseguia raciocinar direito.

Entramos no quarto e ela fechou a porta na chave. Voltamos a nos beijar, famintos, desesperados. Suas mãos passeavam pelo meu abdome ferozmente por cima da camisa. Afastei-me um pouco, desgrudando nossas bocas, e tirei a camisa, mirando seu olhar guloso sobre mim.

— Ah, Eliza, você está me enlouquecendo — balbuciei, colando nossos corpos novamente.

— Então diz que me quer. Diz! — pediu, provocativa.

— Te quero, garota. Muito! — respondi, beijando-a novamente.

Suas mãos foram diretamente para o zíper da minha calça, descendo-o rapidamente. Senti seu toque em meu pênis completamente ereto, por cima da cueca, apertando-o de leve.

Arfei, louco de desejo, meu coração batia em um ritmo bastante acelerado e minha respiração estava pesada de tesão.

Peguei Eliza nos braços e a deitei sobre a cama, deixando seus braços suspensos acima da cabeça. Comecei a beijar seu colo e fui descendo gradativamente, tocando em seus seios por cima da blusa, doido para tê-los em minha boca.

Tirei sua blusa, apressado, e me maravilhei com os seios firmes, chamando-me para chupá-los. Eliza soltava leves gemidos enquanto puxava os meus cabelos, deixando-me ainda mais excitado.

Trilhei beijos pela sua barriga bem devagar, descendo lentamente. Até que me deparei com a sua saia minúscula.

Puxei o tecido um pouco para baixo e percorri sua virilha lisinha com beijos suaves. Estava completamente louco para possuí-la, se eu tinha uma certeza naquele momento é que a queria como nunca quis ninguém antes.

Lentamente, deslizei minha mão por baixo da sua saia e fiquei a ponto de explodir quando me dei por falta da sua calcinha. Olhei-a sedento e ela esboçou um leve sorriso, mordendo o lábio em seguida. Que safada. Gostosa para caralho!

Abri suas pernas cuidadosamente, enlouquecendo com aquela visão maravilhosa. Seu sexo estava completamente lambuzando de excitação.

Deslizei meu dedo polegar pela sua intimidade e ela gemeu. Puxei-a mais para mim e me abaixei, beijando por entre suas coxas, indo de encontro à fonte do seu prazer. Eliza gemia baixinho, levantando os quadris, ansiando por meus toques.

Percorri sua intimidade com a língua fervorosamente, penetrando-a, sentindo seu gosto salgado e quente, minha respiração pesada e profunda num mix de tesão abrasador.

— Ah, Sebastian — ela sussurrou loucamente, agarrando os lençóis.

Eliza se contorcia, simultaneamente curvando as costas. Pude sentir os primeiros espasmos do seu corpo antes do êxtase atingi-la por inteira. Ela me puxou alucinada, grudando as nossas bocas enquanto suas mãos ágeis libertavam a minha excitação. O clima estava puro desejo, cru e ardente emanando dos nossos corpos.

Ela começou a descer minha calça sem desgrudar nossas bocas, em um ritmo acelerado. Estávamos completamente absortos um no outro.

Deixei que ela conduzisse, entregando-me ao fogo que nos consumia.

Assim que minha calça caiu no chão, ela encerrou nosso beijo e se ajoelhou na minha frente, sem deixar de me encarar, com um sorriso safado nos lábios. Trinqueei os dentes, doido. Porra, ela ia me chupar.

Eliza desgrudou seus olhos do meu rosto e se voltou para o meu pau, duro, marcando sob a cueca. Suas mãos o massagearam e logo depois senti a textura da sua boca distribuindo beijos da base até a ponta, onde ela começou a passar a língua, lambendo a excitação que já molhava a minha cueca boxer.

Fechei os olhos, fora de mim. Ela estava me levando ao limite.

Prendi seus cabelos na altura da sua cabeça e abaixei minha cueca, fazendo meu membro saltar para fora, batendo em seu rosto.

Eliza o segurou fortemente e enfiou todo na boca, fazendo meu corpo tremer.

Suas chupadas eram firmes, arrancando gemidos incessantes da minha boca. Segurei mais forte em seus cabelos quando ela lambeu a ponta e depois o abocanhou novamente, com força, como se chupasse um pirulito.

Eu estava excitado demais para suportar por muito tempo, meu corpo começou a tremer e ela percebeu que meu gozo estava chegando.

— Eliza, eu vou gozar — adverti e tentei tirar meu membro da sua boca, não tinha certeza se ela queria que eu gozasse em seus lábios.

Mas ela não deu importância, continuou chupando-me, massageando as minhas bolas. Prendi a respiração ao sentir o primeiro jato se aproximando, forte e incessante.

Ela me olhou no exato momento em que meu gozo encheu a sua boca e eu tremi, vendo-a engolir e passar a língua na ponta, sem desperdiçar nenhuma gota, para logo depois abrir um sorriso safado. Como resistir a essa mulher? Eu estava completamente perdido.

Ela levantou-se e eu a beijei, sentindo o meu gosto em sua boca.

Deitei-a na cama de casal e terminei de tirar suas roupas, deixando-a toda entregue para mim. Desci minha mão até seu sexo molhado e deslizei um dedo para dentro dela, vendo-a se contorcer.

— Quero você dentro de mim, Sebastian — pediu, manhosa.

— Eu vou te dar, tudo o que você quiser — respondi extasiado, voltando a beijá-la.

E eu ia, estava disposto a tudo naquele momento, queria possuí-la, fazê-la minha, queria vê-la gritar de prazer quando a penetrasse, forte e duro.

Mas de repente senti meu lado racional batendo em cheio na minha cara quando ouvi passos no corredor vindo em direção ao quarto. Eliza rapidamente se assustou, levantando em seguida. Antes que eu pudesse me juntar a ela, escutamos uma forte batida na porta.

Eliza

— Filha, abra a porta pra mamãe! — Não sei como nem por que, mas minha mãe acabava de bater na minha porta, sendo que ela deveria estar em um casamento, deixando-me totalmente desesperada. E agora?

Sebastian me encarou preocupado, voltando a se vestir o mais rápido possível. Corri até meu closet e procurei por um conjunto de baby-doll, vestindo-me apressada.

— E agora, o que vamos fazer? — sussurrei para ele.

— Filha. Você está melhor? Por favor, abra a porta — minha mãe se pronunciou novamente.

— Já estou indo, mãe — respondi, trêmula, tentando encontrar uma solução. — Sebastian, você precisa se esconder, rápido! — sussurrei.

Ele andava de um lado para o outro procurando uma ideia para resolver o problema que eu havia enfiado nós dois. Não queria nem pensar no que minha mãe iria fazer se descobrisse que, além de mentir, eu havia levado um homem para o meu quarto, bem debaixo do seu nariz. De repente, ele se dirigiu até a janela, analisou por um segundo e se voltou para o meu lado.

— Vou descer até a sacada e escalar por aquela árvore — falou, convicto, apontando para um abacateiro próximo à janela do meu quarto.

— Não. É perigoso! — respondi apreensiva, arregalando os olhos.

— Confia em mim, Eliza — falou, dirigindo-se até a janela.

Acompanhei-o com o coração aflito, mas se ele pediu para confiar, eu não tinha outra alternativa. Na verdade, não havia alternativas.

— Eliza, por que toda essa demora? — minha mãe perguntou em alto som.

Olhei pela janela e Sebastian já havia saído de vista. Fechei as cortinas o mais depressa possível, peguei minhas roupas espalhadas pelo chão e joguei no closet. Em seguida, me dirigi para a porta e a abri.

— Até que enfim, filha. O que estava havendo? — perguntou, desconfiada.

— Não estava havendo nada, mãe. Eu estava me trocando, tinha acabado de tomar banho pra ver se a dor de cabeça passava — respondi, morta de medo dela desconfiar e torcendo para acreditar.

— Hum! Trouxe um analgésico para você — falou, entregando-me o comprimido e um copo com água, enquanto fazia uma básica inspeção pelo meu quarto. Minha mãe era muito astuta.

— Mas e vocês? Não era pra estarem se divertindo na festa de casamento? — perguntei tentando desviar o foco.

— Ah, com certeza. Pena que a noiva não apareceu para o casamento — respondeu por fim. — Ficamos mais de uma hora esperando, até que o irmão dela apareceu para nos dar a notícia.

Fiquei embasbacada. Como alguém tinha coragem de fazer isso? Eu nem conhecia a noiva direito e já sentia um ódio imenso por ela.

— O noivo ficou arrasado, tadinho — minha mãe continuou e eu comecei abrir a boca, fingindo estar com sono.

Precisava falar com Sebastian urgente, estava aflita e a cada minuto que se passava ficava mais difícil esconder o nervosismo.

— Nossa, que constrangedor! — respondi, mais por mim do que pelo noivo. Mas lá no fundo estava com uma pena dele, coitado.

— Bom, filha, pode voltar a descansar. Vou fazer companhia ao seu pai lá na cozinha.

— Ok, mãe, boa noite — respondi e ela saiu.

Fechei a porta às pressas e corri para abrir a cortina. Procurei por toda extensão do quintal, mas não encontrei Sebastian em lugar nenhum. Saí da janela, inquieta, e busquei por meu celular, nada! Fucei todos os lugares possíveis, mas não encontrei o bendito aparelho. O desespero faz cada coisa!

Por fim, me lembrei que havia deixado o celular na sala. Desci as escadas apressadamente tentando não fazer barulho, graças a Deus o aparelho estava sobre a mesa de centro. Peguei-o e retornei ao quarto na mesma velocidade que havia chegado.

Com rapidez, liguei a tela e enviei uma mensagem de texto para Sebastian.

“Cadê você”?

Esperei ansiosamente por um ou dois minutos, finalmente ele respondeu!

“Acabei de entrar no carro”

“Como você chegou até aí”?

“Eu pulei o muro, princesa”.

“Mas o muro é muito alto, Sebastian!”

“Sou um ex-fuzileiro, lembra? Tenho treinamento para isso”!

“Há muitas coisas que preciso saber sobre você! Rs.”

“Sim, Eliza.”

“Me espera aí, vou dar um jeito de te encontrar”.

“Você tem certeza? Já teve emoções demais por um dia! ;)”.

“Bobo. Sim, tenho certeza.”

Toquei-me de novo, ligeira. Dessa vez escolhi um vestido soltinho não muito curto, já que iria sair na rua correndo o risco de ser vista por alguém. Coloquei uma calcinha de renda branca, transparente, peguei o celular e um pacote de preservativo que eu havia deixado debaixo do meu travesseiro, já prevendo aquele momento, e os coloquei dentro de uma bolsa pequena. Saí do quarto, trancando a porta na chave.

Passei pelo quarto de Jonas, a porta estava entreaberta, dei uma espiada e encontrei meu “irmãozinho” entretido, em frente ao computador com alguma espécie de jogo.

Desci as escadas devagar, tomando cuidado para não fazer barulho, andando na ponta dos pés. Meus pais estavam conversando distraidamente na cozinha. Aproveitei para apertar o passo até a porta da frente para não ser pega em flagrante, felizmente me lembrei de pegar a chave reserva.

Logo avistei o carro de Sebastian estacionado a umas três casas da minha, por sorte a rua estava deserta. Aproximei-me e ele abriu a porta do carona para que eu entrasse rápido. Entrei depressa e fechei a porta, indo de encontro a ele. Sebastian me beijou fervoroso, apalpando-me com mãos firmes e precisas por todo o meu corpo. Era muito desejo acumulado.

Chegamos a sua casa e entramos no imóvel nos agarrando. Sebastian estava totalmente transformado e eu amando todo o poder que exercia sobre ele. Fui prensada na parede da sala ao mesmo tempo que sua boca trilhava leves mordidas pelo meu pescoço e seu corpo febril se esfregava no meu.

Pus minha mão em seu abdome, afastando-o um pouco. Puxei sua camisa

para cima e a tirei com facilidade. Ele fez o mesmo com o meu vestido, com tanta pressa quanto era possível, posicionando-me em cima do braço do sofá.

Seu corpo se tencionou por inteiro quando seus olhos me fitaram quase completamente nua. Pude sentir a excitação e o calor que exalava do seu corpo.

Sebastian tirou a cueca rapidamente, liberando sua ereção pulsante. Perdi o fôlego por alguns instantes e meu corpo estremeceu. Ele se posicionou em cima de mim, beijando-me loucamente enquanto abria as minhas pernas para se pôr entre elas.

Gemi de tesão quando ele puxou minha calcinha para o lado e esfregou seu pênis grosso na minha intimidade totalmente molhada, pressionando o meu clitóris, misturando nossa excitação. Sua respiração estava profunda e pesada, seguindo o ritmo das batidas descontroladas do seu coração, exatamente como o meu.

— Sebastian — balbuciei seu nome e segurei em seu membro, encaixando-o na minha entrada, penetrando a cabeça.

— Eliza, n-não. — Vi sua fala morrer em sua garganta, quando ergui os quadris de encontro a sua pélvis, sentindo cada parte da sua ereção me invadindo, pouco a pouco, carne com carne. Delirei completamente.

— Porra, que delícia — disse ele.

— Sebastian, a camisinha. Está na bolsa — falei tentando manter o raciocínio que se esvaíra do meu corpo.

Ele gemeu baixinho buscando forças para se afastar. Saiu de dentro de mim e pegou o preservativo que estava do meu lado no sofá. Rasgou a embalagem às pressas e voltou a me penetrar novamente, com força.

— Ah! — gritei delirante, sentindo uma mistura de dor e prazer. — Não para! — continuei, extasiada, cruzando as minhas pernas nas suas costas.

Ele intensificou as investidas e eu ofeguei, alucinada, arranhando seus ombros, nossos corpos já molhados de suor.

Mordi o lábio, vendo-o sair e me penetrar continuamente. Sua testa estava franzida e uma gota de suor escorria pelo seu rosto. Fechei os olhos, sentindo os primeiros espasmos do meu corpo. Sebastian grudou os lábios nos meus, abafando meus murmúrios, e ondas de prazer se apoderaram do meu ventre, fazendo-me curvar o corpo e me impulsionar para ele à medida que eu explodia em um orgasmo vibrante.

— Deliciosa — balbuciou com voz trêmula, apossando-se do meu seio direito com uma das mãos.

Ele continuou com as investidas fortes e firmes, firmando-se no sofá, olhando-me com pupilas dilatadas e uma expressão perspicaz nos olhos azuis acinzentados. Pude ver o desejo ardente e feroz. O único som naquele momento era o dos nossos gemidos fugazes e de nossos corpos se chocando, molhados de suor.

Seu corpo começou a dar os primeiros vestígios de orgasmo, fazendo com que vibrasse sobre mim. Ele deu uma última investida, introduzindo-se por inteiro dentro de mim, fazendo-se sentir seu membro pulsando em um gozo intenso.

Pouco a pouco, os latejos foram diminuindo, juntamente com as nossas respirações se normalizando. Ele saiu de dentro de mim, sentando-se no sofá e me fazendo sentar no seu colo.

Aninhei-me em seus braços e ficamos ali por alguns minutos, recobrando as nossas forças.

— Isso foi incrível! — falei, baixinho.

— E você é linda! — respondeu, afagando-me os cabelos.

Sorri para ele serenamente e ele retribuiu.

— Vamos tomar um banho?

Assenti e me levantei. Sebastian me olhou sorridente e se levantou em seguida, permanecendo parado.

— Você não vem? — perguntei, virando-me para ele.

— Claro que sim — respondeu, absorto, passando a língua nos lábios. Tão sexy!

Ele veio em minha direção, dando uma leve mordida no meu pescoço por trás. Arrepiei por inteira ao sentir a textura de sua barba.

Virei para ele, dando-lhe um beijo intenso. Ele me pegou nos braços, arrancando-me um grito, e segurei em seu pescoço.

— Agora vou te dar um banho — disse, levando-me em direção ao quarto.

Tomamos um banho quente e demorado, guiado por beijos quentes e carícias intensas. Sebastian estava me saindo um verdadeiro devasso e eu amei. Fizemos amor mais uma vez, abraçados enquanto a água escorria por nossos

corpos, deixando-nos extasiados.

Em seguida, fomos para a cama e deitamos, abraçados. Aquele era um momento que eu queria guardar para sempre na memória. Sebastian me olhava com devoção e meu coração se aquecia pouco a pouco.

Passei a olhar seu corpo, começando pelo rosto quadrado e másculo, os ombros largos e fortes. Parei, tentando decifrar os detalhes, desde uma marca escura no ombro, a tatuagem de girassol que tanto me chamou a atenção.

Dessa vez eu consegui ler os nomes tatuados junto à flor, Luís e Marta. Passei minhas mãos por ele e Sebastian seguiu o ritmo da minha mão com o olhar. Como se adivinhasse o que eu estava prestes a perguntar.

— São meus pais — disse sem pestanejar.

— Onde eles estão? — perguntei, curiosa.

— Eles morreram há dezoito anos.

Vi uma nuvem triste se apoderar do seu olhar cinzento ao falar dos pais e meu peito se apertou.

— Eu sinto muito, Sebastian! — falei tristemente, olhando em seu rosto.

— Já faz muito tempo, Eliza — respondeu, triste. — Não é uma boa hora pra falarmos sobre isso — completou, dando um beijo na minha testa.

Abri a boca para perguntar sobre a marca, mas refleti melhor e voltei a me calar, com certeza aquela não seria uma boa hora para desenterrar coisas do passado. Aninhei-me em seus braços, colocando minha cabeça em seu peito forte, enquanto alisava sua barriga firme.

Por volta da meia-noite, ele me deixou na rua de casa. Entrei no imóvel em silêncio, da mesma forma que eu havia saído, até chegar ao meu quarto. Abri a porta com cuidado e me deitei na cama, exausta, mas completamente realizada. Não demorou muito e adormeci.

Acordei em um grande susto pelo toque do meu celular. Peguei o aparelho e revirei os olhos. O que Larissa queria a essa hora da manhã? Atendi raivosa e quase fiquei surda com o grito histérico dela do outro lado da linha.

— Amiga, tenho uma novidade — falou, alto, e supus estar pulando igual uma doida.

Eu levantei e me dirigi até a janela. Abri as cortinas e olhei lá fora, os raios de sol começavam a apontar no horizonte.

— Larissa, você poderia ter esperado mais algumas horas para poder me ligar — falei, irritada.

— Amiga, eu juro que tentei. Mas não consegui esperar! — respondeu, dramática. — Eu e Ricardo estamos namorando! — completou, dando um gritinho no final.

— Mas já? — perguntei surpresa.

— Sim. Estamos apaixonados.

— Hum. Felicidades — falei por fim.

Ficamos mais alguns minutos conversando, ela me contou até os detalhes do tal pedido de namoro. Fiquei feliz pela minha amiga, mas lá no fundo eu tinha uma pontinha de desconfiança. Tudo isso estava me soando muito estranho e a última coisa que eu permitiria era que Larissa saísse magoada.

Completamente desperta do meu sono, me vesti e desci as escadas rumo à cozinha. Todos da casa ainda estavam dormindo. Preparei uma xícara de chá de camomila e me sentei próximo ao balcão, degustando a bebida fumegante.

Alguns minutos se passaram, logo meu pai chegou à cozinha e se surpreendeu com minha presença.

— Filha? Acordada a essa hora?

— Oi, papai. Bom dia — disse, esboçando um sorriso. — Estou sem sono!

— Percebi — ele respondeu e se sentou ao meu lado.

Ficamos ali sentados, tomando chá. Vez ou outra papai puxava assunto e eu respondia, mas não passava disso. Meus pensamentos estavam focados em outra coisa, em Ricardo e no que ele pretendia com esse tal pedido de namoro.



Capítulo 9

*Cada um de nós tem medo
Cada um de nós está ferido
Cada um de nós tem esperança
Coldplay*

Eliza

O som habitual do despertador soou tão alto quanto irritante, fazendo-me saltar na cama. Desliguei o aparelho com um bom e bem dado soco. Não via a hora de me livrar dele!

Sentei, espreguiçando-me, e fui para o banheiro lavar o rosto para despertar do sono e escovar os dentes. Sorri ao me lembrar de mais uma noite incrível que tive com Sebastian.

Fugir de casa à noite e voltar tarde da madrugada havia se transformado em uma rotina diária na minha vida. Claro que Sebastian não concordava muito com isso, ele e o seu senso de responsabilidade viviam me atormentando para falarmos com meus pais e parar com os encontros escondidos. Mas eu tinha

minhas dúvidas sobre como prosseguir, além de não ter certeza sobre querer um relacionamento sério, não sabia ao certo se meus pais permitiriam que a filhinha deles se relacionasse com um homem mais velho.

Suspirei profundamente, perdida em pensamentos, e me dirigi para a cozinha para tomar o meu café da manhã. Estavam todos postos no balcão, meu pai e meu irmão sentados e mamãe terminando de preparar o café.

— Bom dia, família — proferi feliz da vida.

— Bom dia, filha — meus pais me responderam em uníssono.

— Bom dia, sua irritante — meu “querido” irmãozinho me respondeu com deboche enquanto bebericava um copo de leite com Nescau. Isso era tão a cara dele.

Joguei meus cabelos de lado, fingindo não ter ouvido a provocação, e me sentei ao lado de papai, que logo tratou de dar a primeira bronca do dia em Jonas.

Minha mãe pôs a garrafa de café sobre o balcão e eu me servi, juntamente com uma generosa fatia de bolo de cenoura.

— Então, Eliza, como vão os preparativos para a formatura? — minha mãe perguntou, sentando-se do outro lado do balcão.

— Estão a todo vapor, mãe. Hoje depois da aula irei com Larissa olhar alguns vestidos para a festa — respondi animada enquanto ela prestava atenção em cada detalhe.

Em pouco mais de dois meses seria a minha formatura e eu estava contando os minutos para esse dia chegar. Apesar de não estar certa sobre o que iria fazer realmente depois disso, já havia feito uma lista de algumas universidades que desejava cursar arquitetura aqui no Brasil, e inclusive fiz minha inscrição em algumas das universidades mais renomadas do Canadá, utilizando a excelente nota que eu havia conseguido no ENEM passado.

— Ah, filha. Dona Celeste mandou lembranças para você — falou, tirando-me do meu transe, fazendo-me engasgar com o café.

Minha mãe me olhou atenta, observando todos os meus sinais. Tentei disfarçar o receio e dei um risinho amarelo.

— Ah, obrigada mãe. Como ela está?

— Ela está muito bem! — respondeu levantando uma sobrancelha. — Ah,

Pedro, precisamos trocar de carro! O nosso já está muito ultrapassado. — Ela falou se dirigindo ao meu pai, tomando um gole de café, e eu congelei instantaneamente.

— Lógico que não, querida! Trocamos de carro há três meses e o nosso está perfeito — meu pai respondeu amorosamente, um pouco espantado com o pedido de minha mãe.

Ela me olhou de soslaio, enquanto degustava um pedaço de bolo. Nervosismo era o meu nome naquele momento. Tudo que eu queria era estrangular aquela “pobre e inocente” senhora que tinha a língua maior do que o corpo.

Levantei rapidamente e coloquei minha xícara e prato na pia. Saí da cozinha depressa, alegando estar atrasada para o colégio. Despedi-me dos meus pais, sentindo o olhar fulminante da minha mãe sobre mim. Em que eu fui me meter, meu Deus!



No fim do penúltimo horário, Larissa e eu saímos até o pátio, dirigindo-nos até onde costumávamos ir para conversar. Ela usava seu habitual cabelo amarrado em um rabo de cavalo apertado, valorizando seus traços delicados.

Caminhamos lado a lado, logo reparei na sua expressão cabisbaixa, mas não mencionei nada. Antes de chegarmos ao nosso destino, ela hesitou um pouco, fazendo com que eu diminuísse o passo também.

— Eliza, não poderei ir olhar os vestidos com você hoje — falou, pegando-me de surpresa.

Olhei-a espantada e perguntei:

— Por que Larissa? Aconteceu alguma coisa? Já havíamos combinado há semanas!

— Não houve nada. Só não estou a fim! — respondeu, desviando o olhar.

Encarei Larissa por um instante, perguntando-me se eu estava realmente ouvindo aquilo. Há algum tempo que ela vinha tendo um comportamento estranho e isso incluía em quase não sairmos juntas, coisa que estava me deixando inquieta, pois na fila das compras ela era a primeira. Larissa não era assim.

— Amiga, o que está havendo? — perguntei, preocupada, tocando-lhe o ombro. precisava entender o que estava acontecendo com ela.

— Não é nada. É só que o Ricardo não gosta que eu saía sem ele — balbuciou, quase inaudível.

Olhei-a completamente incrédula. Cadê aquela pessoa forte e perspicaz que eu conhecia? Aquela mulher na minha frente sendo levada pelas vontades de um homem não era a mesma Larissa.

— Tudo bem! Eu vou sozinha — falei magoada e caminhei para a saída.

— Eliza, espera! Por favor, me entenda. — Ela veio atrás de mim, tentando se justificar, mas para mim aquilo não tinha justificativa.

Parei por um minuto e me virei para ela.

— Por acaso ele está te ameaçando? Te agredindo?

— Lógico que não! — respondeu convicta, arregalando os olhos. O que me deixou ainda mais intrigada. — Eu o amo, faço tudo para agradá-lo.

— Ah... E isso inclui abrir mão da sua melhor amiga? — perguntei sarcástica.

— Claro que não. Mas é que....

— Não, Larissa — interrompi, quase gritando. — Não tente se justificar e não pense que irei aceitar esse tipo de comportamento vindo da parte dele. Eu estou decepcionada com você! — falei tentando engolir um bolo que se formava na minha garganta.

Larissa deu um passo para trás e se afastou. Fiz o mesmo, dirigindo-me para a saída. Há dias que a gente nem deveria sair da cama.

Sequei uma lágrima que teimou em cair, queimando as minhas bochechas. A amizade que construímos há tantos anos pouco a pouco se desmoronava e tudo porque ela não queria contrariar a vontade de um homem. Não era somente o nosso convívio que havia mudado, nossas ligações e mensagens diárias haviam diminuído drasticamente.

Sentei em um banco que ficava em frente ao colégio. Peguei meu celular e disquei o número de Sebastian, na terceira chamada ele atendeu.

— Oi, minha linda — falou com voz rouca, suave.

— Oi. Sebastian, tudo bem?

— Tudo bem, e você?

— Estou bem. Será que podemos conversar aí na sua casa?

— Estou na fazenda agora! Chego aí em meia hora, pode ser?

— Sim. Te espero em frente à sua casa. Beijos.

— Beijos.

Desliguei a tela e guardei o celular de volta na bolsa. Eu e Sebastian ainda não tínhamos definido nenhuma espécie de relacionamento, achei melhor assim. Principalmente porque meus pais não ficaram nada satisfeitos quando souberam que minha melhor amiga estava namorando um homem mais velho, acabou que a bronca havia sobrado para mim.

Sequei as lágrimas com a palma da mão e me levantei em seguida. Fui andando em direção à casa de Sebastian, inspecionando a paisagem que começava a ficar sem vida com o fim das florações amarelas dos ipês. O céu estava completamente azul, sem nenhuma nuvem, e o sol queimava a minha pele.

Passei em frente à Igreja Matriz, a imensa construção histórica estava recém-reformada, pintada de branco. Havia grandes e bonitos pinheiros plantados em frente, trazendo mais harmonia ao local. Um pouco mais distante, havia uma minúscula praça, com bancos rústicos de madeira envernizada; no centro, tinha uma lapada toda coberta com trepadeiras de flores vermelhas.

Apressei o passo e rapidamente passei pelo parque em que eu e Sebastian nos conhecemos, e que também foi palco de alguns dos nossos encontros. Essa era a minha tão amada cidade de Itaú de Minas, pequena, mas cheia de atrativos.



Estava escorada no muro em frente à casa de Sebastian quando ele chegou, dirigindo a sua moto. Estacionou o veículo próximo a mim e desceu, vindo ao meu encontro.

— Oi, linda — falou, aproximando-me e dando um beijo em minha boca.

— Oi — respondi.

Ele percebeu minha tristeza e me encarou confuso.

— Está tudo bem? — perguntou.

— Uhum. Mas preciso falar com você sobre uma pessoa — respondi meio sem jeito, até porque essa pessoa era primo dele.

— Tudo bem. Vamos entrar.

Ele abriu o portão e eu entrei, fiquei aguardando ele guardar a moto e adentrarmos na sua casa.

— Então, Sebastian, quero falar sobre o seu primo, Ricardo — proferi assim que sentamos no sofá, indo direto ao ponto.

Ele me olhou surpreso, franzindo o cenho.

— Ricardo? O que você quer saber sobre ele?

— É que não estou gostando de algumas atitudes dele com relação a Larissa. Quero saber se ele é confiável.

— O que ele fez, Eliza? — Sebastian curvou o corpo um pouco para frente, cruzando as mãos, encarando-me com o cenho ainda franzido.

— Sebastian, por favor, me responda! — falei um pouco nervosa, levantando.

— Tudo bem. — Ele também se levantou e colocou as mãos nos bolsos da calça. — Eu nunca me dei bem com ele. E não, não acho que ele seja alguém confiável.

— O que aconteceu? — perguntei, assustada com a resposta dele.

— Ele sempre foi uma pessoa egoísta. Só se importava com ele mesmo. — Respirou fundo, e continuou. — Desde criança ele sempre teve um comportamento estranho. Daquele tipo que gosta de torturar animais, essas coisas.

— Mas o que isso tem a ver com o agora? — questionei, um pouco confusa.

— Quando éramos adolescentes, Ricardo passou a se envolver com más companhias. Certo dia, o pegamos roubando dinheiro para pagar dívidas de drogas. Tentamos ajudá-lo de todas as formas, mas ele não nos dava ouvidos. Com o tempo, ele foi embora e não tive mais notícias. Depois eu entrei pra marinha e enfim. Não tivemos contato até dois meses atrás.

— Nossa! — falei, estática. — Eu preciso falar com Larissa urgentemente.

— Agora me diga, o que está acontecendo?

— Seu primo está proibindo minha amiga de sair comigo. Quem em sã consciência faria isso? E o pior, ela está aceitando e eu a conheço suficiente para saber que aí tem algo de muito errado — respondi, despejando tudo de uma vez.

— Vamos resolver isso, princesa! Fique calma — falou, confortando-me enquanto me abraçava. — Vou tomar um banho. Me acompanha? — sussurrou em meu ouvido, depois me olhou serenamente esboçando um sorrisinho safado.

— Eu preciso ir para casa — respondi a contragosto, mordendo o lábio.

— Não vai almoçar comigo?

— Hoje eu não posso.

Ele me encarou um pouco contrariado, mas assentiu. Aproveitei nossa proximidade e grudei nossos lábios, ele retribuiu o beijo, dando passagem para minha língua que o ansiava. Mas, por força maior, tive que interromper o beijo antes que não tivesse mais volta e eu fosse parar na sua cama. Precisava me apressar e voltar para casa, senão as coisas iriam desmoronar para o meu lado.

— Tenho que ir — falei, dando um último selinho.

— Tudo bem, eu te levo em casa.

— Não é necessário, eu vou andando. Esse é mais um problema que preciso resolver. — A última parte respondi mais para mim que pra ele.

Sebastian ficou me olhando com cara de tacho sem entender absolutamente nada, mas era melhor assim, eu resolveria tudo do meu jeito.



Entrei em casa cabisbaixa e totalmente suada por causa da caminhada e do sol quente. Papai ainda não havia chegado para almoçar, minha mãe também não se encontrava à vista. A casa estava um total silêncio. Agradei aos céus por não ter que conversar com ninguém àquela a hora. Subi direto para o meu quarto às pressas e me tranquei na chave.

Peguei meu celular enquanto refletia por todos os acontecimentos do dia. Precisa falar com Larissa e alertá-la sobre Ricardo, dizer que ele não era alguém confiável! Mas e se ela não acreditasse? Só pioraria as coisas. Ai, meu Deus, que situação mais complicada.

Depois de andar de um lado para o outro por minutos, me sentei na cama. Arriscado ou não, eu não poderia deixar as coisas assim, precisava falar com ela

urgentemente. Disquei seu número e a ligação caiu direto na caixa de mensagens. Tentei mais duas vezes e nada, não obtive sucesso.

— Ai, Larissa. Onde você se meteu? — sussurrei baixinho.

Desliguei a tela do meu celular e me joguei na cama, derrotada, ao menos por enquanto. Ainda precisava encontrar forças para tomar um banho e descer para almoçar. Mas não sei exatamente como seria o meu encontro com minha mãe e, pela cara dela hoje pela manhã, nossa conversa seria longa.

Refleti por alguns minutos. De repente uma ideia surgiu na minha cabeça e eu me levantei às pressas.

— Mas é claro! Como não pensei nisso antes?

Vesti-me na velocidade da luz, colocando um dos meus habituais vestidos rodados, peguei o celular e desci as escadas correndo em direção à sala onde ficava o telefone fixo.

Após encontrar o número fixo da casa dos Bitencourt na agenda, disquei às pressas e logo Renata, a empregada da família, atendeu.

— Residência Bitencourt. Quem fala?

— Oi, Renata, é Eliza. A Larissa está em casa?

— Oi, minha filha, está sim. Ela chegou mais cedo e nem almoçou, subiu direto para o quarto e se trancou lá dentro.

— Tá bem. Obrigada.

Desliguei o telefone e corri para a porta, isso não poderia esperar mais, e eu iria falar com ela agora mesmo, Larissa teria que me ouvir, Ricardo poderia ser perigoso, sei lá, nunca se sabe.

Chamei um táxi, pedindo urgência na corrida. Creio que o motorista tenha pensado ser caso de vida ou morte, mas fala sério, chega de andar a pé. Iria tirar minha CNH o mais breve possível, além disso, poderia ser sim um caso de vida ou morte, e eu não estava fazendo drama.



— Oi, Eliza, que surpresa. — A mãe de Larissa me recebeu na porta com seu sorriso de sempre e produção impecável.

Apesar da minha amiga sempre reclamar da ausência dos pais em casa e,

principalmente, da falta de atenção com ela, creio que lá no fundo eles não faziam por mal, talvez fosse apenas a forma com que enxergassem as coisas.

— Oi, dona Amanda. Será que posso falar com Larissa?

— Claro, querida. Mas por favor, nada de dona Amanda. Apenas Amanda, entendidas? — respondeu ajeitando um fiozinho do cabelo extremamente loiro.

Dei um sorrisinho sem graça e assenti. Em seguida, me dirigi para as escadas em direção ao quarto de Larissa, treinando na cabeça como iria começar aquela conversa.

Bati na porta algumas vezes, mas não ouvi nenhum ruído vindo lá de dentro, nem mesmo uma resposta de “me deixa em paz.”

— Larissa, sou eu, Eliza! Abra porta? — Bati novamente, receosa.

Fiquei recostada na parede imaginando se iria embora ou se tentaria de novo. O mais provável é que ela não iria querer falar comigo, muito menos me ouvir. Surpreendi-me quando a porta se abriu e minha amiga apareceu com os olhos vermelhos e o cabelo desgrenhado.

Aproximei-me dela e a abracei forte, comovida com aquela cena, sentindo-me culpada por ter brigado com ela mais cedo.

— Amiga, não chora, eu estou aqui.

— Eliza, me desculpe por hoje, por favor — respondeu entre soluços.

— Está tudo bem. Olha pra mim. Precisamos conversar — falei olhando em seus olhos e ela assentiu.

Senti-me mais confiante e segura naquele instante, tudo indicava que ela iria me ouvir e dar um basta naquela palhaçada.

— Olha, eu vou direto ao ponto. E quero que você preste atenção em cada palavra que vou dizer, ok?

— Ok — respondeu, limpando uma lágrima que descia por suas bochechas.

Suspirei profundamente para me acalmar, se eu estava ali, iria até o fim. Sei que ela iria sofrer muito, mas era necessário. Algumas verdades são como veneno quando ditas, mas a longo prazo acaba se tornando o único remédio.

— O Ricardo não é confiável. Falei com o Sebastian sobre ele e descobri coisas horríveis ao seu respeito, você precisa saber de....

— Para, Eliza — ela me interrompeu com um grito estridente assim que comecei a falar dele. — Se você veio aqui falar mal dele, pode ir embora! — gritou, apontando a mão para a porta.

— Larissa, por favor, me escuta, você precisa me... — tentei conversar civilizadamente, mas ela me interrompeu novamente.

— Já chega! Pensei que você estivesse feliz por mim, mas pelo visto eu me enganei. — Deu um sorriso sarcástico e continuou. — Achei que você tinha vindo até aqui para podermos nos entender, e não para falar mal do meu NAMORADO.

— Ele não é quem você pensa! — gritei, também sem paciência, já havia esgotado toda minha cota da semana.

— Ah, me poupe, por favor. Vá embora!

Olhei para ela sem conseguir conter as lágrimas. Virei e saí do quarto, batendo a porta com força atrás de mim, e claro, sentindo-me uma idiota.

Amanda e Renata estavam na escada, assustadas com a gritaria. Passei por elas na velocidade do vento e me dirigi para a porta de saída. Antes de sair, me virei para dona Amanda, que vinha logo atrás de mim com cara de quem não entendeu nada.

— Não me pergunte nada, Amanda — proferi, nervosa, sem dar a chance de ela abrir a boca. — Faça isso a sua querida filha, garanto que ela tem muito o que te contar. Talvez você soubesse se passasse mais tempo com ela e se preocupasse menos com a droga do seu cabelo — completei impassível, jogando toda a minha frustração em cima dela, depois saí o mais depressa possível.

Ao mesmo tempo que eu fervia de raiva por Larissa não me ouvir, também me sentia impotente por não conseguir abrir seus olhos para o perigo que a espreitava. Ou será que eu estava me precipitando e ele não era nada disso? Até eu estava ficando confusa.

Comecei a andar sem destino, não estava nem um pouco afim de voltar para casa e encontrar minha mãe com mil perguntas. Apesar de ser o certo a se fazer, mas fazer o quê? Eu era assim, quando as coisas estavam complicadas, eu ia lá e dava um jeito de complicar ainda mais.

Parei em uma lanchonete na esquina e pedi um X-salada com suco de laranja. Em minutos, a atendente trouxe o meu pedido. Enquanto eu comia, aproveitei para chamar um táxi para dali a quinze minutos.

Quando o táxi chegou, paguei minha conta na lanchonete e entrei no veículo, sentando-me no banco de trás. Falei o endereço para o motorista e rapidamente chegamos ao local. A casa de Sebastian.

O portão como sempre estava destrancado, entrei e o encontrei na garagem prestes a entrar no carro. Ele me viu indo em sua direção e rapidamente se dirigiu ao meu encontro. Apressei o passo, ansiando em abraçá-lo, as lágrimas teimando em cair, o peito angustiado.

Aproximamo-nos e pulei em seus braços, chorando descontroladamente. Ele me segurou, apertando os braços sobre a minha cintura. Aquele era o lugar mais seguro e reconfortante do mundo.

— O que houve, Eliza? — perguntou, afagando os meus cabelos.

— Só fica comigo, por favor? — pedi chorosa, molhando sua camisa com as minhas lágrimas.

— Claro que eu fico.

Ele me levou para dentro da sua casa e me pôs no sofá, sentando se ao meu lado, abraçando-me novamente. A forma como ele me tratava, tão cordial e compreensível, estava despertando em mim sentimentos que eu jamais imaginei que sentiria algum dia.

Depois de cessar o choro, me afastei um pouco dos seus braços.

— Desculpe atrapalhar seus compromissos — falei

— Não tem problema. Você é mais importante — respondeu seriamente, encarando-me.

Olhei em seus olhos azuis cinzentos que pareciam enxergar além da minha alma, eles expressavam verdade e confiança como nunca senti com alguém antes. Em seus braços, eu me sentia forte, como se nada fosse capaz de me abalar.

Grudei nossos lábios, envolvida pelo sentimento que pouco a pouco me dominava. A cada dia eu o queria mais, a cada dia sentia mais necessidade de tê-lo só para mim.

Nossos beijos foram se intensificando, Sebastian me apalpava em todos os lugares possíveis, faminto. Sua boca deixou a minha e desceu para o meu pescoço, arrancando gemidos. Levantei do sofá e sentei em seu colo, posicionando uma perna em cada lado do seu corpo. Ele gemia baixinho com meus movimentos em cima do seu membro completamente duro, enquanto suas

mãos apertavam a minha bunda e seus lábios devoravam o meu pescoço.

— Você está me enlouquecendo, Eliza — balbuciou no meu ouvido.

— Também estou ficando louca.

— Temo que isso seja irreversível.

Sorri com o seu comentário e voltei a beijá-lo na boca. Despimo-nos lentamente, degustando com vontade cada pedacinho um do outro e, ali mesmo na sala, entre beijos e carícias, nos entregamos ao prazer mais uma vez.



Capítulo 10

*Em um colete à prova de balas;
Com todas as janelas fechadas;
Eu vou estar fazendo o meu melhor*
Coldplay

Sebastian

Eliza foi embora há pouco tempo e eu já sentia sua falta como um lobo solitário. Vê-la chorando daquela forma foi uma cena dolorosa para mim, tudo que eu queria era poder envolvê-la em uma manta de proteção e mantê-la longe de qualquer angústia ou sofrimento. Sinceramente, não conseguia compreender o porquê de toda essa minha devoção a ela, talvez fosse só instinto ou então um efeito colateral de não conseguir tirá-la da minha cabeça um só minuto.

Seu cheiro já havia se impregnado na minha pele, assim como o gosto do seu beijo não saía da minha boca. Seu corpo nu e sua pele macia da cor do pecado faziam morada nos meus pensamentos diariamente. Eliza chegou na minha vida como um vulcão em erupção, consumindo a minha alma e

explodindo os meus mais profundos sentimentos.

Eram quase seis horas da noite e eu não havia ido a fazenda naquela tarde. Devido isso, liguei para tio Vicente para ficar informado de todos os acontecimentos do dia. Aproveitei a oportunidade para poder falar sobre Ricardo, mas tio Vicente se negou a entrar no assunto, falar sobre o filho não era um dos seus maiores orgulhos.

Depois de encerrar a ligação, tomei uma ducha rápida, me vesti apenas com uma calça de moletom e me dirigi para a cozinha. Abri a geladeira, tomei um pouco de água e arroz e bife para jantar.

Depois do jantar, me sentei na varanda com uma lata de cerveja na mão, refletindo sobre a minha vida e todos os últimos acontecimentos. Às vezes ainda me sentia sozinho, tipo agora quando Eliza não estava comigo, justamente porque não havíamos definido um relacionamento. Não que eu não quisesse dar o próximo passo, lógico, mas porque ela não se sentia segura com relação aos pais, e isso era algo que eu não iria e nem poderia forçá-la. Cada coisa aconteceria ao seu tempo.

O vento fresco da noite balançava os meus cabelos suavemente, causando um leve arrepio ao roçar meu dorso descoberto. Dei um último gole na bebida gelada e levantei, joguei a lata na lixeira da cozinha, dirigindo-me para o quarto em seguida. Escovei os dentes lentamente e me joguei na cama, agasalhando-me debaixo dos lençóis. Meu corpo estava levemente exausto devido à tarde regada a sexo que tive com ela, fazendo-me adormecer quase que de imediato.



Como de costume, acordei consideravelmente cedo para me exercitar. Sentei-me na cama, pensativo, e por que não dizer feliz? Durante o meu sono naquela noite, e em algumas noites aleatórias nos últimos dias, tivera sonhos estranhos, alguns com meus ex-colegas fuzileiros, outros com meus pais, mas em todos estava Eliza ao meu lado, dando-me forças mesmo que com apenas um sorriso, e, de alguma forma, aquilo amenizava os meus tormentos do passado.

Percebi que, pouco a pouco, os pesadelos estavam diminuindo, dando lugar a novos ares, novos pensamentos e, principalmente, trazendo-me esperança.

Troquei de roupa rapidamente e saí para correr. O sol estava começando a apontar no horizonte, criando rajadas laranjas no céu. A rua estava

completamente deserta e silenciosa, permitindo-me ouvir o canto dos pássaros nas árvores envoltas.

Uma hora mais tarde, estava de volta. Fui até o quarto e peguei meu celular em cima da cama, enviei uma mensagem para Eliza como eu fazia todos os dias, segui para cozinha, preparei e tomei um café rápido, pois precisava correr, era necessário adiantar os trabalhos atrasados na fazenda.

Pus o capacete e me dirigi para garagem, liguei a moto e saí rua afora, depois de trancar o portão. Minha moto era uma Honda Falcon antiga, pela qual eu tinha grande apreço. Saí em alta velocidade, aproveitando a pequena circulação de pessoas nas ruas àquela hora, já que os comércios só abririam a partir das oito horas.

O percurso até a plantação de girassóis não era extenso, o local situava-se a poucos quilômetros de distância, deixando a principal pista de acesso à cidade, e se direcionando para uma estrada de terra batida cercada por árvores e pastos.

Percorri a estrada de terra, diminuindo a velocidade por causa dos buracos e grotas no chão. Havia passado pelo local do acidente dos meus pais a alguns metros atrás e isso sempre me trazia lembranças ruins, mas era algo que eu já havia me acostumado e procurava ao máximo me manter erguido. Logo mais à frente, havia um portão de madeira, dando acesso à propriedade. De longe era possível ver a pequena casa e a plantação de girassol.

Algumas pessoas haviam chegado para dar continuidade aos trabalhos do dia. Cumprimentei todos como sempre e fui até o celeiro onde tio Vicente me aguardava.



Durante grande parte do dia trabalhamos duro na reforma da casa. A cozinha e os quartos estavam praticamente prontos, necessitando apenas do acabamento na pintura e alguns móveis. Em breve, eu me mudaria de uma vez por todas.

As coisas estavam se encaminhando muito bem, como planejado havia fechado um pré-contrato com uma grande processadora e pouco a pouco minha vida começava a entrar nos trilhos novamente, só faltava pedir a mão de Eliza em namoro, e claro, falar com os pais dela, e então tudo ficaria perfeito.

No meio da tarde enquanto conversava com tio Vicente sobre uma futura

ampliação na plantação, meu celular tocou, nos tirando a concentração. Desculpei-me e saí rapidamente para atender ao ver o nome de Eliza na tela.

— Oi, linda — atendi, prontamente animado.

— Oi, Sebastian — ela respondeu do outro lado da linha, mas tinha um ar triste na sua voz que rapidamente me deixou em alerta.

— Tá tudo bem, Eliza?

— Eu posso te pedir um favor? — perguntou

— Claro que sim.

— Por favor, converse com o seu primo. Eu não aguento mais essa situação com Larissa. Será que você pode fazer isso agora?

Eu estava muito ocupado naquele momento, mas não conseguiria dizer não a ela, então se fosse para deixá-la tranquila, iria imediatamente até a casa de Ricardo tirar aquela história a limpo, até porque eu mesmo estava intrigado com todos os acontecimentos.

— Sim, Eliza, farei isso agora mesmo — respondi e nos despedimos.

Desliguei o celular e fui até tio Vicente, que estava me esperando impaciente com dez pontos de interrogação na cabeça.

— Enfim, rapaz, vamos dar continuidade...

— Desculpe, mas terei que sair agora — proferi, interrompendo-o.

Ele me olhou surpreso e franziu a testa, dando mais profundidade às rugas na sua face clara.

— Aconteceu alguma coisa, meu filho? — perguntou com preocupação estampada no rosto.

— Não, só preciso resolver alguns assuntos.

Tio Vicente apenas assentiu, mas era visível que não acreditou em nada do que eu disse. Mas apesar de tudo, era melhor não comentar nada sobre Ricardo, até porque a relação entre os dois não estava das melhores, prova disso era que meu primo mal retornou a Itaipava de Minas e já havia se mudado para um antigo apartamento da mãe dele. Tio Vicente não aprovava a vida fácil que o filho gostava de levar, causando constantes discussões entre os dois.



Ricardo me atendeu em seu apartamento com o mesmo cinismo de sempre. Por diversas vezes pensei que ele poderia ter mudado, mas pelo visto eu havia me enganado.

— E aí, irmão, que surpresa — falou assim que abriu a porta.

Entrei no apartamento sem esperar ser convidado, indo direto ao ponto, sem rodeios.

— O que você está tramando, Ricardo?

— Do que você está falando, cara?

Encarei-o, arredio, trincando os dentes. Ele conseguia ser mais fingido do que eu imaginava.

— Eu não estou aqui para brincadeiras. O que você está pretendendo com Larissa?

— Como assim o que estou pretendendo com ela? Estamos namorando, você não sabia?

— Ela vem tendo comportamentos estranhos, Ricardo, e sei que você tem algo a ver com isso — articulei, nervoso.

— Qual é, cara, o que poderia ter de estranho? Estamos superbem e ela está feliz, não é isso que importa?

— Então me explica, por que você a proibiu de sair com Eliza?

— Não proibi ninguém de sair com sua namoradinha — respondeu sério, quase que me fazendo acreditar nele, mas a ênfase em “sua namoradinha” me fez subir os nervos.

— Mais respeito quando falar dela — rebati, aproximando-me dele, nervoso.

— Calma, Sebastian. Só quis dizer que não tenho nada a ver com isso. Olha, eu amo Larissa e jamais faria nada que a magoasse — respondeu, dando um passo para trás.

Fiz questão de manter o contato visual com ele, procurando alguma brecha ou qualquer vestígio de que pudesse estar mentindo, mas não obtive sucesso. Ou ele estava falando a verdade ou sabia mentir muito bem.

Relaxe um pouco, voltando a me acalmar, passei as mãos pelos meus cabelos, pensativo. De uma forma ou de outra, eu havia me comprometido a descobrir tudo o que estava acontecendo.

— Só quero que preste atenção, se eu descobrir que você está fazendo alguma coisa de errado com relação a Larissa, vai se arrepender amargamente disso, está me ouvindo?

— Sebastian, não sei de onde você tirou essas besteiras, mas não tem nada de errado aqui, ok? E se Larissa se afastou da sua namorada, como você diz, foi por livre e espontânea vontade — Ricardo falou tudo na maior naturalidade do mundo, fazendo-me ligar todos os sinais de alerta.

— Está avisado — adverti e me dirigi para a saída.

Antes que eu batesse a porta, me virei para ele e pude ver um sorriso sarcástico nascer em seu rosto, me dando a certeza que eu precisava.



Capítulo 11

*Bem lá em cima ou bem lá embaixo
Quando você está apaixonado demais para desistir,
se você nunca tentar, nunca saberá*
Coldplay

Eliza

Passaram-se vários dias desde minha última conversa frustrante com Larissa, ela não respondia minhas mensagens, muito menos atendia ao telefone. Sei bem que saí furiosa da sua casa naquele dia, mas não estava em meus planos simplesmente deixar para lá. O problema é que estava difícil uma reaproximação e sinceramente eu não sabia mais o que fazer.

Aqui em casa o clima continuava tenso. Meu pai levava a mesma rotina de sempre, só trabalho e trabalho. Quanto a minha mãe, ela não me chamou para uma conversa, muito menos tocou mais no assunto, mas, conhecendo-a como eu conhecia, sabia que mais cedo ou mais tarde alguma coisa iria acontecer, e eu com certeza não gostava nem de imaginar o que ela supostamente estaria

tramando.

Cheguei em casa depois do colégio e almocei sozinha na cozinha. Papai ainda não havia chegado do serviço e minha mãe não estava em casa. Naquela manhã estranhei o fato de Larissa não ter comparecido às aulas, o que me deixava ainda mais apreensiva.

Depois de almoçar, me tranquei no quarto e aproveitei meu momento só para pôr em dia alguns trabalhos escolares e estudar para as últimas provas. Em breve seria minha formatura e ficar com dependências estava fora de cogitação.

No final da tarde já me encontrava zonzinha de tanto repassar matérias, mas o importante era que estava de consciência limpa e pronta para pegar meu diploma. Olhei pela janela do meu quarto e vi Jonas jogando bola com alguns amiguinhos da escolinha de futebol. Mamãe estava no jardim olhando as rosas; ela amava aquela parte da casa.

Meu peito se apertou, não queria continuar mentindo para os meus pais, principalmente para minha mãe, apesar de ela estar bem desconfiada dos acontecimentos. Minha vontade era de falar a ela sobre Sebastian, confessar sobre os meus sentimentos e assumir nosso relacionamento, mas o medo falava mais alto em minha cabeça quando me lembrava das suas palavras duras assim que soube que Larissa estava namorando um homem mais velho.

— Espero que você não siga os passos de sua amiga, Eliza. Eu jamais permitiria isso — dissera ela certo dia, enquanto tomávamos café na cozinha.

Naquele dia Larissa havia contado para a cidade inteira sobre seu namoro com Ricardo e, como eu suspeitava, mamãe não aprovou e ainda me deu um sermão por Larissa ser minha amiga.

Segundo ela, se envolver com um homem mais velho seria como pôr a vida na gaveta e esquecer os sonhos, já que eles já tinham uma vida estabilizada e nós tínhamos muito o que viver e aprender sem ter que plantar raízes.

Presas em pensamentos, cheguei à conclusão que era melhor manter as coisas assim, em segredo por enquanto.

Fechei a janela do quarto juntamente com as cortinas. Peguei o celular sobre o criado-mudo e constatei que havia mensagem de Sebastian. Abri um sorriso imenso ao ler o conteúdo.

“Estou louco pra fazer amor com você. Saudades.”

“Eu também quero.”

“Você nem imagina como estou agora.”

“Ah é? Como você está agora?”

“Completamente duro. Te quero!”

Passsei a língua pelos lábios, imaginando-o excitado. Deitei-me na cama com o celular sobre o peito, formulando um pedido um pouco ousado.

“Quero ver, Sebastian. Me manda uma foto”

Ri alto quando ele respondeu a mensagem.

“Você está muito safada, Eliza, danadinha”.

“Manda, vai ;)”

Passou um minuto, mais ou menos, até que senti o celular vibrando sobre o meu peito. Deslizei a tela de descanso e senti minha boca salivar ao ver a imagem do membro dele completamente ereto, cheio de veias saltando.

“Que delícia, Sebastian.”

“Gostou, é? Sua vez ;)”

“Não, não.”

“Por favor, princesa :(”

Sorri com o pedido inusitado dele. Antes que eu enviasse uma resposta, seu nome apareceu na tela com uma chamada. Atendi imediatamente, ficando doida com a sua voz rouca de excitação do outro lado da linha.

— Você vai me deixar assim, sem nenhum presentinho? — disse dramático, arrancando-me mais risadas.

— Claro que vou, não tínhamos nenhum combinado — respondi, divertindo-me com o drama dele.

— Não se brinca assim com um homem, Eliza.

— E o que você vai fazer?

— Vou clamar o que é meu!

— Seu, é? Não estou sabendo.

— Ah não? Você vai ver então.

Nesse momento, ouvi algumas batidas na porta e me surpreendi com a voz de Larissa me chamando.

— Sebastian, preciso desligar, Larissa chegou aqui — comuniquei.

— Tudo bem, linda, mais tarde irei cobrar com juro tudo o que você me deve — respondeu, safado, causando arrepios no meu ventre.

Despedimo-nos rápido e eu desliguei a chamada. Fui até a porta e a abri. Larissa estava com a mão levantada, pronta para bater novamente.

— Eliza, por favor, não diga nada, só me escuta — pronunciou antes que eu pudesse abrir a boca.

Dirigi-me para o lado, dando passagem para que ela entrasse, e fechei a porta.

— Tudo bem, pode falar — respondi.

— Primeiramente, quero te pedir desculpas. Pensei muito bem esses dias e cheguei à conclusão que não foi certo tudo o que te falei. Sempre fomos amigas e não quero que as coisas terminem assim.

— Larissa, não vou dizer que não fiquei magoada porque estaria mentindo.

— Eu sei, e você tem todo o direito do mundo. Me perdoe, por favor.

Respirei fundo. Estava sim magoada com Larissa, principalmente por ela não me responder nos últimos dias, mas também estava mais tranquila por vê-la bem ali na minha frente.

— Perdoo sim, Larissa. Vamos pôr um ponto final nessa história.

Ela sorriu e me abraçou, retribui o abraço.

— Tenho uma novidade para te contar — falou animada.

— Que novidade? — perguntei curiosa.

— Eu e Ricardo, vamos morar juntos. Não é maravilhoso?

Instantaneamente, meu sorriso morreu. Jamais imaginei que essa seria a tal novidade. Larissa percebeu meu desagrado e se pronunciou.

— Olha, eu sei que você não vai muito com a cara dele, mas acredite em mim, Ricardo é legal.

Tentei forçar um sorriso e assenti. Não iria mais me intrometer nessa história, Larissa já era maior de idade e sabia o que fazer da vida.

— Só quero que seja feliz — respondi.

Minutos depois ela foi embora e nos despedimos normalmente, mas nada

era como antes. Parecia até que eu estava conversando com uma desconhecida, não com minha amiga de infância.

Tranquei a porta do quarto e me preparei para tomar um banho revigorante. Despi-me, peguei um roupão e me dirigi para o banheiro. Procurei por algum sal de banho pelos armários, acabei encontrando um de fragrância cítrica; não era o meu favorito, mas estava valendo. Enchi a banheira com água morna e, depois de adicionar os sais fazendo bastante espuma, entrei. Fiquei ali por horas, aproveitei o tempo para relembrar minha conversa quente com Sebastian e, claro, a foto que ele me mandou. Senti-me excitada novamente, meu corpo estava implorando pelo dele.

Depois do banho, me vesti e desci as escadas para comer. Estavam todos reunidos na sala de jantar à minha espera. Jantamos com calma e jogamos muita conversa fora. Papai estava todo feliz com o grande crescimento da empresa, e minha mãe mais ainda, já que quanto mais dinheiro entrasse na conta dele, mais compras ela poderia fazer, e se tinha algo que ela gostava no mundo, era de fazer compras. Fiquei até mais aliviada, pois assim ela esqueceria por um tempo que deveríamos ter uma conversa séria.

Depois do jantar, fomos todos para a sala de estar assistir algum filme na Netflix. Jonas logo escolheu um filme de super-heróis; revirei os olhos e discordei, é claro.

No final, depois de muitas brigas pelo controle remoto, acabamos assistindo a um filme de ação que na verdade nem decorei o nome, nem sobre o que se tratava, já que meus pensamentos estavam todos voltados para Sebastian.

Jonas dormiu na metade do filme e papai tratou de levá-lo para o quarto. Em seguida, meus pais foram para seu quarto, deixando-me sozinha na sala.

Peguei o controle e passei a procurar algum programa interessante na TV, até que me deparei com o filme *50 tons mais escuros* que acabara de começar no *Telecine Premium*. Animei-me a assistir, já que ainda não havia visto o segundo filme.

No final da sessão, eu já estava subindo pelas paredes. O senhor Gray definitivamente era um incendiário de calcinhas, mas minha perdição naquele momento tinha outro nome e sobrenome: Sebastian Ávila.

Desliguei a TV e fui para o quarto, tranquei a porta e olhei as horas no celular. Já era quase meia-noite. Fui até o closet e escolhi um baby-doll curto com estampas de gatinho e me enfiei debaixo dos lençóis, desapontada.

Procurei dormir, mas o sono não vinha. Virava de um lado para o outro e nada. Estava quase levantando quando ouvi uma batida de leve na janela. Assustei-me um pouco e permaneci parada para ter certeza de que estava ouvindo coisas, ou se estava sonhando acordada.

Mais uma vez ouvi o barulho. Acendi a luz do abajur e saí da cama devagar, andando na ponta dos pés para não fazer barulho. Aproximei-me da janela e puxei um pouco a cortina para dar uma espiada.

Meu coração teve um sobressalto quando abri uma fresta. Sebastian estava na sacada, correndo o risco de levar um tombo daqueles. Ele me olhou e abriu um sorriso safado, fazendo-me derreter por completo.

Imediatamente tratei de abrir a janela e ele entrou no quarto. Já veio me agarrando e passando a mão pelo meu corpo, o homem estava só o fogo.

— Eu disse que iria cobrar tudo com juros, não disse? — sussurrou entre beijos

— Você é louco — respondi sorrindo.

— Eu estou louco. E você com esse shortinho não está ajudando.

Ele se afastou um pouco e me olhou de cima a baixo como um leão faminto. Umedeci os lábios, ansiando por ele.

— Como você me negou uma foto, vim olhar tudo pessoalmente.

— Cachorro. — Dei um tapinha de leve no seu peito e ele sorriu, voltando a me beijar.

Sebastian me virou de costas para ele, roçando sua ereção no meu bumbum enquanto dava leves mordidas no meu lóbulo, arrancando-me suspiros de excitação. Suas mãos começaram a descer pela minha barriga, indo em direção à minha virilha. Senti seus dedos invadindo meu short, afastando minha calcinha para o lado e tocando minha intimidade. Soltei um leve gemido.

— Gostosa. Está toda molhada.

Ele se afastou um pouco e tirou a minha blusa, jogando-a no chão. Em seguida, começou a apalpar meus seios com vontade, como se sua vida dependesse daquilo. Eu já estava totalmente entregue a ele; na verdade, estava com medo de acordar e descobrir que era apenas um sonho.

Ele me guiou até a cama, posicionando-me de quatro, e deslizou meu short e calcinha por minhas pernas, jogando-os junto à blusa.

Senti seu corpo quente próximo do meu e me tremi toda quando virei para olhá-lo por cima do ombro. Sebastian tirou a camisa, revelando o abdômen definido que me fazia delirar, e deslizou a calça, deixando em evidência o grande volume dentro da cueca boxer de cor branca.

Ele sorriu ao me ver babando, fitando seu membro duro. Seus olhos profundos me analisaram detalhadamente, pairando sobre o meu bumbum empinado. Sebastian se aproximou de mim por trás, encaixando sua ereção no meu bumbum. Tocou em meus cabelos e os jogou para o lado, começou a trilhar beijos pelos meus ombros, costas e quadris e, ao chegar a minha bunda, passou a dar leves mordidas e chupões. Não resisti e dei uma rebolada, fazendo-o saltar um rangido de tesão.

Suas mãos abriram minhas nádegas devagar e eu empinei ainda mais o bumbum, dando total acesso ele. Seus dedos tocaram minha intimidade suavemente massageando em círculos, e enterrei meu rosto nos lençóis para não fazer ruídos. Arrepiei até o último fio de cabelo quando senti sua respiração próxima ao meu sexo, sua língua quente me invadindo com desespero, degustando cada gota da minha umidade.

Logo depois, ele se afastou um pouco, pegou a calça no chão e tirou um preservativo do bolso. Antes que ele rasgasse a embalagem, eu levantei e me aproximei dele, beijei sua boca e toquei em seu membro, fazendo movimentos de vai e vem. Sebastian pousou as mãos sobre a minha cintura e colocou nossos corpos. Era tão gostoso sentir sua pele abrasada junto a minha.

Interrompi nosso beijo e o empurrei sobre a cama. Ele fechou os olhos quando peguei seu membro e coloquei na boca, deliciando-me com seu sabor brutal de macho alfa.

Ele grudou as mãos em meus cabelos e levantou a cabeça, voltando a me fitar enquanto eu o olhava nos olhos, demonstrando minha total satisfação em lhe proporcionar prazer.

— Eliza, para, eu vou gozar — falou entre dentes.

Não dei ouvidos, continuei com o que estava fazendo, intensificando ainda mais meus movimentos com a boca.

Sebastian me segurou pelos ombros, fazendo com que eu o soltasse e me guiou até ele, grudando nossos lábios. Levantou-se e me posicionou de quatro na cama, rasgou a embalagem do preservativo e o colocou rapidamente.

Soltei um grito consideravelmente alto quando ele me penetrou forte, de

uma vez, enterrando em mim até o último centímetro. Ele colocou a mão na minha boca para que eu não fizesse mais barulho e continuou com as investidas. Eu gemia descontroladamente e já estava perto de atingir o clímax. Tirei sua mão da minha boca e mordi os lençóis para abafar meus gritos insanos, em poucos minutos senti os primeiros espasmos do meu corpo e ondas de prazer me atingiram.

Sebastian saiu de mim e me segurou pela cintura, colocando-me de pé. Apoiei-me nele, pois estava com as pernas bambas. Ele me imprensou contra a parede, prendeu meu cabelo e deu um chupão no meu pescoço.

— Empina mais o bumbum, gostosa! — ordenou.

Fiz o que ele pediu, dando uma reboladinha involuntária.

— Isso, assim — sussurrou e voltou a me penetrar.

Meus cabelos grudavam em nossos corpos banhados de suor e Sebastian me possuía como um louco. Não demorou muito e eu gozei novamente. Logo depois senti as vibrações de sua ereção dentro de mim e seu corpo estremeceu sobre o meu.

Nós nos recuperamos um pouco e ele me guiou até a cama, depositando um beijo casto em meus lábios antes de se dirigir até o banheiro para descartar o preservativo.

Enrolei-me nos lençóis para esperá-lo, aquela noite seria para sempre memorável. Suspirei fundo, feliz da vida, sentindo uma suave ardência entre as pernas, mas meu sorriso estava de orelha a orelha.

Ele retornou para o quarto e eu me levantei para ir ao seu encontro, corri até ele e passei as mãos pelo seu pescoço. Sebastian pousou as mãos na minha cintura, mas estranhei sua expressão séria. Ele me encarou com um semblante preocupado e falou:

— Linda, a camisinha estourou.



Capítulo 12

*Só porque estou me perdendo
Não quer dizer que estou perdido
Não quer dizer que irei parar
Não quer dizer que eu esteja entregue*
Coldplay

Eliza

— Ai, não! — Estagnei completamente, pondo a mão sobre a boca, sentindo meu coração se acelerar.

— Fique calma, amanhã você toma a pílula do dia seguinte — Sebastian falou, tentando me manter tranquila.

— Eu sei. Mas e se não funcionar? — questionei apreensiva.

— Lógico que vai funcionar, acredite em mim.

Eu queria acreditar, mas momentaneamente comecei a me desesperar, tanto que senti um bolo se formando na minha garganta e eu tive que segurar

para não me derramar as lágrimas.

Afastei-me de Sebastian e sentei-me na cama, minhas pernas estavam trêmulas.

— Se eu ficar grávida, meu pai vai me matar! — balbuciei nervosa.

Sebastian se sentou ao meu lado e fixou seus olhos sobre mim. Ele segurou meu rosto com delicadeza, pairando os dedos sobre o meu queixo, fazendo com que eu o olhasse também.

— Você não vai ficar grávida! E mesmo se isso acontecer, eu estarei aqui, não vou te deixar sozinha jamais.

Captei cada minúcia das suas palavras, ao mesmo tempo em que sentia os meus olhos se marejar. O problema é que cada detalhe me deixava ainda mais apavorada, o que acarretou uma lágrima automática. Eu sabia que ele não me deixaria sozinha, mas era justamente esse o problema, eu não estava preparada para tantas mudanças na minha vida. O caso é que não poderia ter um filho agora, eu tinha uma vida inteira pela frente — viagens, faculdade — e não conseguia nem pensar em algo desse tipo. Na verdade, nem sabia se algum dia pretendia me casar e ter filhos, quanto mais aos meus dezoito anos.

— Por favor, se acalme — disse, beijando-me a testa.

Assenti e sequei as lágrimas com a palma da mão. Como uma noite incrível poderia terminar assim? Respirei fundo e voltei a me levantar, peguei minhas roupas no chão e as vesti depressa.

Sebastian continuava me olhando sério, seus olhos transmitiam culpa. Eu tinha total convicção do quanto ele estava se sentindo mal com aquela situação, mas a angústia dentro de mim começava a falar mais alto que meu próprio raciocínio.

— É melhor você se vestir, já está muito tarde — articulei.

— Tudo bem! — respondeu um pouco aborrecido, levantando da cama.

Ele pegou as roupas e começou a se vestir em silêncio, sem tirar os olhos de mim. Fui até o banheiro olhar-me no espelho, aproveitei para lavar o rosto marcado pelo choro. Quando retornei ao quarto, me deparei com ele totalmente vestido.

Sebastian se aproximou, um pouco cauteloso, para me dar um beijo na boca. Retribuí, mas logo encerrei o beijo, tensa. Sua expressão de desagrado foi eminente, mas o que eu poderia fazer? Não conseguia esconder meus medos e

nervosismo sobre aquelas circunstâncias, era algo mais forte que eu.

— Não fique chateada comigo, linda — pediu.

Aproximei-me dele e o abracei.

— Desculpe, eu não estou chateada com você, mas é que estou com medo e acabei perdendo o clima — respondi.

E não estava mesmo no clima de romance, me sentia totalmente desconcertada.

— É melhor você ir agora! — sugeri apontando para a janela.

— Tem razão. — Ele deu alguns passos para trás, mas não pude deixar de notar o quanto havia ficado triste. — Amanhã te levo a pílula no seu colégio — falou e se dirigiu para a janela.

— Uhum — respondi.

Ele me olhou uma última vez antes de sair e observei quando se apoiou na sacada e desceu pelo pé de abacateiro como da outra vez, sumindo no quintal em seguida, camuflado pela noite escura.

Fechei tudo o mais rápido que consegui e me deitei. Rolei na cama por um tempo, até que consegui dormir.

Acordei com o som irritante do meu despertador, desliguei o aparelho e voltei a me agasalhar nos lençóis, mas então me lembrei de todos os acontecimentos da noite anterior. Saltei da cama na velocidade da luz, como um cervo correndo para fugir do seu predador, mas nesse caso eu estava indo ao encontro do meu. Vesti-me às pressas, com uma calça jeans e o uniforme da escola mesmo; estava apreensiva demais para conseguir ficar de enrolação.

Peguei minha mochila, conferi tudo e desci as escadas correndo. Nem ao menos passei na cozinha, não sentia fome nem nada, somente medo. Já na porta, ouvi a voz da minha mãe me chamando, mas não dei ouvidos. Apressei o passo e segui meu caminho.



Cheguei no colégio ainda cedo e fiquei em frente andando de um lado para o outro e, mesmo morta de saber que as farmácias iriam demorar um pouco para abrir, conferi meu celular por várias vezes, mas não havia nenhum sinal de Sebastian.

Deu o meu horário e eu segui para a sala. Ainda bem que nos dois primeiros horários seriam aula de biologia, minha matéria favorita.

O professor Celso entrou na sala, sorridente como sempre. Ele era muito amigável, o que me deixou menos tensa, pelo menos não teria que aturar nenhum professor mal-humorado àquela hora da manhã.

Olhei à minha volta e constatei que Larissa não estava na sala novamente. Isso estava me soando muito estranho, ela não era de faltar assim, mas eu havia prometido a mim mesma que não iria mais me intrometer em seus assuntos.

O sinal tocou, dando fim à primeira aula. Peguei meu celular às pressas e um calafrio percorreu a minha espinha quando vi a mensagem de Sebastian.

“Estou te esperando no portão.”

Respirei aliviada, pelo menos por enquanto. Juntei as minhas coisas e saí da sala, indo direto para a saída.

Encontrei Sebastian recostado na moto, olhando para o nada, com as pernas cruzadas e as mãos nos bolsos da calça, parecendo tenso. Ele usava calças jeans e camisa polo de cor branca, seus cabelos ainda estavam molhados, o que significava que ele havia acabado de tomar banho. Simplesmente mais lindo que nunca.

Fui ao seu encontro e seus olhos azuis brilharam ao me ver. Rapidamente, me senti culpada por ter sido um pouco insensível com ele, mas o que eu poderia fazer? Havia ficado muito assustada, e ainda estava.

— Oi, Eliza — cumprimentou-me com aquela voz marcante que me fazia tremer o corpo inteiro.

— Oi — respondi.

— Aqui está. — Ele me estendeu um embrulho pequeno e eu tratei de guardar na bolsa para tomar assim que retornasse ao prédio.

— Obrigada, agora eu preciso ir.

Agradei e me virei para voltar, mas fui impedida por sua mão que segurou o meu braço e me puxou para ele.

— Por favor, não me trate assim, Eliza! — implorou

Ele umedeceu os lábios e fitou os meus. Sua boca era tão envolvente, e estava tão próxima da minha, atraindo-me como um ímã. Mas me lembrei que estava em local público e tentei me afastar dele. Corria sério risco de ser pega

em flagrante por algum conhecido dos meus pais.

— Aqui não, Sebastian, depois conversamos — falei, mordendo o lábio, e me virei para sair de novo.

Ele não se deu por vencido. Quando dei por mim, senti suas mãos prendendo-me pela cintura e sua boca se apossando da minha. Tentei, juro que tentei me esquivar, mas sua língua invadiu a minha boca sem me dar nenhuma chance de reagir. Seu beijo era tão quente e atrativo que rapidamente me derreti em seus braços, e suas mãos desceram direto para o meu bumbum, apertando-o. Ele interrompeu o beijo e voltou a falar.

— Agora você pode ir.

Abri os olhos devagar e me deparei com um sorriso branquíssimo e sedutor. Confesso que amei demais o beijo roubado, na verdade eu amava tudo que vinha dele, mas foi uma atitude muito inconsequente e eu não deixaria passar batido, pois poderia ter sido flagrada por algum amigo do meu pai e as coisas ficariam feias. Então empurrei-o para longe de mim.

Sebastian me encarou confuso. Meu peito subia e descia, estava assustada com minha própria reação.

— Sebastian, por favor, não faça isso em público — exigi.

— Eliza, eu estou cansado disso! — bradou, alterado.

— P-por favor, aqui não. Estou pedindo.

— Não aguento mais esconder nosso relacionamento, quero que o mundo saiba que você é minha — vociferou mais próximo a mim, cerrando o maxilar.

A palavra “relacionamento” me deixou completamente aérea. Não estava nem um pouco preparada para relacionamentos, principalmente agora correndo o risco de uma gravidez precoce. Cada minuto que se passava eu ficava ainda mais confusa.

Sebastian continuou encarando-me com uma expressão triste e ao mesmo tempo exalando fúria.

Engoli em seco, completamente sem reação, até que consegui formular uma resposta convicta.

— Olha, Sebastian, por enquanto as coisas terão que ser assim. Você sabe que meus pais não aceitariam nosso relacionamento, precisamos agir com calma — rebati.

Ele franziu o cenho e negou com a cabeça, o que me fez entender que não concordava com nada que eu havia dito. Mas que se dane, ele teria que entender, não havia opções.

— Não posso mais continuar com isso! — proferiu.

Senti uma pontada no peito com as palavras dele, mas me mantive firme e forte.

— Ok! Se você prefere assim. — Dei de ombros. — Tenha um bom dia — concluí e virei as costas, entrando no colégio em seguida.

Voltei à sala de aula o mais depressa que pude e sentei-me. Meus nervos estavam à flor da pele, tirando-me toda a concentração do assunto abordado pelo professor.

Queria dizer que aquela discussão não havia me afetado em nada, mas infelizmente era mentira. Por mais que eu não quisesse admitir, não poderia negar que estava nutrindo fortes sentimentos por ele, o que me deixava apavorada.

Conferi as horas por várias vezes e parecia que a aula nunca teria fim. Comecei a rabiscar as folhas do caderno em uma tentativa de me acalmar, mas não surtiu nenhum efeito, principalmente pelo fato de ter escrito o nome de Sebastian em cada linha de uma página inteira. Felizmente o sinal tocou, dando fim à terceira aula.

Saí da sala e fui até o banheiro lavar o rosto, amarrei meus cabelos compridos em um rabo de cavalo alto para diminuir o suor que brotava na minha testa e pescoço. Não sabia ao certo se era pelo calor ou pela tensão que se formava dentro de mim. Dirigi-me ao pátio, em direção à sombra do ipê em que eu costumava conversar com Larissa; estava precisando respirar ar puro e fresco.

Fui andando devagar, mantendo os olhos no chão até me aproximar um pouco. Ao olhar para a frente, me deparei com Larissa sentada sobre a grama verde, abraçada aos joelhos e o rosto enterrado no colo. Reconheci-a instantaneamente por causa dos seus cabelos cor de fogo espalhados pelos ombros, os fios ruivos que não caracterizavam mais ninguém ali.

— Larissa? — Me aproximei um pouco e a chamei.

Ela se moveu lentamente e levantou a cabeça e, quando os seus olhos azuis me fitaram, senti o meu peito se apertar ainda mais. Ambos estavam vermelhos, como se ela tivesse chorado copiosamente durante horas, porém o que mais me intrigou foi a sombra de um leve arroxeadado em volta do olho esquerdo, que

aparecia mesmo com a pesada camada de corretivo.

— Eliza? — falou surpresa.

Larissa se levantou um pouco sem jeito, olhando para todos os lados. Corri até ela e a toquei os ombros.

— Larissa, você estava o tempo todo aqui?

Ela desviou o olhar por um instante, procurando uma forma de não me encarar.

— Sim. Eu não quis ir pra aula — respondeu fitando o chão.

— O que houve com o seu olho?

Ela se afastou de mim e abraçou o próprio corpo. Olhei-a detalhadamente, procurando algum outro vestígio de machucado, e estranhei o fato de ela usar uma calça jeans e blusa verde de mangas compridas, com a gola alta cobrindo até o pescoço. Senti-a tão aérea, como se seu corpo estivesse aqui, mas seus pensamentos sobrevoassem um outro lugar.

— Não houve nada, amiga — respondeu completamente desconcertada.

— Como não houve nada? Seu olho está roxo! Por acaso foi Ricardo que fez isso? — perguntei alterando o tom de voz.

Vi suas pupilas se dilatarem rapidamente. Larissa abriu a boca algumas vezes, mas não conseguiu emitir nenhum som, seu corpo exalava puro nervosismo.

— Na-não... Eu... eu me envolvi em uma briga com... com a vizinha — gaguejou.

Franzi o cenho, completamente desacreditada de suas palavras, principalmente pelo fato de ela fazer questão de acobertá-lo.

— Tem certeza disso, Larissa?

— Sim, tenho certeza — respondeu convicta. — Olha, vamos mudar de assunto? Sinto falta das nossas conversas e acho que poderíamos sair só nós duas qualquer dia, o que acha? — desconversou.

Hesitei um momento, queria rebater, mas começar uma discussão agora não iria ajudar muito.

— Tudo bem, pode ser — concordei.

— Ótimo. Então depois combinamos.

Vi um leve sorriso surgir em seus lábios. Ela pegou a bolsa no chão e se despediu, indo em direção à saída.

Sentei-me no chão sem saber exatamente o que fazer. Sei que havia prometido a mim mesma que não iria me meter em mais nada, porém as coisas estavam fugindo do controle de uma forma muito perigosa e eu não poderia ficar de braços cruzados esperando o pior acontecer. Ela ainda era a minha melhor amiga.

Deus, como era difícil encarar tudo o que estava acontecendo. Primeiro, a discussão com Sebastian, agora, Larissa aparecia machucada. O pior é que eu sabia exatamente que aquilo não havia sido uma briga com a vizinha, mas o que eu poderia fazer para desmascará-lo? Sendo que a própria Larissa estava acobertando-o. De uma forma ou de outra, eu teria que passar por cima do meu orgulho e pedir ajuda a Sebastian, com certeza ele saberia o que fazer.

Também teria que pedir desculpas por minhas atitudes infantis, mas me sentia perdida, eu o queria, mas ao mesmo tempo não queria perder a minha liberdade relacionando-me tão seriamente. Também tinha o fato de que meus pais não iriam aceitar.

Peguei meu celular no bolso da calça, desbloqueei a tela e procurei o número dele nos contatos. Contei até três e selecionei a opção discar. Esperei ansiosa, mas a ligação caiu diretamente na caixa de mensagens. Tentei mais algumas vezes e nada.

— Ai, Sebastian, onde você se meteu?

Imediatamente passei a imaginar se ele teria ido atrás de outro rabo de saia. Passei a mão pelos cabelos, nervosa. Não, ele não seria louco de fazer isso, principalmente a essa hora do dia. Ou seria?

— Ai, para, Eliza, você já está surtando — falei comigo.

De imediato, me arrependi amargamente de tê-lo confrontado daquela forma, e o simples fato de seu celular estar desligado não ajudava em nada. O que eu estava pensando, meu Deus? Só imaginá-lo dando bola para outra mulher estava me deixando morta de ciúmes.



Sebastian

Eliza virou as costas e simplesmente voltou a entrar no prédio, deixando-me ali, completamente vidrado nela, absorto. Fiquei louco com a possibilidade de ela estar falando sério sobre encerrar o nosso relacionamento, se é que podia chamar aquilo de relacionamento.

Ainda me movi para ir atrás dela novamente, mas refleti melhor e contive meu impulso momentâneo. Havia ficado tão alucinado quando a vi dentro daquela calça jeans justa e uniforme, tão sexy e rebelde, que nem liguei para os seus protestos e roubei um beijo delicioso em frente ao prédio, correndo um enorme risco de sermos flagrados por alguém.

Sinceramente, eu não sabia mais em que estava me transformando. Há alguns meses atrás era um homem responsável, sensato, e agora eu não passava de um inconsequente que pulava janelas no meio da madrugada para saciar o desejo sexual de uma garota mimada.

Eliza havia me tirado do sério de todas as formas possíveis, o que me custou uma noite inteira sem conseguir dormir.

— Porra, eu não sou mais uma criança! — Bati no banco da moto com força, demonstrando toda a minha frustração.

Tudo bem que, diante as minhas últimas atitudes, eu mesmo já estava me perguntando se realmente estava em controle das minhas faculdades mentais.

Peguei o capacete e voltei a pôr na cabeça, subi na moto e saí a toda velocidade, desnorteadado.

Cheguei em casa alguns minutos depois, minha cabeça fervilhava. Deixei a moto na garagem e joguei a chave sobre o armário da cozinha, fui até o quarto e tirei a roupa, ficando apenas de cueca boxer.

Soltei um longo suspiro e me joguei na cama de costas. Peguei o celular e comecei a digitar uma mensagem para ela, mas parei. Eu precisava manter a sanidade. Apaguei a mensagem na mesma velocidade com que havia digitado e desliguei o telefone, me levantei e guardei o aparelho no fundo do guarda-roupas. Iria por minha cabeça em ordem, aquela garota estava torrando os meus neurônios definitivamente. Eu não tinha mais vida própria, só sabia pensar nela vinte e quatro horas por dia.



Capítulo 13

*"Ninguém disse que era fácil,
Ninguém jamais disse que seria tão difícil assim,
Eu estou indo de volta para o começo".*

Coldplay

Eliza

O celular tocou sobre o criado-mudo, tirando-me dos meus devaneios. Virei-me na cama para pegá-lo, pensando ser Sebastian, mas não, era uma ligação de Larissa. Suspirei desanimada, não porque não gostaria de falar com ela, isso também me deixaria feliz, mas porque há dois dias o celular dele estava fora de área e eu já estava ficando louca.

— Alô — atendi prontamente.

— Oi, Eliza, como vai?

— Oi, Larissa, estou bem — menti. — E você?

— Também — ela respondeu mas senti um ar prazeroso na sua voz. —

Podemos sair para conversar?

— Claro que sim. Que horas?

— Pode ser agora no parque?

— Ok. Te encontro lá.

Desliguei o telefone e conferi as horas, já passavam das dez da manhã. Agradei aos céus por aquele dia ser sábado e eu não ter que ir para aula. Não tinha clima, nem ânimo, nem nada.

Tomei um banho rápido e me arrumei, optei por usar minishort e camiseta. Fiz uma maquiagem leve, pesando um pouco no corretivo para esconder as olheiras que ganhei nas últimas duas noites.

Desci as escadas e fui até a cozinha. Minha mãe havia saído logo cedo com Jonas para fazer compras e papai foi para a construtora resolver alguns problemas urgentes.

Peguei algumas uvas na geladeira e fui até a saída. O dia estava superquente e abafado, fazendo com que eu me arrependesse por não ter prendido os cabelos. Algumas nuvens escuras pintavam o céu junto com o sol escaldante, dando fortes indícios das chuvas que se aproximavam.

Chamei um táxi e em poucos minutos cheguei ao parque. Larissa ainda não havia chegado, aproveitei para andar um pouco pela sombra em volta do lago. Havia poucas pessoas por ali àquela hora da manhã, somente um casal de idosos e algumas crianças que brincavam na grama. Sentei-me no banco perto do lago e respirei fundo.

Esses dias não estavam sendo fáceis. Por mais que não quisesse admitir, Sebastian estava fazendo uma falta tremenda, daquelas que dá um aperto horrível no peito. Tentei ligar algumas vezes, mas a ligação caía direto na caixa postal, o que me deixava ainda mais agoniada.

— Eliza? — Virei-me e vi Larissa próxima a mim, olhando-me com mil pontos de interrogação.

— Ah... Desculpe, não te vi chegar — respondi.

— Estava pensando em algum gatinho? Parecia tão aérea — brincou

Sorri com o seu comentário, de certa forma ela estava certa.

— Talvez!

— Há, sabia! — falou brincalhona, dando uma piscadela. — É o bonitão,

primo do Ricardo?

— Você não me ligou para podermos falar de mim, né? — questionei, arqueando uma sobrancelha, e me levantei.

— E por que não? Amigas costumam falar da vida uma das outras.

Larissa forçou um sorriso e foi visível o quanto ela estava lutando para parecer feliz. Seus cabelos cor de fogo estavam soltos espalhados pelos ombros e, apesar da mancha roxa em volta do olho ter desaparecido, suas roupas estavam cobrindo-a demais para um dia tão abafado.

— Vamos andando?

— Claro, podemos ir até sorveteria da esquina? — sugeri.

Concordei e saímos andando, conversando sobre coisas banais. Em momento algum ela falou de Ricardo, também não toquei no assunto. Chegamos à sorveteria e nos sentamos, logo fomos atendidas. Optei por sorvete de frutas tropicais com calda de caramelo e ela fez o mesmo pedido que eu; gostávamos das mesmas coisas, inclusive o sabor do sorvete.

— Então, Ricardo não brigou por você estar aqui comigo? — questionei.

Larissa abaixou a cabeça, um pouco intimidada com a minha pergunta, mas não relutou em responder.

— Ele não sabe que estou aqui!

— Mesmo? — perguntei espantada.

— Sim! — Ela levantou o olhar e segurou minhas mãos por cima da mesa. — Eu sinto tanto a sua falta, Eliza — proferiu, mudando de assunto rapidamente.

Seus olhos se encheram de água no mesmo instante e suas íris azuis brilharam como um espelho devido à umidade, permitindo-me ver a verdade do fundo da sua alma.

Apertei suas mãos, sentindo meus olhos transbordarem da mesma forma, e uma sensação seca se apoderar da minha garganta.

— Também sinto muito a sua falta, Larissa.

Sorri de verdade dessa vez. Era muito gratificante poder conversamos assim, abertamente. Lá no meu íntimo tive esperança de que voltaríamos a ser como antes, algum dia.

Depois de muita conversa e sorvetes, decidimos ir para minha casa. Já

estava na hora do almoço e eu teria que dar o ar da graça. Sorriamos abertamente, estávamos felizes, ao menos naquele momento.

No caminho, entramos em uma rua mais sombreada para nos protegermos do sol quente, seguindo pelas calçadas. Larissa não calava a boca um só minuto, era irritante, mas algo de que eu sentia muita falta e estava sendo incrível poder reviver tudo isso.

— Dá pra você calar a boca por um minuto? — falei, divertida,

— Nem vem, Eliza, você já me conheceu assim.

— A gente se conhece desde que eu me entendo por gente, Larissa, não tive chance de escolha — falei, dando um leve empurrão nela.

Ela sorriu feito uma criança, na verdade parecíamos duas crianças brincando na rua. De repente vi o seu olhar se fixar em algo e seu sorriso se desvanecer pouco a pouco. Segui o curso dos seus olhos e estranhei ver o carro dela estacionado em frente à casa de uma das nossas colegas de classe.

— Aquele não é o seu carro? — perguntei curiosa.

— Sim. Aquele é o meu carro — respondeu instantaneamente com a expressão acirrada.

Seguimos em silêncio até onde o carro estava estacionado. Larissa se encontrava completamente tensa, deixando-me preocupada. Ela foi até o portão e apertou a campainha, esperamos por vários minutos e não obtivemos nenhuma resposta.

— Eliza, o portão está aberto, olha! — disse, apontando em direção a fresta semiaberta.

Fiz o que ela pediu e olhei de perto. Realmente o portão estava apenas encostado. Quem quer que estivesse ali com o carro dela, provavelmente se encontrou com bastante pressa para entrar.

— O que você vai fazer? — questionei assim que a vi empurrar o portão.

— Vou entrar e ver o que está acontecendo! — respondeu decidida.

— Não, Larissa, isso é invasão!

— Eu não me importo — disse sem olhar para trás e entrou.

Fui atrás dela o mais rápido que pude, passamos pelas cercas vivas que cercavam o muro e seguimos em direção ao jardim. Rodeamos os fundos da casa e paramos estagnadas assim que nos aproximamos da piscina.

Puxei Larissa para a lateral da casa às pressas logo após avistamos Ricardo aos beijos com Rebeca dentro da piscina. Ela era uma das garotas mais arrogantes e cínicas que eu conhecia, ambos definitivamente se mereciam.

Olhei para Larissa e ela estava completamente alarmada. Meu coração se partiu no meio ao ver as lágrimas descendo sem pudor pelas suas bochechas rosadas.

— Eu sinto muito — murmurei baixinho e a abracei forte. — Venha amiga, vamos sair daqui.

Guiei Larissa até o portão e saímos o mais depressa possível daquele lugar. Assim que atravessamos a rua, ela sentou na calçada, chorando copiosamente.

— Por favor, Larissa, não chora. Ele não te merece — disse, juntando-me a ela.

— Eu o amo tanto — falou soluçando. — Eu perdoei todos os maus tratos dele, mas como eu posso lidar com isso?

— Então eu estava certa, né? Ele te agrediu!

— Sim. Mas a culpa foi minha, eu o provoquei.

Segurei o seu rosto para que me encarasse, eu não poderia permitir que ela se humilhasse daquela forma.

— Por favor, nunca mais repita isso, entendeu? O único culpado é ele!

— Não, amiga, eu sou a única culpada.

Suas lágrimas passaram a escorrer com mais vontade, molhando sua blusa branca de mangas. Eu a abracei mais fortemente, seria inútil tentar fazê-la abrir os olhos naquele momento, só me restava confortá-la até conseguir encontrar uma solução plausível.

— É melhor eu ir pra minha casa — pronunciou e se afastou, enquanto secava um pouco das lágrimas com a manga da blusa.

— Eu vou com você, então.

— Não precisa, eu quero ficar sozinha.

— Não posso te deixar sozinha, Larissa — rebati, aflita com o estado dela.

— Por favor, amiga, eu preciso — implorou.

Respirei profundamente e assenti, mesmo contra a minha vontade. Iria deixá-la esfriar um pouco a cabeça, talvez isso a ajudasse a tomar a decisão

correta.



Larissa seguiu para casa e eu fiz o mesmo, meu coração estava na mão de tão nervosa. Queria poder ajudá-la a superar todo esse sofrimento, mas minha maior vontade mesmo era esfregar a cara daquele babaca no asfalto. Maldito!

A duas quadras da minha casa, meu celular tocou, fazendo-me tomar um baita susto. Peguei o aparelho e atendi sem olhar a chamada. Meu coração acelerou a mil quilômetros por hora ao ouvir a voz marcante de Sebastian.

— Princesa, eu não aguento mais ficar sem te ver.

— Sebastian? Onde você estava? — Fui direto ao ponto

— Desculpe o meu sumiço, eu precisava pôr minha cabeça em ordem.

— E ficar assim? Dois dias sem dar as caras?

— Eliza, foi você que me mandou pastar.

— Eu não te mandei pastar, eu só estava irritada.

— Tudo bem, sua marrentinha. Será que podemos nos ver?

— Eu não sei se quero te ver — respondi fazendo drama. Mas a verdade é que eu já estava desesperada para vê-lo.

— Por favor, Eliza, vamos conversar.

— Tá bem. Estou a duas quadras da minha casa, me encontre aqui.

— Ok, estou indo — concordou e desligou o telefone.

Passei o endereço exato para ele e permaneci esperando, encostada debaixo de um pé de aroeira salsa.

Em questão de minutos, ele chegou até onde eu estava. Aproximei-me e ele abriu a porta do carona, dando-me passagem. Senti uma onda de desejo e ciúmes passar por todo o meu corpo ao vê-lo ali, de banho tomado e lindo, vestindo uma blusa social azul claro que deixava seus músculos em evidência.

Entrei no carro e o aroma do seu perfume inebriou-me completamente. Sebastian me olhou com olhos famintos e se aproximou de mim, dando-me um beijo no pescoço.

— Que saudade, linda! — sussurrou no meu ouvido.

Joguei meus cabelos para o lado e o fitei bravamente.

— Não parece que estava com saudades, aposto que estava com outro rabo de saia por aí — acusei, séria.

Sebastian fechou a cara, contrariado com a minha acusação, e voltou a falar.

— Eu não estava com ninguém, Eliza.

— Ah não? E o que mais explica seu telefone desligado todo esse tempo?

— Eu já te disse, só estava esfriando a cabeça.

— Aham, sei! — contestei e virei o rosto para o outro lado.

— Posso dizer que você está com ciúmes? — Olhei-o perplexa e o safado estava esbanjando um enorme sorriso.

— Lógico que não! — Cruzei os braços. — Só não admito outra mulher tocando em algo que me pertence.

— Então eu te pertenço? — perguntou cínico.

— Sim, me pertence!

Ele umedeceu os lábios e sorriu, vi suas pupilas se dilatarem instantaneamente e o cinza dos seus olhos se intensificarem, causando-me um formigamento entre as pernas e um desejo insano de beijá-lo.

— Eu sou todo seu, princesa — falou, sério, arrancando-me um suspiro, e me beijou com delicadeza.

Correspondi ao beijo e o aprofundei mais um pouco. Sebastian segurou em minha cintura, apertando-a. Passei minha mão pelo seu peito forte, sentindo as batidas descompassadas do seu coração.

— Como eu senti a sua falta, Eliza — disse em um sussurro.

Eu me apoderei ainda mais da sua boca, fervorosa, sem lhe dar espaço para falar mais nada. Desci minhas mãos pela sua barriga e segui até o cóis da sua calça.

Toquei seu membro ereto por cima da calça, apertando-o, arrancando gemidos de sua boca. Abri os botões e descii o zíper, enfiei minha mão por dentro da cueca e segurei sua ereção quente e pulsante que eu tanto almejava.

Sebastian mordiscou o meu lábio inferior e enfiou a mão por baixo da minha camiseta, alcançando meu seio direito. Suspirei profundamente, sentindo

meu corpo se estremecer e a minha intimidade se lubrificar.

Deixei a sua boca e trilhei beijos pelo seu pescoço, inspirando o seu perfume embriagador, minha mão ainda em volta do seu membro proporcionando-lhe prazer.

Abri os olhos devagar e me virei para ele. Em um movimento rápido, fitei a rua pela janela do carro e quase tive uma parada cardíaca quando vi meu pai sair de uma loja de materiais para construção.

— Sebastian, meu pai ali. — Rapidamente me afastei dele, agradecendo aos céus pelos vidros do carro serem fumados.

Sebastian se recompôs e fechou uma pequena fresta do vidro que estava aberta, ligou o ar condicionado do carro e se voltou para a direção que meu pai se encontrava.

— Então é aquele o meu sogro? — perguntou sorrindo.

Engoli em seco com a pergunta dele. Caramba, ele continuava com essa história de relacionamento? Eu não sabia mais o que fazer a respeito.

— Sebastian, vamos sair daqui? — Mudei de assunto rapidamente.

— Sim, minha linda. Na verdade, iremos até a cidade vizinha, preciso conversar com você calmamente.

Voltei-me para ele, surpresa.

— Até a cidade vizinha? Por quê?

— Tenho um almoço com alguns fornecedores e pensei que seria legal você ir comigo, o que acha?

Pensei um pouco e assenti. Então estava explicado toda aquela produção, tirando o fato de seu cabelo estar todo desgrehado agora.

Ele ligou o som do carro, colocando em uma banda de rock alternativo que eu conhecia muito bem — Coldplay — e deu partida no veículo, dirigindo em direção à saída da cidade.

— Gosto dessa banda— comentei.

Ele sorriu.

— Eu também, é a minha banda favorita.

Uma de suas mãos desceu até a minha coxa, apertando-a de leve. Coloquei minha mão por cima da sua e seguimos assim por grande parte do trajeto.

Chegamos na cidade e Sebastian estacionou em frente à um restaurante/churrascaria gaúcha. Antes de sairmos, ele me roubou mais um beijo, aguçando todos os meus sentidos.

Ao entrarmos no estabelecimento, fomos até o balcão e ele informou sobre a reserva em seu nome à recepcionista. A mulher de pele clara e cabelos loiros preso em um rabo de cavalo, usando uniforme azul turquesa — decotado demais para o meu gosto —, aparentando ter uns trinta e poucos anos, o inspecionou de cima a baixo, abrindo um sorriso audacioso para ele. Nem ao menos teve a decência de olhar na minha cara.

— Vou te levar até a sua mesa, Sebastian. Por favor, me acompanhe — proferiu praticamente se jogando em cima dele.

Olhei para Sebastian e ele se manteve sério, sem dar nenhuma brecha para a ousadia da mulher, o que me deu um gás para interferir na conversa.

— Pra você é senhor Sebastian, querida! — me intrometi, impassível, entrelaçando o meu braço no dele.

Ela se virou para mim, assustada. Analisou-me milimetricamente e se pronunciou.

— Ah, me desculpe, eu não havia visto a sua filha, senhor Sebastian! — falou debochada.

Sebastian franziu o cenho e passou a mão pela minha cintura. Eu me segurei ao máximo para não dar umas bofetadas na cara dela, abusada!

— Ela não é minha filha, é minha namorada — manifestou-se. — E você não precisa me acompanhar até a mesa, eu sei o caminho, obrigado.

Olhei para ela, dando o meu melhor sorriso zombeteiro. A mulher fechou a cara e voltou para o balcão novamente. Segurei na mão de Sebastian e seguimos até a sua mesa para aguardarmos os fornecedores.

Depois que os dois homens chegaram, fizemos nossos pedidos. Almocei em silêncio enquanto eles tratavam de assuntos diversos. Sebastian tentava me incluir na conversa a todo custo, mas aquele papo estava entediante e eu não fazia a mínima questão de prestar atenção; além disso, eu não compreendia absolutamente nada do que eles diziam. Agradei aos céus quando a conversa chegou ao fim e os homens foram embora.

— Pronto, agora somos só nós dois — falou sorridente.

— Você me parece muito animado — questionei.

— Sim, Eliza.

— Então, sobre o que você quer conversar comigo?

— Sobre nós dois.

— O que tem nós dois, Sebastian? — perguntei, surpresa.

— Já tem um tempo que estamos saindo e eu quero dar o próximo passo.

— Como assim o próximo passo?

— Olha, Eliza, eu gosto muito de você. Durante esses dois dias eu pensei muito e quero que você seja a minha namorada definitivamente. Quero pedir a sua mão em namoro para o seu pai.

Ele hesitou um pouco esperando a minha resposta, seus olhos se fixaram nos meus, cercando-me de todos os lados.

Fiquei boquiaberta com o pronunciamento dele e até perdi a fala. E agora, como eu iria explicar a ele que não estava interessada em namoro sério?

— Sebastian... Eu... eu não sei se quero um relacionamento sério agora — balbuciei com um pouco de dúvida.

Ele me olhou estarecido e seu sorriso se dissipou pouco a pouco, dando espaço a uma expressão duvidosa que se apoderou rapidamente da sua face.

— Eu não estou entendendo, Eliza, o que você quer dizer com isso?

— Quero dizer que eu gosto de ficar com você, mas não quero me prender a alguém agora.

Ele soltou uma risada sarcástica, fazendo as minhas mãos suarem em nervosismo por dizer algo que nem eu mesma tinha certeza que era o certo.

— Então é isso, é bom ficar comigo, mas não sirvo pra mais nada além de sexo? — questionou, perplexo, a mágoa invadindo o seu olhar.

— Não, claro que não. Eu gosto de você, só não quero relacionamento sério agora. Poxa, Sebastian, a gente estava tão bem até você vir com isso! — retruquei.

— Com isso, Eliza? Então você me vê como o quê? Seu brinquedo? — interrogou-me.

— Não, Sebastian, eu realmente gosto de estar com você! — afirmei

— Eliza, olha pra mim. Eu tenho trinta e seis anos, já passei dessa fase de

pegação, você não acha? — rebateu.

Ele passou as mãos pelos cabelos, parecendo desconcertado, e chamou o garçom.

— Ok, Eliza, eu já entendi tudo. — Percebi uma manta de tristeza se aposar dos seus olhos e meu coração se apertou.

O garçom chegou e Sebastian pagou a conta, levantando-se em seguida.

— Vamos, vou te deixar na sua casa.

Fiquei um pouco tensa, sentindo uma sensação estranha no peito e um bolo formando em minha garganta, mas não discuti. Ele se dirigiu para a saída e eu segui logo atrás.

A recepcionista voltou a abrir um sorriso brando para ele assim que o avistou, mas foi ignorada. Se eu não estivesse sentindo-me tão contestável e com uma sensação estranha de ter feito besteira, com certeza iria sorrir descaradamente na cara dela.

Chegamos no carro e ele abriu a porta do carona, fechando-a e indo para o banco do motorista depois que eu entrei. Fixei meus olhos no chão para não o olhar. Ele se mantinha sério e a angústia em meu peito crescia a cada segundo, sem limites.

Fizemos todo o percurso de volta em silêncio, nem ao menos o som ele voltou a ligar. A expressão fechada não se esvaia do seu rosto, deixando-me ainda mais pesarosa.

A duas quadras da minha casam ele estacionou o carro e se virou para mim.

— Está entregue.

Movi-me para abrir a porta do carro, mas me contive um pouco, pensativa.

— Sebastian, eu...

— Não, Eliza, não precisa falar nada. Eu te entendo, de verdade. Mas não é isso que quero pra mim.

Olhei-o uma última vez, mas ele não me encarou. Seus olhos fitavam o nada, procurando de qualquer maneira se desviar de mim.

Destravei a porta do carro e desci, vendo-o dar a partida e sair a toda velocidade. Encostei um pouco no muro à procura de ar. O que estava acontecendo comigo? Não era possível que todo esse *mix* de sentimentos dentro

de mim eram apenas reflexo de noites de sexo. Por que esse sentimento de perda se fazia tão presente no meu corpo? Comecei a andar em direção a minha casa, mas um vento me tocou rosto e uma lágrima involuntária escapou dos meus olhos, queimando a minha bochecha.



Capítulo 14

A vida é uma bebida, e o amor é uma droga
Ah, eu acho que estou há milhas de distância da terra
Quando em um rio seco
Você veio fazer chover e me inundou
Coldplay

Eliza

Diziam que o tempo curava tudo, mas não concordava totalmente com essa afirmação, pois a cada dia que se passava eu sentia mais e mais a falta dele, e isso estava me devastando por dentro.

Meus últimos dias praticamente se resumiram a ir ao colégio, ao curso de inglês, voltar para casa, trancar-me no quarto e chorar como se não houvesse amanhã. Já estava mais que estampado na minha cara o quanto me encontrava envolvida e completamente apaixonada por ele, eu só não queria admitir.

Para falar a verdade, achava que isso acontecera na primeira vez que o vi. Mas nós, seres humanos, éramos tão estranhos. Quando tínhamos, não

valorizamos, e quando perdemos, queríamos de volta.

Naquele dia, eu estava no meu quarto depois de um dia extremamente estressante. Meus pais estavam aflitos com a minha mudança repentina, fechada para o mundo. Eu simplesmente disse que andava cansada e que logo as coisas iriam melhorar, bom, eu também queria acreditar nisso.

Depois de um tempo perdida naquele mundinho de conflitos e confusões internas, resolvi ir até a cozinha para comer alguma coisa e, quem sabe, me distrair um pouco. Não adiantaria nada ficar choramingando pelos cantos e não tomar uma atitude plausível.

Desci as escadas e me dirigi à cozinha. Como sempre, cada membro da família estava entretido em alguma coisa: Jonas jogando videogame, mamãe no telefone fofocando com as amigas, papai no computador fazendo alguma espécie de planilha.

Cheguei à cozinha e fui direto na geladeira, abri o congelador e peguei um enorme pote de sorvete sabor morango, sentei-me perto do balcão e ataquei até a última gota.

Já eram quase nove da noite quando ouvi o toque estridente da campainha. Papai, que estava na sala, atendeu a porta e eu permaneci sentada onde estava. Ouvi alguém conversar com meu pai e, pelo desespero na voz, parecia ser algo muito sério. Meu coração palpitou quando reconheci a voz do pai de Larissa e, logo em seguida, meu pai me chamou.

— Pai? Aconteceu alguma coisa? — perguntei assim que cheguei à sala.

— Oi filha! — falou com um semblante preocupado.

— Era o pai de Larissa que estava aqui? Cadê ele? — questionei

— Sim, Eliza! Mas ele já foi. Veio apenas nos trazer uma notícia não muito agradável. Ele tentou ligar, mas meu celular estava carregando no quarto e sua mãe estava pendurada no telefone, então ele não conseguiu. Como vocês são tão amigas, ele resolveu vir falar pessoalmente.

— Pai, fala logo! — pedi, apreensiva — O que aconteceu?

— A sua amiga, a Larissa. — Fez uma pausa. — Parece que ela sofreu um acidente doméstico, ele não soube me explicar muito bem como aconteceu, já que no momento do acidente ela estava com o namorado, o tal de Ricardo, no apartamento que os dois estão vivendo juntos.

— Meu Deus! — Passei as mãos pelos cabelos, desesperando-me. — Pai,

me diz que espécie de acidente foi esse?

—Bom, filha, o pai dela me informou que Larissa tropeçou e caiu da escada, e que agora está internada com fraturas graves espalhadas pelo corpo. Ele disse que foi Ricardo quem a levou para o hospital e os informou do ocorrido.

Sentei-me no sofá, completamente atônita. Minha amiga estava numa cama de hospital, machucada, e eu sabia muito bem que não havia sido nenhum acidente, e pior, não fui capaz de fazer nada para evitar que as coisas chegassem a esse extremo.

Meu pai sentou junto a mim e me abraçou calorosamente. Abracei-o de volta, apertado, e deixei que as lágrimas escorressem com vontade. Chorei por Larissa, chorei pela família dela, e chorei por mim.

— Filha, vamos até o hospital que ela está internada, lá conseguiremos mais informações — papai falou e me deu um beijo na testa.

Levantei e sequei as lágrimas.

— Sim. Só vou trocar de roupas e já volto — respondi e segui para o quarto.



Chegamos ao hospital e fomos direto na recepção à procura de informações. Fomos instruídos a aguardar na sala de espera, avisados que logo os médicos nos dariam notícias.

Meu sangue ferveu ao avistar Ricardo se fazendo de santo, abraçado com a mãe de Larissa. Dona Amanda chorava horrores no ombro dele, enquanto ele a consolava.

Não consegui segurar meu nervosismo e me dirigi até eles pisando duro no chão. Ricardo me fitou e fez a maior cara falsa de tristeza, deixando-me ainda mais revoltada.

— Seu babaca, estúpido! — xinguei alto assim que me aproximei dele.

Ele arregalou os olhos e se afastou da mãe de Larissa. Todos se viraram para mim, assustados com as minhas palavras, mas eu nem liguei, ele iria pagar caro pelo que fez.

As lágrimas começaram a descer pelo meu rosto e a razão se dissipou por

completo do meu corpo. Papai veio rápido até mim, mas antes que ele pudesse me alcançar, dei um tapa com toda a força que havia em mim na cara de Ricardo, deixando alguns arranhões vermelhos causados por minhas unhas.

— Eu sei muito bem que foi você que fez isso, seu monstro! — acusei entre lágrimas.

Ricardo se recompôs do tapa, seus olhos me encararam completamente vermelhos como brasa, puro ódio. Papai me segurou pelo ombro, me fazendo dar um passo para trás.

— Eliza, para com isso. Ele não fez nada! — a mãe de Larissa se intrometeu assustada, defendendo o crápula.

— Você não sabe o que está falando, Eliza — disse Ricardo, com os dentes trincados.

— Filha, calma. Tudo isso te deixou muito nervosa! — falou meu pai.

A partir daquele momento, eu não consegui esboçar mais nenhum som, toda aquela falsidade exalando dele me deixou enojada. Minha vontade era denunciá-lo à polícia, mas eu não tinha provas concretas e, sem Larissa para acusá-lo, seria apenas a minha palavra contra a dele.

Afastei-me de todos e me sentei em uma das cadeiras no corredor. Papai me acompanhou e se juntou a mim, acalentando-me sempre.

Em alguns minutos, fomos informados que Larissa estava bem, mas que iria passar a noite sedada. Isso me deixou bem mais aliviada, porém o meu desejo de fazer justiça só aumentava, principalmente quando Ricardo me olhava vez ou outra com aquele olhar cínico, dando-me total certeza de que foi ele o culpado.

Chegamos em casa bem tarde da noite, mamãe nos aguardava na sala e, assim que entramos, ela se dirigiu até nós.

— E então, como ela está? — perguntou agitada.

— Ela passa bem — respondeu papai. — Passará a noite sedada e amanhã saberemos direito como as coisas irão se resolver — completou.

Deixei os dois conversando e fui para o meu quarto. Tomei um banho rápido para aliviar um pouco do medo que se formara em mim e me joguei na cama. Peguei meu celular debaixo do travesseiro e disquei o número de Sebastian. Se tinha alguém no mundo que poderia me ajudar, esse alguém era ele, e mesmo Ricardo sendo seu primo, eu tinha certeza que não encobriria uma

coisa desse patamar.



Sebastian

Meus dias estavam sendo um verdadeiro inferno longe dela. Eu queria ser forte e não me importar tanto, mas a saudade estava me consumindo completamente.

O engraçado é que mesmo com tantas mulheres maduras e lindas no mundo, eu tinha que cair de amores logo por uma adolescente imatura que só queria brincar de papai e mamãe durante a madrugada. Às vezes o destino nos pregava peças incompreensíveis e só nos restava seguir em frente, mesmo com a cara quebrada, aos trancos e barrancos, tentando enganar a si mesmo e o maldito coração.

Desde a última vez que nos vimos, estava lutando com todas as minhas forças para não entregar as cartas e ir atrás dela igual um cachorro sem dono, humilhando-me por um beijo ou implorando por mais uma noite.

Durante esses dias, ela me ligou uma ou duas vezes, mas eu procurei o máximo possível ficar longe do celular para não cair em tentação. Precisava manter a sanidade e pensar mais com a cabeça de cima e, por mais que me doesse não a ter em meus braços, Eliza precisava entender que eu não era mais um garoto, não estava aqui para brincadeiras. Era necessário que ela se resolvesse de uma vez por todas, antes que o estrago se tornasse maior e um de nós dois saísse extremamente magoado daquela história.

Estava acordado no meio da madrugada, pensando nela completamente nua nos meus braços. Inferno!

Virei-me de um lado para outro, tentando afastar esses pensamentos da cabeça e tentar pegar no sono, mas era inútil. Essa mulher parecia estar fundida em mim vinte e quatro horas por dia.

Depois de vários minutos frustrados, levantei-me e fui até cozinha tomar água. Dirigi-me para a sala e me sentei no sofá, fiquei ali sem fazer nada, fitando os móveis à minha frente, quando de repente ouvi meu celular tocar.

Peguei o aparelho e senti um arrepio se apossar do meu corpo quando vi o

nome dela no visor. Meu coração e meu membro diziam “sim, atenda!” Mas meu cérebro dizia “não, para de ser babaca!” Com um sacrifício imenso, finalmente consegui rejeitar a chamada.

Fechei os olhos e respirei fundo. Precisava manter a calma para não fazer nenhuma besteira. Passou-se mais ou menos um minuto e ouvi um bip de mensagem. Abri os olhos devagar e deslizei a tela do celular para ver o conteúdo.

“Sebastian, Larissa está internada no hospital com ferimentos gravíssimos pelo corpo e eu tenho certeza que foi Ricardo quem a empurrou da escada. Por favor, me ajude a fazer justiça. Eu só posso contar com você e estou desesperada. Sei que ele é seu primo e eu entendo se não quiser se envolver, mas eu te imploro, não me deixa sozinha nessa, Sebastian, por favor. Saudades.”

Rapidamente disquei o número dela e retornei à ligação. No primeiro toque, ela atendeu.

— Oi, Sebastian, graças a Deus consegui falar com você! — Meu peito se apertou rapidamente ao constatar que ela chorava inconsolavelmente.

— Eliza, fica tranquila, vamos resolver isso — falei depressa.

— Eu te entendo se não quiser se envolver, e...

— Não, Eliza — interrompi-a. — Eu vou dar o meu melhor para ir até o fundo dessa história.

— Obrigada, eu sabia que você não iria me deixar na mão.

— Eu não conseguiria te dizer não, Eliza — respondi com sinceridade.

— Sebastian? — ela me chamou com a voz um pouco mais calma.

— Sim?

— Eu sinto tanto a sua falta.

Permaneci alguns segundos em silêncio sem conseguir formular uma resposta para ela.

— Você ainda está aí? — questionou.

— Olha, vou pensar em algo e amanhã te ligo — desconversei. — Agora eu preciso desligar. Fique bem, linda. — completei.

Ela soltou um longo suspiro frustrado antes de me responder.

— Tudo bem, até amanhã. Beijos.

Encerrei a chamada e recostei na parede, desnortado. Essa com certeza seria uma daquelas noites bem longas. A parte boa era que eu já sabia parcialmente o que iria fazer, o problema é que eu não tinha a mínima ideia de como iria informar tio Vicente sobre o que o filho dele havia feito, caso fosse comprovado.



Capítulo 15

Tarde da noite assistindo TV

Costumava ser você aqui ao meu lado

Costumavam ser seus braços em volta de mim.

Coldplay

Sebastian

Passei o restante da madrugada em claro, analisando algumas possibilidades em que eu poderia me assegurar, juntamente com seus prós e contras.

Assim que o primeiro raio de sol surgiu no horizonte, peguei o celular e fiz algumas ligações extremamente importantes. O bom de ser um ex-fuzileiro, é que eu ainda tinha os meus contatos dentro da marinha e até mesmo dentro da polícia civil e militar, o que iria ser crucial na resolução do problema chamado Ricardo.

Liguei pra Eliza, como eu havia prometido anteriormente, para informá-la dos meus próximos passos com relação ao que ela havia me pedido. Claro que

não entrei em detalhes sobre o que seria feito, revelei apenas o suficiente para que se acalmasse um pouco, pois poderia ser perigoso para ela se envolver diretamente, e essa era a última coisa no mundo que eu permitiria que acontecesse.

Passei o dia resolvendo essas questões, sem pausa nem descanso. No início da noite, Eliza me informou que Larissa já havia acordado, mas que não queria falar sobre o assunto e insistia em dizer que Ricardo não tinha nada a ver com o tal acidente.

Por muitas vezes, pensei sobre ele realmente ser inocente, mas Eliza garantia que não, o que me deixou sem opções. A única saída era ir atrás da verdade, de uma forma ou de outra.

Por volta das nove da noite, fui notificado por um dos oficiais que ficou responsável em inspecionar os passos de Ricardo, que ele acabara de sair do hospital, onde passou o dia, e que se dirigia para o seu apartamento. Era hora de pôr o meu plano em ação.

Fiz mais algumas ligações e segui para o apartamento dele no meu carro. Eu não sabia exatamente com o que iria lidar, não sabia se ele estava armado ou se estaria sozinho, mas com certeza eu iria até o fim a qualquer custo.

Estacionei o carro em frente ao prédio em que ele morava. Observei em todos os lados e fiquei aliviado ao ver que tudo estava saindo como eu havia planejado. Desliguei o motor do veículo e segurei o volante com força, tentando dissolver o mal-estar que começou se apossar de mim.

— Me perdoe, Tio Vicente, pelo que irei fazer, mas é necessário! — sussurrei para mim mesmo.

Depois de alguns segundos, me retirei do carro e segui para o prédio. Como o porteiro já me conhecia, não tive nenhum problema em subir sem ser anunciado, o que foi ótimo, já que não seria necessário optar por meios mais drásticos.

Ricardo abriu a porta com um semblante surpreso, ou talvez fosse assim que ele quisesse fazer transparecer.

Franzi o cenho assim que o vi e seus olhos negros me fitaram. Aquele olhar sobressaltado estava estampado em sua face, mas junto parecia ter uma sombra que eu não sabia definir direito. Era estranho, pois eu não conseguia ler os sinais da sua alma. Ele transmitia um ar frio e calculista, seus olhos eram opacos, sem vida como se não tivessem sentimentos algum.

— Sebastian? Mas que surpresa, irmão — cumprimentou, estampando um sorriso na cara.

Não sou a favor de nenhuma espécie de violência, nem física, nem psicológica, mas vendo aquele ser traiçoeiro ali na minha frente, percebi que eu não tinha outra alternativa: teria que fazê-lo falar da forma mais difícil, na porrada mesmo.

Sem ao menos respondê-lo, dei-lhe um soco na boca, partindo logo para os finalmentes, fazendo-o cambalear, quase caindo no chão. Ricardo se segurou na parede para recuperar o equilíbrio e eu permaneci ali, parado na porta, esperando para ver qual seria a reação dele.

— Qual é, irmão? Ficou maluco? — questionou enquanto limpava uma fresta de sangue que escorria pelo canto da sua boca.

— Quero que me diga por que empurrou Larissa da escada! — exige, ríspido.

Ele me fuzilou duramente e passou a mão pelos cabelos pretos para ajustar os fios que se desalinharam.

— Eu não sei do que você está falando, Sebastian!

— Ah não? Então ela caiu da escada sozinha? Seja homem, Ricardo, e confessa logo que foi você! — gritei completamente exasperado.

O cínico começou a rir altamente com sarcasmo, despertando uma imensa ira em mim.

— Qual é, Sebastian, você já foi mais sensato, sabia? Aposto que foi a vadia da sua namoradinha que encheu sua cabeça com mentiras.

Acertei-o com outro soco, ainda com mais força. Dessa vez ele não teve a parede para ampará-lo e trombou bruscamente contra o chão. Aproximei-me dele e o segurei pelos cabelos, fazendo-o se levantar e o joguei severamente contra a parede. Sua bochecha estava completamente vermelha pelo soco, começando a inchar.

— Nunca mais fale isso dela, está me ouvindo? — grunhi, apontando o dedo para ele.

Ricardo fechou a cara, encarando-me sério, e em seguida fez sinal de paz, levantando as duas mãos.

— Ok, Sebastian, vamos conversar então, irmão.

Dei alguns passos para trás, afastando-me dele. Baixei a guarda um pouco, e essa foi a minha ruína. Fui fortemente atingido por um soco no queixo, minha cabeça zuniu e eu senti o gosto de sangue se apossar da minha boca. Antes que eu pudesse me recompor, Ricardo me acertou com um golpe certo na barriga e outro na perna esquerda, o que me desestabilizou por alguns segundos.

— Você se acha rei, não é, irmão? Só porque foi um soldado de merda? — proferiu sarcástico.

Levantei-me rapidamente, desviando de outro golpe que ele tentou me deferir. Fuzilei-o, completamente possesso, e, quando ele avançou novamente, consegui segurá-lo e imobilizar o seu braço. Atingi-o em golpes certos com o cotovelo, o que o fez cambalear mais uma vez, caindo no chão, completamente tonto.

— Fala canalha, vai ter coragem de negar que foi você? — gritei.

Ele se voltou para mim, os olhos completamente vermelhos de raiva, a respiração ofegante e a blusa branca com manchas de sangue que escorria da sua boca.

— Você quer saber mesmo, Sebastian? Foi eu sim. Foi eu quem empurrou aquela sonsa da escada, e não me arrependo! — confessou enquanto se firmava na mesa para se levantar.

— Por que você fez isso? — perguntei, pasmo.

— Como por quê? Porque me cansei dela, simples assim — respondeu abrindo um sorriso sarcástico.

Eu mal podia acreditar que estava realmente ouvindo aquilo. E, o pior de tudo, ele falava na maior calma, como se fosse algo normal.

— Você vai pagar caro por isso, Ricardo!

— Sebastian, Sebastian. Meu querido primo, eu não tenho medo de você!

— Pois deveria.

Ricardo passou a andar calmamente pela sala, pegou um copo e uma garrafa de uísque que estavam sobre a mesinha de centro e se serviu. Eu continuei parado, digerindo tudo aquilo, completamente desacreditado que alguém da minha própria família fosse capaz de algo tão bárbaro. De repente, ele sacou uma arma que estava escondida em uma gaveta na mesa e apontou-a para mim.

Fiquei estático, mas me mantive firme.

— Sabe, as confissões não terminam por aí priminho — falou e sorriu.

Olhei-o, completamente alheio àquele comentário, e questionei:

— O que você quer dizer com isso, Ricardo?

— Vou te contar uma breve historinha, acho que você vai gostar. Mas primeiro, quero te ressaltar uma coisa irmão. Juro que desde que retornei para Itaú, venho tentando ser seu amigo, sabe, mas você não colabora, cara. Sempre na defensiva, e agora depois que começou a traçar aquela vad...

— Olha como fala, seu babaca! — interrompi bruscamente.

— Ok, ok. Mas eu não tiro sua razão, ela é gostosa pra caralho. Enfim, vamos logo ao ponto.

— Anda, Ricardo, desembucha antes que eu termine de quebrar essa tua cara.

Ele gargalhou alto e ingeriu um gole da bebida.

— Não se esqueça que sou eu que estou portando uma arma, posso atirar em você a hora que quiser.

— Então atire — provoquei.

— Ainda não. — Sorriu. — Primeiro vou te contar a historinha. Você se lembra, a alguns anos atrás, dezoito anos mais precisamente, quando seus queridos pais morreram?

— O que meus pais têm a ver com essa história? — perguntei, surpreso com a colocação dele.

— Você é um idiota mesmo, Sebastian. Acha mesmo que foi um simples acidente, priminho?

Meu sangue ferveu quando ele encerrou a frase, uma forte onda de desespero se apoderou do meu peito e, em um movimento rápido, eu o segurei pelo colarinho e bati o braço no seu pulso, fazendo a arma cair no chão. Com a outra mão, peguei o copo que ele segurava e o arremessei na parede.

— Onde você está querendo chegar, Ricardo? Fala! — exigi, exasperado. Meu corpo tremia e eu já não conseguia mais me controlar.

Ele começou a lutar para soltar-se e acabou acertando-me com outro soco.

Cambaleei para trás.

Ricardo conseguiu recuperar a arma e voltou a apontá-la para mim.

— Isso mesmo, irmão. Eu planejei tudo, eu paguei o motorista do caminhão. Eu matei os seus pais. — Ele sorriu abertamente.

Senti o meu corpo fraquejar, eu não podia acreditar, não. Ele matou os meus pais, meu Deus! Uma lágrima caiu e o mundo girou a minha volta, eu estava ficando sufocado, era forte demais para suportar.

— Você vai pagar por tudo isso, Ricardo. Vou me certificar que você apodreça na cadeia, seu assassino.

— Relaxa, irmão, cadáver não fala. Além disso, vou te fazer um favor. Agora mesmo vou te mandar para o inferno — falou destravando a arma, mirando no meu peito.

— Você tem certeza disso, priminho? — Olhei-o com os olhos marejados e retirei um micro gravador com chip e escuta ao vivo que estava fixado por dentro da minha jaqueta, em um local estratégico.

Ricardo me olhou surpreso e seu sorriso debochado morreu instantaneamente. No mesmo momento o delegado da cidade e mais alguns policiais invadiram a sala, pegando-o de surpresa e o algemaram, dando voz de prisão.

— Isso não vai ficar assim, Sebastian. Eu vou sair da cadeia e você vai me pagar! — Foi as últimas palavras que ouvi dele antes de ser arrastado pra viatura.

Eliza entrou logo em seguida, ela havia ficado na viatura ouvindo toda a minha conversa com Ricardo. Essa foi a única alternativa que encontrei, já que ela queria entrar no apartamento comigo de qualquer jeito.

Seus olhos estavam úmidos, provavelmente estava chorando também. Ela correu até mim e me abraçou forte, como se soubesse que era ela a única pessoa no universo capaz de me devolver a paz. Retribui seu abraço e deixei as lágrimas transbordarem pelos meus olhos, seu abraço era o único lugar do mundo em que eu queria permanecer para sempre.

— Sebastian, eu sinto muito.

Apenas a abracei mais forte, não consegui responder nada. Minha voz não saía, meu peito estava destroçado. Aquele foi um baque muito forte, parecia que quanto mais eu tentava fugir do meu passado, mais ele me perseguia, trazendo à tona tudo que eu tentei durante anos esquecer.

Depois de me acalmar um pouco, afastei-me de Eliza. Meu sangue congelou completamente ao vê-la, tão linda e angelical, seus olhos cor de ébano brilhando por causa das lágrimas que escorriam em seu rosto. Queria beijá-la ali, tê-la em meus braços, mas não seria justo. Eu estava um verdadeiro trapo e não deveria me apossar de um momento de fraqueza para poder fazê-la minha, teríamos que conversar primeiro, em um outro momento.

— Vamos, Eliza, vou te levar em casa — balbuciei.

Seus olhos me fitaram, tristes, e meu peito se apertou ainda mais, mas era necessário, cada coisa em seu devido momento. Segui até a porta e ela me acompanhou.

Chegamos em meu carro e eu destravei a porta. Antes que eu pudesse abri-la, Eliza tocou a minha mão, impedindo-me de prosseguir.

— Sebastian, não. Você está muito nervoso. Melhor chamarmos um táxi, por favor! — suplicou.

Olhei-a por um instante e concordei. Ela tinha razão, eu estava muito nervoso e meu corpo ainda tremia. Chamamos um táxi e entramos no banco de trás. Em minutos, o veículo estacionou em frente à sua casa. Ela me encarou por um momento, sua respiração estava pesada e seu olhar refletia medo ou tristeza, não consegui definir muito bem.

— Boa noite — falou e se retirou do carro.

Quis ir atrás dela, dizer que a amava, que a queria. Mas como eu poderia fazer isso quando a própria Eliza já havia deixado bem claro que não queria nada comigo? Então, sufoquei tudo o que eu sentia por dentro, tudo o que eu queria gritar para o mundo, e apenas a respondi com um simples boa noite.

Ricardo

19 anos antes

O dia estava frio e enevoadado devido uma fraca garoa que caía do céu depois de uma noite inteira de tempestade. Sebastian e seu pai estavam consertando a cerca que havia sido arrancada pela forte enxurrada. A plantação de girassol também havia sido parcialmente atingida, mas nada tão sério a ponto

de precisar de replantio. Sua mãe, dona Marta, estava na cozinha preparando o almoço do dia e colocando em ordem os afazeres da casa.

Na hora do almoço, Sebastian e seu pai retornaram para casa e deram de cara com Ricardo, filho de Vicente, o irmão mais novo do pai de Sebastian. O rapaz acabara de chegar e já se encontrava sentado na cozinha atacando um prato de comida.

— Bom dia, Ricardo — cumprimentou Luís assim que entrou na cozinha.

— Bom dia, tio — Ricardo respondeu e voltou a pôr outra garfada de comida na boca.

Marta olhou para Luís de soslaio, intrigada com a falta de educação do rapaz que nem ao menos esperou o tio e o primo para almoçarem juntos. Sebastian passou pelo primo e o cumprimentou, em seguida foi até a sua mãe e deu-lhe um beijo na testa. Desde muito pequeno, sempre fora um garoto responsável, era o orgulho dos seus pais que sempre fizeram questão de deixar claro o quanto o amavam.

Ao contrário de Sebastian, Ricardo sempre teve uma natureza mais arredia e grosseira, o que já lhe acarretou vários dias de castigo. O garoto passava todo seu tempo vagabundando por aí, não trabalhava nem estudava direito, ouviam-se até rumores que o mesmo estava envolvido com más companhias, um grupinho de maloqueiros na cidade que andavam assaltando os comércios locais.

A família se reuniu em volta da mesa e fez a refeição em silêncio. Quando terminaram, dona Marta retirou os pratos e os levou para a pia. Luís se dirigiu para o quarto para poder descansar um pouco, enquanto Sebastian permaneceu na mesa para fazer companhia ao primo com quem, apesar de não fazer parte da sua rodinha de amigos, tentava manter um bom relacionamento.

Uma hora mais tarde, Sebastian voltou ao trabalho com o pai e sua mãe sentou-se na varanda, fazendo crochê. Ricardo dirigiu-se para a sala, pôs os pés sujos sobre o sofá e ligou a TV. Depois de alguns minutos, se despediu de dona Marta e foi embora.

No final da tarde, Luís e Sebastian retornaram para casa completamente exaustos do trabalho, banharam-se e se dirigiram para a varanda, onde começaram uma conversa agradável enquanto o jantar não ficava pronto.

Na hora de dormir, enquanto Marta o aguardava na cama, Luís foi até uma das gavetas do guarda-roupa para verificar um dinheiro que havia guardado ali uma semana atrás, que seria utilizado para pagar a parcela de um empréstimo no

banco.

O homem sentiu o sangue congelar em suas veias quando não encontrou o que procurava no esconderijo. Virou-se para a esposa e perguntou:

— Marta, você viu o dinheiro que eu havia deixado aqui?

Sua esposa levantou-se da cama, surpresa, e se aproximou dele.

— Não, Luís. Esse dinheiro tem que estar aí, homem. Ainda hoje pela manhã o vi exatamente no mesmo lugar — respondeu.

— Sebastian, filho... Venha aqui — Luís chamou o filho que estava dormindo no quarto ao lado.

Alguns instantes depois, Sebastian apareceu no quarto coçando os olhos, sonolento.

— Oi pai, chamou?

— Sim, meu filho. Você viu um dinheiro que eu havia deixado aqui na gaveta? — Apontou para o local.

— Não, pai, não tenho a menor ideia.

Luís estava completamente aflito com aquele acontecimento, mas uma desconfiança surgia em seu interior.

— Eu vou até a casa do meu irmão — expressou-se, contrariado. — Acho que já sei que fim levou esse dinheiro.

— Eu vou com o senhor — disse Sebastian e os dois saíram em direção à casa de Vicente.

Ao chegar à casa do irmão, Luís perguntou por Ricardo, e descobriu que o rapaz havia ido para a cama logo cedo. Aproveitou a oportunidade e falou sobre as suas desconfianças a Vicente, que ficou completamente cabisbaixo com a notícia, mas não discutiu, pois sabia bem do caráter do seu filho.

Vicente era um homem sensato e de bom coração, jamais permitiria que o filho fizesse algo errado e saísse ileso, principalmente se tratando de pessoas da família. Por isso, enquanto Ricardo dormia, entrou no quarto devagar para não fazer barulho e revirou algumas das suas coisas. O que ele encontrou não só o destruiu por dentro como também o desestabilizou.

Além do dinheiro, Vicente encontrou algumas cápsulas de cocaína dentro de uma bolsa que estava encostada no chão, e foi então que sua ficha caiu e ele passou a entender melhor o comportamento estranho e agressivo, muito além do

normal, que o rapaz vinha tendo nos últimos meses. Suas mãos tremeram e ele deixou a bolsa cair, fazendo um barulho estridente.

O jovem assustou-se com o som e despertou do sono, mas quando percebeu a presença no quarto, levantou-se em um sobressalto. Seus olhos se fixaram nas mãos do seu pai segurando o dinheiro e as cápsulas, mas não sentiu nenhum remorso ao ver a decepção em seus olhos.

— Me dê isso aqui! — bradou, indo até o pai.

Vicente não se assustou com as palavras do filho, na verdade já esperava por aquilo.

— Abaixе seu tom para falar comigo, rapaz. Você me deve respeito — exigiu Vicente.

Ao ouvir os gritos, todos que estavam na sala se dirigiram às pressas para o quarto, inclusive a mãe de Ricardo que, ao ver o dinheiro nas mãos do marido, sentiu um forte aperto no peito e quase perdeu a consciência.

Vicente sentiu o corpo tremer de raiva e decepção e, sem pensar duas vezes, esbofeteou a cara do filho para que ele aprendesse a nunca mais tocar em algo que não o pertencesse. Porém, o rapaz o encarou com ódio e indignação. Seus olhos seguiram para a porta onde estava Luís e Sebastian e seu sangue ferveu.

A partir daquele dia, começaram as brigas e os desentendimentos. Por mais que a família de Sebastian tentasse ajudá-lo, ou por mais que tentassem esquecer os últimos acontecimentos, Ricardo não aceitava e se negava a ouvir alguém. Estava revelando, para o mundo e para a si mesmo, o verdadeiro reflexo do seu próprio subconsciente, onde só reinava o rancor e a inveja.

A cada dia que se passava, mais ele se entregava às drogas e mais o seu ódio crescia, em um *mix* de cólera e amargura Ricardo elaborou um plano sórdido para acabar com a "linda e feliz" família de Sebastian. Um acidente, ninguém jamais suspeitaria dele.

Depois de contratar um vagabundo qualquer e passar-lhe o plano, Ricardo foi embora para longe, certo que seu plano sairia conforme o planejado. Ele só não imaginou que seu primo Sebastian sairia ileso desse atentado, e, pior, que iria embora alguns dias depois do ocorrido.



Capítulo 16

Roube o meu coração e prenda minha língua

Eu sinto que a minha hora chegou

Deixe-me entrar...

Destranque a porta

Eu nunca me senti assim antes

Segure a minha cabeça entre as suas mãos

Eu preciso de alguém que entenda

Eu preciso de alguém que me ouça

Foi por você que esperei todos esses anos

Coldplay

Eliza

Cheguei em casa estarecida com as últimas descobertas, sentindo um forte aperto no peito por Sebastian. Minha cabeça doía um pouco e meu corpo estava

cansado. Já era tarde, mas meus pais ainda estavam acordados me esperando. Assim que pisei o pé na sala, eles vieram até mim preocupados.

— Filha, onde você estava? — perguntou minha mãe. — Você saiu tão apressada, sem nos explicar nada e não atendeu as minhas ligações! — continuou sem me dar a chance de responder.

— Ficamos imensamente preocupados — meu pai concluiu.

Fitei o chão, triste e respondi:

— Estava com a polícia, o Ricardo foi preso!

— Ficamos sabendo há alguns minutos, estamos todos chocados com a notícia — disse meu pai. — Mas saiba que foi muito perigoso ir até lá, mocinha.

Ah papai, se o senhor ao menos imaginasse tudo o que aconteceu, pensei

— Eu sei pai, mas eu precisava presenciar isso.

— O pai de Larissa nos informou que foi um parente do próprio Ricardo que fez a gravação, um tal de Sebastian. Você por acaso o conhece? — questionou.

Meu corpo tremeu e minha voz falhou.

— Sim... sim. Eu o conheço apenas de vista — gaguejei.

— Eu imagino que ele seja um bom rapaz, foi uma bonita atitude vinda da parte dele — disse minha mãe.

— Co-com certeza, mãe, foi uma bonita atitude — concordei. — Se me derem licença, vou subir e me deitar, minha cabeça dói.

— Durma bem, querida — proferiu minha mãe.

Papai me deu um beijo na testa e fui para o quarto.

Ingeri um analgésico e tomei um banho rápido, depois me vesti com um baby-doll confortável e me joguei debaixo dos lençóis. Em poucos minutos, adormeci.



Passaram-se dois dias, Larissa já havia saído do hospital e estava de repouso em casa. No colégio, as coisas andavam a todo vapor com os preparativos para a formatura e, claro, as provas finais.

Os convites exclusivos para a festa e cerimônia haviam ficado prontos e a primeira coisa que fiz foi colocar o de Sebastian dentro da bolsa, para entregá-lo o quanto antes.

Havia dois dias que não nos falávamos, dois longos dias. Eu sabia o quanto ele precisava ficar sozinho, então procurei ao máximo respeitar a sua dor, mas hoje eu daria um jeito de dar um fim a essa distância entre nós. Estava disposta a reconquistá-lo e aceitar seu pedido de namoro, só não sabia ainda como iria dar a notícia para os meus pais, principalmente depois de tantas mentiras. Com certeza iriam ficar bastante chateados, e com razão. Eu realmente não sabia o que fazer.

O sinal tocou, dando fim à última aula do dia e me despertando dos meus pensamentos. Levantei-me e peguei a minha bolsa apressadamente, com sorte encontraria Sebastian em casa.

Peguei um táxi, instruí o motorista sobre o meu destino e rapidamente cheguei em frente a casa onde ele morava. Paguei o taxista e saí do carro, batendo a porta.

Espiei pelas frestas do portão, cheia de esperanças de que ele estivesse em casa, mas infelizmente ele não estava, já que sua moto não se encontrava estacionada na garagem.

Mesmo assim, resolvi esperá-lo, então segui para a esquina da rua, para não ser vista caso ele chegasse em casa. Um flagra agora poderia colocar meu plano por água abaixo.

Pode ser que eu estivesse tomando mais uma atitude insensata, quando na verdade tudo que eu deveria fazer era ligar para ele para conversarmos como dois adultos. O problema é que eu não sabia como direcionar as coisas dessa forma, maturidade ainda era uma palavra distante no meu dicionário. Então eu faria as coisas do meu jeito, mesmo torto, mesmo errado, mesmo inconsequente, mas eu iria reconquistá-lo.

Passou cerca de meia hora e eu estava ali plantada debaixo de um dos pés de ipês. Por sorte, nessa época do ano as árvores retomavam suas folhagens, do contrário eu já estaria completamente torrada pelo sol.

Espiei mais uma vez em direção a casa dele e meu coração se alegrou ao vê-lo chegar em sua moto. Meu corpo logo deu sinal de vida quando meus olhos pousaram em seu corpo forte e viril; mesmo de longe era possível ver o quanto ele estava magnífico, trajando calça e jaqueta de couro na cor preta, juntamente

com as luvas, botas e o capacete na mesma cor.

Sebastian abriu o portão e entrou, fechando-o em seguida. Esperei alguns minutos e então me dirigi até lá. Bufei desapontada quando vi que o portão estava trancado. E agora, como eu iria surpreendê-lo? Olhei por todos os lados e haviam algumas pessoas andando na rua, analisei o muro e o portão por um instante. Era muito alto, porém eu não encontrei uma outra solução plausível.

Respirei fundo, esfreguei uma mão na outra me aquecendo e decidi pular. Se Sebastian conseguiu pular o muro da minha casa, que era muito mais alto, eu também conseguiria pular esse.

Prendi a bolsa nas costas e comecei a escalar o portão, firmando meus pés e mãos entre as grades. Com muito esforço consegui chegar até o topo e aproveitei para jogar minha bolsa no chão torcendo para não ter quebrado o celular.

Comecei a descer devagar, pé ante pé, morrendo de medo de cair. Finalmente cheguei à última grade, mas tive o desprazer de escorregar e cair com a bunda no chão. Quase soltei um grito de dor, mas me segurei ao máximo. Com certeza iria ficar com um hematoma daqueles no bumbum.

Levantei-me com pesar, peguei minha bolsa e saí mancando em direção à porta, torcendo para que estivesse aberta, pois estava totalmente fora de cogitação escalar o telhado também. Por sorte, ele havia deixado a porta aberta e eu vibrei. Entrei e fechei-a atrás de mim devagar, enquanto inspecionava em todos os lugares à procura dele.

Fui até a cozinha, mas ele não estava. De lá, segui para o corredor, rumo ao quarto e, ao chegar próximo à porta, ouvi o barulho do chuveiro ligado. Senti meu sangue fervilhando em minhas veias ao me lembrar daquele flagra meses atrás, lembranças invadiram a minha mente, dando-me ainda mais munição para ir em frente com o meu plano.

Entreí devagar, depusitei a bolsa em cima do criado-mudo e comecei a me despir rapidamente. Essa era a minha oportunidade perfeita. Coloquei minhas roupas sobre a cama e soltei meus cabelos, depois me dirigi até o minúsculo corredor que dava acesso ao banheiro.

A porta se encontrava totalmente escancarada, dando-me uma visão periférica assim que me aproximei. Entreí devagar para não fazer barulho e me encostei na pia que ficava de frente para o box.

Sebastian estava virado de frente para onde eu estava, com os olhos

fechados. Suas mãos tocavam o membro completamente ereto enquanto a água escorria pelos seus cabelos e ia descendo, banhando todo o seu corpo forte.

Mordi o lábio com aquela cena deliciosa, e senti meu corpo se tensionar com uma tremenda excitação, enquanto um calafrio percorria por toda extensão do meu organismo, pairando diretamente no meu ventre.

Como se sentisse a minha presença ali, lentamente ele abriu as pálpebras e seus olhos azuis cinzentos me fitaram profundamente, inspecionando cada detalhe do meu corpo nu.



Sebastian

Cheguei em casa louco por um banho depois de uma manhã inteira de trabalho árduo. Despi-me rapidamente e entrei debaixo do chuveiro. A água escorria pelo meu corpo, levando embora o meu cansaço e trazendo à tona a falta dela.

Fechei os olhos por um momento e toquei o meu membro completamente ereto. Era assim agora, eu não podia me lembrar dela que já ficava excitado.

Ah Eliza, se você soubesse tudo o que eu queria fazer com você agora.

De repente, senti um cheiro característico e maravilhoso invadir o ambiente. Cheguei a pensar que estava ficando louco, sentindo o perfume dela por aí. Abri os olhos lentamente e meu coração teve um sobressalto ao vê-la ali na minha frente.

Então isso era real? Não estava ficando louco? Ou seria um delírio?

Eliza estava completamente nua, encostada na pia. Seus cabelos compridos, batendo até a cintura, cobriam parcialmente um dos seios, deixando-a perdidamente sexy. Antevi-me mordendo cada pedacinho do seu corpo, sua pele cor de bronze era como uma miragem para mim, simplesmente esplêndida. Deus, tenha piedade!

— Eliza? — chamei, ainda atônito.

— Sebastian — respondeu com uma voz manhosa.

Ela mordeu o lábio inferior e se aproximou, tão devassa, eu não conseguia

parar de olhá-la. Abri o box para que ela entrasse e suas mãos pousaram diretamente no meu pescoço.

Olhei-a por um momento, sem conseguir acreditar que ela estava ali, todinha para mim. Adeus sanidade, adeus autocontrole. Joguei tudo para o alto e a beijei com desejo, libertando toda a saudade acumulada. Passei minhas mãos pelas suas costas, pairando em seu bumbum durinho. Eliza soltou um gemidinho quando apertei e suas mãos desceram pelo meu abdômen, indo direto para a minha excitação.

Estremeci completamente quando suas mãos me tocaram, fazendo movimentos contínuos, deixando-me extasiado.

Suspirei profundamente à procura de ar, completamente seduzido, louco de desejo e paixão, morrendo de vontade de me enterrar nela. Meus dedos tocaram sua intimidade suavemente, levando-me a loucura ao sentir seu sexo quente completamente lubrificado.

Encostei-a no azulejo e seu corpo se arrepiou ao se chocar com a parede fria. Afastei suas pernas devagar, forçando-a a se abrir um pouco mais e ela obedeceu ao meu comando, dando-me total acesso. Abaixei-me um pouco para ficar proporcional à sua altura e esfreguei seu clitóris com a minha ereção pulsante, fazendo-a gemer nos meus braços.

Sem pensar muito, a ergui do chão, firmando-a contra a parede e mantendo suas pernas em volta da minha cintura. Eliza se segurou em meus ombros e fechou os olhos. Introduzi-me nela lentamente, aproveitando cada segundo de prazer. Eliza começou a gemer alto e eu fiquei louco. Dei algumas estocadas fundas e saí, antes que eu gozasse dentro dela novamente.

— Que vontade de você, Eliza — falei ofegante, dando beijos em seu pescoço.

— Eu também, Sebastian. Quero você dentro de mim de novo — implorou com a voz falha e rouca.

Ela continuou com as pernas cruzadas em minha cintura e eu a segurei mais firmemente. Levei-a para o quarto e a coloquei sobre a cama, deixando-a totalmente aberta para mim. Coloquei suas pernas em meus ombros e voltei a esfregar meu membro em sua entrada. Ela estava tão quente, tão molhada, tão atrativa que mais uma vez não resisti e me enfiei nela com tudo, fazendo-a gritar de prazer e se contorcer sobre os lençóis.

Meu coração estava acelerado, pelo êxtase e por vê-la ali, como uma

deusa, totalmente entregue a mim. Era a visão mais bonita que já havia tido o prazer de presenciar em toda a minha vida.

Voltei a beijar seus lábios carnudos, depois desci para um dos seios, lambendo e chupando-o, e não demorou muito para sentir seu corpo explodir em um gozo intenso, chamando o meu nome.

Continuei com as investidas, ora suaves, ora mais profundas, e em pouco tempo meu corpo deu os primeiros sinais de explosão. Saí dela rapidamente, despejando todo o meu líquido ejaculatório em sua barriga.

Ela me fitou com aqueles olhinhos dengosos e sorriu, arrancando-me um sorriso brando também. Demorei alguns segundos para recuperar o fôlego e me deitei ao seu lado.

— Agora me explica direitinho como você conseguiu entrar aqui! — ordenei, sorridente.

— Eu pulei o portão, oras — respondeu pacífica.

— Danada. Você poderia ter se machucado — repreendi.

Ela ergueu uma das sobrancelhas e me fitou.

— Você não vai me dar lição de moral agora, vai?

Sorri com o atrevimento dela e neguei, voltando a encará-la seriamente.

— Eliza, você sabe que precisamos conversar, não é?

— Uhum.

— Então vamos voltar para o banheiro para nos limparmos e depois iremos conversar seriamente, ok?

— Ok.

Tomamos um banho rapidinho e voltamos para o quarto. Coloquei uma cueca boxer e Eliza se vestiu apenas com suas peças íntimas, o que não ajudou em nada pois eu não conseguia parar de admirar seu corpo perfeito.

— Eliza... — Comecei a falar, mas ela me interrompeu.

— Não, Sebastian, me deixa falar primeiro por favor — pediu.

— Tudo bem, linda, pode falar.

Ela se sentou na cama de frente para mim, olhando em meus olhos.

— Eu sei que fui uma boba, Sebastian, você não merecia. Mas peço que

me perdoe. Sei que às vezes sou imatura e explosiva, mas vou procurar mudar isso. Todo esse tempo sem ter você foi uma verdadeira tortura para mim, porém me fez perceber o quanto fui injusta e o quanto estou completamente apaixonada por você.

Sorri com sua declaração inesperada e naquele momento me senti o homem mais feliz do mundo. Beije-a com ternura, completamente maravilhado. Em seguida, sussurrei em seu ouvido:

— Eu pensei que estivesse apaixonado sozinho, Eliza!

— Você está apaixonado por mim?

— Sim, meu amor, ainda tem dúvidas?

— Eu estou tão feliz — disse sorridente.

— Eu também, linda. Mas ainda tem um porém.

— O que, amor?

— Não quero mais continuar com o nosso namoro às escondidas, você me entende?

— Te compreendendo. Também não quero mais isso. Quero esfregar na cara de todas as piranhas de plantão que você tem dona.

Ri altamente com o comentário dela e a abracei.

— Sebastian?

— Oi, amor.

— Vou conversar com meus pais assim que passar a minha formatura, tudo bem? Mas quero que saiba que não sei o que vai acontecer. Minha mãe já deixou bem claro que jamais aceitaria.

Respirei fundo, um pouco contrariado pela demora e pela barreira que teríamos de enfrentar, mas concordei.

— Tudo bem, amor, nem mais um dia ok?

Voltei a beijá-la, deitando-a sobre a cama. Comecei a me esfregar nela enquanto tentava tirar a sua calcinha, já estava completamente duro novamente.

— Amor, espera — ela falou, desviando-se dos meus toques, e me empurrou de cima dela. Gemi, frustrado.

— O que foi, linda?

— Espere um minuto, preciso pegar uma coisa pra você.

Ela levantou e foi até o criado-mudo onde estava a sua bolsa. Colocou a mochila sobre a cama e começou a procurar algo.

— Ai, não estou encontrando — falou contrariada.

De repente ela virou a bolsa sobre a cama, derramando tudo que havia dentro, vasculhou entre os papéis, trabalhos e canetas, até que encontrou o que queria.

— Aqui, Sebastian, seu convite para a minha formatura.

Ela me entregou um envelope preto, envolto por uma fita grossa de cetim na cor dourada. Peguei o convite sorrindo e dei um selinho na sua boca. Eliza voltou a guardar seus pertences dentro da bolsa e meu olhar encontrou um pequeno embrulho familiar junto com as suas coisas. Peguei o minúsculo pacote e abri para confirmar a minha suspeita. Eliza fitou minhas mãos e seus olhos se alarmaram ao ver o conteúdo da embalagem.

— Linda, você se esqueceu de tomar a pílula!

Eliza ficou branca como um papel à medida que minhas palavras chegavam aos seus ouvidos, permanecendo imóvel por alguns segundos. Seus olhos negros se fixaram em mim com pupilas dilatadas, como se quisesse desacreditar em tudo que estava acontecendo, e uma lágrima caiu. Segurei em suas mãos para acalmá-la; estavam frias e tremiam um pouco.

— O que eu fiz? — murmurou e um soluço escapou dela.

Soltei um longo suspiro, preocupado. Não negaria que até eu fiquei um pouco tenso com o fato de ela ter esquecido de tomar a pílula, pois agora o risco de termos um filho havia crescido drasticamente e eu, como qualquer outro ser humano, fui tomado pelo impacto dessa possibilidade.

— Linda, calma! Está tudo bem — disse e a trouxe mais para perto de mim. Não queria que percebesse que eu também havia ficado em choque.

Ela aninhou-se no meu peito, e eu afaguei-lhe os cabelos, inspirando o aroma suave que emergia das suas madeixas.

— Sebastian, por favor, me perdoe. Foram tantos acontecimentos... Larissa... Eu... eu acabei esquecendo. — Tentou explicar.

— *Shh*. Não precisa dizer nada, eu sei — respondi e acariciei sua face.

Ela se afastou de mim, secando os olhos com as mãos.

— O que vai ser agora? — perguntou tristemente, fitando-me com aqueles olhinhos de culpa, que me apertou o peito. — Estou com muito medo.

Ela parecia tão frágil e inocente que até me senti um crápula por talvez tê-la engravidado.

— Eu estou com você, Eliza, para o que der e vier.

— Meus pais vão me matar Sebastian, eu não sei o que fazer! — disse e desviou o olhar.

— Não, minha linda. Olha pra mim. — Segurei o seu queixo para que me encarasse. — Não vou deixar ninguém tocar em você, entendeu?

Ela se levantou da cama e seguiu até a janela do quarto, envolvendo o corpo com os próprios braços. Estava lutando para não chorar ainda mais. Levantei-me também e fui até ela, abraçando-a.

— Não chora, Eliza. Eu estou aqui.

— Sebastian, olhe pra mim — falou, virando-se. — Sou totalmente dependente deles, não posso ter um filho agora!

— Ei, eu sei disso. Se você estiver grávida, virá morar comigo. Eu não sou rico, você sabe, mas darei o melhor de mim para cuidar de você e do nosso filho.

— Mas não é só isso! — exaltou-se. — Onde ficam os meus sonhos, minha faculdade, minha vida?

— Eliza, eu te amo. Sou capaz de mover céu e terra para realizar os seus sonhos. Você confia em mim?

Ela hesitou um pouco, como se estivesse digerindo tudo o que eu havia acabado de dizer.

— Sim. Eu confio em você — respondeu um pouco mais calma.

— Promete que não vai surtar de novo? — brinquei esboçando um sorriso.

— Bobo. — Ela sorriu. — Eu prometo!

— Agora venha cá, vamos terminar o que começamos. — Segurei em sua cintura e coleí seu corpo no meu.

— Sebastian, para. Nem resolvemos um problema e você já quer outro? — protestou, tentando se desvencilhar de mim.

— Vamos aproveitar amor, agora podemos fazer sem camisinha. — Dei uma piscadela.

Ela arqueou uma sobrancelha e passou a mão pelos cabelos, jogando-os de lado e pondo a mão na cintura. Tão linda!

— Lógico que não, ainda não sabemos se estou grávida.

— Para mim, você está — falei e me enrosquei nela, fazendo-a sentir todo o desejo que despertava em mim.

Eliza estremeceu com os meus toques, gemendo. Mas, como se acordasse de um transe, desprendeuse de mim novamente.

— Fala sério, você não está preocupado?

Grunhi frustrado, querendo-a. Já estava a mil por hora, e ela usando apenas um conjuntinho branco não ajudava muito.

— Claro que estou, linda. Também me assusta a ideia de ser pai, mas com você eu quero. Confesso que já estou me imaginando com o nosso filho.

— Não brinca com isso, Sebastian.

— Você sabe que não estou brincando, Eliza! — Ergui-a do chão e a coloquei sobre a cama. — Agora vou te fazer minha novamente — falei, abrindo as suas pernas e me posicionando entre elas, cutucando sua feminilidade com a minha ereção descomunal, arrancando-lhe arquejos, sem dar tempo de revidar.

Beijei-a com loucura, amando-a e desejando-a cada vez mais. Estava certo que agora nada poderia nos impedir de ficarmos juntos.



Depois de uma tarde de amor e sustos, deixei Eliza a uma quadra de distância da sua casa e retornei para a minha. No dia seguinte eu teria que me virar nos trinta para dar conta de todo o trabalho que deixei acumular na fazenda, principalmente agora que tio Vicente estava afastado por causa da prisão do filho.

Depois de jantar, sentei-me no sofá para assistir algum noticiário na TV. Passei os canais sem conseguir me prender a nada, meus pensamentos não abandonavam Eliza nem por um segundo. Não conseguia parar de pensar em seu corpo, seu cheiro, seu sorriso e, principalmente, na possibilidade de termos um filho.

— Um filho, meu Deus! — falei baixinho e sorri igual um bobo. — Um filho meu e dela.

Eu me sentia como uma criança indo ao parque de diversões pela primeira vez. Estava com medo por desconhecer o que o destino me aguardava nessa nova jornada, mas também estava vibrando.

Lembrei-me dos meus pais e, pela primeira vez em muito tempo, uma sensação de paz me invadiu. Com certeza eles ficariam muito felizes em saber que poderia ter um netinho a caminho. Uma princesinha, talvez? Ou um garotão? Para falar a verdade, eu não me importava com o sexo. Só de saber que era da única mulher que amei algum dia, já me sentia completamente realizado.

Permaneci acordado até mais tarde em frente à TV, pensando no quanto a minha vida tinha dado uma tremenda reviravolta e em tudo que ainda estava por vir. Tomei uma cerveja e aproveitei para iniciar uma nova leitura, há muito tempo que eu não me permitia degustar um bom livro.

Levantei-me do sofá, apaguei as luzes e fui para o quarto, abrindo uma mala que havia dentro do guarda-roupa, onde guardei alguns livros que havia comprado há anos. Escolhi um clássico da literatura mundial, *Os três mosqueteiros*, e comecei a ler, sentado sobre a cama, com o corpo apoiado na cabeceira.

Por volta da meia-noite, fechei o livro e o coloquei debaixo do travesseiro, ajeitei-me na cama e em minutos peguei no sono.

No outro dia, acordei bem cedo como de costume, fiz meus exercícios e tomei café. Antes de sair, enviei uma mensagem de bom dia para Eliza; já estava com saudades dela. Peguei minha moto e dirigi para a fazenda. Logo em breve a levaria para conhecer a casa que cresci e o campo de girassóis que tanto me fez feliz na infância, seria um marco para esquecer todas as tristezas do meu passado e passar a escrever uma nova história.



Capítulo 17

*Então diga que você me ama
Se você não me ama, minta para mim
E chame isso de verdadeiro
Chame isso de amor verdadeiro*
Coldplay

Eliza

Estava tentando levar a minha vida normalmente, frequentando as aulas e o curso de inglês, fugindo à noite para encontrar Sebastian e passando as tardes com Larissa, mas o medo e a tensão não saíam de mim em nenhum momento, principalmente por já estar nos dias da minha menstruação e a bendita não descia. Eu deveria estar preparada para qualquer que fosse o resultado. Positivo ou negativo, teria que seguir em frente com a cabeça erguida.

Cheguei ao colégio já em cima da hora, depois de acordar atrasadíssima por ter dormido de madrugada, e ainda tive que camuflar o belo de um chupão que Sebastian havia deixado no meu pescoço. Entrei pelo portão às pressas e fui

correndo para sala de aula; infelizmente o primeiro horário era com o professor Breno e sua barriguinha de chope, que já se encontrava em frente ao quadro, de costas para a classe. Entrei devagar, torcendo para ele não perceber o meu atraso, mas foi inevitável.

— Ora, ora se não é a senhorita. Martinez chegando atrasada — disse, fazendo-me estagnar no meio do caminho.

— Com licença, professor — falei, virando-me para ele.

— Sente-se e por favor não atrapalhe a aula — articulou, bravo.

Revirei os olhos cheia de tédio e segui para o meu lugar. Que bela forma de começar o dia e, para completar, Larissa ainda estava se recuperando em casa e não poderia vir para a aula pelos próximos dias. Seria só eu e Deus agora para aturar o senhor Cartinez.

As aulas demoraram uma eternidade para passar e quando o sinal tocou, dando fim ao último horário, soltei um longo suspiro aliviada, arrumei minhas coisas e me dirigi para a saída.

Ao pôr os pés pelo lado de fora, estranhei a presença de um carro familiar estacionado do outro lado da rua. Aproximei-me um pouco e reconheci o carro de Sebastian. Em questão de segundos, ele saiu e se recostou na porta, me encarou com aqueles olhos cinzentos e brilhantes que abalavam o meu coração e abriu um enorme sorriso. Quase me derreti no chão.

Apressei o passo até ele e lhe dei um selinho na boca. Ele abriu a porta do carro depressa para que eu entrasse antes de ser flagrada por alguém inconveniente. Sentei-me no banco do carona, e ele deu a volta, acomodando-se do outro lado.

— Amor, o que você está fazendo aqui? — perguntei curiosa.

— Vim te buscar hoje. — Sorriu. — Quero te mostrar um lugar.

— Que lugar seria esse? — Me aproximei ainda mais. — Iremos ficar a sós? — indaguei baixinho em seu ouvido, com uma voz maliciosa.

Senti os pelos da sua nuca se eriçarem com a minha aproximação e ele me fitou com um semblante vívido e divertido.

— Você está com segundas intenções, senhorita Eliza?

— E se eu estiver?

— Irei adorar.

Beijamo-nos novamente e Sebastian deu a partida no carro, seguindo rumo a esse tal lugar, até então desconhecido por mim. Fomos em direção a saída da cidade e pegamos a via principal. Assim que nos aproximamos da primeira curva, Sebastian diminuiu a velocidade e estacionou o carro no acostamento.

— Linda, preciso ir ali rapidinho — disse, sério.

Assenti e ele saiu do carro. Segui os seus passos com o olhar, até alguns metros à frente, e então meu peito se apertou drasticamente. Sebastian parou próximo à um arbusto perene, onde estavam fincadas duas cruzes de tamanho médio, pintadas com tinta preta. Provavelmente fora ali que seus pais haviam morrido.

Permaneci parada, apenas observando-o. Ele arrancou as cruzes e as jogou no meio da ribanceira, sem dar nenhuma pausa. Poucos minutos depois, Sebastian retornou ao carro. Sua expressão ainda estava séria, mas ele não parecia estar triste; na verdade, era como se estivesse em paz.

— Foi ali que seus pais morreram? — perguntei.

— Sim — respondeu, mas continuou olhando para a frente, sem me encarar. — Não quero mais relembrar o passado, princesa. Aquelas cruzes me traziam lembranças ruins — completou.

Pousei minha mão sobre a sua para que ele soubesse que eu estava ali para apoiá-lo. Ele apertou minha mão de volta e depositou um beijo casto, me fitou com um certo brilho no olhar e voltou a dar partida no carro. Sebastian desviou o veículo e entrou em uma estrada de terra batida. Eu nunca havia passado por ali antes, mas estava ansiosa para saber onde ele iria me levar.

Passaram-se alguns minutos e chegamos em um portão grande de madeira. Ele desceu do carro e abriu o portão, depois voltou para o carro e conduziu o veículo novamente.

À medida que avançávamos, olhei para a paisagem à minha frente e perdi o fôlego. Havia um campo de girassóis amarelos completamente florido e uma casa recém-reformada logo ao lado. Sebastian estacionou o carro debaixo de um imenso ipê que havia no quintal e desci rapidamente, ainda atônita pela vista.

— Esse lugar é incrível, Sebastian — comentei embasbacada. — Como eu não sabia da existência desse campo?

— Faz muito tempo que não havia mais girassóis aqui, minha linda. Desde que meus pais morreram e eu fui embora — ele respondeu e me abraçou por trás, envolvendo a minha cintura.

— Espera... o quê? Esse lugar pertence a você? — Virei-me para ele assim que caiu a ficha e o olhei nos olhos, surpresa.

Sebastian sorriu e retirou uma chave do bolso.

— Sim. E aquele será nosso ninho de amor. — Apontou para a casa de paredes brancas e varanda ampla. — Foi aqui que cresci, Eliza.

— Acho que estou no paraíso — disse, colando as nossas testas.

Puxei Sebastian pelas mãos e o guiei para dentro do campo. Eu me sentia uma menininha novamente, era como se eu estivesse dentro do meu próprio conto de fadas com o meu príncipe encantado.

As flores amarelas balançavam ao sol com o vento suave que soprava, meus cabelos negros voavam junto com a brisa, contrastando com o amarelo vibrante da paisagem. Sebastian me segurou pela cintura e me ergueu para o alto, girando-me no ar. Firmei-me em seu ombro e o encarei, permitindo que a felicidade me atingisse por completo, ali, nos campos dourados, presa no azul do seu olhar.

— Você é muito linda, Eliza — disse assim que me pôs de volta no chão.

— E você é maravilhoso — respondi eufórica.

— Você gostou?

— Se eu gostei? Esse lugar é um sonho!

— Vem cá me dar um beijo, vem? — Ele guiou sua boca para a minha, mas eu desviei o rosto e me aproximei do seu ouvido.

— Se quer um beijo, primeiro vai ter que me pegar. — Sorri para ele e me afastei.

Sebastian analisou o que eu disse e deu uma alta risada. Saí em disparada no meio das flores e ele me acompanhou, parecíamos duas crianças brincando na relva em uma tarde quente de verão. Seus braços fortes me alcançaram rapidamente a poucos metros do ponto de partida, minha barriga doía de tanto que eu estava rindo.

Ele me abraçou forte e me roubou um beijo, o qual tratei de corresponder no mesmo instante. Queria poder eternizar aquele momento para sempre na minha memória.

Entrelaçamos nossas mãos e nos direcionamos para a sombra do ipê para nos protegermos do sol quente. Sebastian retirou sua camisa e a forrou sobre o

chão para que eu pudesse me sentar, senti meu corpo tremer e uma onda de desejo me atingiu ao analisar seu corpo nu da cintura para cima, sabendo que era tudo meu. O homem mais lindo e maravilhoso que eu já havia conhecido em toda a minha vida era o meu namorado.

Sentei-me em cima da sua camisa e ele se sentou ao meu lado, me abraçou e inspirou o aroma dos meus cabelos. Era engraçado como ele adorava fazer isso. Ficamos ali por alguns minutos, admirando a vista e aproveitando a companhia um do outro.

— Meu amor, vamos entrar um pouco, eu trouxe algumas coisas pra gente comer — falou.

— Vamos sim, estou com fome — respondi e me levantei.

Sebastian foi até o carro e pegou uma caixa térmica que estava no porta malas enquanto eu abria a porta da casa. Adentrei o imóvel e me surpreendi com o ambiente, era uma casa com decoração singela, mas muito confortável. Todas as paredes eram brancas, cortinas *nude* cobriam as janelas e o sofá era de uma tonalidade creme, a mesma do tapete felpudo no centro da sala.

Ele chegou até mim e seguimos para a cozinha, onde ele depositou a caixa sobre a mesa de madeira envernizada, retirou alguns sanduíches e os colocou em pratos. Comecei a comer devagar, mas a imagem de Sebastian sem camisa na minha frente, exibindo aquele abdômen formando um V, me tirou toda a concentração. Mordi o lábio e o analisei detalhadamente pela milésima vez, os cabelos pretos e lisos, a pele clara, os ombros largos e braços fortes, a barriga definida. Cravei os meus olhos no volume que começava a se formar em suas calças, sem conseguir me desviar, e um arrepio percorreu a minha espinha. Ele percebeu a minha inquietude saliente sobre a sua virilha e sorriu.

— Está gostando da vista, amor?

— Uhum, amando! — respondi, secando-o.

Ele colocou o prato de lado e se aproximou um pouco mais de mim, sua mão direita pousou sobre a minha e a outra afastou uma mecha de cabelo que insistia em pairar sobre o meu rosto. Beijou-me tão serena e calmamente, como se degustasse um vinho caro, aproveitando ao máximo cada gota.

Entrelacei minhas mãos em seus cabelos e me entreguei àquele beijo como se minha vida dependesse daquilo. Havíamos sido envolvidos em um mantra, onde os sonhos eram o espelho da realidade e nos faziam querer ir mais fundo um no outro a cada segundo.

Encerramos o beijo por um momento e Sebastian segurou a minha mão, me guiando em silêncio para um dos cômodos da casa, nossos corpos falando por si só. Ele abriu a porta de madeira e eu entrei, deparando-me com um ambiente claro e aconchegante. Havia uma imensa cama bem no centro do quarto, envolta por lençóis e fronhas imaculadamente brancos. Sebastian seguiu até uma grande janela de duas abas e a abriu. Deitei-me sobre a cama e me envolvi com os lençóis perfumados. O cenário lá fora era esplêndido, a janela dava acesso há uma vasta parte do campo amarelo.

A aura daquele lugar parecia mágica, emitia um turbilhão de sensações que eu nunca havia experimentado. Era única e genuína, completamente surreal. Sebastian veio em minha direção, senti meu corpo se tencionar e uma ansiedade efêmera me atingiu. Suas mãos tocaram o meu rosto delicadamente e seus lábios macios percorreram os meus com movimentos lentos e precisos, despertando em mim o mais doce dos sentimentos.

Seus beijos se estenderam pelo meu pescoço e colo, e suas mãos ágeis tiraram a minha blusa rapidamente. Arfei ao sentir o calor da sua boca beijando e lambendo a minha barriga, fechei os olhos e me entreguei a todas aquelas emoções.

Ele deslizou minha calça pelas as minhas pernas devagar, como se quisesse guardar em sua mente cada pedaço de pele que lhe era revelado.

— Você é maravilhosa, amor — sussurrou.

Arqueei um pouco as costas e retirei o fecho do sutiã, exibindo os meus seios para ele. Sebastian trilhcou toques suaves pelo meu corpo e seguiu dedilhando, até chegar ao meu seio direito. Beijou-o e o sugou delicadamente, arrancando-me um suspiro. Em seguida, se voltou para o outro, dando a mesma atenção.

Seus beijos se estenderam pela minha barriga, chegando até o cóis da minha calcinha. Ele deslizou a pequena peça de renda preta pelas minhas pernas e a jogou junto à pilha de roupas no chão. Sua língua me tocou tão suavemente, arrancando-me arquejos, causando em mim a libertação que eu tanto almejava.

Meu coração estava agitado, minha respiração, descompassada. Sebastian passou a observar com detalhe cada pedacinho do meu corpo nu, banhado pela luz do sol que adentrava pela janela. Voltamos a nos beijar com desejo, aquele era um momento de total entrega, onde nos perdíamos entre carícias, presos em cada toque, em cada gemido, em cada fio de cabelo arrepiado.

Ele despiu-se completamente, fazendo-me arfar com a ansiedade de senti-lo. Sua aproximação foi terna e lenta, sua pele quente colou-se à minha, incendiando-me por dentro.

Ele pegou uma camisinha que estava dentro do bolso da sua calça e rasgou. Sem tirar os seus olhos dos meus, desenrolou o preservativo por toda a sua extensão e me penetrou devagar e amorosamente. Soltei um gemido ofegante e fechei os olhos, era extraordinário senti-lo.

— Amor, olhe pra mim— suplicou entre gemidos.

Fiz o que ele pediu e voltei a encará-lo.

— Eu te amo! — falou enquanto se introduzia ainda mais, olhando-me nos olhos. — Estou te entregando a minha vida e a minha alma. Quero que se lembre disso todos os dias da sua vida.

Senti uma lágrima rolar pela minha bochecha, estava completamente emocionada por suas palavras. Aquele momento era pleno e puro, a personificação de um amor verdadeiro que nascia e se alastrava pelos nossos corpos, era uma entrega de corpo, mas também de espírito. Foi ali, naquela cama, naquela casa, tendo o campo *amarelo* como testemunha, que eu soube verdadeiramente o quanto o amava.



Capítulo 18

*É um dia tão perfeito,
Um dia tão perfeito....*

Coldplay

Sebastian

Eliza estava aninhada a mim, sua cabeça pousada em meu peito e uma das suas pernas entrelaçada às minhas. Seus cabelos estavam espalhados pelo colchão como um véu negro enquanto um lençol cobria os nossos corpos desnudos. Havíamos feito amor intensamente durante a tarde e agora descansávamos enrolados um no outro.

Beijei o topo da sua cabeça e passei minha mão por seu ombro. Eu nem conseguia definir o tamanho da felicidade que estava sentindo, nunca imaginei que seria possível amar alguém assim, com tanta devoção.

Ela se moveu devagar e ergueu o corpo. Deu-me um beijo e se sentou em seguida. Fitei-a por um momento, ainda admirando a sua beleza surreal. Seus olhos brilhavam, mas sua expressão parecia preocupada. Sentei-me ao seu lado e

inspirei o seu pescoço, tragando seu perfume suave.

— O que foi, meu amor? — perguntei enquanto trançava minhas mãos em sua cintura fina.

Ela suspirou profundamente e me encarou.

— Sebastian, meu ciclo está atrasado.

Senti o ar faltar em meus pulmões por alguns instantes e um sentimento de felicidade me atingiu.

— Você quer fazer um teste? Precisamos confirmar se nosso filho está aqui. — Passei a mão pela sua barriga e ela esboçou um sorriso.

— Não vou negar que estou morrendo de aflição só de pensar no resultado.

— Vai ficar tudo bem, você vai ver! — consolei-a. — Vou à cidade comprar um teste — falei e me movi para me levantar.

— Eu vou com você, preciso voltar pra casa! — respondeu segurando no meu braço.

— Fica aqui, amor, passe a noite comigo — Beije-lhe o pescoço.

Ela fechou os olhos e grunhiu, arranhando a minha barriga.

— É uma proposta tentadora, mas eu realmente não posso — balbuciou mordendo o lábio.

— Linda demais! — elogiei-a. — Essa sua carinha de tesão me mata, sabia?

—Uhum — respondeu manhosa. —Mas vamos nos vestir, quero fazer logo esse teste!

— Vamos sim, mas antes eu te quero novamente! — Retirei o lençol que lhe cobria os quadris e coxas e deslizei minha mão para dentro das suas pernas.

Ela tremeu ao sentir o meu toque, mas resistiu.

— Amor, não, está ardendo — disse com voz dengosa, tentando sair dos meus braços.

Mordi o lóbulo da sua orelha e introduzi um dedo em seu interior. Eliza soltou um gritinho arteiro e grudou as unhas no meu braço.

— Senta aqui em mim, senta? — Subi minha mão para sua barriga, chegando até o seu seio.

— Não, Sebastian, para! — disse ofegante.

— Só um pouquinho, vem!

— Não, amor, eu já te dei demais hoje, além da conta! — Se levantou, enrolando-se ao lençol.

Sorri abertamente com o comentário dela. Eu havia amado cada segundo daquela tarde e, mesmo depois de fazê-la minha por diversas vezes, ainda a queria como louco, sem nenhum pudor.

— Tudo bem, princesa, depois te cobro com juro. — Ela sorriu e deixou o lençol cair no chão.

Meu membro pulsou instantaneamente ao vê-la nua. Eliza sentia prazer em me ver implorando. Deitei-me na cama e toquei minha ereção enquanto a observava vestir a roupa.

Ela vestiu a calcinha e o sutiã, em seguida pôs o jeans e o uniforme da escola. Seus olhos me fitaram, pairando sobre a minha excitação, e ela sorriu, subiu na cama engatinhando e sussurrou em meu ouvido.

— Eu amo te ver assim, me querendo!

— Isso é tortura sabia? — gemi.

Seus lábios tocaram os meus de leve e ela se levantou.

— Amor, vamos, está ficando tarde.

Suspirei contrariado e me levantei, peguei minhas roupas no chão, e comecei a me vestir. Eliza arrumou o cabelo e saiu do quarto.

Tranquei tudo, peguei a caixa sobre o balcão da cozinha e coloquei no porta-malas do carro. Minha deusa estava de frente para o campo de girassóis, tirando algumas fotografias. O cenário se encontrava ainda mais bonito por causa do pôr do sol.

— Sebastian, vem cá — chamou-me.

— Só um minuto — respondi e tranquei o porta-malas.

Cheguei até ela rapidamente, seus olhinhos brilhavam de felicidade. Ela me abraçou forte, pegou o celular e tirou uma foto nossa no exato momento em que os raios alaranjados do sol poente cintilavam no meio dos girassóis.

Fomos para o carro e eu abri a porta do carona para que ela entrasse, fechei-a e voltei para o lado do motorista.

Eliza estava radiante e eu não conseguia parar de contemplá-la, aquele foi de longe um dos melhores momentos da minha vida, no lugar que sempre quis estar, ao lado da mulher que eu passei a amar com todas as minhas forças.

— O que foi? — ela perguntou sorridente ao notar que eu não havia me movido, e apenas a observava igual a um bobo.

— Estou te admirando um pouco mais — respondi serenamente.

— Creio que já tenha me admirado muito hoje, Sebastian! — falou manhosa.

— Não o suficiente! — Pisquei e ela sorriu.

Liguei o som do carro e dei a partida. Ultrapassamos o portão de madeira e eu não gostei nem um pouco da sensação de ter que sair dali agora, mas tudo bem, seria por uma boa causa, em breve teríamos todo o tempo do mundo para nos amarmos naquele lugar.

Assim que chegamos à cidade, fui direto para a farmácia mais próxima, estacionei o veículo logo em frente e saí. Eliza ficou me aguardando no carro.

Entrei no estabelecimento e rapidamente fui atendido. Pedi um teste de gravidez e, enquanto a atendente registrava o produto, meu telefone tocou. Era Eliza.

— Oi, amor...

— Sebastian, não fale o meu nome — interrompeu. — Minha mãe está aí do seu lado, olhe disfarçadamente.

Movi-me para o lado direito do balcão discretamente e notei a presença de uma mulher de cabelos pretos na altura dos ombros, que aparentava ter uns quarenta anos. Olhando-a de perto, realmente lembrava muito Eliza. A pele morena, a cor dos cabelos e até mesmo o olhar. Ela estava conversando com uma senhora de meia idade que usava um vestido floral cobrindo-a até abaixo dos joelhos e, pelo ritmo da conversa, a pobre senhora era do tipo que conhecia a vida da cidade inteira.

— Sebastian, anda rápido, essa senhora é a dona Celeste e ela não pode te ver entrando no carro — disse Eliza desesperada, eu particularmente não entendi nada.

— Tudo bem!

Desliguei o telefone e o guardei no bolso. A atendente me entregou uma

cestinha contendo o teste e pediu para que eu me dirigisse até o caixa. Peguei rapidamente e, quando ia saindo, percebi os olhos curiosos da senhora sobre o conteúdo da cestinha, que se dirigiram para a minha face em seguida e ela abriu um sorriso.

— Ser pai é uma bênção meu filho. — Se aproximou.

Engoli em seco e a olhei meio sem jeito, principalmente porque a mãe de Eliza acompanhou a senhora até mim e pelo visto estava a fim de entrar na conversa.

— Sim, senhora, uma benção — concordei.

— Cadê a sua esposa, ela está no carro? Chame-a para podermos conhecê-la. Amo conhecer gente nova, principalmente uma futura mamãe. Não é mesmo, Caroline? — Virou-se para a mãe de Eliza. — Creio que vocês são novos na cidade? Nunca te vi por aqui, acredite, conheço todo mundo nesse lugar. — Ela falava sem parar, nem a mãe de Eliza conseguiu respondê-la. — Ah, me desculpe, como sou distraída, eu me chamo Celeste, e ela é...

— Caroline Martinez, muito prazer! — A mãe de Eliza se apresentou educadamente e me estendeu a mão.

— Prazer em conhecê-las — cumprimentei-as com um aperto de mão. — Me chamo Sebastian.

— Sebastian? — Caroline arregalou os olhos, como se soubesse de alguma coisa, meu sangue até gelou com medo dela saber algo sobre o tal homem que estava saltando a janela da sua casa de madrugada. — É você o primo daquele tal Ricardo? — questionou.

— S-sim — balbuciei aliviado por ser isso.

— Você é muito corajoso, Sebastian, meus parabéns.

Dona Celeste voltou a falar novamente, queria saber tudo sobre o tal Ricardo e principalmente sobre mim e a minha esposa. Por fim me questionou sobre eu não estar usando aliança, mas fui salvo pelo gongo com uma nova ligação de Eliza.

— Sebastian, o que está acontecendo?

— Eu já estou indo, amor, só um minuto.

Voltei a desligar o telefone e antes que dona Celeste voltasse a falar, me despedi das duas com a desculpa que minha esposa estava me esperando em casa

e que estava um pouco enjoada. Tive que ser rápido para escapar de explicar sobre a aliança, espero que a mãe de Eliza não pense mal de mim, ainda mais quando descobrir que sou o namorado da princesinha dela.

Paguei o teste e saí da farmácia, as duas já estavam entretidas em uma nova conversa, então não tive problemas para entrar no carro sem ser visto. Depois perguntaria a Eliza por que dona Celeste não poderia me ver entrando no meu próprio carro.

— Amor, o que vocês estavam conversando? — Eliza me questionou assim que entrei no veículo.

— Princesa, não foi nada demais, agora elas estão pensando que estou indo ao encontro da minha esposa que está passando mal.

— Esposa, é? Não brinca! — Arqueou uma sobrancelha.

— É sério, até me parabenizaram pelo nosso bebê. — Sorri e dei partida no carro.

Ela voltou a ficar séria e seu semblante mudou completamente. Eliza não estava muito à vontade com a ideia de ser mãe e a entendia. Ela ainda era muito jovem, mas eu estava radiante, já me imaginava segurando uma linda criança em meus braços.

Fizemos o restante do percurso em silêncio e em poucos minutos chegamos a casa onde eu estava morando temporariamente. Deixei o carro estacionado na rua e entramos.

Eliza seguiu na frente, indo direto para o quarto. Fui atrás dela e nos sentamos na cama. Peguei o teste e a entreguei. Ela segurou a caixa devagar, suas mãos estavam trêmulas.

— Sebastian, eu estou morrendo de medo. Estou nervosa!

Encarei em seus olhos aflitos. Segurei sua mão e apertei, dando um beijo em seus dedos antes de voltar a falar.

— Independente do resultado, amor, eu estarei aqui para você, sabe disso. Não quero que fique com medo. — Ela assentiu.

Levantei-me e a puxei comigo, aproveitando o momento para grudar nossos corpos, e sussurrei em seu ouvido.

— Estou louco para ver um resultado positivo e poder gozar tudo dentro de você!

— Sebastian! — ela me reprimiu e me empurrou, mas deu um sorriso lindo. — Seu safado... Eu te amo!

— Também te amo, princesa! — Mordi seu lábio inferior. — Agora venha, vamos logo fazer esse teste.

— Calma, precisamos ler as instruções.

Ela abriu a embalagem e leu em voz alta todas as orientações de como usar, por último lendo o guia dos possíveis resultados — “I tirinha: negativo; II tirinhas: positivo”.

Guiei Eliza até o banheiro e entrei também, ela parou em frente ao vaso, me olhou e cruzou os braços.

— O que você pensa que está fazendo?

— Preciso ver você fazendo o teste, amor, quero seguir todos os passos do nosso filho até chegar a este mundo — respondi e me recostei na parede.

Eliza arregalou os olhos e me olhou incrédula.

— Sebastian, você não está achando que irei fazer xixi na sua frente está?

— Qual o problema? — questionei.

— Mas é lógico que não! — Ela me puxou pelo braço e me empurrou até a porta.

— Eliza, para com isso, eu quero ver — pedi.

— De forma alguma — respondeu e bateu a porta.

— Eliza, para de drama, já te vi nua dos pés até o último fio de cabelo, conheço cada marquinha do seu corpo — disse batendo na porta.

— É diferente, Sebastian. Agora desencosta da porta, por favor! — rebateu nervosa.

Dei um longo suspiro derrotado e me afastei. Eu realmente queria estar lá dentro com ela, não era com malícia nem nada do tipo, era apenas para acompanhar tudo de perto.

Esperei por alguns longos minutos, ansiosíssimo, até que Eliza saiu do banheiro às pressas. Sua pele estava branca como papel e suas mãos seguravam o resultado com dificuldade. Peguei o teste da sua mão e senti um bolo se formar em minha garganta, instantaneamente uma sensação estranha percorrendo todo o meu corpo ao analisar o resultado.

— Negativo? — Olhei o teste, completamente incrédulo. — Mas... mas como, Eliza? — perguntei desapontado, sentindo a minha voz falhar.

— Também não entendo. — Ela puxou o ar e soltou, voltando a falar. — Só sei que esses foram os minutos mais longos da minha vida, ainda estou me tremendo de tão nervosa. Mas ainda bem que deu negativo, eu já estava passando mal de tanta ansiedade — Eliza respondeu rapidamente, aparentemente ainda abalada pelo receio do resultado, tanto que suas mãos estavam geladas.

Um sentimento de insatisfação dominou o meu corpo, causando uma sensação de perda que passou a me apertar o peito drasticamente. Por mais que eu soubesse que ainda estava cedo, que poderíamos esperar mais um pouco, Deus era a prova do quanto eu queria ver aquelas duas listrinhas cor de rosa se destacando no branco do papel.

— Você não está aliviado, amor? — ela questionou com a voz mais calma, fazendo com que eu despertasse do meu transe.

Percebi que eu ainda segurava o teste em minhas mãos e não havia dito mais nada. Estava sério e chateado comigo mesmo por criar expectativas antes da hora.

Levantei a cabeça para olhá-la, ela me encarava confusa. O mais provável é que estivesse estranhando a minha reação, já que com certeza havia um semblante de decepção estampado na minha cara. Toquei o seu rosto devagar e a puxei para um abraço, sua cabeça encostou no meu peito e seus braços envolveram minha cintura.

— Desculpe, linda. É que... — Fiz uma pausa. — Não era esse o resultado que eu esperava.

— Eu sei, Sebastian. Estava estampado no seu rosto o quanto ficou decepcionado.

— Sim... acho que criei expectativas cedo demais!

Ela se afastou de mim e me encarou, estava séria e por um momento senti receio do que ela pudesse dizer.

— Olha, não podemos mais vacilar assim. Amanhã mesmo irei me consultar com um ginecologista e saber por que minha menstruação está atrasada, e também para que ele me prescreva algum método contraceptivo além do preservativo.

— Eliza, não faz isso comigo. Se você vai usar outro contraceptivo não há

necessidade em continuarmos usando camisinha — rebati.

— Claro que é necessário! Sebastian, entenda, eu NÃO posso correr o risco de ter um filho agora. Nunca mais quero passar por um aperto desses, ainda estou me recuperando do susto.

Limpei uma gota de suor que começou a brotar na minha testa e traguei o ar para os meus pulmões, era visível o meu desconforto, mas era algo que estava fora do meu alcançasse e eu precisava respirar fundo e aceitar.

— Você é uma mocinha muito teimosa, amor. — Forcei um sorriso.

— Você que é teimoso — revidou cheia de marra. — Agora me leve pra casa, por favor!

— Tudo bem, marrentinha, vamos! — concordei mesmo contra a minha vontade, afinal não havia santo que a faria mudar de ideia.

Ela jogou os cabelos de lado e empinou o nariz com atrevimento. Meu corpo não estava conseguindo resistir a tanta sensualidade emitida por essa garota, me sentia completamente rendido aos seus encantos. Ela era a minha vitalidade, mas também a minha ruína, e eu não sabia o que o destino aguardava para mim, mas uma coisa era certa, meu coração estava predestinado a ela.

Eliza passou rebolando na minha frente em direção a porta, ela amava me provocar, sabia que tinha total poder sobre mim. Peguei as chaves do carro sobre o criado-mudo e a acompanhei. Chegando na sala, não aguentei mais e a puxei para mim, beijando seus lábios com fúria, deixando-os vermelhos. Ela correspondeu o beijo e eu dei um tapão no seu bumbum arrebitado. Eu estava cada dia mais insensato com essa garota com corpo de mulher e rostinho de menina, ela havia se transformado na dona dos meus sonhos.



Eliza

Sebastian me deixou a uma pequena distância da minha casa e aproveitei a breve caminhada para ligar pra Larissa e perguntar se minha mãe havia ligado para sua casa. Aproveitaria a deixa para traçarmos um plano no qual mais uma vez eu teria que omitir para os meus pais por onde andei durante a tarde inteira.

— Oi, amiga — Larissa atendeu rapidamente.

— Larissa? Oi! Por favor, diz que minha mãe não ligou pra sua casa hoje!

— Até o momento, que eu saiba não, ela não ligou.

— Ufa — falei aliviada

— Por que Eliza, o que você andou aprontando?

— Ai, amiga, é uma longa história, mas nada que você não imagine.

— Estava com o bonitão é?

— Uhum.

— Eu preciso agradecê-lo por tudo que ele fez por mim, mas eu sinto tanta vergonha! — Ouvi o seu suspiro profundo, ela parecia triste, mas eu a compreendia. A coitada havia passado por momentos traumatizantes, com certeza iria carregar cicatrizes profundas no corpo e na alma pelo resto da vida.

— Larissa, não se aflija, terá oportunidade para agradecê-lo — confortei-a.

Cheguei em frente ao portão da minha casa e parei, as luzes lá dentro estavam acesas, o que significava que estavam todos em casa. Encostei no muro e continuei conversando com Larissa.

— Eliza, quando você irá falar para os seus pais sobre Sebastian? — ela me perguntou de repente, e eu percebi que não sabia exatamente a resposta.

— Eu... não sei. — Inspirei e soltei o ar devagar.

— Amiga, você não pode continuar mentindo. Sei que não sou a melhor pessoa do mundo para te dar conselhos, mas seus pais não merecem isso, nem o Sebastian.

— Larissa, eu sei, eu o amo, amo muito... Mas tenho medo da reação dos meus pais por ele ser muito mais velho que eu. Eles não aprovariam nosso relacionamento, você sabe disso.

— Cuidado, as coisas podem fugir do controle. Se eles descobrirem por outras pessoas tudo irá ficar mais complicado.

— Eu sei, mas não irão descobrir, pode confiar. Tentarei contar a eles após a nossa formatura, espero que eu consiga.

— Tudo bem, você quem sabe!

Conversamos por mais um tempo, contei a ela sobre a tarde maravilhosa que passei com Sebastian no campo de girassóis, e Larissa quase teve um surto psicótico quando falei sobre minha suspeita de gravidez. Tive que me apressar

em dizer que o teste havia dado negativo, senão ela sairia gritando pela casa.

Encerrei a ligação e abri o portão, entrei em casa e olhei as horas no meu celular. Já passava das sete da noite. Minha mãe estava na cozinha junto com meu pai, os dois conversavam abertamente enquanto ela colocava uma lasanha no forno.

Cheguei devagar reformulando na memória toda a desculpa que havia planejado com Larissa e sentei-me em silêncio próximo ao balcão onde papai se encontrava.

— Oi, filha, onde estava? — perguntou meu pai, virando-se para mim.

Dei um sorrisinho amarelo e respondi.

— Oi, papai, passei a tarde com Larissa. Você sabe, ela ainda está muito... deprimida.

— Ah, sim...

— E vocês, sobre o que falavam? — perguntei tentando mudar o foco do assunto.

Meu pai abriu a boca para responder, mas foi interrompido por minha mãe que fechou o forno e se aproximou, entrando na conversa.

— Ah, filha, ainda bem que você chegou — proferiu sorridente. — Estava justamente falando para o seu pai que conheci o tal Sebastian hoje.

— É mesmo? Onde? — perguntei fingindo surpresa.

— Na farmácia hoje à tarde, havia ido comprar um xarope para o seu irmão — falava toda animada. — Ele é muito educado filha, você precisava ver, bem diferente do primo.

— Ah, que legal mãe. — Percebi que eu começava a tremer, mas me mantive firme. — Bom, vou tomar um banho, daqui a pouco desço para jantar. — Levantei e segui para as escadas, rumo ao meu quarto.



Acordei mais cedo que o de costume, me arrumei o mais rápido que pude, peguei minha bolsa do colégio, coloquei um casaco sobre os ombros e saí devagar para não fazer barulho. A casa estava em total silêncio, todos ainda dormiam e, apesar de estarmos no verão, aquela manhã estava mais fria que os

dias anteriores. Agasalhei-me ainda mais dentro do casaco ao sentir o ar gélido tocar-me o rosto, enrubescendo a minha face.

O dia ainda não havia clareando totalmente e eu resmungava baixinho por ter que acordar tão cedo, mas era preciso chegar cedo à clínica. Por sorte eu conseguiria uma vaga para ser atendida ainda pela manhã, já que estava indo em cima da hora. Teria que rezar para não chegar atrasada à um dos meus últimos dias de aula.

Cheguei ao meu destino e dei graças a Deus por ter apenas uma mulher na espera, consegui a vaga de uma outra que havia cancelado a consulta naquele horário e em poucos minutos fui atendida.

— Bom dia, pode se sentar, por favor! — disse o médico, apontando para uma cadeira na frente da sua mesa.

— Bom dia — respondi e me sentei.

— Então, Eliza, em que posso te atender? — perguntou enquanto conferia os meus dados na ficha.

Expliquei a ele toda a minha situação, desde o atraso repentino no meu ciclo, ao teste de gravidez negativo. Ele anotou tudo na sua ficha e pediu que eu fizesse um exame de sangue para podermos descartar qualquer suspeita e então darmos sequência a consulta.

Peguei o pedido e saí em direção à sala de coleta para fazer o exame, esperei mais ou menos uma hora até o resultado ficar pronto, e então retornei ao consultório.

O doutor Robson pegou o papel em minhas mãos e abriu, analisou por alguns segundos e voltou a falar.

— Eliza, o exame Beta HCG deu negativo, então já descartamos essa possibilidade. Você pode me dizer como anda a sua alimentação? Está dormindo direito? Levando uma vida tranquila? — interrogou e cruzou as mãos sobre a mesa.

— Olha doutor, não vou negar que nos últimos dias minha vida foi bastante conturbada.

— Pode ser isso, o estresse pode fazer com que o ciclo menstrual atrase alguns dias e, com isso, gera ainda mais ansiedade à mulher e mais alguns dias de dor de cabeça.

Respirei aliviada diante das explicações do médico, sentindo um peso

enorme sair das minhas costas.

— Então eu posso voltar pra casa tranquila?

— Claro, mas antes irei fazer mais alguns exames para podermos descartar qualquer chance de haver inflamações ou algo do tipo.

Assenti e em poucos minutos o doutor fez uma ultrassonografia, graças a Deus estava tudo ok. Ele me receitou um anticoncepcional injetável e eu pude ir para o colégio tranquila e de alma lavada.

Cheguei à escola um pouquinho atrasada, mas nada tão drástico. Não tínhamos horário com o professor Cartinez e eu agradei por isso. As aulas passaram rapidamente e, assim que ouvi soar o último sinal, saí da sala para encontrar Sebastian, que me esperava maravilhosamente lindo do outro lado da rua.

Partimos para o nosso mais novo lugar favorito no mundo inteiro, e como sempre a tarde foi maravilhosa, com exceção do fato de eu ser obrigada a retornar mais cedo para casa. Tirando isso, meu dia transcorreu mais tranquilo do que eu poderia imaginar.



Capítulo 19

Quando você recebe o que quer, mas não o que precisa

Coldplay

Eliza

Pouco a pouco as coisas estavam voltando ao seu devido lugar, Larissa já havia retornado às aulas e, como aproveitou o tempo em casa para estudar e pôr em dia as matérias atrasadas, não estava tendo muita dificuldade em realizar as provas finais.

Terminei meu curso de inglês com maestria e estava contando os minutos para o dia da formatura, que seria em breve. Meu relacionamento com Sebastian estava às mil maravilhas, nos encontrávamos quase todos os dias depois das aulas e passávamos grande parte do tempo juntos. Às vezes eu ia para a fazenda apenas para vê-lo trabalhando e ter o prazer de contemplar aquele corpo suado pós trabalho, exalando testosterona.

Acabei conhecendo o pai de Ricardo, que já era um senhor com idade avançada, mas ainda continuava pegando no pesado como qualquer jovem. Ao contrário do filho, era um homem íntegro e honesto, o que me deixou feliz. De

certa forma, Sebastian tinha alguém da família com ele.

O campo de girassóis continuava lindo como sempre, uma pena que em breve as flores amarelas dariam lugar à novas sementes e logo chegaria a época da colheita.

Sebastian estava bastante animado com os resultados, já havia assinado pré-contratos de venda com algumas agroindústrias da região e cogitava a ampliação da área de plantio e mais algumas aquisições de terras vizinhas.

Eu e Larissa nos encontramos no supermercado do bairro para fazermos algumas compras, iríamos passar a tarde na fazenda e fazer uma excursão aos arredores. Seus pais estavam viajando, como sempre, então eu a convenci a ficar lá em casa, e falamos para os meus pais que iríamos sair com algumas amigas.

Chegamos ao campo uma hora mais tarde. Minha amiga ficou completamente maravilhada com a paisagem amarela e eu não tirava sua razão. O lugar era incrível, não somente pela beleza; tinha algo a mais que eu não sabia explicar, era uma mistura de singeleza com calma, eu me sentia outra pessoa ali.

Descemos do carro e eu inspirei o ar puro profundamente. De longe avistei Sebastian na varanda conversando com alguns homens, seus olhos se encontraram com os meus e ele abriu um enorme sorriso. Ele veio em nossa direção, e o engraçado é que eu ainda sentia aquele friozinho na barriga exatamente como era no início. Não conseguia parar de admirá-lo.

— Oi, minha princesa. — Ele me deu um forte abraço seguido de um beijo nos lábios. Quase que me derreti naqueles braços fortes.

— Oi, meu homem! — respondi sorridente.

— Hum, sou seu sim, todinho.

— Alô, estou bem aqui! — proferiu Larissa. — Por favor, não estou a fim de passar a tarde segurando vela. — Franziu a testa.

Eu e Sebastian sorrimos ao mesmo tempo e nos afastamos um pouco. Eu estava para lá de feliz, minha amiga estava de volta, dramática como sempre, nada de tristezas ou ressentimentos, agora éramos só alegria.

— Relaxa, Larissa, prometo que não vou ficar agarrando o Sebastian a cada cinco minutos.

— Eu não posso prometer a mesma coisa, amor. — Ele me abraçou por trás, dando-me um beijo no ombro.

Larissa revirou os olhos e cruzou os braços, bufando. Fui até ela e a abracei apertado.

— Ah, amiga, estou tão feliz. Venha, vou te mostrar tudo por aqui. — Segurei em seu braço e a guiei em direção a casa. — Amor, eu já volto — falei a Sebastian e ele assentiu.

Mostrei todos os compartimentos da casa à Larissa e aproveitamos para guardar tudo que havíamos comprado no supermercado. Retornamos ao campo de girassol, tiramos diversas fotos, fazendo todas as caretas possíveis. Éramos só sorrisos.

Sebastian dispensou os empregados e se juntou a nós, então decidimos explorar a propriedade um pouco mais. Havia um rio que passava nos fundos e era o único lugar que eu ainda não conhecia. Seguimos uma trilha estreita no meio das árvores que ficavam no fundo da casa. Sebastian havia me dito uma vez que era uma área de reserva legal e preservação permanente, onde seu pai sempre fez questão de manter além do percentual exigido e ele, lógico, iria manter a tradição familiar.

Era um homem admirável, não somente por fora, mas também por dentro. Com ele pouco a pouco eu aprendi a valorizar as pequenas coisas da vida, coisas que meses atrás eu nem ao menos me dava conta.

Chegamos ao rio e eu me arrependi instantaneamente por não ter trazido roupa de banho. A água era límpida e brilhante, com uma leve correnteza entre as pedras próximas ao leito. Larissa suspirou admirada ao meu lado e meu namorado sorriu ao notar nossa admiração.

— Gostaram, meninas? — perguntou ele.

— Eu amei — respondi animada.

— Cara, eu não quero ir embora nunca mais, esse lugar é um paraíso. O rio, o campo de girassóis — respondeu Larissa embasbacada.

Sebastian tirou a camisa e se sentou em uma pedra enorme, próxima à margem. Percebi os olhares nada discretos de Larissa sobre o peitoral dele e dei uma cotovelada no seu braço.

— Ai, Eliza, por que fez isso? — resmungou enquanto massageava o braço.

— Pra você parar de ficar secando o meu macho — respondi fingindo estar irritada.

— Ninguém manda você ter um pedaço de mal caminho como namorado.
— Deu de ombros.

— Que atrevida você, hein, Larissa — rebati sorrindo e me sentei no colo dele. Aproveitei o momento e lhe dei um beijo na boca.

— Argh, vocês prometeram que iriam se comportar.

Sebastian ergueu as mãos e respondeu:

— Desculpe, mas eu não prometi nada. Não resisto ficar perto dela sem tirar uma casquinha — falou voltando a me beijar.

— Sendo assim, melhor voltarmos, já estou morrendo de fome. Preciso me distrair com alguma coisa além de ficar vendo vocês dois se agarrando.

Sorrimos com o comentário bobo de Larissa e nos levantamos, em um outro momento voltaríamos para apreciar melhor o rio. Voltamos à casa de Sebastian e fomos direto para a cozinha. Larissa já foi abrindo a geladeira e pegando uma garrafa com suco enquanto eu preparava alguns sanduíches com peito de peru defumado e colocava algumas frutas sobre a mesa.

Comemos em meio a conversas e risadas e assim a tarde passou rapidamente. O sol já se punha no horizonte quando minha amiga voltou a se pronunciar.

— Bom, gente, a tarde foi ótima, mas eu já estou indo. Eliza, eu te espero lá em casa, vê se não demora tanto.

— Não, amiga, eu vou com você — falei e me levantei.

Ela me olhou como se estivesse vendo um ET.

— O Sebastian te leva. Vocês estão doidos pra ficarem sozinhos que eu sei.

— É, amor, eu te levo. — Ele se aproximou de mim com um sorriso de lado.

Abracei- o.

— Desculpa, amor, mas eu realmente não posso. Ainda preciso resolver alguns probleminhas. E infelizmente não poderemos nos ver essa semana devido aos preparativos da formatura.

— Sério isso? — perguntou contrariado.

— Uhum. Até mais, te amo! — Beijeí- o e voltei para casa com Larissa.



Finalmente o grande dia havia chegado. Estávamos todos reunidos na quadra do colégio onde aconteceria a solenidade e mamãe andava de um lado a outro, nervosa, parecia até que era ela a formanda, não eu. Larissa se encontrava ao meu lado roendo as unhas de ansiedade e eu só conseguia pensar em Sebastian. Em poucos minutos a cerimônia iria começar e nada dele aparecer.

O Mestre de Cerimônia deu início ao ato e cada minuto eu ficava mais ansiosa, em todos os momentos lá estava eu olhando para os lugares destinados aos convidados à procura dele.

— Larissa! — chamei. — Você viu o Sebastian?

— Não, Eliza, por enquanto nenhum sinal dele.

— Será que ele não vem?

— Acho difícil, mas pode ser que ele não tenha vindo por causa dos seus pais que estão aqui.

— É. Pode ser! — respondi sem conseguir disfarçar a minha decepção.

Mas eu não tinha por que reclamar, a culpa era exclusivamente minha em não ter a sua presença. Por mais que eu desejasse que ele estivesse ali, prestigiando-me em um momento tão importante da minha vida, principalmente porque fazia dias que não nos víamos devido aos últimos preparativos para a formatura, eu não poderia esquecer o risco que corríamos de sermos vistos juntos.

Todos os convidados de honra foram chamados para juntarem-se à mesa, entre eles o representante dos pais, que era justamente a minha mãe. O cerimonialista deu continuação à solenidade e, um tempo depois, chegou a minha vez de subir no púlpito e fazer o juramento da turma.

Meu nome foi chamado e eu me levantei, estava nervosa além do normal. Passei minhas mãos pela beca na tentativa de arrumar alguma coisa que estivesse fora do lugar, respirei fundo e fui.

Peguei o microfone devagar para não correr o risco de derrubá-lo e o guiei até a boca. Segurei o juramento com força em minhas mãos e o abri sobre o pedestal.

— Boa noite — cumprimentei a todos e comecei a recitar o juramento. —

“Eu prometo ao sair desta escola, cumprir fielmente tudo que aqui foi a mim designado”.

Fiz uma pausa para que os colegas pudessem me acompanhar.

— “Amar e respeitar meus pais e mestres.”

Olhei para a minha frente e encontrei Larissa, que me fitava emocionada.

— “Ser bom filho e bom aluno na graduação e em outros estudos.”

Inspirei fundo e tentei continuar, mas perdi totalmente o fôlego quando olhei ao fundo do auditório. Encostado em uma das portas de entrada estava Sebastian. Ele me olhava sorridente e seus olhos azuis brilhavam pela luz da iluminação. Vestido formalmente com um *black tie* sem a gravata e com os cabelos bem penteados, ele estava de uma elegância descomunal, tirando-me toda a concentração do momento. Ouvi um discreto pigarrear de tosse ao meu lado, me virei um pouco e me choquei com o cerimonialista que me olhava seriamente, instigando-me a continuar.

Por instinto, olhei para os representantes da mesa e notei o olhar acirrado da minha mãe sobre mim e rezei baixinho para ela não ter percebido o motivo do meu desconcerto. Voltei a recitar o juramento.

— “Ter sempre em meu coração a presença amiga de todos que ajudaram na minha formação.” — Percebi que minha voz tremia e eu fiz um esforço sobre-humano para falar, nem eu mesma estava entendendo o tamanho do meu nervosismo. — “Agradeço também aos meus colegas de classe, com quem vivi momentos únicos de aprendizagem e companheirismo. Que nossa amizade não acabe aqui e que possamos nos encontrar daqui a alguns anos, muito melhor do que agora, com uma boa profissão e junto com as pessoas que amamos. A todos, eterna gratidão! E o meu muito obrigado” — finalizei o juramento sem conseguir desgrudar os meus olhos dele. Houve uma explosão de palmas pelo local e logo após retornei para o meu lugar.

No final da cerimônia, reunimos a turma e os convidados para tirarmos fotos. Sebastian continuava me olhando de longe e eu me sentia péssima por isso. Queria correr até ele, abraçá-lo.

O pessoal já começava a sair do auditório. Olhei para os lados e percebi que meus pais estavam entretidos conversando com algumas pessoas e Larissa ainda tirava fotos, toda sorridente. Aproveitei o momento e saí o mais depressa que pude em direção a Sebastian.

Passei por ele devagar e acenei para que me acompanhasse, ele assentiu e

me seguiu entre a multidão. Ao chegar na porta, senti sua mão tocar a minha. Olhei-o sentindo uma vontade louca de beijá-lo, mas não era possível, seria correr riscos demais. Nos afastamos um pouco mais do alvoroço de pessoas e então Sebastian me abraçou.

— Parabéns, amor, você estava maravilhosa! — disse ele no meu ouvido.

— Você que está perfeito! — respondi e o beijei ali mesmo. Estava enfeitiçada pela essência maravilhosa do seu perfume.

— Eliza? — Assustei-me repentinamente. — É melhor você voltar correndo, a mamãe está te procurando. — Meu corpo congelou ao ouvir a voz do meu irmão.

— Jonas? — Virei me para ele, estava cética. — Por favor, não conta pra mamãe nem para o papai — implorei.

Vi-o abrir um sorrisinho travesso e já sabia que estava ferrada. Jonas não era gente quando o assunto envolvia acabar com a minha vida.

— Eu não vou contar, desde que você faça uma coisa por mim. — Sorrii cinicamente. Eu queria esganar esse garoto! — Mas agora é melhor você vir, antes que a mamãe também te flagre nessa pouca vergonha — disse atrevido fechando a cara para Sebastian.

— Ok, garoto, se manda — respondi ríspida.

Jonas saiu correndo em direção ao auditório e eu me virei para Sebastian.

— Nos vemos no baile? — perguntei aflita, colando as nossas testas.

— Claro, amor! Mas e o seu irmão? O que você vai fazer?

— Depois me resolvo com ele. Agora eu tenho que ir. — Voltei a beijá-lo e logo me despedi. Mais tarde nos encontraríamos no baile de uma forma ou de outra.



Fiz alguns retoques na maquiagem utilizando um batom mais escuro enquanto Larissa se vestia. Modelei meus cabelos, deixando as madeixas mais volumosas com cachos grandes e bem definidos. Meu vestido era de um modelo moderno e acentuado, todo na cor dourada com bordados feitos à mão. Possuía frente única, com um decote razoavelmente profundo deixando os meus seios em evidência, e modelagem justa que marcava cada curva do meu corpo e abria um

pouco abaixo dos joelhos.

Larissa estava usando um vestido preto, justo até a cintura e a saia levemente rodada, com uma abertura lateral revelando um pouco da sua coxa. Seus cabelos vermelhos naturais estavam presos de lado em um penteado prático e moderno.

Estávamos definitivamente de parar o trânsito.

Abraçamo-nos uma última vez antes de sairmos e encontramos meus pais, que já estavam nos esperando na sala. Chegamos à festa rapidamente, o local já estava lotado e um DJ tocava *Yeah Yeah Yeah*, do Jax Jones.

— Ah! Eu amo essa música. — Larissa começou a gritar.

— Eu também, amiga — respondi sorridente.

Meus pais se encontraram com um grupo de amigos e passaram a conversar distraidamente, o que achei ótimo, pois assim poderia encontrar Sebastian e fugir para algum lugar mais discreto.

Larissa me puxou para a pista de dança que se encontrava pouco movimentada e começamos a dançar como se não houvesse amanhã. Estava um clima bastante agradável, somente os colegas e convidados mais íntimos, sem sobrecarregar o ambiente com aglomeração de corpos. As luzes piscavam, parcialmente iluminando e escurecendo o ambiente, enquanto garçons trafegavam servindo bebidas e alguns petiscos.

Logo mais ao longe, avistei Sebastian se aproximar. Ele ainda não havia me visto e olhava para todos os lados, provavelmente à minha procura. Senti uma pontada de ciúmes quando uma mulher de cabelos loiros usando vestido longo vermelho se aproximou dele. De longe se via que era atirada.

Olhei para onde meus pais estavam e notei que ambos conversavam alegremente, sem me dar atenção. Analisei a distância entre eles e Sebastian e concluí que eu poderia passar despercebida, por causa do fluxo de pessoas.

Avisei à Larissa que eu iria sair e marchei em direção a ele com passadas rápidas e sensuais, meu peito se alegrou ao ver Sebastian esquivar-se da moça, deixando-a totalmente sem graça no meio da multidão.

Cheguei até ele por trás e sussurrei em seu ouvido enquanto passava a mão pela sua barriga.

— Eu estou de olho em você, amor!

Sebastian riu, alto, e se virou para me responder, mas perdeu completamente a fala. Ele me analisou de cima a baixo e chamadas de fogo se apossaram dos seus olhos, uma mistura de admiração e luxúria que despertou em mim ondas de desejo e vontade de tê-lo.

— Você está maravilhosa, nossa! — disse ainda me olhando embasbacado.

— Tudo isso é pra você! — falei, aproximando-me dele.

— Você está me deixando excitado, aqui no meio de todo mundo. — Ele soltou um suspiro.

— Não seja por isso, amor, eu dou um jeito pra você — respondi e virei as costas para ele, colocando o meu corpo na frente do seu para disfarçar o volume que se formava.

Sebastian começou a roçar a barba pelo meu pescoço, trilhando beijos até o meu ombro. Suas mãos tocaram as minhas costas desnudas, deixando-me quente, e dei uma reboladinha discreta, roçando o meu bumbum na sua excitação. Ouvi-o soltar um gemido.

— Para de me provocar, Eliza! — rosnou ferozmente em meu ouvido, apertando-me a cintura. Eu conhecia o meu homem o suficiente para saber que ele estava subindo pelas paredes. — Eu quero me enfiar todinho dentro de você!

Senti os meus pelos se eriçarem em excitação, esses dias sem vê-lo já estavam me levando a loucura. Precisava encontrar uma desculpa para dar uma fugidinha com ele.

O DJ começou a tocar *Hear Me Now*, do Alok, e o efeito de luzes escureceu um pouco mais o ambiente. Olhei em direção aos meus pais e era quase impossível a percepção dos dois. Guiei Sebastian até a parede em uma ala mais discreta, ficando atrás de dois pilares, e comecei a dançar no ritmo da música. Ele me apertou contra o seu corpo fazendo com que eu sentisse seu membro duro e pulsante cutucando a minha bunda, pedindo para ser libertado. Arfei, completamente excitada enquanto um fogo me consumia por dentro, deixando-me molhada.

— Eliza, eu preciso de você — ele praticamente implorou, suas mãos passeando pelo meu corpo sem descanso.

— Não posso sair agora, amor, você sabe!

— Eu sei. Infelizmente, eu sei, mas estou ficando maluco. Você está muito gostosa com esse vestido colado! — Mordeu o lóbulo da minha orelha e me

apertou ainda mais.

Fechei os olhos, envolvida pela música e pela sensação maravilhosa de estar nos braços dele. Seu perfume me invadia, deixando-me entorpecida. Por um momento me lembrei que estávamos em público e, pior, correndo o risco de sermos flagrados nos esfregando descaradamente um no outro.

Abri os olhos depressa e me afastei um pouco dele. Olhei do outro lado e não avistei a minha mãe, estava apenas o meu pai com uma bebida na mão conversando com outros homens. Vasculhei próximo a onde ele estava e nada dela.

— Amor, precisamos nos afastar um pouco, não estou vendo a minha mãe!

— Tudo bem, vou ficar te observando há uma meia distância.

— Ok, fica de olho no celular.

Deixei-o encostado na parede e comecei a andar em direção ao centro do clube, estava apenas a uns três metros de distância dele quando vi minha mãe se aproximar de mim acompanhada de algumas amigas, uma taça de champanhe na mão.

— Filha, estava te procurando, onde você estava?

— Por aí, mamãe, dando uma volta.

— Olha, quero te apresentar a minha amiga Ana Beatriz. Ela chegou essa semana do exterior e estava em São Paulo, dei um jeitinho para que ela pudesse entrar na festa — minha mãe falou, dirigindo-se à uma mulher de pele clara e cabelos pretos curtos, aparentando ter uns trinta e poucos anos. Não dava para negar que ela era muito bonita.

— Muito prazer, Eliza — ela me cumprimentou com um beijo no rosto.

— Prazer, Ana — respondi com um sorriso.

— Eliza? — Alguém me chamou, tocando o meu braço. Virei-me e dei de cara com Lucas, um colega de classe que vivia na minha cola. — Você aceita dançar comigo? — perguntou esperançoso.

— Desculpe, Lucas, eu não estou muito a fim — respondi, afastando-me um pouco dele.

— Claro que ela aceita! — Como sempre, minha mãe se intrometeu. — Filha, vá se divertir, deixa de ser boba.

— Não, mãe, eu realmente não...

— Para com isso, Eliza, vá dançar. — Ela me empurrou para ele e eu não tive alternativa a não ser acompanhá-lo.

Olhei para Sebastian, que me encarava furioso com a expressão fechada e os lábios semicerrados. Lucas segurou a minha mão e me puxou para pista de dança, quase me fazendo tropeçar.

Comecei a dançar com ele, mantendo-me o mais afastada possível, sentindo os olhos firmes de Sebastian em cada passo que eu dava naquela pista. Dancei umas duas músicas com Lucas, depois inventei uma desculpa qualquer e saí. Peguei meu celular e enviei uma mensagem para Sebastian.

“Amor, vou inventar uma desculpa para poder ir embora, ok? Nos encontramos daqui a pouco.”

Voltei a guardar o telefone e me dirigi até onde meus pais estavam. Ambos pareciam estar se divertindo bastante, eu não teria problemas em sair.

— Mamãe, estou com dor de cabeça. Eu vou pra casa, tá bem?

— Mas filha, ainda está cedo.

— Eu sei, mamãe, mas não estou me sentindo muito bem. Estou indo, tá?

— Claro que não, iremos com você, meu amor.

— Não precisa, mãe. Jonas está em casa com a babá, não é mesmo? Não irei ficar sozinha.

— Nada disso, eu faço questão! — Minha mãe saiu sem me ouvir e chamou o meu pai, se despediram de todos partimos para casa, nem me despedi de Larissa.

Assim que chegamos, subi direto para o meu quarto e meus pais também foram para seus aposentos dizendo estarem cansados.

Tirei meu vestido, preendi meus cabelos em um coque alto para não molhar e entrei debaixo do chuveiro e tomei um banho rápido. Voltei para o quarto e deitei de toalha sobre a cama no exato momento em que meu celular tocou com uma mensagem de Sebastian.

“Estou te esperando na esquina da sua casa, você tem muito o que me explicar”.

Sorri segurando o celular fortemente entre as minhas mãos. Com certeza ele estava se mordendo de ciúmes pelo que houve no clube, e eu estava gostando disso.

“Espere um pouco, meus pais ainda estão acordados”.

“Ok.”

Escolhi um conjuntinho de lingerie vermelha e me vesti com um shortinho curto e blusinha de alça com decote. Passei um perfume suave e deitei sobre a cama. Cerca de meia depois, decidi sair. Os quartos estavam todos com as luzes apagadas e em silêncio, então desci as escadas devagar usando a luz do celular até chegar na sala como eu sempre fazia.

Entrei no banco do carona do carro de Sebastian e o surpreendi com um beijo intenso. Ele correspondeu, mas logo encerrou o beijo e me olhou seriamente.

— O que foi aquilo no clube, Eliza? — disparou — Tem ideia de como eu me senti sem poder te tirar das mãos daquele otário?

— Está com ciúmes, amor? — perguntei provocativa enquanto beijava o seu pescoço.

— Sabe que sim! — disse, impassível. — Você é minha! — proferiu e me beijou os lábios com fúria.

Suas mãos desceram para o cós do meu short e começaram a abrir os botões rapidamente.

— Preciso de você, aqui e agora, amor.

— Ai, Sebastian! — grunhi quando ele abocanhrou um dos meus seios. — Amor, eu não posso demorar muito. — Tentei falar, mas seus lábios voltaram a me beijar.

— Diz pra mim que você é minha, diz!

— Sou sua — respondi arfante.

Ele me ergueu do banco e me fez ficar de joelhos com o bumbum empinado para ele. Retirou o meu short apressadamente, revelando a calcinha fio dental.

— Que bunda é essa, meu pai! — falou, dando beijos quentes, deixando-me arrepiada.

Eu só conseguia gemer ali, vendo-o se deliciar no meu bumbum. Meu sexo estava completamente molhado novamente, louco querendo se entregar a ele.

— Vamos para o banco de trás.

Assenti e me levantei com dificuldade, minhas pernas tremiam em expectativa. Finalmente consegui passar para o banco de trás e Sebastian saiu do carro e deu a volta, aproveitei o momento e tirei a minha calcinha.

Ele voltou a entrar e seus olhos caíram direto para o meu sexo desnudo. Abri um pouco mais as minhas pernas, dando-lhe total visão da minha intimidade, e coloquei um dedo na boca. Ele respirou profundamente, sem conseguir desviar o olhar. Seus olhos pareciam duas labaredas cinzentas transbordando de desejo.

Sebastian se deitou sobre mim, beijando-me o pescoço e descendo até a minha barriga. Senti os seus dedos tocarem meu sexo molhado, arrancando-me gemidos. Seus beijos foram descendo pela minha virilha, eu estava totalmente entregue. Ele escancarou ainda mais as minhas pernas e as colocou sobre os ombros. Começou a massagear o meu clitóris, causando-me ondas de excitação, o que me arrancou um grito alto.

— Sebastian! — gemi o seu nome, estava louca.

Ele me abriu um pouco mais e me penetrou com a língua quente e macia. Grudei minhas mãos em seus cabelos, trazendo-o mais para mim. Seus movimentos eram descompassados, às vezes suaves, às vezes com força, e ele enfiou um dedo em minha entrada, depois outro, fazendo movimentos contínuos até eu explodir em um orgasmo delicioso na sua boca. Sebastian lambeu cada gota da minha umidade antes de começar a desabotoar os botões e zíper da sua calça, libertando todo o comprimento da sua ereção.

Eu estava completamente ofegante por causa do clímax que havia acabado de experimentar, mas minha boca salivava com vontade de tê-lo. Levantei-me do banco do carro e puxei Sebastian para perto de mim, nos beijamos ferozmente e ele enfiou a língua na minha boca com vontade e destreza. Suas mãos continuaram me massageando devagar, proporcionando-me o mais sutil dos prazeres, enquanto eu lhe masturbava, estávamos completamente absortos um no outro, ao amor que sentíamos e no quanto éramos perfeitos juntos.



— Que saudade eu estava de você, amor — disse ele, abraçando-me. Nossos corpos ainda estavam suados depois de fazermos amor intensamente no banco de trás do seu carro.

— Eu também. — Aninhei-me a ele.

— Você quer ir lá pra casa, ou pra um motel? — perguntou.

— Eu tenho que voltar pra casa, está tarde, você não acha?

— Ainda não matei a saudade de você!

Sorri abertamente.

— Teremos o tempo do mundo para isso.

— Tem razão.

— Sebastian?

— Oi.

— Sabe a janela do seu quarto que fica de frente para o campo de girassóis?

— Sim, o que tem a janela do nosso quarto?

— Nosso? — perguntei, surpresa.

— Lógico. Algum dia você irá se casar comigo, é uma promessa! — respondeu convicto.

— Bobo. — Dei-lhe um selinho. — Então, eu estava pensando e acho que você poderia tirar a janela de madeira e pôr uma porta de vidro com duas folhas para podermos ter uma visão total do campo ao acordar pela manhã, ficaria perfeito.

— Você acha?

— Acho não, tenho certeza!

— Tudo bem.

— Você vai fazer isso? — questionei quase sem acreditar.

— Claro que vou. Faço tudo para te fazer feliz!

— Ai, Sebastian, você é demais. — Abracei-o animada e dei um beijo no seu rosto. — Agora tenho que ir.

Trocamos um beijo e nos despedimos. Saí do seu carro radiante, a cada dia eu me sentia mais forte e determinada a falar toda a verdade para os meus pais e enfrentar os obstáculos que nos aguardavam. Eu precisava fazer isso, por mim, por nós, pela nossa felicidade.

Passei pelo portão e fechei-o atrás de mim devagar para não fazer barulho. Cheguei até a porta e a abri lentamente, entrei na ponta dos pés e voltei a fechá-

la. Quando me virei para seguir para o meu quarto, tive um sobressalto quando a luz da sala se acendeu e uma silhueta familiar me fez congelar até os fios de cabelo.

—Mãe? — Olhei-a, pasma. Aquele era definitivamente o meu fim, pega em flagrante.

Mas o pior estava por vir. Sua expressão indicava a total decepção que ela estava sentindo naquele momento. Meu peito se apertou e eu senti dificuldade para respirar à medida que um bolo se formava na minha garganta. Seus olhos estavam vermelhos, parecia que ela havia chorado. Pensei em abaixar a cabeça, eu não sabia nem por onde começar, mas algo me chamou a atenção. Meus olhos fitaram a sua mão por um segundo, mas foi o suficiente para saber o que ela segurava: era o meu teste de gravidez. Havia feito a besteira de deixá-lo dentro da minha bolsa.



Capítulo 20

*Eu apenas me perdi
Em cada rio que tentei atravessar
Toda porta que tentei abrir estava trancada
Eu estou apenas esperando o brilho desencandescer*
Coldplay

Eliza

— Mãe, eu posso explicar. — Me apressei em dizer. Só não sabia como.

— Explicar? Não tem nada para ser explicado! — Sua voz estava alterada e um pouco embargada.

— Mamãe, por favor!

— Eliza, para! — Ela passou a mão pelos cabelos. — Olha só para você, pensou mesmo que eu não soubesse desse teu romance escondido? Eu sou sua mãe, Eliza, e por várias noites chorei sozinha a noite pensando onde foi que eu errei. Por vários dias esperei você ter ao menos decência pra chegar em mim e

me contar.

— Me perdoa, mamãe, por favor — pedi, as lágrimas começavam a rolar sem pudor.

— Eu ainda não terminei! — Seus olhos estavam vermelhos e sua voz tinha um tremor perceptível. — Como você pôde, filha? Sair escondida a noite para se encontrar com um homem, bem debaixo do meu nariz? Eu e seu pai merecemos respeito!

— Eu sei, mãe — Chorei ainda mais, meus olhos queimavam.

— E hoje, fui até o seu quarto te chamar porque estava preocupada, porque você me disse que não se sentia bem. Entrei, e qual foi a minha surpresa? Você não estava, Eliza! — Ela puxou o ar, estava nervosa. — Peguei sua bolsa da escola que você havia deixado jogada no chão e veja só o que encontro? Um teste de gravidez! Você percebe a gravidade dos teus atos?

— Mas o teste deu negativo... — Tentei explicar, enquanto limpava as lágrimas que escorriam.

— Sim, deu negativo! — bradou. — Mas você já parou pra pensar se fosse o contrário? Se tivesse dado positivo?

— Sim, eu sei! — Abaixei a cabeça.

— Eu quero que você me diga agora mesmo quem é ele! — exigiu.

— Mamãe, acho que não é uma boa hora.

— É o tal de Sebastian, não é? — Ela me olhou firme.

Abri e fechei a boca várias vezes, não conseguia formular uma resposta direito.

— É ele? — perguntou novamente.

— Sim... É ele — confirmei.

— Ele tem o que, o dobro da sua idade?

— Mamãe, eu o amo, e isso não me importa.

— É claro que importa, menina. Eu jamais permitiria essa loucura, Eliza! — disse nervosa.

Tentei secar as lágrimas que desciam feito cachoeira pelo meu rosto e voltei a falar:

— Por favor, não conte ainda para o papai. — praticamente implorei.

— Não, não vou contar, até porque esse teu romance está com os dias contados, não é mesmo?

Olhei-a incrédula, não podia acreditar no que ela acabara de falar. Eu não iria desistir dele.

— Mamãe, eu não vou terminar com ele!

Ela suspirou profundamente e se pronunciou:

— Eliza, você está proibida de continuar vendo esse homem. — Voltou a me olhar seriamente. — Você tem uma carreira brilhante pela frente, não posso deixar que estrague tudo. Eu tenho uma coisa pra você, e quero que reflita muito bem antes de tomar uma decisão. Espero seriamente que você tome a melhor decisão!

Minha mãe tirou um outro papel que estava escondido por dentro do seu robe, e me entregou.

— O que é isso? — perguntei sem entender.

— Esse documento chegou ontem à tarde — proferiu. — Acho melhor você dar uma olhada em seu e-mail.

Abri o envelope devagar, o lacre já havia sido aberto, provavelmente por minha mãe.

Chequei o conteúdo do envelope sentindo meu peito inflar. Eu não estava esperando por isso, e foi necessário reler mais duas vezes para que a ficha caísse. Olhei para minha mãe, incrédula. E apesar de toda a nossa discussão, ela sorriu.

— Parabéns filha, você foi aceita na Ryerson.

— Eu mal posso acreditar. — Pus a mão em minha boca e voltei a ler o conteúdo do papel.

Eu tinha menos de um mês para arrumar toda a documentação e embarcar, as aulas se teriam início no segundo semestre de janeiro.

— Mamãe, eu não sei o que fazer, realmente não sei se irei — disse em um impulso e desviei o olhar, meu coração estava batendo descompassado e, pela primeira vez, me vi completamente perdida em uma tomada de decisão que mudaria todo o curso da minha vida.

Ela se aproximou de mim.

— Não seja boba, Eliza, é a chance da sua vida. Estudar arquitetura em uma das universidades mais renomadas do Canadá, ter a chance de morar no centro de Toronto. Não é todos os dias que uma oportunidade dessas bate na nossa porta. Além disso, eu sei o quanto você se esforçou para conseguir essa oportunidade, não pode jogar tudo para o ar agora. — Ela me fitou com um peso no olhar, e eu não consegui respondê-la. — Eu vou me deitar — disse, retirando-se. Deu alguns passos e parou. — Eliza? — chamou e eu voltei a encará-la.

— Oi.

— Por favor, não me decepcione mais.

Minha mãe se retirou em seguida e eu apenas sentei-me no sofá. Minhas pernas não respondiam ao meu comando. Suas palavras haviam sido como um tiro no meu peito.

Por favor, não me decepcione mais.

Entrar na Ryerson seria a realização de um sonho de vida, mas isso significava que meu relacionamento com Sebastian estava chegando ao fim. Eu não conseguiria lidar com isso, o amava demais para deixá-lo assim, mas, por outro lado, não queria mais decepcionar a minha mãe nem a mim mesma, seria algo que me traria arrependimentos eternamente.

Eu ainda segurava os papéis fortemente em minhas mãos, minha cabeça rodava, doída um pouco. Tudo que eu queria era dormir e acordar no outro dia como se estivesse acordado de um sonho, ou pesadelo, não sabia definir ainda.



Acordei extremamente tarde, já passavam das onze da manhã. Levantei-me, sentindo o corpo dolorido e a cabeça latejando. Olhei em meu celular e havia mensagem de Sebastian.

“Bom dia, meu amor, dormiu bem?”

Apertei o aparelho contra o peito, havia um *mix* de culpa se entrelaçando no meu organismo, mas eu não estava com ânimo para respondê-lo agora. Desliguei a tela e guardei o aparelho no bolso.

Peguei meu notebook e entrei na ala de aprovados no site da Ryerson, havia uma mensagem me notificando sobre o documento enviado para a minha residência e pedindo urgência no meu retorno para confirmação. Confirmei e voltei a desligar o notebook.

Escovei os dentes e desci para tentar comer alguma coisa, como era domingo estavam todos em casa. Papai se encontrava na parte da piscina, pondo carvão na churrasqueira, e mamãe estava na cozinha, preparando alguns acompanhamentos já que hoje Marta não trabalhava.

Cheguei à cozinha e me sentei próximo ao balcão. Minha mãe me encarou por um momento e parou o que estava fazendo, colocou a vasilha sobre a pia e se sentou ao meu lado.

— Você está bem? — perguntou.

— Sim — menti.

— Tem certeza? — questionou franzindo a testa.

— Uhum.

— Tudo bem. Come alguma fruta e vá se divertir na piscina, daqui a pouco sua amiga está chegando.

Concordei e minha mãe voltou ao que estava fazendo. Acabei dispensando a fruta, meu estômago estava embrulhado. Senti meu telefone vibrando no bolso do meu short e peguei o aparelho para verificar quem era. Meu coração doeu ao ver o nome de Sebastian na tela, mas minha razão me obrigou a rejeitar a chamada. Eu precisava pensar, e conversar com ele agora com certeza só iria me deixar ainda mais confusa.

Em uma hora, Larissa chegou e partimos direto para a piscina. Ficamos conversando por um tempo, eu tentava esconder ao máximo todos os últimos acontecimentos, ainda não me sentia preparada para desabafar com ninguém sobre o assunto.

Depois de tomarmos um bom banho de piscina, minha mãe nos chamou para almoçarmos. Reunimos todos à mesa e almoçamos entre risos e conversas, quer dizer, todos menos eu, que mal toquei no prato ou falei alguma coisa. Depois que Larissa terminou, fomos as duas para o meu quarto.

— Amiga, tenho algo para contar — disse ela assim que nos sentamos na cama.

— O que seria?

— Então, eu vou embora para São Paulo, essa cidadezinha já deu pra mim.

— Está falando sério?

— Sim, amiga. Hoje passei o dia com você porque amanhã mesmo irei

embora. Desculpe não ter falado antes, eu não queria te deixar triste.

Abracei-a fortemente, sentindo meu peito sufocado. Mas eu a entendia. Talvez ela apenas quisesse esquecer todos os momentos de pânico que havia passado aqui, e talvez o sorriso estampado em seu rosto fosse apenas uma máscara do sofrimento que ela carregava no coração.



Os dias passavam e eu continuava na mesma. Mal saía do quarto, muito menos me alimentava direito. As únicas vezes que saí foi para arrumar alguns documentos na companhia da minha mãe, entre eles o meu passaporte, mas ainda não era uma decisão tomada, eu ainda não havia decidido se iria ou não. O peso nas minhas costas estava me esmagando, minha cabeça gritava para ir, mas meu coração implorava para ficar aqui, ao lado do homem que eu amava, ao lado de Sebastian. Sinceramente, a minha vida havia se transformado em um martírio, mas o que fazer quando a emoção se depara com a razão?

Todos os dias Sebastian me ligava tentando entender o que havia acontecido, por que eu não o encontrava mais ou por que quase não atendia as suas ligações. Eu sempre inventava uma desculpa qualquer. Sabia que não era justo esconder dele algo desse patamar, mas não queria preocupá-lo antes de decidir alguma coisa concretamente. Além disso, minha mãe havia me proibido de vê-lo e me vigiava constantemente.

Estava deitada na minha cama, como eu sempre fazia ultimamente. Sentia-me cansada e sem nenhum ânimo.

Levantei-me para descer um pouco até o quintal e tomar um ar fresco, mas senti um mal-estar repentino e uma vontade imensa de vomitar. Voltei a me sentar sobre a cama. Minhas mãos estavam frias, eu precisava voltar a me alimentar direito senão iria acabar ficando doente

Permaneci parada por alguns minutos até me sentir um pouco melhor. O celular tocou, fazendo-me dar um pulo de susto. Estranhei por ser um número desconhecido, mas atendi.

— Alô.

— Eliza?

— Sim, quem fala?

— Eliza, aqui é da clínica ginecológica América, você poderia passar aqui

hoje? É um assunto urgente!

— Sim, claro. Você pode me adiantar sobre o que se trata?

— Desculpe, mas eu não tenho essa informação.

— Tudo bem, estou indo agora mesmo.

Desliguei o telefone, surpresa. América era a clínica em que eu havia feito o teste de gravidez, será que esqueci algum documento quando me consultei? Peguei minha bolsa e chequei meus documentos, mas estavam todos ali, inclusive eu os havia usado para tirar meu passaporte.

Estava aflita, mas precisava saber o que estava acontecendo.

Desci as escadas devagar, trêmula, e encontrei minha mãe sentada no sofá conversando no celular com alguma amiga.

— Mamãe, posso falar com a senhora um minuto?

Ela voltou seu olhar para mim e acenou para que eu esperasse um pouco.

— Ana, daqui a pouco eu te ligo, minha filha está me chamando.

Aproximei-me, vendo-a encerrar a chamada, e fui direto ao ponto:

— Mamãe, eu preciso sair — falei.

Ela me olhou seriamente, franzindo a testa.

— Se for para encontrar aquele homem, você já sabe a minha resposta.

Funguei tentando conter as lágrimas e a encarei.

— Eu não entendo, por que tanta raiva dele? Ele é um homem bom, responsável e me ama — afirmei.

Minha mãe levantou-se, impaciente, passando as mãos pelos cabelos.

— Não tem nada a ver uma coisa com a outra, menina. Olha pra você. Acabou de completar dezoito anos, tem uma faculdade para cursar. Eram os seus sonhos, Eliza, já se esqueceu? — Ela colocou o celular sobre a mesinha de centro e se voltou para mim. — Ele já é um homem maduro filha, experiente. Faça-me o favor, acha mesmo que isso iria dar certo? Sinceramente, eu não sei o que você tinha na cabeça quando foi se envolver com ele — ela despejou tudo de uma vez, fazendo com que eu me sentisse ainda pior.

— Mãe, eu só preciso ir na clínica América, não tem nada a ver com ele — justifiquei.

Ela respirou profundamente.

— O que vai fazer lá? Está sentindo alguma coisa? — interrogou.

Refleti por alguns segundos, pensando o que eu deveria responder se nem eu mesma sabia a resposta. Por via das dúvidas, resolvi omitir os fatos.

— Eu só preciso fazer uma consulta de rotina — menti.

Ela me olhou desconfiada enquanto passava a mão na gola da blusa verde.

— Tudo bem, eu te levo — disse séria.

Respirei fundo e assenti.



Cheguei a clínica em alguns minutos, mamãe me deixou logo em frente, pediu que eu a ligasse assim que terminasse a consulta e retornou para casa. Entrei, fui até a recepção e me identifiquei. A atendente pediu para que eu aguardasse um momento, dizendo que logo seria atendida pelo doutor Robson. Sentei-me, pensativa, imaginando o que poderia estar acontecendo. Eu não fazia a mínima ideia do que o doutor queria falar comigo, principalmente por ele ser o diretor da clínica.

— Eliza Martinez — a atendente chamou e eu me levantei, dirigindo-me para o consultório.

— Bom dia, doutor. Qual o motivo da urgência? — perguntei aflita, indo direto ao ponto.

— Bom dia, Eliza. Pode se sentar, por favor — falou, apontando para a cadeira na sua frente.

Sentei-me e esperei que ele continuasse.

— Eliza, é o seguinte. Há algumas semanas você esteve aqui na clínica e se consultou comigo, certo?

— Certo — confirmei.

— Então, naquele mesmo dia, havia uma outra mulher aguardando para recolher o sangue na sala de coleta, você se lembra?

— Sim, me lembro.

— Pois bem. A auxiliar de enfermagem que recolheu sua amostra de

sangue acabou se confundindo e trocou os nomes do tubo de ensaio contendo sua amostra com o da outra mulher. — Ele fez uma pequena pausa e continuou — Isso é algo que quase nunca acontece, mas infelizmente aconteceu aqui na nossa clínica. Entramos em contato com a outra pessoa assim que detectamos o erro e ela já se apresentou aqui. Eu peço desculpas em nome de toda equipe pelo constrangimento, mas já estamos tomando as devidas providências, um erro desse patamar não pode passar a limpo.

Meu cérebro começou a processar tudo o que ele acabara de falar, mas me mantive calma, afinal foi apenas um mal entendido, nada demais, não é mesmo?

— Mas agora está tudo certo, não é? — perguntei um pouquinho receosa.

— Eliza, antes que eu a responda, gostaria que me informasse algo. Sua menstruação está em dia?

Estagnei diante a pergunta dele. Minha menstruação ainda não tinha decidido, mas eu continuava acreditando que era devido os últimos acontecimentos.

—Não. Mas creio que está prestes a descer, estou sentindo os meus seios doloridos. — Ele anotou na ficha tudo o que eu dizia antes de voltar a falar.

— Sobre a ultrassonografia que fizemos, não havia constatado nenhum indício de saco gestacional, mas há uma explicação plausível para isso. Ainda estava muito cedo...

— Espera, o que você está querendo dizer? Poderia ser mais objetivo, por favor? — pedi completamente aflita, interrompendo-o.

— Olha, peço que repita o exame Beta HCG, mas eu posso adiantar com cem por cento de certeza que você está grávida. Meus parabéns.



Capítulo 21

*Sou uma pedra que rola sozinha e perdida
Por uma vida de pecado tenho pago o preço*
Coldplay

Eliza

— Um filho? — Me firmei na mesa para não cair, o ar faltou em meus pulmões e eu não consegui me mover. — Mas como? O teste de farmácia deu negativo!

— Sim, eu sei. Mas deu negativo pelo mesmo motivo que não constou nenhuma presença de feto na ultrassonografia. Foi feito cedo demais.

Meu corpo tremeu e de repente as coisas começaram a ficar descompassadas.

— Eliza... Eliza, você está se sentindo bem? — Ouvi a voz do médico ao longe, como num sonho. Não conseguia respirar direito, fui perdendo o controle dos meus movimentos. Senti o médico tocar o meu braço e de repente tudo ficou escuro.

Abri os olhos lentamente, recobrando a consciência, e me dei conta que estava deitada. Olhei à minha volta, vendo o quarto claro e bem iluminado. Havia uma enfermeira conferindo a minha pressão e percebi que eu não estava mais no consultório, mas reconheci a voz do doutor Robson vindo da porta.

— Você se sente melhor? — a enfermeira perguntou.

— Sim. Só estou um pouquinho enjoada.

— Você teve uma queda de pressão. Vou chamar o médico para vê-la — ela falou, tirando o aparelho do meu braço, e se retirou. Em alguns minutos, o doutor abriu a porta e veio até mim.

— Eliza, como está se sentindo?

— Um pouco enjoada.

— Isso é perfeitamente normal no início da gravidez. Vou te receitar algumas vitaminas e um remédio para amenizar o enjoo, tudo bem?

Sentei-me sobre a maca, ainda sentindo o mundo rodar a minha volta.

— Aqui está. — Ele me entregou a receita. — É necessário que você marque uma consulta o quanto antes para começar o pré-natal, certo?

— Certo. — Assenti, ainda desacreditada.

Saí da clínica completamente sem chão. Nem mesmo tive ânimo para ligar para minha mãe. Não fazia a mínima ideia do que iria acontecer, muito menos que rumo a minha vida iria tomar daquele momento em diante. A única certeza é que eu teria um bebê, um filho de Sebastian.

Continuei andando sem rumo pelas ruas, o sol estava quente, o que me deixava ainda mais tonta. Havia uma árvore imensa mais à frente, apressei um pouco os meus passos e me sentei na calçada, debaixo da sombra.

Eu precisava encontrar uma maneira de resolver essa situação, mas como? Minha mãe seria a primeira a me esganar, e com razão, mas não havia outra forma, eu teria que contar a ela. Cheguei em casa alguns minutos depois, após pegar um táxi. O carro de papai já estava estacionado, o que significa que ele se encontrava em casa para almoçar.

Entrei e dei de cara com meus pais conversando na sala alegremente, mas perceberam a minha chegada.

— Eliza? Por que não me ligou? — questionou minha mãe.

Engoli o choro que estava entalado em minha garganta e tentei camuflar o

desespero que havia se instalado em meu olhar antes de respondê-la.

— A consulta foi rápida, mamãe, não quis te incomodar. — Ela estreitou os olhos, mas assentiu.

— Meu amor, venha até aqui — chamou.

Andei até eles, minha face queimava pelo esforço sobre-humano de tentar conter o choro que teimava em querer escapar.

— Sim, mãe.

— Seu pai comprou sua passagem e já alugou um apartamento pra você ao lado da universidade — contou, bastante empolgada. — Isso não é ótimo? E você não vai morar sozinha, uma colega brasileira do curso de direito irá morar com você, já providenciamos tudo.

Fiquei parada, estática, completamente paralisada. Tive vontade de gritar ou correr, não sei. Eu só queria acordar desse pesadelo.

— Venha cá, Eliza, me dê um abraço — papai falou e me abraçou. — Estou tão orgulhoso. Inclusive, vamos fazer um jantar em comemoração.

— Você embarca em dois dias, filha — anunciou minha mãe.

Meu sangue congelou.

— Dois dias?

— Sim, meu amor, as aulas já irão começar, você sabe — explicou.

Era uma sensação de impotência tão grande que eu não conseguia expressar nenhuma vontade. Ver o sorriso em seus rostos, orgulhosos, me deixava completamente sem ação.

— Tudo bem. Eu irei subir agora, estou um pouco cansada — disse. Precisava ficar sozinha, precisava pensar.

— Ok, te esperamos para o almoço.

Concordei e comecei a subir as escadas devagar, mas uma tontura momentânea me fez parar no meio do caminho. As coisas giravam ao meu redor como num vendaval. Segurei no corrimão para não cair e me mantive firme, meus pais não poderiam desconfiar de nada, não antes de eu contar tudo a minha mãe, e principalmente a Sebastian. Eu estava disposta a abrir mão de todos os meus sonhos para ficar com ele e cuidarmos do nosso filho.

O mal-estar passou um pouco, então aproveitei para chegar o mais rápido

possível ao meu quarto. Deitei-me sobre o colchão macio, completamente desnorteada, e mergulhei em pensamentos. Por um instante, me vi acariciando a minha barriga de leve, ainda mal acreditando que iria ter um bebê. Meu peito estava apertado e minha consciência pesada, seria um baque muito grande para a minha família.

Jamais pensei que algo assim pudesse acontecer comigo. Mas eu estava ali, carregando um ser que alguns dias atrás eu nem ao menos queria. Isso me martirizou por dentro, pois já começava a amá-lo com todo o meu coração, contrariando a tudo e a todos, mesmo tendo a minha vida sendo revirada de cabeça para baixo.

Um filme passava pela minha cabeça, desde o dia que vi Sebastian pela primeira vez até o momento atual. Nosso amor era improvável, mas acabou se tornando único, como um incêndio contido por uma noite de tempestades.

Meu celular começou a tocar do meu lado na cama. Virei-me para pegá-lo, minha visão estava um pouco embaçada por causa dos meus cílios molhados, mas pude ver o nome de Sebastian no visor.

Não dava mais para continuar fugindo, eu precisava lhe dar alguma explicação sobre o meu sumiço, não era justo com ele e nem comigo mesma.

— Oi — atendi.

— Eliza?

— Oi, Sebastian.

— Podemos conversar pessoalmente?

Ouvi sua respiração pesada do outro lado da linha.

— Tudo bem... Você me busca aqui perto de casa?

— Sim. Chego aí em vinte minutos.

— Ok.

Desliguei a chamada e me levantei. Olhei-me no espelho da parede e até me espantei com a minha própria imagem. As olheiras estavam profundamente visíveis devido às noites em claro sem conseguir dormir direito.

Dirigi-me ao banheiro, precisava de um banho urgente. Tinha menos de quinze minutos para ficar pronta para me encontrar com ele, e ainda elaborar uma desculpa muito convincente, ou falar a verdade de uma vez por todas. Era tudo ou nada.

Entrei debaixo do chuveiro e deixei a água levar embora o meu mal-estar, junto com a ardência do choro que me queimava por dentro. Em quinze minutos estava pronta, então saí do quarto, rumo às escadas. Cheguei a sala de jantar e encontrei mamãe com Márcia arrumando a mesa para o almoço. Ela me olhou de cima a baixo e veio ao meu encontro.

— Pra onde você está indo, Eliza?

Parei por um instante refletindo sobre o que dizer. Não havia mais motivos para continuar mentindo sobre ele, então resolvi falar a verdade, apenas omitindo alguns fatos.

— Eu vou me encontrar com ele — respondi.

Ela me fuzilou com olhar severo, aproximando-se.

— Não. Você não vai!

— Mamãe, por favor, não faz isso comigo — pedi.

— Não faz isso comigo? Não faça isso com você mesma, Eliza.

Deixei uma lágrima escorrer por meu rosto, minhas pernas estavam trêmulas e minhas mãos suavam.

— Ele ainda não sabe de nada, por favor, deixe-me conversar com ele.

Ela pareceu relaxar os ombros e sua expressão tomou uma forma mais leve.

— Vai dizer que está indo embora? — indagou. — Eu espero plenamente que seja isso, Eliza. Espero que você acabe logo com essa palhaçada e comece a arrumar suas coisas.

Senti meu coração falhar. Como ela poderia ser assim tão insensível? Eu o amava, não era assim tão simples.

— Mamãe, por favor, não...

— Filha... — interrompeu-me. — Acredite, eu não quero o seu mal. Não me desobedeça — pediu, fitando-me.

— E-u... eu... — balbuciei com voz falha.

Ela suspirou com pesar, mantendo-se séria ao me ver falhar miseravelmente em minha resposta.

— Tudo bem. Vê se não demora, e faça a coisa certa dessa vez.

— Ok. — Assenti, sentindo meu peito destroçado por dentro, e saí.

O carro de Sebastian já estava estacionado na esquina da minha casa. O vidro do carona se encontrava aberto, então pude me aproximar e vê-lo olhando para o nada. Ele parecia estar aéreo e triste, nem se deu conta da minha chegada.

Bati no vidro para chamar a sua atenção e ele se virou para mim instantaneamente. Abriu a porta e eu entrei, fechando-a em seguida.

— Tudo bem com você? — perguntou, fitando-me.

— Sim. — Tentei forçar um sorriso.

Aproximei-me dele e beijei-o nos lábios, mas o cheiro do seu perfume invadiu o meu organismo e me causou uma sensação estranha, um mal-estar repentino.

Afastei-me assustada e abri ainda mais o vidro da janela.

— O que foi?

— Não é nada. — Inalei o ar que entrava e pouco a pouco o enjoo foi diminuindo.

— Eliza, o que está acontecendo?

Senti meus olhos se inundarem com o peso de toda aquela responsabilidade em minhas costas.

— Não quero falar disso agora, Sebastian, vamos sair daqui primeiro — pedi.

— Você já almoçou?

— Ainda não.

— Então vou te levar pra almoçar.

— Não, Sebastian, vamos pra sua casa, por favor.

— Tem certeza?

— Sim.

— Tudo bem.

Ele deu a partida e saímos em silêncio. Mantive minha atenção virada para as ruas da cidade, procurando não o encarar, mas o fluxo de carros e pessoas, juntamente com o cheiro de gasolina e o perfume forte, fizeram a minha cabeça rodar. Engraçado, o perfume que eu tanto amava agora estava me fazendo ficar

enjoada e era uma sensação horrível. Recostei minha cabeça na janela e fechei os olhos, estava contando os minutos para chegarmos logo.

Chegamos à sua casa e saí do carro praticamente correndo. Eu me sentia fraca, mal me alimentava direito, e agora com as náuseas as coisas só se complicavam, estava difícil manter a discrição.

— Eu vou à um restaurante aqui perto e já volto. — Ele me entregou as chaves e se dirigiu para o carro.

Assenti e entrei. Fui direto para o quarto dele e me joguei na cama. Peguei o celular e procurei o número de Larissa. Como eu queria que ela estivesse aqui comigo, as coisas seriam mais fáceis.

Disquei o número dela, mas a chamada caiu direto na caixa de mensagens. Deixei o celular sobre a cama e me sentei, abraçando os meus joelhos. Eu me encontrava em uma situação tão complicada que não desejava nem ao meu pior inimigo.

Meu Deus, o que eu iria fazer? Deveria contar a ele agora ou esperar mais um pouco? Se eu contasse agora, corria um sério risco de ser estrangulada por minha mãe, mas o pior não era isso, o pior seria ver a decepção estampada em seu rosto, sabendo que foi tudo eu que causei. Por outro lado, Sebastian precisava saber sobre o bebê, era um direito dele.

— Eliza? — Assustei-me com a sua chegada repentina, estava tão presa nos meus pensamentos que não o vi se aproximar. — Você prefere almoçar primeiro ou conversar? — perguntou sério.

O melhor seria conversarmos logo, mas, como sempre, preferi adiar essa parte mais um pouco.

— Vamos comer. Estou faminta. — Levantei-me.

Acompanhei-o até a cozinha e me sentei à mesa. Servi-me de um pouco de salada e suco de laranja. Olhei para a carne de porco assada na minha frente, parecia tão boa e suculenta, mas o cheiro me deu ânsia de vômito, então tratei de deixar de lado.

— Você vai comer apenas isso? Não é uma quantidade muito satisfatória para quem se dizia estar morta de fome!

Não respondi nada. Servi-me de um pouco de arroz e comi uma rodela de tomate, o sabor parecia mais agradável do que eu me lembrava, senti vontade de comer com sal, até salivei.

Levantei para pegar o sal e coloquei mais algumas rodela de tomate no meu prato, Sebastian apenas me observava confuso. Mas fazer o que, a vontade era quase irresistível. Terminamos de almoçar e Sebastian lavou a louça, enquanto eu o esperava na sala.

Alguns minutos depois, ele chegou e se sentou ao meu lado.

— Será que agora você pode me explicar por que sumiu esses dias e nem ao menos atendeu as minhas ligações? — Foi direto ao ponto.

Fitei o chão por alguns segundos, ainda sem saber como ou o que responder.

— Eu não estava me sentindo bem esses dias.

— E isso é motivo para me ignorar, Eliza? Eu já estava quase batendo no portão da sua casa!

— Desculpe, Sebastian, mas eu realmente não estava no clima.

— Olha, eu sei que isso não é motivo para você agir assim, tem alguma coisa acontecendo e você não quer me dizer. Será que eu devo me preocupar, Eliza? — Ele me encarou profundamente em busca da verdade a qualquer custo.

Respirei fundo.

Vai Eliza, é agora, conta tudo a ele.

O coração acelerou, mas meu corpo é falho e tudo o que consegui pronunciar foi totalmente o contrário do que eu havia imaginado de início. Eu estava insegura sobre falar a verdade para ele naquele momento, sabia bem que a primeira coisa que ele faria seria ir até a casa dos meus pais e contar que eu teria um filho dele. Eu ainda não estava preparada para ouvir a palavra "fracassada" da boca da minha mãe, ou ouvir meu pai dizer que eu havia destruído a minha vida. Eu me sentia derrotada pelas rasteiras da vida.

— Não, amor, você não precisa se preocupar. Foi apenas isso.

— Poxa, Eliza. Você não vai mesmo me dizer? Tem ideia de como fiquei esses dias? Quase louco! — Ele se levantou e alterou um pouco a voz.

— Sebastian, é sério. Eu não estava me sentindo muito bem e agora estou naqueles dias, você sabe, menstruação, cólicas — menti, levantando-me também.

— Engraçado, isso nunca foi desculpa, não é? Mas tudo bem, não vou mais insistir. Quando você achar que deve me contar, estarei esperando.

Aproximei-me dele e enlacei seu o pescoço.

— Pode acreditar em mim, amor!

Beijei os seus lábios macios e ele correspondeu. Nosso beijo era lento e fugaz, uma degustação de sabores.

— Você sabe bem como me manipular, não é? — sussurrou.

Suas mãos começaram a passear pelo meu corpo, indo até o zíper da minha calça jeans, descendo-o.

Droga, me lembrei que havia dito que estava menstruada, não poderia transar com ele.

— Amor, para, estou naqueles dias, lembra?

Ele pegou a minha mão e pôs em cima do seu membro por cima da calça, fazendo com que eu sentisse toda a sua rigidez.

— Eu não me importo. A gente pode fazer debaixo do chuveiro, ou aonde você quiser. — Mordeu meu lóbulo e apertou um dos meus seios.

Arfei, querendo-o. Voltamos a nos beijar com desejo, eu me sentia perdida, completamente rendida a ele, e sabia que teria que inventar mais mil desculpas quando ele percebesse que eu não estava menstruada.

Nosso beijo se tornou mais intenso e o fogo começou a me invadir.

Sebastian se afastou um pouco e tirou a camisa, jogando-a no chão. Seu perfume se reacendeu pelo quarto, causando-me um reboliço no estômago. Fechei os olhos esperando a sensação horrível passar, mas não passou. Ele se aproximou novamente para me beijar, mas tudo que consegui fazer foi empurrá-lo e me esquivar dele, saindo correndo para o banheiro.

Abri a tampa do vaso apressadamente e senti o mundo rodar, uma sensação sufocante se instalou na minha garganta e um gosto amargo invadiu a minha boca. Ajoelhei-me no chão e Sebastian chegou desesperado atrás de mim.

— Meu amor, o que foi?



Sebastian

Tirei minha camisa depressa. Queria matar toda a saudade que sentia,

mesmo sabendo que ela escondia algo, mesmo sabendo que mentia. Eliza era a minha perdição, um vício irresistível. Meu corpo implorava por seus toques, seu calor.

Aproximei-me novamente para beijá-la, mas nesse exato momento Eliza se desvencilhou e saiu em disparada para o banheiro, deixando-me completamente confuso. As coisas aconteceram numa velocidade tão grande que só tive tempo de ir atrás dela e vê-la se ajoelhar perto do vaso. Fiquei bastante apreensivo, vendo que ela realmente não estava passando muito bem. Perguntei-me há quantos dias ela poderia estar assim, na verdade, fiquei desesperado com a possibilidade de ela estar com alguma doença grave.

— Meu amor, o que foi? — perguntei.

Não houve tempo para respostas. Ela aproximou o rosto do vaso e colocou para fora tudo que havia comido no almoço. Segurei seus cabelos no topo da cabeça e me mantive ao seu lado até ela terminar. Eliza se levantou devagar e eu a segurei pela cintura, seu corpo estava trêmulo e sua testa suada.

— Eliza, você está pálida. Vamos para o hospital. — Ela se firmou em mim, parecia... fraca.

— Não precisa, eu já estou bem.

— Não... Você está passando mal, vamos.

— Não, amor! Eu vou ficar bem — disse ainda com a respiração descompassada. — Alguma coisa que comi me fez mal.

— Garota teimosa.

Guiei-a até a pia para que lavasse o rosto e escovasse os dentes. Eu me encontrava seriamente preocupado e o medo de ter algo grave acontecendo não saía da minha cabeça. Eu morreria se alguma coisa acontecesse a ela.

— Eu só quero ficar deitada, quietinha. Você fica comigo? — perguntou.

— Lógico. Nem precisava pedir.

Peguei-a nos meus braços e me dirigi de volta ao quarto.

— Sebastian, eu ainda sei andar, me põe no chão — protestou.

— Mas está passando mal. Me deixe cuidar de você.

Ela revirou os olhos e eu sorri. Poderia até estar exagerando, mas eu adorava mimá-la, estava no meu instinto de homem cuidar, proteger e amar muito essa mulher.

Coloquei-a sobre a cama, deixando seus cabelos esparramados sobre os lençóis. Tirei sua blusa e sua calça jeans, deixando-a apenas com as peças íntimas.

— Sebastian, seu perfume está me deixando enjoada — disse enterrando o rosto no travesseiro.

Franzi o cenho, desconfiado, e a fitei por um segundo. Ela sempre amou esse perfume e agora estava enjoada, assim, do nada? Ela estaria... Não, seria impossível, o teste havia dado negativo!

— Eliza, tem certeza que você não tem nada sério para me contar?

Ela voltou a me encarar, assustada.

— T-tenho... É que o cheiro é forte, e eu te disse que não estava me sentindo bem.

— Ok. Vou tomar banho — respondi, nem um pouco convencido, e saí.

Tomei um banho rápido, certificando-me que havia tirado toda a fragrância, e me sequei. Lá fora começava a cair uma chuva torrencial sem trovões, causando um barulho calmante no telhado.

Voltei ao quarto, peguei uma cueca boxer e me vesti. Eliza havia pegado no sono e estava deitada de bruços com a coxa esquerda em cima do travesseiro e o bumbum à mostra.

Aproximei-me dela, seu corpo estava completamente arrepiado pelo frio que começava a despontar. Acaricieei suas costas de leve, intercalando com beijos suaves, indo até o seu bumbum. Massageei-o, meu corpo começava a dar sinais de excitação em vê-la ali, descoberta. Minha mulher era maravilhosa.

Fechei os olhos e traguei o ar tentando manter os pensamentos impróprios longe. Naquele momento ela precisava de cuidados e eu estava ali para isso. Peguei o edredom e a cobri com cuidado, deposei um beijo em seu rosto angelical e me deitei junto com ela, abraçando-a.



Capítulo 22

Por você eu daria todo o meu sangue

Coldplay

Eliza

Acordei me sentindo aquecida. Braços fortes envolviam o meu corpo, dando-me todo o calor que eu precisava. Sebastian dormia tranquilamente abraçado a mim, sentia sua respiração quente no meu pescoço e sua barriga colada nas minhas costas.

Levantei-me devagar para não o acordar e me dirigi até a janela. O dia já havia escurecido quase que completamente, mas ainda era possível ver as poças de água da forte chuva que havia caído naquela tarde. Abri a janela do quarto e a brisa gelada balançou os meus cabelos. Deixei o lençol que me envolvia o corpo cair no chão e toquei a minha barriga com suavidade, permitindo que uma lágrima escorresse pelo meu rosto.

— Meu amor, a mamãe vai resolver isso, tá bom? — sussurrei baixinho.
— Está na hora de falar sobre você para o papai.

— Eliza? — Sebastian me chamou, assustando-me. Levantei a cabeça e o olhei.

— Amor, eu preciso te falar algo. — Andei até ele.

— Por que está chorando, princesa?

Sorri.

— Eu também gostaria de saber. O que tenho pra dizer, vai mudar todo o curso da nossa vida.

— E isso é bom ou ruim?

— Isso é você que vai me dizer.

— Então me diz. Estou ansioso pra saber.

— Sebastian, n-nós.... — gaguejei, minha voz não saía.

— Nós o quê?

— Eu estou... — Meu telefone começou a tocar.

Virei-me para o aparelho que estava em cima do criado-mudo. Peguei o celular e olhei o visor. Era a minha mãe.

— Eu preciso atender. É a minha mãe — comuniquei.

— Tudo bem.

— Oi, mãe.

— Eliza? Você está atrasada filha, olha a hora. Se esqueceu do jantar em família hoje?

Ai, meu Deus. Coloquei minha mão sobre a cabeça. Eu realmente havia me esquecido.

— Desculpa mãe, estou indo.

Encerrei a chamada e me virei para Sebastian.

— Amor, eu tenho que ir. — Comecei a me vestir apressadamente.

— Você não vai terminar o que ia me dizer?

— Depois a gente conversa. Você pode me dar uma carona?

— Sim, claro.

Ele começou a se vestir e logo saímos.

Em minutos, ele me deixou próximo à minha casa, nos despedimos e ele foi embora. Entrei quase correndo. Mamãe estava na sala conversando com algumas amigas enquanto Márcia arrumava a mesa de jantar.

Percebi quando minha mãe se deu conta da minha presença e veio ao meu encontro.

— Filha, se apresse. Já chegaram alguns convidados.

— Pensei que fosse apenas um jantar em família — questionei, estranhando todo aquele aglomerado de pessoas.

— Eu não poderia deixar de convidar as minhas amigas e seus respectivos maridos — respondeu.

— Ok. Vou me arrumar.

Subi as escadas até o meu quarto. Tomei um banho e sequei os cabelos, escolhi um vestido de corte reto na cor preta e um conjuntinho de pulseiras e brincos combinando. Fiz uma maquiagem leve e passei apenas um hidratante de aroma suave.

Depois de pronta, desci as escadas e me juntei à minha mãe para recepcionar os convidados. Papai estava todo sorrisos e Jonas não parava quieto com os coleguinhas.

Tentei manter um sorriso aberto no rosto, mas o mal-estar não ajudava muito, o que acarretou em idas constantes ao jardim para tomar um ar. O jantar transcorreu bem na medida do possível, não comi praticamente nada. Minha mãe, claro, fez um enorme discurso sobre o quanto estava orgulhosa da sua tão amada filha estar indo estudar fora do país e, lógico, encerrou com um brinde regado a champanhe. Eu fiquei apenas no suco.

Todos me saudaram satisfeitos, felizes pelo jantar que mais parecia uma festa, mas também felizes pelos meus pais. Grande maioria ali tinha filhos e creio que era uma alegria compartilhada.

Pena que quem deveria estar radiante não estava, na verdade eu me encontrava indo direto para um abismo sem fim, escuro e aterrorizante.

Não poderia negar que sempre tive vontade de ir pra Ryerson, era um sonho de vida, tanto que fiz a minha inscrição cheia de expectativas. Mas meus sonhos se transformaram, e o que ontem para mim era tudo, hoje ficava em segundo plano. Agora eu iria ser mãe, agora eu amava alguém, e iria lutar pela minha felicidade.

Pensando nisso, assim que grande parte dos convidados foi embora, respirei profundamente e fui até a minha mãe

— Mamãe? Podemos conversar a sós?

— Claro, meu amor.

Seguimos para a cozinha. Essa era a minha hora, iria falar tudo a ela, sobre a minha gravidez e que não iria mais pra Ryerson. Chegamos ao cômodo e eu me recostei no balcão. Ainda não sabia como começar a falar. Minha mãe me olhou sorridente, estava radiante.

— Olha só pra você, meu amor. Está tão linda. — Tocou-me o rosto. — Eu quero que saiba que, por você, estou me sentindo a pessoa mais realizada do mundo. Eu sempre soube que você era capaz, e sei que tudo que conseguiu foi por seus próprios méritos.

Ela falava sem pausa, estava emocionada.

— Hoje foi uma noite especial, um marco na sua vida, na minha e na do seu pai. Você viu só como ele estava alegre? Há muito tempo eu não o via assim.

Meu peito se apertou e meus olhos começaram a lacrimejar. Como eu poderia contrariá-la? Ela era a minha mãe, a pessoa que mais me apoiava na vida. Seria certo eu ser tão egoísta e pensar apenas em mim? Seria certo eu abrir mão de tudo para viver o amor que estava sentindo? Mas não era apenas isso, tinha um bebê nessa história, um bebê que merecia uma família.

— Ah, mamãe. — Abracei-a.

— Mas então, o que você tinha para me dizer? — perguntou secando os olhos.

Meu corpo congelou completamente e um suor frio percorreu pela minha espinha.

— Mamãe, eu...

— Sim, filha. — Ela me encarou com os olhos brilhando em expectativa.

— Peço que, por favor, me perdoe, mas eu não irei pra Ryerson.

Olhei-a trêmula, vendo o sorriso morrer em seu rosto, sentindo meu coração parar dentro do peito.

— Eliza, você não pode fazer isso. — Sua expressão de descontentamento era tão visível que pensei que ela fosse ter um treco a qualquer momento.

— Mamãe, por favor. Eu...

— Cale essa boca, menina. Não vou permitir que destrua o seu futuro. Se você sente algum amor por mim ou pelo seu pai, você vai. Eu não suportaria ter que ver você jogando a sua vida no lixo, se lamentando todos os dias por uma escolha errada! — Sua voz saiu rude, com mágoa, impedindo que eu continuasse.

Baixei a cabeça, sem conseguir segurar as lágrimas. Minha cabeça girava, meu peito estava angustiado.

— Desculpe... — pedi. — Nunca mais irei decepcioná-la.



Sebastian.

Deixei Eliza próximo à sua casa e retornei para a minha. Precisava encaixotar algumas coisas para levar para fazenda, pois na próxima semana iria terminar o contrato de aluguel e eu me mudaria de uma vez por todas.

Cheguei em casa, imaginando o que de tão importante Eliza tinha para me dizer. Parecia algo urgente. Estacionei o carro na garagem e entrei em casa. Peguei algumas roupas no guarda-roupa e coloquei sobre cama para pô-las em caixas.

Fiquei horas arrumando tudo, mas meu pensamento não abandonava Eliza um só momento. Queria acreditar que as coisas estavam bem, mas ela estava agindo estranha nos últimos dias, e de uma certa forma isso me deixava tenso.

Já era tarde da noite quando resolvi parar e ir descansar um pouco. Tomei um banho e preparei um sanduíche natural. Depois de comer, caí na cama e adormeci rapidamente.

Acordei cedo para continuar o que eu havia começado. As horas passavam depressa e decidi não ir à fazenda. Havia enviado mensagem pra Eliza mais cedo, mas não obtive resposta. Pensei que ela ainda poderia estar indisposta, então tratei de me tranquilizar. Se ela não melhorasse, eu iria levá-la ao médico nem que fosse à força.

Anoiteceu e eu me encontrava na varanda falando com tio Vicente, estava prestes a fechar um contrato de compra de uma enorme propriedade próxima à

minha fazenda. Iria expandir o meu negócio e estava bastante satisfeito com os resultados, a procura era grande pela matéria-prima de produção de óleo, bem diferente de anos atrás quando eu ainda era um garoto.

Dessa vez eu sentia que as coisas iriam dar certo. E meu próximo passo seria pedir Eliza em casamento. Sei que estava cedo, eu corria um sério risco de receber um não na cara, mas eu não queria mais esperar, queria poder dormir e acordar com ela ao meu lado todos os dias.

Estava distraído ao telefone quando ouvi alguém bater no portão. Olhei em direção ao mesmo e reconheci a silhueta de Eliza pelas grades. A noite estava escura, mas eu reconheceria aquele corpo em qualquer parte do mundo. Despedi-me de tio Vicente e desliguei a chamada rapidamente, indo em direção a ela.

Abri o portão e Eliza me abraçou fortemente, estava chorando.

— Amor, calma... Olha pra mim. Eliza, olha pra mim.... Me diz o que está havendo, por que você está chorando desse jeito? — Ela tremia em meus braços e os seus soluços eram constantes. — Me diga, por favor. Alguém te fez algum mal? Você está machucada? Fala!

Ela se aninhou mais a mim, sem conseguir falar. Seu corpo tremia e isso já estava me deixando desesperado por não saber o que havia acontecido ou o que poderia acontecer. Após algum tempo assim, ela pareceu se acalmar mais e se afastou dos meus braços.

— Quero te falar algo — disse, secando uma lágrima.

— Vamos entrar, vem.

Segurei em sua mão e a levei para dentro de casa, sentindo uma angústia no peito.

— Me diga, Eliza. Me fale de uma vez por todas o que está acontecendo? — exigi assim que chegamos na sala.

Ela me encarou, seus olhos estavam inchados pelo choro e as olheiras profundas.

— Sebastian... Eu quero terminar o nosso relacionamento.

Nada no mundo havia me preparado para ouvir o que ela tinha acabado de me dizer.

— Como? Você não pode estar falando sério! — Olhei-a incrédulo e passei a mão por meus cabelos.

— Eu sinto muito. As coisas devem ser assim. Tudo que houve entre a gente termina aqui, e agora.

Parecia que meu sangue estava coagulando em minhas veias, cada palavra proferida por ela era como uma faca fincada no peito. Comecei a andar de um lado para o outro, desnortado.

— Não. As coisas não devem ser assim, é você que quer assim! — falei, ríspido. Não conseguia entender por que ela estava fazendo isso.

— Sebastian, me perdoe, mas é melhor assim. Não iríamos dar certo... Somos tão... diferentes.

Ela falava com convicção, mas não conseguia manter o olhar preso a mim, o que me deixava ainda mais aterrorizado.

Porra! Eu a amava demais.

Aproximei-me dela, aflito, vendo-a dar alguns passos para trás até se chocar contra a parede. Seu peito subia e descia, estava nervosa.

— Eu falei muito sério quando disse que estava te entregando a minha vida. Você é a minha vida, porra! — praticamente gritei, encarando-a. Estava perdendo o controle.

Ela fechou os olhos, trêmula. Sei que a assustei, mas eu estava ficando louco.

Sem conseguir raciocinar direito, beijei-a com vontade, em uma tentativa desesperada de fazê-la mudar de ideia, mas ela se afastou de mim, deixando-me totalmente destruído por dentro.

— Eliza, não faz isso com a gente — implorei. Minha garganta estava seca, doía um pouco, a angústia era muito grande.

— Sebastian, eu não... eu não posso. Acabou — ela disse, balbuciando quase inaudivelmente, mas foi o suficiente para me fazer fechar os olhos em uma tentativa frustrada de resistir à dor causada por suas palavras duras.

— Não entendo por que você mente tanto — respondi com dificuldade. — Espero que não se arrependa jamais do que está fazendo — falei, sem conseguir olhá-la, seria humilhante demais me derramar em lágrimas em sua frente.

— Adeus, Sebastian. — Ela se dirigiu até a saída apressadamente e eu segui seus passos com o olhar. Eliza abriu a porta e me fitou uma última vez antes de sair.

Encostei na parede e finalmente permiti que as lágrimas transbordassem pelos meus olhos, a dor não cabia mais dentro do peito. Dizem que homem não chora por amor, engraçado, acabei descobrindo da pior forma possível o quão mentiroso era esse ditado. Esse era o preço que eu estava pagando por amar demais uma mulher.

Mal podia acreditar que isso estava realmente acontecendo. Jamais pensei que doeria tanto assim ser jogado para escanteio, justamente por alguém que eu havia me doado por completo. Pulei de cabeça nesse relacionamento como um soldado ferido em busca da cura, mas quebrei a cara em cheio e as cicatrizes só se abriram ainda mais, destruindo tudo o que restou de mim.

— Que droga!

Sentei sobre o chão frio. Meu cérebro ainda não tinha digerido todas as palavras ditas por ela, e a cada toque de realidade eu sentia como se estivesse morrendo. Eliza havia terminado comigo do nada, sem me dar nenhuma explicação plausível. Eu realmente acreditei que ela me amasse, nem me toquei o quanto as suas atitudes imaturas e inconsequentes soavam tão suspeitas. Deveria ter sacado tudo, que era bom ficar comigo pelo sexo, ou porque eu fazia tudo que ela queria, de todas as formas, a qualquer hora do dia. Palmas para mim que merecia o Oscar de “otário” do ano.

Uma chuva fina começava a cair, pintando a calçada com as gotas de água. Já passava da meia noite e eu ainda estava sentado no chão, não consegui fazer mais nada a não ser pensar nela e no quanto às coisas poderiam ser diferentes.

Será que ela me deixou por causa de outro homem? Será que encontrou outro ainda mais babaca que eu? As possibilidades me deixaram perturbado, o ciúme me consumia por dentro. Eu não iria aguentar vê-la com outro e, por mais que eu tentasse odiá-la, não conseguiria, nem hoje nem nunca.

Peguei meu celular no bolso, a nossa foto em frente ao campo de girassóis estava estampada no papel parede. Ela sorria, parecia feliz. Seria mentira esse sorriso também?

Ai, Eliza, o que você fez comigo?

Fui em meus contatos e selecionei o número dela. Eu merecia uma explicação convincente ao menos isso para me sentir um pouco em paz. Seria melhor saber de uma vez, ouvindo da boca dela que estava com outro. Quem sabe assim eu não criava vergonha na cara e parava de sofrer à toa?

Disquei seu número, chamou algumas vezes e caiu na caixa de mensagens.

Voltei a discar novamente, dessa vez coloquei o telefone sobre a minha perna e acionei o viva-voz. Chamou uma, duas, três vezes antes de aparecer na tela chamada rejeitada.

Levantei, atônito. Nem falar comigo ela queria.

Aflito, segurei fortemente o celular em minhas mãos por alguns segundos, até ouvir o bip de mensagem. Era uma mensagem dela.

Meu peito doía por receio de ler o que ela havia me enviado, mas era preciso. Talvez ela tivesse mudado de ideia, não sei. Abri a mensagem e senti minha respiração falhar. Eu estava totalmente enganado sobre ela ter repensado a respeito, a mensagem só afirmava o quanto fui um capacho em suas mãos.

“Somos de mundos diferentes, nossa diferença de idade é um peso em minha vida, não posso viver com isso. Eu não te amo, por favor não me procure mais.”

Em um sobressalto, completamente fora de mim, joguei o aparelho com toda força que eu tinha na droga da parede. O aparelho se transformou em mil cacos no chão, exatamente como estava a minha alma.

Fui até a cozinha e peguei minhas chaves que se encontravam sobre o armário, chutei algumas caixas que estavam em meu caminho, justamente uma que continha algumas roupas. Um sutiã dela que estava misturado às minhas camisas voou até o chão. Ela o deixou aqui em uma das inúmeras madrugadas quando fugia de casa à noite para fazer amor comigo.

Abaixei-me e peguei o pedaço de pano almofadado com algumas rendas brancas e segurei fortemente em minhas mãos. Inspirei profundamente, ainda tinha o seu perfume adocicado e o cheiro do seu corpo. Droga!

Coloquei o sutiã de volta na caixa e saí, precisava beber algo forte, precisava esquecê-la, nem que fosse por algumas horas. Encontrei um único bar aberto naquele horário, localizado em um bairro mais afastado, e vi alguns moleques usando droga nas esquinas das ruas. O local era mal iluminado e se encontrava caindo aos pedaços; mesmo assim entrei e fui direto no balcão.

Pedi uma garrafa de uísque ao atendente e me sentei em um dos bancos disponíveis. Tomei um gole da bebida, senti minha garganta queimando. Mas era isso, uma garrafa de uísque barato seria a minha companhia hoje, eu não me importava com mais nada.

Algumas pessoas dançavam ao som de uma música brega, várias mulheres se exibiam quase nuas no meio do salão. Algumas começaram a me encarar,

acenando. Simplesmente ignorei e voltei minha atenção para a garrafa de uísque, de problemas eu queria distância, já tinha demais para um só dia.

— Oi. — Uma mulher se sentou ao meu lado.

— Oi. — Olhei-a e respondi.

Era uma mulher de cabelos loiros encaracolados, parecia ter uns trinta anos mais ou menos, sua maquiagem estava um pouco borrada em volta dos olhos e ela tragava um cigarro.

— Está afim de fazer um programa? — ela cruzou as pernas e me jogou um olhar provocante, creio que numa tentativa de se parecer sexy.

— Não! Obrigado.

Virei outro gole da bebida.

— Você está aqui tão sozinho, tem certeza que não precisa de uma boa companhia para terminar a noite?

Ai, meu pai, parecia até meu carma. Só me aparecia gente doida.

— Eu tenho certeza.

— Por acaso é gay?

— Não sou gay. Estou mais para trouxa mesmo.

— Pelo visto tem mulher na parada. E pela situação da sua cara, o baque foi grande.

A mulher não parava de falar um minuto, o que me deixava ainda pior. Ela tinha que me lembrar o tempo todo por que eu estava ali? Merda!

— É — respondi, seco.

— Mais um motivo pra terminar a noite comigo. Se você fizer, direitinho talvez eu nem cobre.

Ela se aproximou um pouco mais.

— Eu não quero ser indelicado, mas você está pedindo. Será que eu posso continuar bebendo em paz?

— Ok. Desculpa. Caso mude de ideia, estarei bem ali — falou, apontando para o fundo do bar.

Não respondi. Tomei mais uma dose de uísque, depois outra. No final da garrafa, eu nem sentia mais nada. O líquido descia como água pela minha

garganta.

Joguei algumas cédulas em cima do balcão e acionei o atendente. Levantei-me para ir embora, minha cabeça girava como num vendaval. Firmei-me no balcão e saí cambaleando entre as pessoas que circulavam no local, com muito esforço consegui chegar até o meu carro que estava estacionado a poucos metros. Entrei no veículo e tentei ligar, mas meu esforço foi em vão. Minhas mãos tremiam e minha visão estava embaçada, o mundo rodava a minha volta. Acabei desistindo. Com muita dificuldade, acabei passando para o banco de trás, deitei e simplesmente apaguei.



Um barulho abafado se fez presente no ambiente e acabou me despertando.

Fiz um esforço para abrir os olhos, mas a luz do sol bateu forte, quase me deixando cego. Uma dor maçante se apoderou da minha cabeça, parecia que estava rachando ao meio.

Mais uma vez ouvi o barulho abafado, dessa vez mais forte. Levantei com dificuldade e recostei em uma parede fria, parecia vidro. Estava completamente tonto. Passei a mão pelos meus olhos e os abri aos poucos. Percebi que não era uma parede, e sim o interior do meu carro.

Ouvi o barulho vindo de fora novamente. Virei-me e havia um senhor encostado no carro, encarando-me. Então era isso, ele que estava batendo na janela. Desci o vidro do carro e me senti um pouco melhor com o vento que soprava. O sol já estava quente. O senhor de meia-idade se abaixou para falar algo.

— Moço, tá tudo bem por aí?

— Eu acho que sim — respondi.

— Você tem sorte então. Esse lugar não é o local mais adequado do mundo para passar a noite dentro do carro.

Olhei à minha volta e percebi que o bairro era bem afastado do centro, possuía vários terrenos baldios e uma vizinhança não muito convidativa, tratando-se de alguns camaradas que andavam pela rua.

— O senhor tem horas? — perguntei.

— Sim... Já são quase meio dia.

Ai, não. Eu tinha vários compromissos marcados para hoje, e havia perdido a maioria. Mas o que deu em mim?

— Muito obrigado, senhor. Eu já vou indo.

— Vá em paz. Da próxima vez tenha mais cuidado. Você pode não ter tanta sorte assim — avisou e saiu, dando-me um aceno.

Acenei também.

Eu não fazia a mínima ideia de como nem por que havia ido parar ali. Lembrava-me de estar chateado, magoado com algo, não sei bem. Forcei minha memória, precisava entender. Lembrei da loira no balcão me enchendo o saco, ela havia dito algo sobre ter sido um grande baque. Mas que baque?

Busquei meu celular no bolso, não estava. Procurei em todos os lugares do carro, nada. Será que eu havia sido roubado? Fechei os olhos procurando me lembrar um pouco mais. Forcei ao máximo a minha memória.

Sebastian... acabou!

A voz de Eliza soou tão forte na minha cabeça, como se ela estivesse aqui na minha frente, fazendo-me passar por tudo aquilo novamente. Então era isso, ela havia terminado comigo. Eu não poderia ficar assim, parado. Esperando o tempo passar ou a dor amenizar. Não! Eu iria tomar uma atitude agora mesmo.

Abri a porta do carro e saí, fui em direção ao banco do motorista. Seria agora, queria saber se ela teria coragem de me dizer tudo aquilo novamente, olhando na minha cara.

Saí a toda velocidade daquele lugar. Passei em uma farmácia e comprei uma cartela de analgésico, engoli dois comprimidos de uma vez e voltei correndo para o carro. Parecia que minha cabeça estava prestes a explodir.

Cheguei em frente à casa de Eliza, estacionei o carro e saí, indo em direção ao portão. Apertei por várias vezes a campainha e esperei um minuto. Nenhum sinal de ninguém. Droga.

— Eliza! — Bati no portão e chamei-a igual um doido no meio da rua. — Eliza!

A porta se abriu. Sua mãe veio em minha direção, parecia alarmada.

— Mas o que está acontecendo aqui? — perguntou nervosa.

— Cadê ela? Cadê a Eliza?

Ela franziu a testa, como se estivesse estranhando a minha pergunta.

— Você não sabe?

— Não! Eu não sei. O que eu deveria saber? — questionei completamente alterado.

— Eliza foi embora, Sebastian. Ela embarcou pela madrugada pra fora do país.

— Não! Isso só deve ser alguma brincadeira. Vocês estão brincando comigo, não é?

— Eu estou falando muito sério.

— Para onde ela foi? Me diga, por favor!

— Eu sinto muito. Mas se ela não te disse é porque tinha seus motivos.

— Meu Deus. — Passei a mão pelos meus cabelos, transtornado. A cada minuto que se passava, era um golpe diferente.

— Espero que você siga com sua vida e esqueça a minha filha. Eu não tenho nada contra você, Sebastian, na verdade te acho um homem bacana. Mas Eliza não é para você. Entenda isso!

As palavras dela entraram como espinhos. Não que eu me importasse com o que os outros pensavam ao meu respeito, mas só de imaginar que Eliza provavelmente achava o mesmo, que eu não servia para ela... Ah, isso machucava demais.

Virei as costas para ela e saí. Eu não precisava ouvir mais nada, as coisas estavam bastante claras para mim.

Eliza havia me devolvido a vida e logo depois a levou embora. Mas de uma coisa eu tinha total certeza, amei-a com toda a força que existia no meu ser. Um sentimento tão forte assim nem o tempo era capaz de apagar.



Capítulo 23

*Ninguém disse que seria fácil,
É uma pena nós nos separarmos*
Coldplay

Eliza

Pisei em solo canadense após mais de treze horas entre conexões e voos. Saí do desembarque e peguei minhas malas na esteira. Minha colega de apartamento já me esperava no Aeroporto Internacional Pearson de Toronto com uma plaquinha com o meu nome gravado em letras maiúsculas. Aproximei-me e estendi a mão para cumprimentá-la. Ela ignorou totalmente o meu gesto e me abraçou.

— Seja bem-vinda a Toronto, Eliza. Estou tão feliz.

— Obrigada — respondi.

Michele era pura alegria. Ao contrário de mim, ela parecia felicíssima em morar fora do Brasil, principalmente por estar frente a frente com alguém da sua nacionalidade. Se não fosse a minha situação complicada e minha vontade de

morrer, certamente estaria contagiada pela sua motivação.

Aparentemente ela era alguns anos mais velha que eu. Sua pele era negra de um tom acobreado e seus cabelos com cachos bem-definidos batendo na altura dos ombros se estendiam por debaixo da touca grossa de algodão, dando-lhe um ar selvagem e de personalidade forte. Apesar das suas vestes densas devido o frio glacial que fazia, era possível perceber o quanto o seu corpo era bem delineado e suas curvas não negavam a nacionalidade brasileira, exatamente como o mel dos seus olhos. Ela era uma linda mulher, uma verdadeira mistura de etnias.

— Vamos? Não vejo a hora de podermos nos conhecer melhor — disse, animada. — Pegue isso, eu tenho certeza que você não está cem por cento preparada para o frio que te espera lá fora.

Ela me estendeu um casaco grande e eu agradeci aos céus por isso, havia experimentado um pouquinho do frio exorbitante assim que coloquei meus pés para fora do avião.

— Obrigada. — Dei um breve sorriso e coloquei o casaco sobre o outro com que eu já estava vestida, sentindo as minhas mãos dormentes mesmo usando luvas.

Michele me ajudou com as malas e seguimos para a saída do aeroporto, onde já havia um táxi a nossa espera. O clima estava congelante e a neve começava a cair. Toronto era inacreditável, com imensos edifícios de designers avançados e formas diversas. Com certeza em um outro momento eu me sentiria a pessoa mais feliz do mundo por estar ali, mas nessas circunstâncias eu só conseguia me lembrar dele, do meu Sebastian.

A dor que eu havia visto refletida em seus olhos machucou mais em mim que nele próprio. Seu olhar transmitia puro desapontamento e temia que a ferida que eu acabara de abrir no seu coração fosse irreversível.

Eu observava detalhadamente os prédios e praças pelo vidro do carro. Era tudo novo, diferente e muito bonito, mas nada se comparava à magia e paz que sentia quando estava no campo de girassóis com ele. Uma gota de água escapou dos meus olhos, minhas mãos estavam trêmulas pelo frio, mas também pelo meu conflito interno. Estava tentando ser forte, precisava ser forte, por mim, pelo meu bebê. Agora éramos somente nós dois e eu teria que arcar com as consequências não importando o quão amargas pudessem ser.

Percebi Michele me olhando de canto de olho. Ela se manteve em silêncio

por grande parte do trajeto até agora, exceto quando passávamos em frente a algum ponto turístico famoso ou lojas de roupas mais apropriadas ao clima dali naquela época do ano.

— Tá tudo bem, Eliza? — Michele perguntou tocando o meu ombro.

— Sim — respondi e sequei outra lágrima. — É que é tudo muito novo pra mim.

— Também me senti assim quando cheguei, dois meses atrás, mas logo me acostumei. A cidade é incrível, você vai ver. Irei te levar pra conhecer muitos lugares legais. Antes, iremos às compras, você vai precisar de mais alguns casacos, o frio aqui não perdoa.

Forcei um sorriso. Michele me passava confiança e havia um ar sincero em suas palavras. Sentia que seríamos grandes amigas.

Passamos em frente ao campus da Universidade e confesso que fiquei impressionada com a estrutura e o modernismo. O taxista estacionou em frente ao prédio que eu moraria de agora em diante, só alguns poucos metros separavam minha nova casa da Ryerson.

O motorista pegou as minhas malas e levou até o elevador principal do prédio. Seguimos com ele, e depois de pagarmos a corrida, fomos para o nosso apartamento que ficava no vigésimo andar.

— Bem-vinda ao lar, Eliza.

Michele abriu a porta, revelando um ambiente aconchegante e com decoração jovial, as paredes pintadas em tons de creme e vários quadros espalhados pelas paredes.

Entramos no apartamento e Michele me ajudou novamente com as malas. Deixam-nas na sala e eu a segui para conhecer melhor os cômodos do apartamento.

— Eliza, esse é o seu quarto — disse, abrindo a porta.

O cômodo era bem iluminado, com papel de parede floral em tons de azul e branco na parede principal. Tinha um enorme guarda-roupas de cor branca e uma cama de casal no centro, além de uma cômoda também branca e um criado-mudo com abajur compondo o ambiente.

Mas o que mais gostei foi da janela, que me dava acesso à uma vista incrível. Era possível ver parte do edifício da Ryerson e do lago Ontário, que ficava bem próximo e se encontrava completamente congelado. Sem contar a

vista panorâmica do maior shopping da cidade, o Eaton Centre.

— É lindo — falei.

— É sim. Tivemos muita sorte em conseguir esse apartamento — respondeu sorridente. — Vou te deixar descansar agora. Mais tarde a gente conversa um pouco mais. Vou aproveitar para fazer o jantar, certo?

— Ok, Michele. Até mais tarde.

Ela saiu e fechou a porta. Deitei-me sobre a cama e me envolvi com o edredom. O frio estava extremo, os termômetros na rua marcavam temperaturas abaixo de zero e tudo que eu mais desejava era sentir o calor de Sebastian sobre o meu corpo.

Meu corpo estava aqui em Toronto, mas meus pensamentos haviam ficado no Brasil, naquela pacata cidadezinha do interior de Minas Gerais onde vivi os dias mais inesquecíveis da minha vida. A angústia me apertava em cheio e eu não conseguia parar de imaginar como ele estava, ou se algum dia iria me perdoar. As lágrimas afloraram dos meus olhos como uma cachoeira em queda livre. Segurei os lençóis com força, tentando amenizar a dor.

Abrir mão de alguém que tanto amamos é o mesmo que abrir um corte no peito com as próprias mãos. Eu só queria que o sofrimento passasse, só queria poder esquecê-lo e finalmente seguir a minha vida como eu havia prometido aos meus pais, me formar na Ryerson e me tornar uma renomada arquiteta. Mas as coisas não eram tão fáceis assim, porque quando um sentimento é verdadeiro, não importa o que faça, nem para onde vá, ele permanece para sempre.



Passaram-se alguns dias e eu e Michele estávamos nos dando muito bem. Já havíamos comprado algumas roupas mais apropriadas para o rigoroso inverno e conversávamos constantemente. Ela havia me falado um pouco sobre a sua vida no estado do Rio de Janeiro. Tinha vinte e seis anos e sempre deu um duro danado, além de ter sofrido muito em um antigo relacionamento, onde pegou o noivo na cama com outra mulher, e foi por isso que resolveu mudar os rumos da sua história e estudar direito fora do Brasil.

No dia seguinte começariam as aulas e isso me deixou um pouco mais animada. Apesar dos enjoos serem constantes, eu estava tentando levar a minha vida com a cabeça erguida. Não estava sendo fácil, a culpa era meu domínio

ultimamente e eu tinha total convicção dos meus erros, e por isso me sentia sufocada. Eu precisava conversar com alguém em algum momento, desabafar, e Michele parecia estar apta a me ouvir sem me questionar nada. Era visível que ela já havia percebido que tinha algo acontecendo comigo, mas sua discrição falava mais alto.

Eu me encontrava próxima à janela do meu quarto, olhando a neve cair no chão. A cidade estava completamente pintada de branco, desde as calçadas até a copa das árvores.

Mais uma vez relembrei a noite em que eu havia terminado com ele, do quanto tive vontade de desistir de tudo e ficar ali, com ele, para sempre. Naquela noite, após sair da casa de Sebastian aos prantos, permaneci parada encostada no muro sem conseguir me mover, até que vi um carro se aproximando de mim. Quando levantei os olhos, vi a silhueta da minha mãe se aproximando. Ela provavelmente havia me seguido até ali. Pensei que eu levaria uma bronca, mas ela me abraçou e disse que ficaria tudo bem, que essa dor iria passar e que eu iria agradecê-la depois.

Assim que chegamos em casa, fui direto para o meu quarto e ela foi comigo.

Lembro-me de me deitar na cama com ela ao meu lado e, após longos minutos chorando, tomei um analgésico para amenizar a dor de cabeça e adormeci. Acordei com minha mãe me chamando pela madrugada, era hora de ir.

Deixei os pensamentos de lado e abri um pouco o vidro da janela, o ar entrou congelante. Voltei a fechá-la e saí em direção a sala.

Michele estava deitada no sofá, recostada a algumas almofadas assistindo à uma série na TV — *Bitten*. Respirei fundo e me aproximei devagar.

— Michele? — chamei.

— Oi. Eliza. Senta aqui comigo, esse episódio está muito bom.

— Eu queria conversar com você. Na verdade, eu quero desabafar, posso?

— Claro — ela respondeu e se moveu, dando-me espaço para me sentar a seu lado.

Sentei e a encarei. Seus olhos me passaram a confiança que eu precisava.

— Michele, eu estou com um problema muito sério e não sei como resolver. — Meus olhos começaram a arder e minha garganta ficou seca.

— Se eu puder ajudar, pode contar comigo. Do que se trata?

— Acho que você me ajudaria muito só em me ouvir.

— Fiquei à vontade para se abrir comigo, Eliza.

— Eu... eu estou grávida. E nem meus pais, nem o pai do bebê sabem — despejei de uma vez.

Ela me fitou normalmente, sem acusações, nem nada do tipo, apenas um semblante tranquilo como se dissesse “está tudo bem.”

— Eu imaginei isso, Eliza — ela respondeu com seriedade. — Ninguém vomita tanto assim por nada. Eu só não quis te aborrecer com perguntas desnecessárias, acho que cada pessoa tem o seu tempo, e fico muito feliz que você tenha confiado em mim.

Contei a ela todos os acontecimentos, quando conheci Sebastian, os dias que passamos juntos e o quanto nos amávamos, falei sobre o campo de girassóis e o porquê da minha decisão em vir para cá. No fim dos meus relatos, eu já estava chorando compulsivamente. Olhei para Michele e ela também chorava comigo. Ela me abraçou por longos minutos, até que meus soluços se dissiparam.

— Eliza, eu nem sei o que dizer. E olha que tenho muita experiência nessa vida.

— Eu me sinto sem saída.

— Eu imagino. Posso te dar um conselho?

— Sim.

— No seu lugar não deixaria o homem que amo e pai do meu filho por causa de um capricho de mãe. Você tinha que ter pensado em você e no seu filho primeiramente, os outros são só os outros. Eu não sou mãe, Eliza, mas eu sou a mais velha de uma família de seis irmãos, e a felicidade das pessoas que amo sempre vêm em primeiro lugar.

— Eu sei, Michele, mas eu estava e ainda estou muito confusa. Não consegui impor as minhas vontades. Meus pais estavam tão... felizes.

Ela segurou minhas mãos.

— Ah, minha querida. Como eu queria que meu ex fosse como o seu Sebastian. Eu estaria feliz e casada agora.

— Mas infelizmente, pra mim, você não estaria aqui me ouvindo — disse

ela sorriu.

— É verdade. Mas vamos lá, me mostra uma foto desse homem, quero ver o todo poderoso que conquistou uma mulher tão bonita quanto você. Porque vamos combinar, você parou o Canadá inteiro quando chegou aqui.

Ri com seu comentário. Michele era mesmo incrível, sua força e perseverança estavam me fazendo um bem muito grande.

— Só um instante. — Peguei meu celular e procurei uma foto dele que tirei no dia da minha formatura. A saudade bateu em cheio. — Aqui está.

Ela pegou o celular e analisou a foto por alguns segundos.

— Puta que pariu, Eliza! Que homem é esse? Olha esse queixo. Ele exala testosterona de longe.

— Ele é mesmo muito bonito — respondi sorridente.

— Bonito é pouco. Um verdadeiro deus grego. Agora eu entendo porque você está grávida, devia ser difícil resistir a um trenzão desses com o negócio desencapado. Não, sério. O nome dele deveria ser “quero te dar sem camisinha.”

Não me aguentei e ri mais um pouco. Deus havia me abençoado muito colocando Michele na minha vida, ela me fazia enxergar as coisas de uma outra maneira.

— Muito obrigada, Michele, eu me sinto muito melhor agora.

— Não precisa me agradecer. Agora eu quero que você pense com calma em tudo o que conversamos. Amanhã você liga pra ele e fala sobre o bebê, tenho certeza que ele vai vir correndo, Eliza. Tenho certeza que ele vai te ouvir e te entender. Depois conte tudo a sua mãe, não importa o que ela disser, lembre-se, é a sua vida e a vida do seu bebê que está em jogo. Ele merece crescer ao lado do pai e da mãe dele.

— Obrigada, por tudo. — Abracei-a, completamente emocionada. Eu mal a conhecia, mas algumas pessoas são assim, aparecem na nossa vida quando mais precisamos e nos fazem enxergar a verdade por trás das aparências. O que às vezes parece certo, pode não ser tão certo assim aos olhos de outra pessoa.



Capítulo 24

*Você pode ser um peixe grande
Em um lago pequeno
Mas isso não quer dizer que você ganhou
Pois logo pode surgir
Um bem maior que você
Coldplay*

Sebastian

Os dias começaram a passar devagar como em câmera lenta. Eu me encontrava no escritório da fazenda relendo alguns contratos, mas na metade do caminho meus pensamentos voavam ao longe. A saudade dela apertava tanto por dentro como se eu estivesse prestes a ser sufocado. Era assim que eu me sentia, com uma corda no pescoço, sem saber o que pensar ou agir, um cego no tiroteio. Eliza me pôs sobre uma corda bamba e depois cortou o último fio que ainda estava intacto.

— Filho? Sebastian? — tio Vicente chamou, despertando-me. Nem ao

menos vi a hora que ele chegou.

— Oi. Eu não vi o senhor chegar. — Virei-me para ele e respondi.

— Também, estava todo avoado! Ainda pensando naquela mulher?

— É complicado. — Fitei o chão.

Eu havia falado tudo o que aconteceu para tio Vicente. Como eu não tinha amigos aqui, sobrou para ele. Mas agradeço-o por me ouvir, um conselho experiente faz bem de vez em quando

— Filho, eu te entendo. Na verdade, de decepção eu entendo muito — respondeu, referindo-se a Ricardo. — Mas se ela não deu o valor que você merecia, não é conveniente que continue desse jeito, sofrendo. Tenta se distrair um pouco além de trabalhar.

— Eu sei. Eu estou tentando.

— Ainda bem que você sabe. — Lançou-me um olhar desconfiado. — Mas agora não temos tempo para lamentações, porque daqui a pouco Renato Antunes, o comprador da primeira safra e dono de uma das maiores fábricas de óleo do estado, está chegando para analisar o plantio. Na verdade, ele não vem exatamente analisar, mas sim fazer uma visita para conhecer melhor a fazenda. E como você mal saía do quarto nos últimos dias, eu marquei por conta própria, espero que não tenha problema.

— Não. Não tem nenhum problema. O senhor é meu braço direito e tem total poder para tomar algumas decisões.

— Ótimo. Então se apronte porque eles estão quase chegando.

— Eles? Pensei que fosse apenas um comprador.

— Na verdade vem ele e um sócio, inclusive foi esse tal sócio que fez tanta questão de vir até aqui.

— Tudo bem... Eu só vou guardar esses papéis.

Terminei de arrumar a papelada e guardei na gaveta da mesa. Foi o tempo suficiente para ouvir um barulho de carro se aproximando. Tranquei o escritório e segui até a varanda para recepcionar os visitantes junto com tio Vicente.

Um homem alto e magro saiu da caminhonete prata, fechando a porta em seguida. Logo após, uma mulher de pele clara e cabelos pretos e curto saiu do banco do carona e se juntou a ele. Ela me era bastante familiar.

Fui ao encontro de ambos.

— Boa tarde. Sejam bem-vindos — cumprimentei Renato e depois a mulher que ainda não sabia o nome.

— Muito obrigado, Sebastian — Renato respondeu e se virou para a mulher ao lado. — Essa é minha sócia, Beatriz.

— Ana Beatriz Antunes. Somos irmãos e sócios — ela se apressou em dizer, sorridente, encarando-me.

Ana Beatriz Antunes? Era ela... Não podia ser... Minha ex? Ela estava tão diferente... Madura.

— Fico feliz em revê-la — respondi surpreso, já que estava esperando um outro homem e não uma mulher, e ainda uma ex-paixão da adolescência — Vamos entrar? — convidei, tentando não demonstrar o quanto eu havia ficado surpreso em reencontrá-la após dezoito anos.

— Claro, Sebastian. O prazer é todo meu em revê-lo — Beatriz respondeu sorridente, lançando-me um olhar brilhante.

Renato assentiu e seguimos todos para a sala.

— Vocês aceitam alguma coisa? Água, bebida, um suco? — perguntei assim que todos se acomodaram.

— Eu aceito uma água, por favor — disse Renato.

— Eu te ajudo. — Beatriz levantou e se ofereceu. Pensei em recusar sua oferta, até porque era só uma água, mas não queria ser indelicado. Além disso, ela estava apenas sendo educada, creio que pelos velhos tempos.

Acenei em concordância e ela me seguiu até a cozinha. Peguei um suco de maracujá na geladeira e uma garrafa com água enquanto Beatriz arrumava alguns copos na bandeja.

— Então, Sebastian. Você não se casou? — questionou, demonstrando certo interesse em minha resposta.

— Não — respondi meio sem jeito. Aquela pergunta me pegou completamente desprevenido.

— Que raridade. Não se encontram mais homens bonitos e inteligentes disponíveis por aí — ela disse e piscou um olho.

Fitei-a por um momento, pensativo. Achei que eu havia acabado de receber uma cantada da minha ex. Bom, éramos jovens na época, nem sei se poderia dizer que tivemos um real relacionamento. Parecíamos dois

desconhecidos depois de tanto tempo.

— Obrigado, Beatriz. Gentileza sua.

— Eu que agradeço. — Ela se serviu de um pouco de suco e tomou um gole enquanto me observava com uma das sobrancelhas arqueada.

Levamos tudo para a sala, tio Vicente e Renato se serviram e, depois de alguns minutos jogando conversa fora, apresentei-lhes uma boa parte da fazenda, inclusive o local que estava sendo preparado para o novo plantio.

Ana Beatriz parecia bastante empolgada, sorria e conversava bastante, sempre se mantendo ao meu lado. A tarde passou rapidamente e no final da visita eu me sentia um pouco mais disposto e ativo. Expliquei todo o funcionamento da fazenda, principalmente sobre os girassóis, desde o plantio até a época de colheita, o que fez Beatriz se adiantar em marcar a próxima visita o mais breve possível, não tive total certeza se era exatamente pelos girassóis ou por outro motivo, pela sua tamanha empolgação.

— Sebastian, Vicente — cumprimentou Renato. — Chegou a nossa hora de irmos, mas em breve nos encontraremos para concluirmos a compra das sementes. A procura está grande e a matéria-prima de vocês é de alta qualidade, com um ótimo preço.

— Volte sempre que desejar, estaremos de braços abertos — respondeu tio Vicente.

— Até mais, Renato. A gente se fala em breve — pronunciei-me.

— Tchau, Sebastian. — Beatriz se aproximou e me deu um abraço seguido de um beijo no rosto. — Foi um prazer passar um tempo com você — despediu-se serenamente, em seguida se dirigiu para o carro acompanhada do irmão.

— É, meu filho. Acho que tem alguém interessado em você. — Tio Vicente me deu um tapinha nas costas e sorriu de lado.

Pensei melhor e decidi não contar nada a ele sobre o meu passado com ela, não tinha importância.

— Está enganado, tio, ela apenas foi educada.

— Se você diz. — Deu de ombros. — Agora irei pra minha casa, nos vemos amanhã.

Despedi-me dele e voltei a entrar em casa. Fiquei um pouco pensativo sobre Beatriz, eu não poderia negar que ela estava muito bonita. Havia se

transformado em uma mulher muito atraente e tinha quase a minha idade, com um corpo bem delineado e lindos olhos verdes. E, apesar do que aconteceu no passado, ela tinha boa índole e era bastante inteligente.

O problema era que o meu corpo e a minha mente pertenciam a outra mulher e eu já não sabia mais o que fazer para tirá-la da minha cabeça.

Agora que todos haviam ido embora, mais uma vez eu me encontrava sozinho e perdido. Respirei profundamente e me dirigi até quarto. Essa seria uma longa noite.

Peguei alguns papéis em cima do criado-mudo e me deitei sobre a cama onde por tantas vezes Eliza foi minha. Fitei a porta, meu corpo estava tenso. Por um momento me vi analisando detalhadamente o local onde havia uma janela, que há pouco tempo havia dado lugar a uma porta de vidro, trocado a pedido dela.

Fechei meus punhos com força. Em minhas mãos se encontrava a escritura da casa que eu havia comprado na cidade porque imaginei que ela não quisesse morar aqui. Era para ser uma surpresa, iria contar tudo quando a pedisse em casamento. Seria dela o anel que por tantas gerações esteve na minha família, e agora eu não sabia mais de nada. Em todos os lugares havia lembranças, eu fechava os olhos e ela estava ali na minha frente. Em todos os lugares eu sentia seu cheiro, seus beijos, suas carícias, sua voz não saía da minha mente.

Por mais difícil que fosse, resolvi mudar todos os ares da minha vida, inclusive o meu número de telefone. Joguei no lixo o chip antigo, junto com os pedaços do celular que eu havia jogado na parede. Naquele momento se perderam as nossas fotos, nossas conversas e a nossa história.

Prometi a mim mesmo que iria seguir em frente sem olhar para trás, iria dar um jeito de esquecer o passado, ou ao menos tentar deixar tudo o que eu sentia adormecido. O gosto amargo do abandono estava ali o tempo inteiro para me lembrar que Eliza não merecia uma gota de tudo que ofereci a ela.

Na marinha, aprendi que nós fuzileiros nunca abandonamos um colega em combate, não importa a gravidade do perigo, não importa o tamanho do ferimento. Esse lema eu carreguei a minha vida inteira, dentro ou fora de campo, talvez tenha sido um erro esperar que as pessoas agissem assim comigo. Se alguém não está disposto a lutar com você ou por você, esse alguém não é digno da sua honra.

Eu posso estar quebrado por dentro, mas jamais demonstrarei a minha

fraqueza perante o mundo.



Eliza

— Eliza, seja forte, deixe os seus medos de lado e liga pra ele — disse Michele, sentada ao meu lado.

Peguei o telefone em suas mãos e disquei o número de Sebastian. Meu coração batia descompassado, estava com medo das possibilidades que me esperavam. Naquele instante eu poderia resolver parte das confusões da minha vida, ou complicá-la ainda mais.

Esperei por longos segundos até ouvir a voz do serviço de caixa postal.

— Será que o celular dele está descarregado? — perguntou Michele.

— Eu não sei. A essa hora ele deveria estar em casa. Aqui são oito da noite, no Brasil são dez horas agora devido o horário de verão — respondi apreensiva.

— Fica tranquila, Eliza. Mais tarde a gente liga e, se não conseguirmos, ligamos amanhã.

— Certo.

— O que quer fazer agora? Vamos ver um filme? — sugeri.

— Acho que irei me deitar. Não estou muito disposta — respondi triste.

Michele pôs as mãos em meus ombros, fazendo uma massagem.

— Não fica assim, querida. Tudo vai se resolver.

— Eu queria acreditar nisso. Mas está tão difícil. Eu me arrependo amargamente todos os dias por tudo que fiz. Eu o magoei muito.

— Não, vamos parar com essa depressão agora mesmo. Você tem que se animar um pouco, Eliza. Nada de ficar choramingando pelos cantos, vamos assistir algum filme agora e amanhã a gente tenta ligar novamente.

— Mas e se não der em nada, como hoje?

— A gente tenta de novo, e de novo. Além disso, você vai ligar pra sua mãe e vai falar como se sente. Ela vai te apoiar, Eliza. E se isso não acontecer,

vamos dar um jeito de entrar em contato com ele.

Tirei uma mecha de cabelo que caiu sobre o meu rosto e me sentei no sofá. Eu tinha minhas dúvidas sobre minha mãe aceitar numa boa tudo o que eu tinha para dizer, mas o jeito era arriscar agora, o mal já estava feito e eu havia cometido o pior dos erros ao ir embora grávida, deixando o homem que amava para trás. Gravidez não era apenas carregar um ser na barriga por nove meses, envolvia sentimentos, envolvia responsabilidades, e essas eram coisas que eu não estava conseguindo lidar sozinha sem ele ao meu lado.

— Tem razão, Michele. Vou tentar pensar positivo.

— Ótimo. Agora vamos pra cozinha fazer pipoca e brigadeiro — sugeriu animada.

— Vamos. — Sorri.

A noite transcorreu superdivertida, assistimos a alguns filmes antigos de comédia romântica e Michele se fartou de brigadeiro. Eu procurei ao máximo seguir as recomendações médicas e não exagerar nos doces.

Sorrimos e choramos muito, eram esses os únicos momentos que eu me sentia bem, que eu me sentia viva naquele lugar.

No outro dia, acordei cedo e voltei a ligar no número de Sebastian, mas a ligação ia diretamente para a caixa de mensagens. Eu estava aflita com medo de ter acontecido alguma coisa, jamais me perdoaria.

As horas passavam angustiantes, a todo momento eu tentava uma nova chamada e não obtinha sucesso algum. Meu coração estava apertado e meu peito sufocado, o choro teimando em sair. Estava ficando louca com os hormônios da gravidez, em um momento sorria, em outro chorava, mas principalmente chorava. Eu não sabia explicar, tudo era motivo para prantos.

Michele havia saído para trabalhar, ela era uma mulher batalhadora e eu a admirava muito. Conciliar a faculdade com o serviço não era algo fácil e ela tirava isso de letra. Nos últimos dias, aprendi mais coisas sobre a vida com ela do que em todos os meus dezoito anos vividos até então.

Havíamos conversado sobre tudo e fiquei bem mais aliviada em saber que uma prima dela viria para Toronto morar com ela. Não estava me sentindo muito bem em ir embora e deixá-la aqui sozinha.

Depois do expediente, Michele voltou para o apartamento e já veio direto ao meu encontro, sua expressão era de pura ansiedade.

— E aí, Eliza. Conseguiu falar com ele?

— Infelizmente não. Só dá caixa postal.

— Podemos ver outras formas de falar com ele, você pode ligar pra alguém da sua cidade, pedir pra entrar em contato, o que acha?

— Não, Michele, eu não vou mais tentar entrar em contato com ele — falei triste.

— Mas por quê? — perguntou minha amiga, aflita.

— Ele deve estar chateado, provavelmente nem quer saber que eu existo agora. Eu vou deixar as coisas se acalmarem um pouco, e quando eu conseguir voltar o procuro.

— Não fica assim, vamos dar um jeito — acalentou-me. — Que tal ligarmos pra sua mãe e contar a novidade? Ela é sua mãe, vai te dar o apoio que precisa.

— Tudo bem — respondi apreensiva.

Disquei o número da minha mãe e esperei chamar, passaram-se alguns segundos e então ela atendeu.

— Oi, meu amor. Você está bem?

— Oi mamãe. Estou bem sim.

— Estranhei sua ligação filha, nos falamos ontem.

— É que preciso te falar algo importante.

— Então diga.

— Mamãe, eu irei voltar para o Brasil. Eu vou ter...

— Como é, Eliza? — minha mãe me interrompeu, nervosa. — Eu não admito que você cometa uma loucura dessas.

— Mamãe, por favor, me ouça.

— Eu não quero saber o motivo Eliza. Na verdade, até imagino que seja por causa de Sebastian. Mas eu não vou deixar que você faça isso, nem passando por cima do meu cadáver você volta para o Brasil.

— Mamãe, por favor, me ouve. — Comecei a chorar desesperada.

— Minha resposta é não. Eu irei bloquear todos os seus cartões de crédito e débito até você criar um pouco de juízo, onde já se viu? Desistir de um estudo

de primeiro mundo por causa de homem que tem idade para ser o seu pai. Para o Brasil você não volta, essa é minha palavra final. — Ela terminou de falar e encerrou a ligação.

Abracei Michele com tanta força. Meu mundo estava desmoronando e minha esperança indo pelo ralo.

— Eu não entendo por que ela está fazendo isso comigo, nem me deu a chance de falar sobre a gravidez — murmurei entre soluços.

— Não fique assim, Eliza. — Me afastei um pouco e sequei os meus olhos. — Sua mãe ainda não compreendeu o quanto você o ama. Algum dia ela irá entender e aceitar isso. Nossos pais são nossos melhores conselheiros sim, mas acredite, eles também são seres humanos, também erram. Não se preocupe, Eliza, a gente vai dar um jeito de você retornar ao Brasil linda e glamorosa.



Capítulo 25

*Eu perdi você agora,
você me deixou ir
Mas pela última vez
Coldplay*

Eliza

— Meu Deus, como eu fui inconsequente. Por que eu não falei tudo pra ele quando tive chance, por quê? — esbravejei para mim mesma enquanto escondia o rosto entre as mãos. — Eu fiquei tão assustada com a carta de admissão na Ryerson, com a confirmação da gravidez, com o medo de magoar os meus pais depois de todas as minhas mentiras... — Fiz uma pausa e puxei o ar antes de continuar. — Eu me arrependo tanto, por cada inverdade que eu disse, por cada verdade que eu ocultei. Achei que vindo pra cá as coisas iriam se resolver, minha mãe ficaria feliz. — Voltei a encarar Michele com pesar, meus olhos ardiam.

— Imaginei que Sebastian logo me esqueceria e, como ele não sabia do filho, não iria fazer diferença. Mas agora percebo o quão enganada estava,

Michele. Eu coloquei os meus medos acima de tudo que era importante e agora estou pagando o preço.

— Ah, amiga, se eu tivesse todo esse dinheiro agora eu não pensaria duas vezes em te emprestar. Mas eu não tenho, você sabe, são muitas contas pra pagar e não ganho tanto assim. O que sobra não compra passagem nem para metade do caminho. — disse com uma expressão triste.

— Eu sei Michele. Acho que vou ter que arrumar um emprego urgentemente.

— Como vai conseguir trabalhar, Eliza? Você mal está assistindo as aulas, de tanto que passa mal com os enjoos.

— Eu não tenho escolha. Minha mãe está pagando todas as minhas despesas aqui, mas é só. Não tenho dinheiro pra nada, eu não posso continuar assim.

— Olha, calma. Eu vou pensar em alguma coisa, tá bem?

— Não quero que se preocupe. Você é tão boa comigo.

— Eu vejo em você a adolescente que eu fui um dia, Eliza. A diferença é que eu precisei aprender sozinha com as minhas próprias escolhas, não quero que você passe por isso também. — Ela falava com a voz embargada, como se carregasse um enorme peso nas costas.

— Michele, o que você quer dizer com isso?

Ela fitou o nada por um momento e se voltou para mim.

— Quando eu tinha mais ou menos a sua idade, também fiquei grávida. Só que diferente de você, Eliza... — Michele hesitou um pouco e percebi que seus olhos marejaram. — Diferente de você, eu decidi abortar o bebê. Foi a pior escolha que já tomei na vida, a culpa me consome todos os dias. Na época eu tive muitas complicações e hoje minhas chances de ter um bebê são praticamente... nulas.

Eu nunca me imaginei tirando o meu filho, o fruto do meu amor por Sebastian, mas também não poderia julgar Michele por suas más escolhas. A dor que ela carregava no peito já era tormento suficiente. São as nossas escolhas que definem quem nós somos. Somos nós os donos dos nossos próprios destinos e só diz respeito a nós baixar a cabeça ou seguir em frente para fazer diferente no presente e mudar o futuro, e com o tempo amenizar as cicatrizes que ficaram do passado.

— Eu sinto muito. — Foi tudo que consegui responder a ela.

— Vamos parar de chororô, Eliza — ela disse, levantando-se. — Temos um jantar pra fazer.

Concordei e a acompanhei até a cozinha. Aquele não era um momento para falarmos de um assunto tão delicado, Michele não parecia estar pronta para isso, e eu não tinha certeza se algum dia estaria.

Preparamos o jantar e depois fomos para sala para mais uma sessão de filmes *bad*. A noite transcorreu calmamente e logo adormeci.

No dia seguinte, acordei cedo pois tinha uma ultrassonografia marcada e eu contava os minutos para ver meu pequeno bebê pela primeira vez. Michele decidiu ir comigo pois queria seguir os passos do afilhado. Segundo ela, seria um garotão, o clone do pai.

Pegamos um táxi e, depois de longos minutos no trânsito, chegamos ao hospital. Diferente do Brasil, aqui as ultrassons não eram feitas em clínicas e sim em hospitais, e pela bênção dos céus todo o processo do pré-natal até o parto eram gratuitos pelo plano de saúde estudantil, desde exames de sangue aos de imagens, sem precisar ficar um século na fila de espera para conseguir uma vaga.

No horário do meu atendimento, Michele foi obrigada a ficar na recepção pois não era permitido a entrada de outra pessoa na sala de exame. Não gostei da ideia, queria que ela presenciasse esse momento tão importante na minha vida, mas minha tristeza evaporou quando pela primeira vez ouvi o coraçãozinho do meu bebê bater.

Meus olhos se encheram de lágrimas e eu só conseguia pensar em Sebastian. Os batimentos eram tão rápidos, mal dava para acreditar que havia um serzinho tão inocente crescendo dentro de mim.

Depois do exame, foi necessário marcar uma outra consulta com a médica que estava acompanhando a minha gestação para que ela pudesse me passar todas as informações sobre o exame realizado, já que aqui o mesmo era feito por técnicos.

Fiquei imensamente feliz e aliviada ao saber que minha gravidez estava saudável e que o bebê se desenvolvia superbem. Eu já estava entrando na décima terceira semana de gestação, mas ainda não havia nenhum sinal da minha barriga crescer, e eu mal podia esperar para sentir os primeiros movimentos e chutinhos no meu ventre.

Sebastian

Passaram-se dois meses e a dor continuava. Cheguei a cogitar que amenizaria aos poucos, no decorrer dos dias, mas estava completamente enganado. Eu não conseguia mais ficar na fazenda me lembrando dela, cada parte daquele lugar tinha recordações.

Então aproveitei a casa que eu havia comprado e comecei a passar ali os meus fins de semana. Ia ao campo de girassóis apenas para trabalhar no escritório e inspecionar a nova plantação, tio Vicente e alguns funcionários se encarregavam do restante.

Beatriz me visitava frequentemente, em uma das nossas conversas, acabei descobrindo que havia se divorciado há dois anos. Ela era uma mulher bem-resolvida com a sua vida, sabia exatamente o que queria. Estávamos nos dando bem, a conversa com ela fluía naturalmente e sua presença era agradável.

Hoje havíamos combinado de sair, não sabia como ou em que isso iria terminar, mas eu tinha que tentar, eu precisava tirar Eliza da minha mente e nada melhor para isso que tentar me envolver com outra pessoa.

Terminei o serviço do dia e me despedi de todos, dirigindo até a cidade. A casa que eu havia comprado pra Eliza era imensa, com um enorme quintal e jardim em frente, possuía vários quartos com sala e cozinha ampla e se situava no bairro mais nobre da pequena cidade de Itaú. Custou uma verdadeira fortuna, mas era algo que eu faria de novo e de novo só para ver um sorriso em seus lábios. Era uma pena as coisas terem terminado daquela forma.

Tomei um banho e me troquei rapidamente. Logo depois segui até a casa de Beatriz, onde ela passou a morar sozinha desde que retornou do exterior. Estacionei o carro em frente e enviei uma mensagem. Em poucos minutos, ela veio ao meu encontro e então seguimos para um restaurante ali perto. Beatriz estava muito bonita e elegante, usando um vestido vermelho justo ao corpo, com saltos enormes e um colar de pérolas. Sua maquiagem era suave, mas o batom vermelho vibrante a deixava sexy.

Entramos no estabelecimento e fomos direcionados a nossa mesa, fizemos os nossos pedidos e, enquanto aguardávamos os pratos, degustamos um bom

vinho e conversamos sobre assuntos diversos. Qual não foi minha surpresa, quando olhei para o lado e dei de cara com a mãe de Eliza. Ela estava na companhia do marido e do filho. Sua expressão se alarmou ao se dar conta da minha existência e seus olhos analisaram Beatriz da cabeça aos pés, como se a conhecesse.

Procurei ignorar sua presença e voltei minha atenção ao assunto que estava tratando com Bea. Depois de comermos, saímos um pouco para andar pelas praças da cidade e aproveitar o frescor da noite, em seguida a levei de volta para casa.

Estacionei o carro em frente à sua casa e me virei para ela. Beatriz me olhava sorridente, era visível o quanto estava feliz. De certa forma, eu também me sentia bem em sua companhia, era muito bom poder retornar aos velhos tempos.

— O jantar foi muito agradável, Sebastian — disse, aproximando-se um pouco.

— Foi sim — concordei. — Você é uma ótima companhia.

Ela se aproximou ainda mais, sem desgrudar os nossos olhares. Fitei os seus lábios vermelhos e passei a mão pelos seus cabelos enquanto aproximava o rosto do seu. Nossos lábios se tocaram com suavidade e calma. Porém, a imagem de Eliza veio em cheio na minha cabeça. Queria que fosse ela ali, beijando-me, mas não era. E pior é que eu não senti absolutamente nada naquele beijo, era só um beijo... vazio.

— Você quer entrar, Sebastian? — perguntou Beatriz ao me ver hesitar um pouco.

— Claro — concordei.

Ela era uma bela mulher e eu um homem totalmente desprendido de compromissos, essa era a minha chance de tentar esquecer Eliza e me perder nos braços de outra.

Abri a porta do motorista e dei a volta no carro, fui até a porta do carona e abri para que ela saísse. Beatriz segurou em minha mão e nós seguimos para dentro da sua casa. Chegamos à sala e eu mal tive tempo de olhar o ambiente, pois fui surpreendido por um beijo, dessa vez mais intenso. Correspondi ao beijo com a mesma intensidade, Beatriz estava mostrando exatamente o que queria, sem rodeios. Suas mãos desceram para dentro da minha camisa, levantando-a um pouco. Seus toques me deixaram parcialmente excitado, mas meus

pensamentos viajaram diretamente para Eliza.

Esqueça ela Sebastian, esqueça.

Meu subconsciente estava praticamente implorando, mas estava difícil demais. A cada beijo eu me lembrava dela. Droga.

Beatriz começou a descer o zíper do vestido rapidamente e eu aproveitei o momento para beijar o seu pescoço. Sua pele se arrepiou com o toque da minha barba, mas meu peito se apertou ao sentir o cheiro de outra mulher.

Ai, meu Deus, como eu queria que fosse ela. Como eu queria que fosse o cheiro dela.

A quem eu queria enganar? Eu não poderia ficar com Beatriz pensando em outra... Seria totalmente injusto.

Parei por um momento e tranquei os meus olhos bruscamente. Uma sensação amarga, sufocante se apossou de mim, e eu não conseguia mais continuar. Beatriz se afastou um pouco e me encarou confusa.

— Sebastian, tá tudo bem?

Acirrei meu maxilar e fechei os punhos com toda a força possível antes de respondê-la.

— Me perdoe, Beatriz, eu não posso ficar com você — respondi, voltando a fitá-la, vendo um semblante decepcionado se apossar da sua expressão.

— Mas por quê?

— Eu vou ser sincero. Eu estou completamente apaixonado por uma outra mulher e não acho justo ficar contigo pensando em outra. Você não merece isso. Merece alguém que possa te corresponder e te dar toda a atenção necessária, e infelizmente eu não sou essa pessoa. Eu espero que você me entenda, eu sou assim. Não consigo enganar ninguém.

Ela me olhou um pouco surpresa, mas assentiu.

— Você é admirável, Sebastian.

— Não está chateada?

— Você merece um soco, sim, se é o que está pensando. Mas eu admiro muito a sua sinceridade, hoje em dia isso é muito raro.

Ela se recompôs e voltou a ajeitar o vestido.

— Eu vou indo. Boa noite — despedi-me.

— Boa noite — ela me respondeu, triste.

Eu não me sentia feliz com aquela situação, muito menos sentia orgulho em ver alguém se decepcionar comigo, mas era o melhor a ser feito. A verdade, por mais que doa, fortalece.

Cheguei em casa completamente atribulado, não aguentava mais todo esse sofrimento. Eu não tinha mais vida, não tinha mais caminho. Bati a porta do quarto de forma brusca e esmurrei a parede, fazendo meus dedos sangrarem. Eu queria gritar, tirar toda essa angústia de mim. Só queria que a lembrança dela me deixasse em paz um minuto.

Joguei-me sobre a cama, ainda vestido, e, em algum momento da noite, peguei no sono.

Acordei com o corpo quebrado pela posição desconfortável em que dormi. Levantei-me e segui direto para o banho. Escovei os dentes e me vesti depressa pois tinha muito trabalho na fazenda naquela manhã.

Cheguei ao escritório, minha cabeça latejava e tive vontade de sair dali para bem longe ao ver a pilha de papéis sobre a mesa. Tio Vicente chegou logo em seguida. Ele me olhou por um momento, mas não disse absolutamente nada. Estava estampado no meu rosto que a noite não havia sido das melhores.

Analisei alguns documentos e, depois de algumas horas, perdi totalmente a paciência. Levantei-me e fui até a janela. O vento soprava as pequenas plantas, em breve haveria uma nova floração, e mais... lembranças.

Fiquei ali por mais um tempo até que ao longe, ainda distante, percebi a aproximação de um táxi.

— O senhor está esperando alguém? — perguntei a tio Vicente.

Ele apenas negou com a cabeça.

Saí do escritório e fechei a porta, indo ao encontro do veículo que acabara de estacionar.

— Sebastian? — Um homem negro, de grande porte, saiu do banco do carona e veio em minha direção.

— Sim. Sou eu! — respondi estranhando aquela visita, principalmente porque eu nunca tinha visto aquele homem na vida.

— Prazer, sou Thiago Gusmão. — Me estendeu a mão.

Apertei sua mão e respondi.

— Prazer Thiago. Em que posso ajudar?

— Eu acabei de chegar do Rio de Janeiro, e estou aqui a pedido da minha irmã, Michele. Você não a conhece, mas ela me pediu para te trazer um recado muito importante.

— Realmente não conheço nenhuma Michele. E não entendo que recado tão importante ela teria que me dar — falei desconfiado.

— É sobre uma tal de Eliza. As duas estão morando juntas, e parece que essa Eliza tem alguma ligação com você.

Congelei completamente ao ouvir o nome dela.

— Eliza? Onde ela está? — perguntei alterando a voz.

— Elas moram em Toronto agora. E parece que Eliza tentou entrar em contato com você e não conseguiu. Pelo que entendi, a mãe dela a proibiu de retornar ao Brasil, tanto que bloqueou todos os cartões da garota.

— Isso só deve ser alguma brincadeira. Por que Eliza iria querer falar comigo quando ela mesma deixou bem claro que não queria mais contato algum? — vociferei nervoso, fazendo o homem recuar alguns passos.

— Olha, Sebastian, eu não sei o que houve entre vocês. Eu só sei que não saí do Rio até aqui apenas para fazer uma brincadeira. E outra, se minha irmã disse que é um assunto sério, acredite. O assunto é sério.

— Você pode me dizer do que se trata pelo menos? — perguntei atônito.

Meu Deus, depois de meses, ela aparecia assim?

— Michele não entrou em detalhes. Só pediu que eu te desse o recado e te entregasse isso. — Ele me estendeu um papel contendo algumas anotações. — Aí está o telefone de Eliza e da minha irmã e, caso se interesse, também consta o endereço. Ela pediu que você ligasse com urgência, pois era um assunto do seu total interesse.

Guardei o papel no bolso e respondi:

— Eu agradeço a sua boa vontade em vir até aqui. Mas sinto em dizer que isso não vai fazer diferença. Vindo da Eliza, eu só posso imaginar que seja alguma nova mentira — falei, ríspido. Eu ainda tinha orgulho apesar de amá-la tanto.

— Você que sabe. Peço que pense bem a respeito. Bom, eu estou indo.

Ele se virou e seguiu em direção ao táxi.

— Espera — pedi.

Thiago parou no meio do caminho e se virou.

— Desculpe a minha grosseria. É só que... É um caso complicado. E eu realmente não esperava por isso.

— Tudo bem, cara. Eu te entendo. Só pense bem, tá bom? Te aconselho a investigar direito essa história. Eu conheço muito bem a minha irmã e te garanto que ela não está para brincadeiras.

— Obrigado! — respondi.

Ele assentiu, seguindo de volta para o táxi, e foi embora.

Permaneci um tempo parado, olhando o carro sumir no horizonte. Minha cabeça estava a mil por hora, e meu corpo, trêmulo. Voltei a pegar o pedaço de papel no meu bolso. Analisei as anotações por um instante.

Retornei ao escritório e voltei a sentar na minha mesa. Tio Vicente me olhou de rabo de olho.

— Era algo importante, Sebastian? — perguntou.

— Não tio, não era nada importante — respondi seco e embolei o papel entre as mãos. Olhei o telefone do meu lado e cogitei ligar, mas desisti.

Eu estava de cabeça quente, precisava pensar. Não suportaria ouvir mais mentiras. Por outro lado, necessitava saber toda a verdade. Eu sentia que havia algo a mais, mas não tinha a mínima ideia do que seria. Havia muito a ser explicado, as coisas não se encaixavam, não tinham lógica.

Em questão de minutos, todo o esforço que eu havia feito durante meses para tentar esquecê-la se evaporou no ar e eu voltei à estaca zero.



Capítulo 26

E eu desejo que você pudesse me contar

O que realmente está acontecendo

Coldplay

Eliza

Os dias passavam e eu já começava a exibir uma pequena barriga de cinco meses (vinte e uma semanas). Ainda não sabia o sexo do bebê, pois na última ultrassom o feto estava com as perninhas cruzadas, já não me aguentava de tanta ansiedade para saber se carregava uma princesa ou um mini-Sebastian. Já começava a sentir os primeiros chutinhos, ele era bastante ativo e meu coração só faltava sair do peito todas as vezes que sentia um movimento.

Michele havia comprado alguns macacões e mantas em tons de branco e amarelo, estávamos as duas quase morrendo de tanta fofura. Minha felicidade só não estava completa porque me encontrava distante e sem nenhuma notícia de Sebastian. Mas eu sonhava que em algum momento eu voltaria para o Brasil e o teria de volta.

Nos últimos dias, Michele se encontrava bastante misteriosa, sempre com segredos e conversas às escondidas pelo telefone. Achava que ela havia se envolvido com alguém da faculdade ou do trabalho. Mas eu iria esperar que ela mesma viesse me contar o porquê de tanto suspense.

Tentei conversar algumas vezes com a minha mãe, e até mesmo com o meu pai, mas não obtinha sucesso. Das vezes que conseguia falar com ela, foram apenas conversas superficiais. Eu havia perdido totalmente a confiança nela e não me sentia segura para falar da gravidez.

O clima aqui começava a mudar, o rigoroso inverno estava dando lugar a uma das estações mais belas do ano, a primavera, e, junto com ela, vinha uma temperatura mais agradável, onde já era possível andar sem os enormes casacos pelas ruas de Toronto.

Quanto à faculdade? Bom, eu ainda continuava frequentando as aulas. Adorava o que estava fazendo, mas de uma certa forma era apenas uma questão de tempo até eu trancar a minha matrícula, pois a prioridade naquele momento era do meu bebê.

Ainda não havia perdido as esperanças de retornar para o Brasil, queria ter o bebê no meu país. Os enjos haviam diminuído bastante e há poucos dias havia conseguido alguns bicos, dando aula de português para crianças que moravam

no prédio. Eu estava adorando fazer parte daquele mundo mirim, me sentia mais próxima da minha futura realidade e ficava completamente encantada com a inteligência e esperteza dos baixinhos.

Já era quase meio-dia quando cheguei em casa depois de uma hora dando aula aos pequenos. Como era sábado, Michele se encontrava em casa preparando o almoço. Sorri ao vê-la dançando alegremente com uma colher na mão, mexendo alguma coisa nas panelas, os fones de ouvido no máximo. De longe dava para ouvir o pancadão.

— Michele? — chamei e me aproximei dela.

Ela se virou de repente e colocou a mão sobre o peito.

— Que susto, Eliza. Você quer me matar?

— Quanto drama, Michele. — Ri alto. — Você estava tão concentrada nessa tua dança.

— Sinto falta das altas festas no Rio. Só estava matando a saudade — respondeu com um enorme sorriso no rosto.

— É só isso mesmo? — indaguei.

— Lógico. O que mais seria?

— Você está feliz demais pra alguém com saudades de casa.

Ela sorriu novamente e se voltou para o fogão. Corrigiu o sal e desligou o fogo.

— O almoço está pronto. Vamos comer enquanto você me fala como foi com a criançada.

— Ah, foi maravilhoso — respondi, animada. — Estou muito feliz com essa oportunidade, aprendo bastante com os pequenos e de quebra junto dinheiro para retornar ao Brasil.

— Quem te viu, quem te vê em dona Eliza. Está tão... diferente!

— Realmente. Procurei mudar os meus conceitos, Michele. A gravidez de uma certa forma está abrindo a minha mente, e isso é tão estranho, mas ao mesmo tempo bom. Passei a enxergar o mundo de uma forma totalmente diferente de meses atrás.

— Maravilha, amiga.

Comemos um maravilhoso macarrão com queijo entre conversas e sorrisos. As coisas logo iriam se ajeitar, eu estava me esforçando ao máximo para isso, e contava os dias para encontrar Sebastian e falar tudo sobre o bebê.

Depois do almoço, ajudei Michele com a louça e nos sentamos no sofá da sala. Michele passou a se entreter com algumas tarefas do curso e eu aproveitei para fazer o mesmo.

Estava completamente concentrada quando ouvi o meu celular tocar em cima da mesa. Levantei-me e peguei o aparelho. Minha garganta ficou completamente seca quando vi o número da minha mãe na tela.

Atendi prontamente.

— Oi, mãe.

— Oi filha. Como vai?

— Estou bem. Na medida do possível.

— Que bom, querida. Estou ligando porque você precisa saber de algo.

— O que mãe? — perguntei sem demonstrar interesse. Até porque eu ainda não havia esquecido tudo que ela havia feito para impedir o meu retorno

ao Brasil, era muito doloroso.

— Ontem à noite eu vi o Sebastian.

Levantei-me instantaneamente quando ouvi o nome dele, meu coração acelerou drasticamente e um sorriso nasceu em meus lábios.

— A senhora falou com ele? Disse onde estou?— perguntei esperançosa.

— Não, Eliza. E agora mais que nunca sei que fiz certo em impedir o seu retorno para o Brasil.

Ouvir aquelas palavras foi como receber um balde de água fria no rosto.

— Mamãe, não, por favor. Desbloqueie os meus cartões, eu preciso voltar.

— Eliza, me ouça. O Sebastian não te ama. Se ele te amasse não estaria se divertindo com outra. Eu não queria que você sofresse assim filha, juro que não. Mas ele seguiu em frente e já te esqueceu. Eu mesma vi.

— Não. A senhora está mentindo. — Meu peito se apertou e uma lágrima caiu.

— Não estou mentindo e tirei uma foto para te provar isso. Agora espero que você esqueça esse homem e se preocupe apenas com a sua faculdade.

Desliguei a chamada, pois não queria mais continuar ouvindo aquilo.

Alguns segundos depois o celular tocou, e uma foto dele ao lado de uma mulher abriu na tela

Senti minha respiração falhar. Era a Ana, a amiga da minha mãe?

Ambos sorriam, pareciam felizes.

Meu Deus... não.

Minhas mãos começaram a tremer e eu deixei o celular cair no chão. Michele se aproximou de mim, preocupada, e eu a abracei. Estava doendo demais saber que ele havia seguido em frente, que havia desistido de nós dois assim. Naquele momento, a esperança que eu ainda tinha foi por água abaixo, junto com os meus novos sonhos.

— Eliza, me diga. O que sua mãe falou pra te deixar assim? — perguntou Michele completamente alarmada com o meu estado emocional.

— Ela me enviou uma foto... uma foto dele com outra mulher — respondi com a voz entrecortada, a fala tremida.

Michele se abaixou para pegar o celular no chão e analisou a foto.

— Puta que pariu. Sua mãe não perde uma oportunidade hein. Com certeza há uma explicação para essa foto, não podemos tirar conclusões precipitadas — disse tentando me acalmar.

— Não sei se há explicações, Michele. — Fechei os olhos e tentei engolir o choro. — Eu deixei bem claro que não o queria mais, isso é apenas uma consequência dos meus atos.

— Mas você se arrependeu. Além disso, está carregando um filho dele.

— De que adianta? Ele está com outra!

— Eliza, para de ser teimosa e presta atenção no que vou falar — repreendeu-me. — Ele pode até estar com outra, sim, ou ter saído com outra, como você sabe não temos nenhuma certeza. Mas se ele realmente te ama, não há nada no mundo que possa impedir vocês dois de ficarem juntos, nem mesmo a sua mãe. Então, por favor, trate de levantar essa cabeça, mulher, e vá à luta.

— Michele, me desculpe... mas... eu realmente não estou me sentindo bem.

Queria ser forte assim, confiar e ter fé que tudo iria ficar bem, mas meu mundo estava desabando novamente. A cada tijolo colocado, eram três arrancados, eu estava andando para trás.

— Eu vou para o meu quarto, preciso ficar sozinha.

Michele suspirou pesadamente e concordou. Me retirei e fui para o meu quarto. Tranquei a porta e andei devagar até a janela. Olhei lá fora, as pessoas andavam nas ruas alegremente, o chão estava repleto das flores de cerejeira que iluminavam a cidade naquela época do ano, tudo parecia estar em perfeita ordem e harmonia, exceto eu.

Voltei a me afastar e deitei sobre a minha cama. Meu coração estava partido em mil pedaços e nem direito de reclamar eu tinha porque eu era a culpada por tudo que estava acontecendo. Encolhi o meu corpo no colchão e chorei... Por mim, por ele, pelo nosso filho... Chorei por tudo que poderia ser diferente... Chorei por tudo que não seria mais... Chorei até pegar no sono.

Acordei no meio da noite com uma dor de cabeça insuportável, levantei-me e fui até a cozinha. O apartamento estava um total silêncio e supus que Michele já estivesse dormindo. Tomei um copo com água e um comprimido analgésico.

Sentei-me perto do balcão e permaneci ali por alguns minutos, concentrada na luz da lua que refletia no céu escuro e era possível ver pela fresta da pequena janela de vidro.

Senti um chutinho no meu ventre, assustando-me. Abri alguns botões do meu vestido e alisei a minha barriga de leve. Notei outra ondulação e um pequeno bolinho se formou do lado direito, próximo às minhas costelas, parecia um pezinho. Fiquei completamente admirada observando aqueles movimentos, meu coração se aqueceu e uma gota de água escorreu na minha face.

— Te amo tanto, bebê — falei baixinho acariciando. — Perdoa a mamãe. Eu cometi tantos erros.

— Eliza? — Levei um susto daqueles e levantei a cabeça. Michele estava encostada na porta, observando-me.

— Oi. Vem ver — chamei.

Ela se aproximou e olhou a minha barriga, admirada.

— Que gracinha, Eliza, parece um pezinho.

— É verdade — concordei.

Alguns segundos depois a ondulação diminuiu.

— Acho que o bebê ficou com vergonha de mim — disse brincalhona.

— Também acho — respondi, completamente emocionada.

— Você está melhor? — ela perguntou, colocando a mão sobre o meu ombro.

— Sim.

— Já comeu?

— Ainda não. Na verdade, estou passando mal de tanta fome.

Michele sorriu e seguiu até a geladeira, abrindo-a.

— Também não jantei, fiquei até agora fazendo trabalhos. Vou preparar alguma coisa pra gente.

Ajudei-a com o lanche e depois fomos pra sala. Eu estava um pouco mais calma, mas ainda me sentia triste, aquele baque havia sido grande. Depois de muita conversa, seguimos para nossos respectivos quartos.

Tomei um banho rápido e me sentei sobre a cama, permaneci um tempo

acordada refletindo sobre tudo, até finalmente conseguir dormir.

No outro dia, acordei cedo com Michele batendo na porta do quarto.

— Eliza, acorda. Vamos sair, o dia está lindo lá fora.

Abri os olhos com dificuldade e voltei a me embrulhar dos pés à cabeça, as horas de sono não haviam sido suficientes e meu ânimo estava zero.

— Eu não vou, Michele, estou morta de sono.

— Não brinca? Mas é claro que você vai.

Ela girou o trinco da porta e abriu, entrando em seguida.

— Nada de ficar na *bad* Eliza. Vamos nos distrair um pouco.

—Aff — resmunguei e retirei o lençol do meu rosto. — Tudo bem, vou me arrumar.

Levantei a contragosto e tomei um banho, colocando um vestido verde soltinho na altura dos joelhos com decote V e uma jaquetinha jeans. O look praticamente ocultava a minha barriga, quem não sabia sobre a gravidez, não notava. Finalizei com uma sapatilha preta e preendi os cabelos em um rabo de cavalo alto. Michele ficou me aguardando na sala e em poucos minutos eu estava pronta.

— Vamos — chamei emburrada.

Michele arremessou uma almofada em minha direção e começou a gargalhar. Revirei os olhos e segui em direção a porta.

— Deixa de ser chata, Eliza — disse, acompanhando-me. — Ultimamente você está dormindo mais que felino.

— Eu não tenho culpa se meu bebê é dorminhoco — rebati.

Andamos ao ar livre por vários minutos, o lago agora descongelado estava esplêndido e a brisa soprava suave. Visitamos alguns pontos turísticos, desde o High Park repleto de turistas atraídos pelas florações das cerejeiras japonesas, até o Saint Lawrence Market, onde tomamos um belo café da manhã. O local tinha uma verdadeira variedade de texturas e sabores, com vegetais e frutas frescas, vinhos e queijos, um paraíso para os olhos e estômago, e eu, como uma boa grávida, me fartei.

Mais tarde, almoçamos ao ar livre, onde vários restaurantes disponibilizavam mesas pelas ruas e praças da cidade. Tivemos um belo e agradável dia pelas ruas de Toronto, Michele fez questão de me levar a todos os

principais pontos turísticos.

Retornarmos para o apartamento já quase de noite, eu estava exausta e meus pés doíam pra caramba, mas não podia negar que o passeio havia sido inesquecível.

Assim que colocamos os pés para dentro de casa, Michele saiu correndo para pôr o celular para carregar, ela andava muito misteriosa e não desgrudou do aparelho um só minuto.

Segui para a cozinha, pois já estava morta de fome novamente, meu estômago roncava. Abri a geladeira para ver as opções e senti minha boca salivar ao ver o vidro de mostarda e um pote contendo geleia de morango.

Peguei o pote e abri a tampa, em seguida adicionei a mostarda. Coloquei uma colherada bem generosa na boca e me maravilhei com a mistura do sabor doce com o picante. Estava me preparando para pôr outra colher na boca quando a ouvi o toque da campainha.

Ao longe escutei o grito de Michele.

— Eliza, atende a porta, por favor.

Deixei o doce sobre a mesa e segui em direção à sala para abrir a porta. Michele veio logo atrás de mim, ela parecia estar... tensa.

—Ah, oi Eliza — cumprimentou a mãe de um dos garotinhos que eu dava aula de português assim que eu abri a porta.

—Oi. Que surpresa. Entre!

Movi-me para o lado e dei espaço para que ela entrasse.

— Não é necessário, querida. Eu só vim trazer o seu pagamento — disse e me entregou algumas notas de dólar.

— Muito obrigada. A gente se vê na próxima aula?

— Claro que sim. — Nós nos despedimos e logo depois ela foi embora.

Voltei a fechar a porta e dei de cara com Michele, que não parecia estar muito satisfeita.

— O que foi, Michele? Está parecendo um gatinho assustado.

— Não é nada — respondeu séria. Ela estava tão diferente... ansiosa.

— Hum, tá bem. Então vou voltar pra cozinha, tem um pote de geleia me esperando.

— Eu vou com você — disse e me seguiu até lá.

Voltei a deliciar minha geleia com mostarda e Michele me olhou como se eu fosse de outro planeta.

— Que nojo, Eliza.

Sorri.

— Está uma delícia, você quer?

— Não. Obrigada.

— Melhor pra mim então — respondi sorridente.

Mais uma vez ouvi o toque da campainha e logo me alegrei pensando ser outro pagamento. Saí em disparada até a sala, mas dessa vez levei a geleia comigo.

Abri a porta animadamente e senti meu coração parar ao ver a pessoa na minha frente. Deixei o pote cair no chão e um calafrio percorreu a minha espinha.

— Sebastian?



Capítulo 27

*Então como podem as coisas seguir em frente
Como os carros não desaceleram
Quando parece que é o fim do meu mundo
Quando eu deveria mas não consigo te deixar?*
Coldplay

Sebastian

Cheguei ao endereço que estava no papel e me apresentei na portaria. Imediatamente tive a minha entrada permitida, graças a tal amiga de Eliza que já deixou tudo pronto. Havíamos conversado por mensagem um pouco antes do meu embarque.

Eu poderia ter simplesmente ligado? Sim, poderia. Mas lógico que eu não faria isso, iria atrás dela nem que fosse no fim do mundo para acabar com esse tormento. Eu estava magoado, detonado por dentro, mas também estava disposto a ouvi-la e, se ela quisesse voltar para o Brasil, eu a levaria comigo como minha mulher, quisessem os pais dela ou não, porque, porra, viver longe dessa garota

não dava mais. Eu estava ficando louco.

Saí do elevador e fui em direção ao apartamento em que elas moravam. Estava chegando o momento de colocar tudo em pratos limpos de uma vez por todas.

Apertei a campainha e esperei por quase uma eternidade, até que finalmente a porta foi aberta. Eliza apareceu sorridente segurando alguma coisa, mas, quando me viu, deixou a vasilha cair no chão, sujando tudo que havia em volta, inclusive a minha roupa.

— Sebastian? — chamou o meu nome, completamente sem ação.

Fitei os seus lindos olhos, sentindo o meu coração acelerar de uma forma extrema. Suas pupilas se dilataram pelo susto e, sem esperar uma resposta da minha parte, ela pulou nos meus braços.

— Sebastian, me perdoa, por favor — pediu. Sua voz começou a ficar embargada.

Correspondi ao seu abraço e fechei os olhos enquanto inspirava o perfume dos seus cabelos. Era esse cheiro que eu precisava sentir. Soltei-a pôr um momento e voltei a analisá-la.

— Você está bem? — perguntei tocando o seu rosto.

— Sim — ela respondeu segurando o choro, seus olhos estavam marejados.

Eliza continuava linda como sempre, mas tinha algo diferente. Ela usava um vestido solto no corpo com uma jaqueta por cima, mais pude perceber que os seus seios estavam maiores... E incrivelmente lindos.

Ela percebeu o meu olhar de desejo e ao mesmo tempo de confusão, e abaixou a cabeça.

— Eliza, por que você me deixou? — Fui direto ao ponto, eu precisava saber, era uma necessidade.

— Eu vou te contar tudo, mas antes quero que você conheça alguém — disse virando-se.

Foi então que percebi a presença de outra mulher na sala e instantaneamente imaginei que fosse Michele.

— Michele, esse é o Sebastian — apresentou.

— Oi, Sebastian. Como vai? — cumprimentou-me.

— Bem. Obrigado Michele, por tudo — agradecei.

— Imagina. Ainda bem que você chegou, eu já estava tendo um colapso.

— Como assim? Você sabia que ele estava vindo pra cá? — questionou Eliza.

— Sim — ela respondeu. — Enviei meu irmão para encontrá-lo.

— Você é incrível, Michele — disse Eliza, emocionada. — Por que não me disse?

— Eu não queria te dar falsas esperanças, amiga. Agora eu vou deixar vocês a sós, espero que se entendam.

Michele se retirou e eu voltei a minha atenção para Eliza. Ela me abraçou novamente, com força. Parecia tão assustada, o que me deixou ainda mais confuso.

— Obrigada por ter vindo, Sebastian. Obrigada mesmo — disse, chorando no meu ombro.

— Eu preciso que você me explique, Eliza, por favor.

Ela secou os olhos e me encarou.

— Por favor, me ouça. Não me julgue.

— Estou disposto a te ouvir. Continue.

— Minha mãe descobriu o nosso relacionamento no dia da minha formatura e não reagiu muito bem à notícia. E, naquela mesma semana, havia chegado para mim uma carta de admissão na Ryerson University aqui no Canadá. Eu disse a ela que não queria vir, mas ela exigiu que eu não a decepcionasse mais e me proibiu de te ver. Minha consciência estava pesada, depois de meses mentindo... Eu estava confusa. Mesmo assim eu decidi que não viria. Só que aí... — Ela parou.

— Só que aí o que, Eliza?

— Eu acabei descobrindo uma coisa.

— O que você descobriu? Por favor, Eliza, a verdade! — exige.

Ela começou a tirar a jaqueta devagar, como se sentisse medo da minha reação. Olhei o seu corpo minuciosamente e meu sangue congelou ao ver a protuberância da sua barriga.

— Sebastian, nós vamos ter um filho.

Permaneci paralisado por alguns segundos, como num transe. Minha voz falhou, eu não tinha palavras para nada.

— Sebastian? — chamou-me.

— Por que você fez isso comigo? — indaguei sentindo o meu peito queimar e a raiva me invadir por dentro.

— Sebastian, por favor, me perdoe. Eu tive medo da reação dos meus pais. Iriam ficar decepcionados comigo se descobrissem...

— Chega! — gritei, indignado. — Eu aceitei tudo por você, menina. Suas mentiras, suas enrolações, fui seu brinquedo! Mas você ultrapassou todos os limites ao querer me privar de ver o meu filho crescer. Não se faz isso com um ser inocente.

— Sebastian, por favor, me ouça. — Ela chorava copiosamente.

— Eu ainda não terminei — a repreendi com um tom alterado.

Minha cabeça fervilhava e em certo momento achei que iria explodir. O que ela fez foi muito grave, me tirou o chão completamente.

— Eliza. Eu estou muito, muito decepcionado com você — despejei.

Meus olhos ardiam. Eu não sabia se chorava ou sorria. Eu iria ser pai, e estava feliz por isso. Mas a dor daquela traição estava ultrapassando todo o sentimento de amor que eu sentia por ela.



Eliza

Ouvir as palavras duras ditas por ele machucou demais, mas eu sabia que merecia aquilo. Era por minha causa que estávamos sofrendo assim e eu deveria saber que para toda ação havia uma reação.

Sebastian passou a mão pelos cabelos, completamente inquieto. Seus olhos ficaram vermelhos, de longe era possível sentir sua aflição e ressentimento, ele estava muito magoado comigo.

— Eu não entendo. Por que você não me disse nada? — bradou. — Eu teria ficado do seu lado, Eliza, não importa o que acontecesse. Eu teria enfrentado sua mãe, seu pai, e até o papa se fosse preciso, mas nunca abriria mão

de vocês.

— Eu sei disso! — respondi. — Mas eu tive medo. Eu achei que se você não soubesse do bebê logo iria me esquecer, e então não faria mais diferença. Mas eu me enganei, Sebastian. Assim que cheguei aqui, tentei entrar em contato com você, mas não consegui, e quando eu disse a minha mãe que iria retornar para o Brasil, ela bloqueou todos os meus cartões e eu não tive escolha. Eu só peço que, por favor, me desculpe.

Ele me fuzilou duramente, como se enxergasse o fundo da minha alma. Uma lágrima começava a brotar dos seus olhos.

— Eu logo te esqueceria? Me diz como? Por que você acha que eu estou aqui depois de tantos meses? Você tem ideia de quantas noites eu passei em claro pensando em você ou em que eu poderia ter errado?

— Eu também sofri, Sebastian —rebatí. — Eu só quero que você me entenda, por favor.

Ele respirou profundamente à procura de calma e voltou a me responder.

— Eu te entendo. Cada detalhe. Só que a confiança que eu tinha em você, morreu aqui.

Baixei a cabeça, sentindo o peso das suas palavras, e não disse mais nada. As lágrimas escorriam como uma cachoeira pelo meu rosto.

— Eu comprei as passagens de volta para daqui a cinco horas Eliza, e eu não aceito um não como resposta.

— Então você me perdoa? — Levantei a minha cabeça e perguntei, esperançosa.

— Por você ter me feito de idiota? Perdoo sim. — respondeu, sério. — Mas por esconder a gravidez de mim? Sinto muito, mas você precisa amadurecer muito ainda, e é por isso que você retorna comigo para o Brasil. Eu não quero perder mais nenhum momento da sua gestação, espero que possamos entrar em um acordo quanto a isso.

— Sebastian, por favor, eu mudei. E... eu te quero de volta — supliquei e me aproximei dele.

— Eliza, vá arrumar as suas coisas! Quando chegarmos no Brasil, a gente conversa melhor. Eu não estou com cabeça para isso agora.

— Tudo bem — respondi tristemente e saí em direção ao quarto de

Michele.

Bati na porta e esperei um momento, até ela abrir.

Assim que ela abriu, a abracei, soluçando.

— Michele, ele não vai me perdoar.

— Ei, calma. Claro que ele vai te perdoar, amiga. Ele só está chateado, mas isso vai passar, você vai ver.

— Eu espero que sim.

— Não seja boba, Eliza. O homem está louco para te ter nos braços dele novamente, ou você acha que eu não vi a forma que ele te olhou?

— É, mas isso foi antes de saber que eu escondi a gravidez.

— Isso é um ponto pra você, minha amiga. Use essa barriguinha linda a seu favor. Ele não vai ficar chateado para sempre. Além disso, eu sou testemunha viva do quanto você amadureceu, logo ele vai perceber isso. — Ela me deu uma piscadela e sorriu. — Agora vá tomar um banho que eu vou começar a arrumar as suas coisas na mala.

— Obrigada, Michele. Vou sentir tanto a sua falta.

— Me agradeça o conquistando novamente, Eliza. Vocês três merecem toda a felicidade do mundo.

Seguimos as duas para o meu quarto e eu fui tomar um banho rapidamente enquanto Michele separava as minhas roupas. Terminei o banho e me vesti com um vestido longo confortável e sandálias rasteiras. Coloquei outro casaco por cima e os outros dei pra Michele, com certeza ela iria precisar muito mais que eu, já que no Brasil deveria estar fazendo um calor sobre-humano.

Depois de tudo pronto, retornamos à sala. Sebastian estava sentado no sofá com as mãos cruzadas, parecia impaciente.

— Estou pronta — falei e ele se virou em minha direção.

— Ótimo. Então vamos — respondeu e se levantou.

Despedi-me de Michele aos prantos. Apesar de estar aliviada por retornar ao Brasil com ele, não poderia negar que iria sentir muita saudade, ela havia sido a minha luz no fim do túnel.

Um táxi já nos aguardava do lado de fora. O motorista colocou as malas no porta-malas e Sebastian abriu a porta de trás para que eu entrasse. Apesar de

tudo, ele continuava sendo um cavalheiro, era admirável. Em seguida, deu a volta e se sentou do outro lado, ao meu lado.

Fizemos o percurso até o aeroporto em silêncio. Ele se manteve sério todo o tempo e eu achei melhor não puxar assunto.

Chegamos na área de embarque já em cima da hora, o voo estava sendo anunciado, mas graças a Deus tivemos tempo para embarcar. Olhei uma última vez para a cidade que poderia ter sido a fonte do meu sucesso, mas acabou se tornando o meu mais cruel pesadelo.



Chegamos a Minas Gerais no dia seguinte por volta das duas e meia da tarde, já que ficamos quase três horas presos no aeroporto de Congonhas, em São Paulo. Minhas pernas começavam a inchar pelo tempo sentada, mas meu coração saltitou de felicidade assim que pus os pés no aeroporto Internacional de Belo Horizonte.

Desembarcamos e eu logo senti a diferença no clima, o que me fez tirar o casaco rapidamente. Sebastian pegou as minhas malas e eu o acompanhei.

— Você quer descansar um pouco antes de irmos para Itaú? — perguntou assim que chegamos à praça de alimentação.

— Não precisa. Eu só queria tomar um banho e comer alguma coisa. Nosso filho é muito comilão. — Passei a mão pela minha barriga e ele seguiu o movimento. Vi um brilho desencadear no seu olhar e um esboço de um sorriso surgiu em seus lábios.

— Claro. Me espere aqui, eu vou buscar o carro no estacionamento e já te levo pra um hotel.

— Tá — concordei.

Sebastian saiu e eu aproveitei para fazer uma chamada de vídeo para Michele. Conversamos rapidamente, já que ela estava no trabalho, e logo desliguei. Em alguns minutos, Sebastian retornou e a gente seguiu para o hotel.

Tomei um banho bem demorado enquanto o esperava. Ele havia saído para comprar algo que matasse a minha fome e eu contava os minutos para a sua volta. Depois do banho, retornei ao quarto e vesti um conjunto de calcinha e sutiã, mas optei em por apenas um roupão por cima. Como eu tinha previsto, o clima no Brasil estava bastante quente e, com a gravidez, parecia que o calor

tinha aumentado dez vezes.

Liguei a TV enquanto esperava por Sebastian e ajustei o ar condicionado.

Em poucos minutos, ele chegou com algumas sacolas na mão e colocou sobre uma mesinha que ficava ao lado esquerdo da cama, próximo a parede.

— Trouxe vitamina de frutas, sanduíche de pão integral com queijo e peito de peru e iogurte natural. O que você quer primeiro? — perguntou.

— O iogurte está ótimo — respondi enquanto analisava-o.

Ele estava maravilhoso, usando uma camisa social de cor azul colada ao corpo, a barba por fazer o deixava com uma expressão rústica e eu amava aquilo.

Sebastian me entregou o potinho de iogurte, pegou uma toalha e seguiu para o banheiro. Tomei todo o conteúdo e joguei o pote no lixo. Passaram-se alguns minutos até finalmente ouvir o barulho do chuveiro ligado.

Não segurei a minha curiosidade em vê-lo sem roupas e fui pé ante pé até chegar próximo à porta do banheiro. Abri uma fresta bem devagar, mas bufei frustrada ao constatar que ele estava de costas, ensaboando os cabelos. Abri mais um pouquinho para tentar ver o que eu tanto almejava, mais foi inútil. Voltei a fechar a porta devagar e retornei para cama desapontada. Os hormônios estavam me deixando completamente louca, e tê-lo tão perto assim, e ao mesmo tempo longe, não ajudava muito.

Encostei minhas costas sobre os travesseiros e abri a parte de cima do robe, revelando meu sutiã e barriga. O bebê começou a se mover devagar, e eu sorri. Era uma graça aqueles movimentos.

— Sebastian — chamei-o feliz, ele precisava ver aquilo.

— Oi, Eliza. — Ele desligou o chuveiro e respondeu.

— Vem aqui, rápido!

Sebastian saiu do banheiro às pressas enrolado na toalha da cintura para baixo e veio em minha direção. Pedi aos céus para toalha cair no chão, mas infelizmente isso não aconteceu.

— O que foi? Você está passando mal? O bebê está bem? — interrogou preocupado.

— Calma. Estamos bem. Ele está se mexendo, olha.

Sebastian sentou sobre a cama e fitou a minha barriga. Como se sentisse a presença do pai, o bebê começou a dar chutinhos, arrancando-me algumas

risadas. Olhei para ele, que estava paralisado, completamente emocionado.

Suas mãos tocaram o meu ventre suavemente e um arrepio me tomou o corpo. Era maravilhoso sentir seu toque quente de novo, mesmo que por alguns segundos.

— Uau. Isso foi lindo.

— Muito.

— Você já sabe o sexo? — perguntou, encarando-me.

— Ainda não. Na última ultrassom, estava com as perninhas cruzadas, não deu pra ver — respondi sorridente.

Sebastian abriu um sorriso imenso. Nossos olhares se cruzaram por um instante e suas pupilas se dilataram. Continuamos nos olhando, minha respiração acelerou como na primeira vez. Seu olhar fitou a minha boca e desceu para o meu pescoço e colo descobertos.

Aproveitei o momento e me aproximei dele, devagar. Nossos rostos ficaram quase colados e eu pude sentir a sua respiração quente. Fechei os olhos em expectativa de beijá-lo, imaginando tudo que poderia acontecer entre a gente. Nossos lábios começaram a se tocar, mas ele se afastou e depositou um beijo em minha testa, levantando-se em seguida.

— É melhor a gente ir. Está ficando tarde.

Suspirei pesadamente e concordei. Pelo visto não seria assim tão fácil ultrapassar a barreira que ele havia construído entre nós, mas eu sentia que estava perto. Aquele havia sido um grande passo, a atração entre nós era quase palpável de tão intensa.

Sebastian pegou as roupas e se vestiu no banheiro. Coloquei um vestido mais leve e curto e preendi os cabelos, estava quase derretendo de tanto calor. Saímos do hotel e, em poucos minutos, pegamos a estrada. Aquele era o começo de uma nova história para nós dois, e dessa vez eu faria as coisas do jeito certo e colocaria a nossa felicidade em primeiro lugar.



Capítulo 28

E eu não consigo superar

Não consigo te superar

Coldplay

Sebastian

Eliza se acomodou no banco do carona e eu segui para o lado do motorista, dando a partida. Tínhamos um bom pedaço de chão pela frente e provavelmente iríamos chegar à noite em Itaú. Olhei disfarçadamente para ela, que olhava a paisagem pela janela aberta. Não poderia negar que estava linda, com os cabelos sendo bagunçados pelo vento e o vestido leve evidenciando a barriga ainda pequena.

Sorri por dentro vendo aquela imagem. A mulher que eu tanto amava estava carregando um filho meu e, apesar da minha mágoa, me sentia feliz, realizado. Sei bem o quanto ela errou ao não confiar em mim para falar da gravidez — isso abalou o meu ego e me fez sentir o pior dos homens —, mas errou principalmente porque uma criança é algo muito sério e requer responsabilidades extremas, coisa que ela não teve em nenhum momento ao ir

embora para outro país escondendo de tudo e de todos. Compreendia os seus motivos em esconder dos pais, mas nessas circunstâncias era o bem-estar do bebê que deveria vir em primeiro lugar, não seus medos e receios.

Todas essas mentiras haviam sido a gota d'água para mim. Eu a queria muito, a vontade de agarrá-la ali para fazê-la minha não faltou em nenhum momento, mas eu estava cansado de ser o brinquedo e depois ficar em segundo plano. Se ela me quisesse de volta, teria que mudar suas atitudes e conceitos sobre a vida, e isso ia além do sexo. Eu precisava de alguém que fosse a minha força, não a minha queda.

Após mais de três horas dentro do carro, chegamos tranquilamente ao nosso destino. Eliza havia dormido grande parte do trajeto e agora acabara de despertar.

Estacionei o carro em frente à casa da fazenda e saí do veículo. Ajudei-a a descer, depois peguei suas malas e levei-as para dentro, enquanto Eliza me acompanhava.

— Vou pôr suas coisas no quarto principal — informei.

— Tudo bem. Não me importa onde irei ficar, desde que seja com você — respondeu e me encarou séria.

— Certo. — Aquela declaração me pegou um pouco de surpresa, mas eu adorei saber que ela queria estar comigo.

Entrei no cômodo e deposei as malas sobre a cama. Eliza foi direto na porta de vidro com cortinas brancas.

— Ficou lindo, Sebastian! — disse, pasma. — Nem posso acreditar que você fez isso por mim.

— Fico feliz que tenha gostado.

— Amei! Quando acontece a próxima floração?

— No mês seguinte.

— Eu não vejo a hora — respondeu e abriu um sorriso.

— Você não está com fome? — questionei tentando mudar o foco da conversa.

— Muita!

— Ótimo. Eu havia pedido para a esposa do meu tio deixar alguma coisa preparada pra você comer. Vou para o escritório agora, tenho que pôr em dia

algumas coisas que ficaram pendentes. Fique à vontade, a casa é sua.

— Você não vai comer?

— Mais tarde — respondi e me retirei do quarto.

Passei pela cozinha e tomei um copo com água, indo para o escritório em seguida.

Peguei o telefone e liguei para tio Vicente.

— Alô? — atendeu após alguns segundos.

— Oi. É o Sebastian.

— Filho, onde você se meteu? Quase arranco os cabelos preocupado com esse seu sumiço sem dar muitas explicações.

— Eu sei, tio. Não tive tempo para explicar muita coisa. Mas agora estou de volta e tenho novidades.

— Estou sabendo da novidade. Sua tia me falou que você ligou e pediu para ela preparar o jantar pra mãe do seu herdeiro.

— Sim. Eliza vai ter um filho meu.

— Vocês estão bem?

Suspirei profundamente antes de respondê-lo.

— Eu não sei. Estou muito magoado pelo que ela fez.

— Hum. Entendo. Mas o importante é que ela está de volta, não é mesmo? As diferenças vocês resolvem com o tempo. Agora é o bem-estar do bebê em primeiro lugar.

— Sim. Tem razão — concordei.

— Os pais dela já estão sabendo?

— Ainda não. Não gosto nem de pensar no que vai acontecer quando eles souberem. Com certeza vão querer me esfolar vivo.

Tio Vicente gargalhou e voltou a falar.

— Com certeza vão sim, Sebastian. Eu te mataria se Eliza fosse minha filha.

— O senhor não está ajudando muito. — Sorri. — Mas eu não me importo, amanhã mesmo farei questão de ir lá com ela, não sou homem de fugir dos problemas, o senhor sabe.

— Faça isso, meu filho.

— Tenho que desligar agora. Vou ver os assuntos pendentes. Boa noite, até amanhã.

— Até. Boa noite.

Desliguei a chamada e voltei a minha atenção para a pilha de papéis na minha frente. A produção de sementes de girassóis estava em sua melhor fase, o que era ótimo, agora eu poderia dar o melhor para o meu filho e para ela, mas em compensação o trabalho em administrar tudo estava me deixando doido. Ficar trancado em um escritório não fazia muito a minha praia, eu gostava do ar livre, de pôr a mão na massa.

Fiquei horas e horas lendo e relendo contratos, revisando projetos futuros e fazendo planilhas. No dia seguinte, seria necessária uma maratona de ligações para fornecedores, e eu já estava estressado em antecedência.

Encerrei algumas coisas bem tarde da noite, me encontrava completamente nervoso e morto de cansado. Guardei tudo e tranquei o escritório, dirigindo-me até o corredor que dava acesso a sala.

Cheguei à sala e me deparei com Eliza dormindo no sofá com a TV ligada. Ela estava deitada de lado com a cabeça apoiada em algumas almofadas, usando uma blusinha curta mostrando a barriga e uma das minhas cuecas boxer. A boxer tapava apenas metade do seu bumbum, deixando grande parte em evidência, o que me levou à loucura completamente. Tive vontade de ir até ela, rasgar as peças de roupa que ela usava e penetrá-la com força, queria matar toda a saudade e vontade que estava do seu corpo, mas não era hora para isso. Tínhamos muitos assuntos pendentes para resolver e sexo não era a solução para tudo.

Aproximei-me dela devagar, passei uma mão por debaixo do seu pescoço e a outra por baixo das suas pernas, ergui-a e a levei para o quarto. Coloquei Eliza com cuidado sobre a cama e a embrulhei antes de me dirigir para a saída. Estava quase chegando à porta quando ouvi sua voz sonolenta.

— Sebastian? — Parei um momento e continuei de costas. — Não vai dormir comigo?

— Não — respondi.

— Por favor, Sebastian.

Virei-me para ela.

— Eliza, não insista.

— Sebastian por favor. Eu me sinto mais segura com você ao meu lado.

— Linda, não complique ainda mais a minha vida.

— Por favor, não me deixa sozinha — pediu.

— Tudo bem — respirei fundo e concordei. — Vou tomar um banho e já volto.

— Tá — respondeu e sorriu abertamente.

Saí do quarto encostando a porta e me dirigi até o outro cômodo. Tomei um banho demorado com água fria, era uma forma de aliviar a tensão e o estresse que havia se formado dentro de mim. Sequei-me e saí enrolado na toalha. Tinha esquecido de pegar minha roupa no quarto onde Eliza iria dormir, mas no dia seguinte iria mudar os meus pertences de local, ao menos por enquanto.

Passei pela cozinha e fiz um lanche rápido, depois voltei ao quarto, Eliza estava sentada na cama mexendo no celular e, quando entrei, ela voltou sua atenção toda para mim. Peguei uma cueca boxer e uma calça de moletom enquanto ela me observava. Encarei-a pôr alguns segundos e senti os músculos do meu corpo se tencionarem ao vê-la passar a língua pelos lábios, mordiscando-os. Seus olhos fitaram a minha barriga, descendo um pouco mais. Seu olhar transmitia um desejo nítido, o que começou a despertar uma ereção insana em mim.

Coloquei a mão na frente tentando disfarçar, mas foi em vão. A toalha ficou parecendo uma barraca armada e um sorriso devasso surgiu em seus lábios. Saí assim mesmo em direção ao banheiro e me troquei. Esperei alguns minutos até amenizar um pouco a situação e retornei ao quarto.

Deitei-me na cama junto a ela e entrei debaixo dos lençóis.

— Boa noite, Eliza.

— Boa noite amor. — Aproximou-se e me deu um selinho na boca. Em seguida, se virou para o lado, dando-me as costas, e se agasalhou nos travesseiros.

Apaguei a luz do abajur e procurei pegar no sono, mas não estava sendo assim tão fácil dormir com ela ao meu lado. Permaneci grande parte da noite virando de um lado para o outro, pensando nas palavras dela e em seu olhar voluptuoso.

No outro dia, acordei um pouco mais tarde que o de costume. Eliza

ocupava grande parte da cama, quase me jogando no chão. Seu corpo estava completamente colado ao meu, sua perna esquerda pousava sobre o meu quadril exatamente em cima do meu pau. Seu braço abraçava a minha barriga e seu rosto angelical descansava sobre o meu peito, espalhando os cabelos pelo meu ombro.

Eliza dormia profundamente, mas algo incrível me chamou a atenção. O bebê mexia lentamente, formando pequenas ondas em sua barriga. Era incrível sentir seus movimentos. Sorri feliz com aquela cena, era tudo que um dia almejei na vida.

Depois de alguns segundos, ele parou de se movimentar. Levantei devagar para não acordar, beijei seu ventre de leve e me dirigi ao banheiro. Após escovar os dentes, me troquei e fui até a cozinha preparar o café da manhã.

Alguns fornecedores já haviam chegado e conversavam com tio Harry em frente à plantação. Dirigi-me até ambos, cumprimentei-os e os convidei a me acompanharem até o escritório. Resolvemos alguns assuntos e acertos de contas, além de realizar novos pedidos de insumos e maquinários.

Após irem embora, conversei um pouco com tio Vicente sobre os últimos acontecimentos na fazenda e voltei aos meus afazeres.

Minha mesa ficava bem próximo à janela, dando acesso ao campo. O céu estava completamente azul, sem nuvens e o sol estava escaldante lá fora. O vento soprava os girassóis de um lado para o outro, anunciando a chegada do outono.

Ao longe vi Eliza se dirigir até próximo à plantação. Ela abriu os braços e o vento soprou os seus cabelos magnificamente. Permaneci por vários minutos admirando-a, completamente bobo, sem conseguir desgrudar os meus olhos dela um só minuto, até que fui desperto por uma tossida despresticiosa de tio Vicente.

— Sua cara de apaixonado está estampada na sua face, Sebastian — disse. — Nunca vi um homem tão rendido à uma mulher — completou, morrendo de rir.

Olhei para ele e passei a mão pela barba. Não tinha como negar, eu estava com as quatro rodas arriadas por causa dela.

Logo eu, um homem maduro e experiente, integralmente submetido aos encantos de uma garota imatura e completamente inconsequente, mas que tinha os lábios mais doces do mundo e agora carregava o fruto da nossa paixão desenfreada.

No horário do almoço, despedi-me do meu tio e o deixei encarregado de resolver os possíveis problemas que surgissem. Havia chegado a hora de enfrentar as feras, iria levar Eliza até a casa dos seus pais e resolver logo isso de uma vez.

Encontrei-a na cozinha conversando com a cozinheira que eu havia contratado. Ela ajudava a mulher já de idade a cortar algumas verduras para pôr na salada, e parecia bastante animada.

Fiquei um momento na porta, observando-as. As duas falavam sobre filhos e gravidez, Eliza em nenhum momento deixou de exaltar o quanto estava feliz em se tornar mãe, principalmente por ser do homem que ela amava, e eu senti meu peito inflar ao ouvir aquelas palavras proferidas por ela.

Dei uma pequena batida na porta para chamar a atenção. As duas se voltaram para mim e Eliza abriu um enorme sorriso enquanto vinha ao meu encontro, pulando nos meus braços.

Segurei-a firmemente e lhe afaguei os cabelos. Estava cada vez mais difícil manter uma distância precisamente segura, a barreira pouco a pouco ia se quebrando. Era mais forte do que eu poderia suportar, era além do limite, era indomável!

— Eliza, depois do almoço iremos à casa dos seus pais — informei enquanto a colocava de volta no chão.

Seu sorriso se desfez e uma expressão de preocupação se apossou do seu rosto.

— Eu não sei se estou preparada para enfrentá-los — disse temerosa.

— Eu sei que não será fácil. Mas é necessário.

— Sim, é necessário. — Ela parou por alguns segundos, pensativa. — Vamos lá então, seja o que Deus quiser.

— Ótimo. Então vamos almoçar, sei que você está morrendo de fome.

— Com toda certeza — respondeu e me acompanhou até a mesa.

Sentamos e nos alimentamos com calma. Em seguida, Eliza se dirigiu até o quarto para se trocar.

A viagem até a cidade foi um pouco tensa. Ela se manteve em silêncio todo o trajeto, se sentia ao longe o quanto estava nervosa, e eu também. Não que eu tivesse medo de enfrentar o que nos esperava, mas estava receoso em como

ela iria reagir com relação a nós dois.

Chegamos em frente à casa dos seus pais e saímos do veículo. O carro do seu pai estava estacionado logo em frente, ou seja, estavam todos em casa. Eliza segurou em minha mão, o que me surpreendeu, e nos dirigimos até a campainha.

Ela tremia um pouco e seus passos eram lentos por debaixo do vestido longo e floral, com saia esvoaçante que disfarçava e protuberância em sua barriga. Apertei ainda mais a sua mão, para passar segurança e acionei a campainha.

Em alguns minutos a porta da frente se abriu e a mãe de Eliza apareceu. Seus olhos se alarmaram ao ver a filha do outro lado do portão e uma expressão de fúria tomou seu semblante quando seu olhar fitou nossas mãos entrelaçadas.



Eliza

Minha mãe veio em nossa direção em passos firmes e semblante fechado. Eu só conseguia segurar a mão de Sebastian cada vez mais forte, estava difícil controlar o nervosismo.

— Eu posso saber o que você está fazendo aqui, e sem a minha autorização? — questionou impassível.

— Vim apenas conversar, é importante! — respondi com calma. Não queria brigas ou discussões.

— Eu não quero conversar. Quero que você pegue o primeiro avião de volta agora mesmo — exigiu.

— Eliza não vai a lugar nenhum! — Sebastian tomou a palavra, soltou a minha mão e se aproximou um pouco mais do portão. — Estamos aqui para conversarmos civilizadamente e gostaria que o seu esposo estivesse presente. Será que podemos entrar ou prefere conversar aqui na rua mesmo? — completou duramente em alto e bom som.

Olhei para ele embasbacada, esse homem era demais. Meu orgulho, não baixava a cabeça para nada nem ninguém.

— Era o que me faltava — minha mãe rebateu. — Eliza é minha filha e

me deve obediência. É o futuro dela que está em jogo, Sebastian, você não pode se intrometer desse jeito.

— Mãe, eu não vou a lugar algum, está na hora da senhora me ouvir, por favor — me pronunciei também.

— Tudo bem Eliza. Vou fazer a sua vontade. Quero só ver o que seu pai irá dizer quando ele souber de toda a sua pouca vergonha com esse homem — disse apontando para Sebastian.

Percebi que Sebastian ficou completamente vermelho de raiva, mas se conteve. Ele voltou a segurar a minha mão e entramos. Minha mãe seguiu na frente e nós a acompanhamos até a sala.

Papai estava assistindo ao noticiário na TV e Jonas estava fora de vista. Ao perceber a minha presença, ele se levantou rapidamente e eu corri para abraçá-lo, as lágrimas já escorrendo pelo meu rosto.

— Princesa, mas que surpresa. Que saudades eu estava de você — falou me apertando entre os seus braços.

— Eu também, papai. Estava morrendo de saudades.

— O que aconteceu? Desde que você viajou não consegui falar com você, sua mãe que me passava as notícias e dizia que você andava muito ocupada — disse, confuso.

Olhei para minha mãe e ela pareceu assustada. Pelo visto não esperava por essa declaração de papai.

— Papai, é uma longa história. Agora, quero que conheça alguém — falei secando os meus olhos e me dirigi até Sebastian.

Papai seguiu os meus passos e fitou-o por alguns segundos.

— Pai, esse é Sebastian. Meu namorado — apresentei.

Sebastian me encarou por um momento e sorriu, seus olhos brilharam. Ele se dirigiu até o meu pai e estendeu-lhe a mão.

— É um prazer conhecê-lo.

— O prazer é meu! — disse sério e apertou a mão de Sebastian. — Mas agora será que dá pra vocês me explicarem tudo que está acontecendo? Eliza, desde quando você tem um namorado? — interrogou-me.

— Agora vocês chegaram na parte mais importante da história, não é, Eliza? — minha mãe disse, cinicamente, aproximando-se.

— Mamãe, não. Deixe que eu falo tudo — praticamente implorei. Eu não poderia deixar que ela distorcesse as coisas.

— Não, Eliza. Eu faço questão! — bradou.

Seus olhos estavam marejados, dava para perceber de longe o quanto estava decepcionada comigo. Mas ela precisava entender que eu tinha sentimentos e era dona das minhas próprias vontades.

— Pedro, sua querida filha saía escondida de casa à noite para se encontrar com esse homem. E se não bastasse toda essa falta de vergonha, ainda deixou os estudos e tudo que era importante para trás por causa dele. Ela não pensou em mim, nem em você. Ela é uma irresponsável!

Mamãe despejou tudo de uma vez, fazendo-me morrer de vergonha na frente dele. Papai ouviu tudo e me encarou completamente alarmado.

— Isso é verdade, Eliza? — questionou.

— Eu posso explicar!

— Por favor! É o mínimo que eu mereço.

— Papai, eu saía sim escondida para encontrá-lo. Eu sei que fui errada, e não há justificativa para isso.

Ele passou a mão pelos cabelos nervoso e começou a andar de um lado para o outro.

— Por que você fez isso? Poderia ter nos contado. Cadê a sua responsabilidade filha? Isso não é coisas que uma moça de família faça.

— Eu tive receio de vocês não o aceitar por causa da nossa diferença de idade papai — justifiquei. — E eu tinha razão, mamãe soube vários dias antes da minha viagem, e não aceitou. Eu fui embora por medo e angústia, não aguentaria mais decepcioná-los.

— Mas é óbvio que eu não aceitaria mesmo, Eliza, independente de quem fosse. Você tinha um futuro brilhante pela frente, e ainda tem se deixar de ser tão teimosa! — minha mãe bradou, intrometendo-se na conversa.

— Chega disso! Eu quero ficar aqui, com ele. A senhora não tinha o direito de bloquear os meus cartões para me impedir de voltar. Não ligou para o que eu sentia. Eu sou humana, tenho sentimentos — contestei.

— Eliza, calma, você não pode se estressar — Sebastian me segurou nos ombros e pediu, ao ver que eu me tremia. Estava completamente alterada.

Ignorei o seu pedido e me virei para o meu pai. Se era para pôr as verdades sobre a mesa, então era aquele o momento.

— Papai, ela não me deixava falar contigo, ela me forçou a ficar lá. Se não fosse por Sebastian e Michele, eu ainda estaria no Canadá. Infeliz! Eu não aguentava mais. — falei aos prantos.

— Já acabou com o teatro? — perguntou minha mãe.

Meu peito estava doendo. Como ela podia ser assim tão fria?

— Não! Eu ainda não acabei. Falta a parte principal.

Olhei pra Sebastian e ele acenou em concordância, para que eu continuasse.

— Diz filha. Estou ouvindo — pediu papai.

— Eu e Sebastian. Nós vamos ter um filho. — Passei a mão pela minha barriga, e todos os olhares se voltaram para o meu ventre.

Minha mãe me encarou incrédula, seus olhos estavam vermelhos. Sua expressão, indecifrável.

— Você é uma insolente, garota! — disse, alto, aproximando-se de mim.

Ela levantou o braço para me dar um tapa no rosto e eu só consegui fechar os olhos e me encolher.

— Nem pense nisso, senhora! — Ouvi a voz de Sebastian e abri as pálpebras.

Ele segurava a mão da minha mãe firmemente, impedindo que ela me esbofeteasse. Logo em seguida a soltou, mas permaneceu na minha frente.

— Mulher, você enlouqueceu de vez? Quer bater na nossa filha grávida? Já não basta tudo o que você fez? — papai veio em minha defesa.

— Sua filha é uma perdida, Pedro. E a culpa é sua que a mimava demais.

—Papai, por favor, me perdoe. Eu estou muito arrependida por todas as vezes que menti. Mas não me vire as costas, estou pedindo.

Ele parou por alguns segundos, refletindo, depois voltou a falar.

— Olha, Eliza, eu estou muito decepcionado por você ter me enganado assim. Mas você é minha filha, e eu nunca poderia virar-lhe as costas. Se tivesse me dito tudo antes, eu não teria deixado você ir embora assim. Eu pensei que você estivesse feliz!

Abracei-o mais uma vez.

— Obrigada, de verdade. Por tudo.

— Senhor Pedro? Podemos conversar um minuto a sós? — perguntou Sebastian.

— Sim. Claro!

— Eliza, me espera no carro. Eu não demoro. — pediu, virando-se para mim.

— Nem pense nisso, Eliza. Você vai subir agora mesmo para o seu quarto —ordenou minha mãe.

— Não, mamãe. Eu volto com ele! — contrariei-a e segui em direção a porta.

Minha mãe me encarou, séria, e me virou as costas, saindo das minhas vistas logo em seguida.

Segui até o carro de Sebastian com o coração na mão. Por um lado, estava aliviada por ter jogado para fora tudo que estava me sufocando há meses, era como se tivesse tirado uma tonelada das costas. Por outro lado, estava difícil encarar a realidade dura que me afrontava. Seria difícil recuperar a confiança dos meus pais e isso machucava tanto.



Sebastian.

Eliza saiu em direção ao carro e eu acompanhei seu pai até a varanda para conversarmos tranquilamente.

— Então, Sebastian. Sobre o que você quer falar? — Foi direto ao ponto.

— Primeiramente, peço desculpas pelos mal-entendidos. Sei que você deve estar bastante chateado, e com razão.

— Lógico! Acabei de conhecer o namorado da minha princesa e de quebra ainda descubro que ela está grávida. Eu só não te mato por que não quero que meu neto nasça sem pai.

— Compreendo seu posicionamento. Eu só quero dizer que amo muito a

sua filha. E também estou chateado com os acontecimentos, até porque ela foi embora sabendo da gravidez e não me disse nada. Mas isso não vem ao caso agora. Estou disposto a esquecer tudo e construir uma família com ela, por isso estou aqui.

— E então?

— Quero sua permissão para pedi-la em casamento — pedi convicto.

Ele analisou o que eu acabara de falar e voltou se falar.

— Se eu negar mudaria alguma coisa?

— Com certeza não! Não abro mão dela nem do meu filho por nada nesse mundo. — Fui sincero.

— Então eu não tenho alternativas a não ser lhe conceder a mão dela.

— Obrigado, senhor Martínez. — Esbocei um sorriso. — Desde já os convido a conhecer minha fazenda, serão bem-vindos.

— Com certeza irei! Preciso conhecer melhor o homem que está roubando a minha princesinha de mim.

— Não se preocupe. Eliza nunca deixará de ser sua princesinha.

Ele sorriu levemente, apesar das últimas descobertas e o susto, era um homem justo e de valor.

Despedi-me, mas ele fez questão de me acompanhar até o portão. Eliza estava à minha espera, sentada no banco do carona. Levantou-se e veio ao nosso encontro.

— Filha, vá em paz. Depois eu me entendo com a sua mãe, juízo! E você meu rapaz — virou-se para mim — não deixe que eu me arrependa de permitir essa loucura.

— Pode deixar. — Apertei sua mão e entrei no carro junto com ela.

Ele trancou o portão e retornou para dentro.

— O que você conversou com papai? — Eliza indagou desconfiada.

— Em breve você saberá.

Ela franziu o cenho, mas não voltou a questionar. Estava triste, isso não tinha como negar. Sua mãe não aliviou em nada a nossa conversa e pelo visto não seria tão fácil convencê-la a aceitar a decisão da filha.

Apesar de tudo, fiquei feliz pelo posicionamento de Eliza. Se ela tivesse agido assim desde o início, as coisas se resolveriam mais facilmente, porém, que atire a primeira pedra quem nunca errou na vida.

— Você quer passar em algum lugar? Podemos ver algumas coisas para você e o bebê, o que acha? — sugeri na esperança de animá-la um pouco.

— Seria ótimo. Estou ansiosa pra saber o sexo e montar o quartinho.

— Certo.

Dei a partida no carro e seguimos para as lojas de artigos infantis. Eliza ficou encantada com as variedades de roupinhas para bebê, confesso que até mesmo eu estava babando por dentro. Tanto que não resisti e deixei-a comprar uma variedade imensa de roupinhas e brinquedos em cores neutras. Em seguida, passamos em outras lojas e ela comprou algumas peças de roupas para si.

Chegamos à casa da fazenda já no fim da tarde. Eliza partiu diretamente para a cozinha, alegando estar morta de fome e cansada. Segui para o quarto com as sacolas e coloquei-as no chão, tomei um banho e fui para cozinha comer alguma coisa também.



No dia seguinte, acordei um pouco mais tarde. Como era sábado, não me preocupei em ir cedo para o escritório, já que não receberia ninguém pela manhã. Olhei para o lado e Eliza já não estava mais na cama. Senti uma falta imensa de acordar com ela em cima de mim, tomando todo o espaço.

Levantei-me e escovei os dentes, indo até a cozinha em seguida. O cheiro de café invadiu o espaço. Dona Carmelita chegava sempre cedo e estava terminando de pôr a mesa do café da manhã.

— Bom dia — cumprimentei.

— Bom dia, Sebastian. Como você está?

— Bem. A senhora sabe onde está Eliza?

— Sua mulher passou aqui mais cedo, comeu uma fruta e saiu dizendo que ia tomar um ar fresco.

— Obrigado — agradei pela informação e saí.

Voltei ao quarto e me dirigi até a porta de vidro que dava acesso ao campo

de girassóis, abri as cortinas e me deparei com ela sentada no chão, olhando a vista. Seus cabelos brilhavam pela luz do sol fraco do início da manhã. Sorri enquanto a observa. Ela amava estar ali, dizia que era mágico.

Abri a porta e fui em sua direção. O vento soprou um pouco frio, trazendo um arrepio ao meu peito desnudo. Eliza se levantou de repente, mas não percebeu a minha aproximação. Seu vestido soltinho se esvoaçava com a brisa, revelando um pouco as suas pernas grossas.

Ela estava linda e eu louco para tê-la em meus braços.

Cheguei próximo a ela e beijei seu pescoço. Eliza se assustou e virou-se. Aproveitei e tomei os seus lábios em um beijo intenso. A saudade dos seus beijos estava massacrante demais. Eu não conseguia pensar em outra coisa a não ser estar dentro dela.

Encostei-a na árvore que tinha ao lado e levantei o seu vestido. Suas mãos foram certas para dentro da minha cueca, arrancando-me gemidos. Ah, como eu amava os seus toques.

— Vou te foder todinha — sussurrei no seu ouvido.

Ela tirou o meu membro da boxer e eu a virei de costas. Enfiei um dedo em sua entrada, lubrificando-a, logo em seguida a penetrei, fazendo ela gritar do jeito que eu gostava.

O telefone tocou, me fazendo acordar dos meus pensamentos eróticos e eu xinguei baixinho encostado na porra da porta de vidro.

— Alô! — atendi bufando de raiva.

— Chefe, precisamos da sua assistência aqui no sistema de irrigação. É urgente.

— Tem que ser agora? Eu estou ocupado.

— Sim, chefe, o problema é grave.

— Ok. Estou indo.

Desliguei o telefone e voltei a olhá-la pelo vidro. Hoje mesmo eu iria acabar com essa distância maldita. Foda-se meu orgulho, precisava fazer amor com ela, ou então iria ficar louco de vez.



Capítulo 29

Oh, eu quero algo assim

Eu quero algo assim

Coldplay

Sebastian

Cheguei onde ficava instalado o controle do sistema de irrigação e encontrei Bruno e mais um outro funcionário responsável por essa área, ambos sentados no chão à minha espera.

— Qual é o problema, Bruno? — questionei-o.

Não era em uma boa hora, principalmente porque havia sido interrompido em um momento bastante peculiar. Agora mesmo eu poderia estar com ela na nossa cama. Acordar completamente excitado e não poder fazer sexo, além de ser açoitado com problemas àquela hora do dia deixava qualquer um estressado.

— Parece que houve algum problema com a bomba, chefe.

— Já tentou falar com o técnico de manutenção?

— Sim. Mas ele está viajando e só retorna daqui uns dois meses, a plantação não pode esperar tudo isso.

Ele me encarou preocupado, e com razão. Em breve os girassóis iriam florescer, e com falta de água a produção iria despencar drasticamente, causando-me um imenso prejuízo. Pensei por alguns instantes e cheguei à conclusão que deveria trocar a bomba, já que ninguém ali tinha a mínima ideia de como consertar. Nesse caso, uma nova seria mais viável.

— Vamos descer até o rio e retirar a bomba. Daqui a pouco eu irei até a cidade comprar outra pra podermos instalar ainda hoje.

— Tem certeza, patrão? Uma bomba nova custa caro, principalmente aqui no interior.

— Nós não temos alternativa! Além disso, no momento não estou podendo me afastar de casa. É o melhor a ser feito.

— Certo, chefe — concordou.

Os dois seguiram em direção ao rio e eu os acompanhei. Fui andando devagar, analisando se poderia haver algum outro possível problema, até que mais na frente me deparei com os destroços dos canos principais que levavam a água até a caixa, e alguns pivôs arrancados. No mesmo instante liguei todos os sinais de alerta. Estava óbvio que não havia sido um problema técnico, alguém estava tentando devastar a plantação.

Apressei o passo até chegar aos rapazes e os questionei.

— Vocês viram os canos e pivôs quebrados ali atrás?

Ambos olharam um para o outro, assustados, e Bruno respondeu:

— Não, chefe.

— Tem alguém tentando sabotar a plantação de girassóis. Preciso que fiquem todos em alerta.

Assentiram e voltamos a andar em direção ao rio.

Encontrei a bomba completamente amassada. Os fios cortados, óleo vazando para todos os lados.

Droga.

Quem quer que estivesse por trás de toda aquela sabotagem estava fazendo questão de deixar bem claro que não estava para brincadeiras. Era sempre assim, quando as coisas começavam a entrar nos trilhos, aparecia alguém tentando

ferrar com a minha vida. Mas eu não iria deixar isso barato, a pessoa que estava por trás disso não me conhecia o suficiente para saber que nada, nem ninguém era capaz de me fazer desistir, principalmente por algo assim tão fútil.

Retornei até o relógio e desliguei toda a energia da propriedade. Em seguida, voltei para o rio e, com a ajuda dos garotos, conseguimos retirar a bomba e levar para um local mais afastado.

Trabalhamos arduamente durante toda a manhã na retirada dos canos e pivôs quebrados. O trabalho a ser feito e o rombo no meu bolso era maior do que eu havia imaginado. Cheguei de volta à casa da fazenda completamente sujo de terra, minha roupa podia ser usada como pano de chão. Já passavam de uma da tarde e eu precisava tomar um banho urgente, almoçar e ir à cidade. Dona Carmelita já havia retornado para casa, estava apenas tio Vicente entretido com alguns papéis no escritório. Passei rapidamente pela cozinha, lavei minhas mãos na pia e tomei um copo de água e me dirigi até o quarto.

Eliza estava deitada na cama lendo um dos meus livros. Ela fechou-o e se voltou para mim.

— Sebastian, o que houve? Você está todo sujo!

— Um pequeno imprevisto no sistema de irrigação, nada demais. — Decidi não falar sobre a parte da sabotagem. Não queria preocupá-la com besteira.

Ela se tranquilizou e sorriu ao ver que eu começava a me despir para tomar banho. Tirei a camisa e fui até ela.

— Tenho que ir à cidade urgentemente, quando eu voltar temos um assunto para discutirmos. — Pisquei para ela.

— Estarei te esperando. Você pode me adiantar do que se trata?

— Sobre uma garota fujona que não sai da minha cabeça por um só minuto e que está carregando o bebê que eu mesmo coloquei aqui dentro — falei e toquei em seu ventre de leve.

— Estou gostando do rumo dessa conversa — respondeu, mordiscando o lábio.

Inspirei o perfume dos seus cabelos e sussurrei em seu ouvido:

— Quero ver você dizer que não me ama quando eu estiver todo dentro de você, Eliza!

Seus pelos se eriçaram com a minha aproximação e ela colocou a mão no meu peito, afastando-me um pouco.

— Você sabe que te amo, Sebastian.

— É? Vamos ver isso mais tarde.

— Mais tarde uma ova. — Ela passou as mãos pelo meu pescoço e me beijou na boca. Foi o suficiente para o ponteiro aqui em baixo marcar meio-dia em ponto.

— Vem tomar banho comigo. Eu estou todo sujo — balbuciei.

Sem responder uma única palavra, suas mãos desceram para o cóis da minha calça e, sem pedir permissão, adentraram minha cueca.

— Você é muito safada, menina.

— E você adora!

Levantei-a da cama e, sem desgrudar nossas bocas, tirei a minha calça, deixando-a jogada no chão. Mas uma batida na porta me fez interromper o beijo e eu xinguei baixinho. Era carma, só podia ser!

— Eliza? — Tio Vicente chamou. Fiquei a ponto de mandá-lo embora, isso não era hora para ele chegar chamando a minha mulher.

— Oi. Estou indo.

Ela se recompôs, arrumou os cabelos em frente ao espelho e me fitou. Seus lábios esboçaram um sorriso ávido ao notar minha cara de frustração e o volume dentro da minha cueca.

Peguei uma toalha e enrolei na cintura, enquanto Eliza se dirigia até a porta.

— Oi, Eliza. Seu pai está aqui na fazenda, veio te ver — disse meu tio assim que ela abriu a porta. Em seguida, virou-se e saiu.

Merda, pelo visto eu teria que aguentar mais um pouco.

— Sebastian, vou falar com papai. Toma logo seu banho — ela falou animada e saiu também, deixando-me frustrado, estressado e subindo pelas paredes de tanto tesão.

O jeito foi respirar fundo, contar até dez e entrar debaixo do chuveiro. Depois de almoçar às pressas, encontrei Eliza e seu pai sentados na varanda. Ambos conversavam e sorriam alegremente, o que me deixou feliz também. Era

gratificante ver um sorriso em seu rosto.

— Boa tarde, senhor Pedro — cumprimentei-o.

Era estranho chamá-lo assim, tão formalmente, principalmente porque ele não parecia ser tão mais velho que eu.

— Boa tarde, Sebastian. Sente-se com a gente.

— Infelizmente não poderei. Preciso ir à cidade agora mesmo. Aconteceram alguns problemas aqui na fazenda e preciso resolvê-los hoje — expliquei.

— Eu entendo perfeitamente. Como você deve saber, sou um dos donos da BM Engenharia, e os problemas são frequentes.

— Eu imagino! Bom, agora tenho que ir. Fique à vontade.

— Ah, Sebastian — chamou Eliza.

— Sim?

Ela se levantou e veio até mim, passando as mãos pelo meu pescoço novamente.

— Daqui a pouco irei com papai pra cidade. Hoje tem festival com música ao vivo e acho que será uma boa pra passar um tempo com papai e meu irmão, já que minha mãe viajou sem data para voltar e você está tão ocupado.

— Você está de pirraça comigo, é? — sussurrei discretamente em seu ouvido, para que seu pai não ouvisse.

— Juro que não! — Sorriu. — Mas é que ele veio diretamente nos convidar, e eu também estou muito ansiosa para ir. Faz tempo que não me divirto um pouco.

— Tudo bem. Eu espero.

— A gente se encontra lá? — perguntou esperançosa.

— Sim. Te encontro lá.

Beijei os seus lábios e me retirei.



Duas horas mais tarde eu estava de volta à fazenda. O caminhão de entrega chegou junto comigo. Tio Harry e os dois funcionários já estavam me

aguardando junto ao rio. Passamos o restante da tarde trabalhando arduamente. O sol se pôs no horizonte e ainda não havíamos terminado.

Já estava praticamente escuro quando decidi deixar para terminar na segunda-feira. Estávamos todos exaustos, e eu não via a hora de encontrar Eliza novamente. Mesmo que tendo de ficar apenas olhando-a. Despedi-me de todos e voltei para casa. Tomei um banho, me arrumei e voltei para cidade.

A praça estava repleta de pessoas circulando, jovens, idosos, adultos e crianças. No pequeno palco, tocava uma bandinha local. Comecei a andar à procura dela, mas não tive êxito. Havia muitas pessoas ali. Peguei meu celular para ligá-la, mas o aparelho estava sem bateria. Retornei ao carro e joguei o celular no banco de trás, voltando a procurá-la insanamente pela multidão.

Meu sangue ferveu quando a vi encostada em um quiosque tomando alguma espécie de suco, enquanto conversava abertamente com um homem aparentemente uns quinze anos mais jovem que eu.

Ela usava um vestido rosé que me pareceu curto demais, mal dava para notar sua barriga. Seus longos cabelos estavam soltos e brilhavam com as luzes. Ela sorria, feliz, e isso me deixou louco de ciúmes. Olhei em volta e seu pai estava em um outro quiosque comprando alguma coisa para o filho. Marchei firmemente na direção dos dois, nem estava conseguindo respirar direito.

—Atrapalho? — indaguei enquanto cravava meu olhar duramente no homem perto dela.

Ela virou-se, assustada com a minha voz alterada. O homem também me encarou assustado.

— Amor, que bom que você chegou. — Ela passou os braços pela minha barriga.

— O que você estava fazendo? Quem é esse cara? — interroguei.

— Oi, Sebastian. Como vai? — ele me cumprimentou, chamando-me pelo nome, o que me deixou ainda mais confuso.

— Oi — respondi seco.

— Foi um prazer revê-la, Eliza. Depois a gente se fala — ele se despediu dela e saiu sem olhar na minha cara.

— Amor, o que foi, por que essa raiva? — Ela me olhou confusa.

— Quem era esse homem?

— Era só um ex-colega da escola, ninguém importante.

— Pela sua cara de satisfação ao conversar com ele parecia, sim, ser muito importante!

— Sebastian. Não estou te reconhecendo.

— Ah, não? Vai reconhecer agora.

Segurei em sua cintura bruscamente e enfiei a minha língua na sua boca, meu desejo e meus ciúmes estavam ultrapassando o limite.

Eliza correspondeu ao beijo, um pouco mais contida, e se afastou.

— Sebastian, estamos em público — disse ofegante.

— Eu sei. Vem comigo.

Segurei em sua mão, e a guiei até um local mais afastado das pessoas.

— Espera, eu não posso sair assim. E papai?

— Depois você fala com ele. Vem!

Ela me acompanhou, um pouco confusa, até uma rua mais escura. Havia um beco mais estreito e logo mais à frente um bar praticamente vazio. Encostei-a na parede e voltei a beijá-la. Algumas pessoas passavam na rua, mas estávamos camuflados pela sombra de uma árvore logo ao lado.

— Que saudade de você. Eu já estava ficando louco — sussurrei em seu ouvido, enquanto trilhava beijos pelo seu pescoço.

— Eu também, estava morrendo de saudades. Mas agora pode me explicar o que foi aquilo lá na praça?

— Eu não suporto ver nenhum homem perto de você — confessei e apertei um seio.

— Não precisava ser grosseiro com...

Ela começou a rebater, mas sua voz falhou. Arrastei minha mão para debaixo do seu vestido e segui até a sua calcinha. Eliza gemeu baixinho quando toquei sua intimidade de leve.

— Abre mais as pernas! — pedi.

— Não, Sebastian, estamos no meio da rua.

— Eu preciso te sentir.

Voltei a beijá-la loucamente. Sua boca era a minha perdição, me deixava

completamente inebriado. Coloquei uma das minhas pernas entre as suas e forcei para o lado, para que ela me desse mais passagem.

— Ain — ela gemeu mais alto.

Coloquei sua calcinha para o lado e dedilhei seu clitóris, fazendo-a arfar. Meus dedos deslizavam com facilidade no seu sexo molhado, estimulando-o.

— Seu cachorro! — ela rangia insensatamente.

Continuei friccionando seu nervo sensível, em um movimento delicioso que estava me deixando a ponto de explodir. Com dois dedos, abri um pouco mais a sua intimidade, passei pelas suas dobras macias e penetrei-a com o meu dedo do meio. Eliza desgrudou nossas bocas e soltou um gritinho, cravando as unhas no meu braço. Tirei minha mão do seu sexo e levei até a minha boca, estava ansioso para sentir o gosto salgado e quente da sua excitação. Naquele momento, eu já não tinha mais sanidade, nem raciocínio, eu só pensava em fodê-la de todas as formas possíveis, em todas as posições.



Capítulo 30

*Ainda chamo de mágica
Quando estou perto de você*
Coldplay

Eliza

Sebastian estava a ponto de me devorar como um leão faminto, ali, naquela rua escura. E o pior é que eu estava totalmente entregue, havia perdido toda a vergonha na cara.

Meu sexo pulsava, querendo-o, e ele não media esforços para me deixar doida. Foram tantos meses longe, em uma espera amarga e dolorosa, e agora finalmente estávamos nos entregando um ao outro novamente.

Seus beijos quentes se estenderam pelo meu busto, chegando até os meus seios. Puxou o meu decote para baixo, apertou um peito com certa força, depois o outro. Logo depois me virou de costas e minhas pernas tremeram, estava um pouco temerosa pelo que poderia acontecer, ser pega em flagrante transando na rua não estava em meus planos naquela noite. Ouvi o barulho do zíper da sua

calça descendo e meu coração acelerou. Sua respiração em meu ouvido estava pesada e carregada.

— Amor, não faz isso, é perigoso! — pedi, quase implorando.

— Só um pouquinho, deixa?

— Não, Sebastian — balbuciei. Minha voz saiu embargada.

— Só a cabecinha! — ele sussurrou em meu ouvido, ao mesmo tempo em que pude sentir a ponta do seu membro pincelando a minha entrada, arrancando-me gemidos incontrolláveis.

— Por favor — pedi uma última vez. Já estava prestes a chutar o balde e dar logo de uma vez.

Ele puxou o ar profundamente e voltou a descer a barra do meu vestido, mordiscando a minha orelha. Colou o seu corpo no meu, esfregando sua excitação no meu bumbum. Suspirei frustrada e aliviada ao mesmo tempo.

— Vou te levar pra casa agora e vou te fazer minha — vociferou abruptamente enquanto me imprensava contra a parede do bar. — Irei possuí-la com força, depois faremos amor apaixonadamente. Essa noite eu quero esquecer todos os dias que passei longe de você!

Fechei os olhos, tentando recuperar as minhas forças. Ele se afastou um pouco e voltou a fechar o zíper, tocando a minha mão em seguida.

— Vamos. Meu carro está ali do outro lado.

— Vamos — assenti e o acompanhei.

Saímos de mãos dadas em direção ao local em que ele havia deixado o carro. Adentramos no veículo e Sebastian saiu a toda velocidade. Olhei-o de canto de olho, ele estava concentrado, mas sua mão se encontrava pousada em cima da minha coxa.

Em questão de minutos, ele estacionou o carro em um dos bairros mais nobres da cidade. Olhei de relance, estranhando estarmos ali. Que eu me lembrasse, ali não havia nenhum motel.

Ele abriu a porta do carona e eu saí. Estávamos em frente à uma casa enorme. E, pela luz do poste em frente, dava para ver um lindo jardim bem cuidado por entre as grades do portão.

— Bem-vinda à nossa casa — disse retirando uma chave do bolso.

— Como? Essa casa é sua? — perguntei desacreditada.

— Nossa! — afirmou.

— Sebastian, quando que você comprou essa casa?

— Isso não importa agora — respondeu e abriu o portão.

— Claro que importa. Eu quero saber!

— Como você é teimosa — disse virando-se para mim. — Comprei essa casa um pouco antes de você ir embora.

— Ai meu Deus! Por que não me disse?

— Era para ser surpresa.

Adentramos o imóvel e ele acendeu a luz. Fiquei encantada com a delicadeza e modernidade dos móveis, exatamente como em algum dia eu sonhei.

— Mas e a casa da fazenda?

— Pra gente passar o fim de semana, Eliza. Mas agora vamos parar de conversa fiada. Eu quero você!

Ele voltou a me beijar e me levou até o quarto, empurrando-me sobre a enorme cama. Havia um imenso espelho na parede em formato retangular e outro em forma de círculo no teto. O que me deixou com uma pulguinha atrás da orelha. Ele me flagrou observando o espelho e mordiscou meu lóbulo novamente.

— É exatamente isso que você está pensando — falou estampando um sorriso descarado. — Quero ver cada centímetro do meu pau entrando na sua bocetinha deliciosa!

Suas palavras entraram como uma corrente elétrica no meu corpo, pairando lá embaixo, no meu ponto mais sensível. Ele se acomodou no meio das minhas pernas e tirou o meu vestido com pressa, enquanto depositava beijos pelos meus ombros e pescoço. Logo depois se desfez da sua calça e camisa.

— Como senti falta do seu cheiro, Eliza, do gosto da sua pele.

Abracei-o, queria sentir todo o seu calor sobre mim. Levantei-me e o empurrei de costas na cama. Seus olhos pareciam labaredas cinzentas, analisando cada passo dos meus movimentos. Sentei-me na sua excitação ainda coberta pela cueca boxer e dei uma rebolada, sem desgrudar os meus olhos do seu. Ele gemeu e me deu um tapa no bumbum. Sorri e joguei os meus cabelos para trás. Abri o fecho do meu sutiã e joguei a peça no chão.

Sebastian me puxou para si, dando-me um beijo ardente enquanto tentava tirar a minha calcinha a todo custo. Segurei em sua mão, impedindo-o. Queria provocá-lo um pouco mais.

— Não faz isso com teu homem, Eliza! Tira logo, vai.

— Espera, amor. Direitos iguais.

Abaixei-me e fiz uma trilha de beijos e mordidas pelo seu corpo. Ombros, peito, abdome, até chegar em seu membro duro.

Tirei sua cueca, revelando o que eu tanto almejava, e segurei firmemente. Seu pênis grosso e cheio de veias saltadas pulsava em minha mão. A cabeça vermelha estava completamente lambuzada pela excitação que emanava do seu corpo.

Encarei os seus olhos e toquei a cabeça do seu membro com a minha língua. Senti seu corpo tremer e um rangido escapou da sua boca. Comecei chupando a ponta, fazendo sucções suaves, enquanto massageava as suas bolas calmamente.

— Engole tudo, safada! — pediu com a voz entrecortada.

Fiz o que ele pediu e coloquei todo na minha boca, alternando entre chupadas mais firmes e lambidas da base até a ponta.

— Porra, Eliza, que delícia!

Continuei chupando com fome, engolindo todo o líquido pré-ejaculatório que saía. Sebastian estava a ponto de explodir na minha boca.

— Eliza, para, eu vou gozar. — Ouvi sua voz rouca, praticamente implorando, mas não dei importância. — Como você é teimosa, garota!

Ele levantou o corpo e me puxou para si. Em um movimento rápido, me jogou na cama e abriu as minhas pernas bruscamente. Fechei os olhos quando ele enfiou a mão dentro da minha calcinha espalhando todo o mel pelo meu sexo. Em seguida, só consegui ouvir o som da minha calcinha partida em pedaços.

Com uma mão ele prendeu os meus braços acima da minha cabeça e com a outra começou a friccionar o meu nervo com a cabeça do seu pau. Era uma tortura lenta e deliciosa. Sua boca chupava o meu pescoço incansavelmente e, por mais que tentasse, eu não conseguia me soltar.

— Sebastian, para de me torturar — choraminguei em seu ouvido.

— Pede pra mim. Eu te dou o que você quiser.

— Eu quero você dentro de mim, agora! — praticamente gritei ao sentir o meu corpo se tencionar, eu já não era mais dona de mim.

Ele libertou os meus braços e me deu um sorrisinho safado. Virou-se de costas e puxou o meu corpo, para que eu ficasse de quatro para ele. Enfiei minha cabeça nos travesseiros e soltei um grito quando ele escancarou as minhas pernas e enfiou a língua na minha entrada, dando uma lambida generosa e penetrando a língua quente e possessiva.

Posicionou-se atrás de mim, me deu um tapa no bumbum e enfiou o pau em meu sexo todo de uma vez, arrancando-me um grito estridente à medida que eu sentia seu comprimento abrindo espaço na minha carne.

— Gostoso.

Sebastian começou a me penetrar sem dó, fazendo movimentos firmes e contínuos, demonstrando todo o desejo que ele estava sentindo, e eu não conseguia mais controlar a minha boca grande.

— Você vai acordar a vizinhança inteira se continuar gritando assim, amor.

— Foda-se todo mundo. Não quero saber. Ah!

Meu corpo começou a tremer e uma onda invadiu o meu ventre, deixando-me estática. Sebastian aumentou a velocidade das penetrações quando percebeu que eu estava chegando ao clímax. No instante seguinte, minhas pernas fraquejaram e eu desabei na cama sentindo os espasmos incessantes do orgasmo mais intenso que já tive na vida. Logo depois senti o seu membro pulsando dentro de mim e um arquejo alto saiu da sua boca.

Ele permaneceu por cima por alguns minutos antes de tirar o seu membro de dentro de mim e se deitar na cama, levando-me para junto de si.

— Que garota escandalosa você, hein? — disse sorridente.

— Você que é um miserável. — Sorri também e dei um tapa em seu peito.

Ele me encarou ternamente e passou as mãos pelo meu rosto com delicadeza.

— Eu te amo tanto, Eliza!

Suspirei profundamente amando cada um dos seus toques.

— Eu também te amo, Sebastian.

— Promete que nunca mais mente pra mim?

— Sim. Eu prometo — respondi com sinceridade.

Nunca mais eu iria abrir mão de toda a felicidade que sentia ao estar com esse homem. Ele se levantou da cama e colocou uma boxer. Em seguida, se voltou para mim.

— Eliza — chamou.

Ele estava sério e parecia um pouco tenso.

— Sim? — respondi, fitando-o.

— Eu posso não ser assim tão romântico, ou o homem mais perfeito do mundo. Na verdade, tenho muitos defeitos e sou ciumento pra caramba. Mas uma coisa é certa, eu seria capaz de cruzar o universo pra te fazer feliz.

— Meu amor, eu sei. Você já me provou isso de todas as formas.

— Não. Ainda falta uma coisa.

— Falta? O quê?

Ele se dirigiu até uma das gavetas do imenso guarda-roupa e pegou uma caixinha pequena. Era um objeto delicado, mas dava para perceber que era bem antigo.

Enrolei o meu corpo com o lençol e coloquei os pés no chão. Sebastian se dirigiu até mim e me deu um selinho na boca antes de se abaixar e abrir o lençol, dando um beijo em meu ventre.

— Saiba que você e nosso filho são tudo de mais importante que eu tenho. Foi por você que voltei à vida, Eliza. Foi você que fez meu coração bater novamente.

Ele me encarou com olhos marejados. Meu coração parecia que ia saltar do peito a qualquer momento.

Sebastian abriu a caixinha, revelando um anel maravilhoso contendo uma pedra esverdeada e algumas transparentes em volta. Tive um sobressalto ao imaginar o que ele pretendia com aquilo, e uma lágrima caiu, escorrendo pela minha bochecha.

Ele se ajoelhou no chão e começou a falar.

— Esse anel está na minha família há gerações e tem um grande significado para mim. Ele significa o duradouro, o sempre, a eternização. Foi da

minha avó, da minha mãe, e agora... — Ele fez uma pausa e, como se sua vida dependesse daquela resposta, olhou em meus olhos e disse: —Você aceita se casar comigo?

— Sim. Eu aceito — respondi, emocionada, e o puxei para abraçá-lo. — Obrigada por não desistir de nós dois, Sebastian.

— Eu não poderia, princesa. E agora não somos dois, somos três.

— Prometo que farei o possível para ser a melhor mãe e esposa.

— Eu acredito em você. — Ele se afastou um pouco, pegou a minha mão e levou até a boca, depositando um beijo.

Voltamos a nos beijar apaixonadamente, exatamente como ele havia prometido após uma rodada de sexo bruto.

— Vamos tomar um banho, você ainda está toda lambuzada. — Piscou.— A culpa é toda sua, safado. — Ri alto e joguei o lençol em seu rosto.

Seguimos para o banheiro onde tomamos um banho quente e demorado. Depois nos secamos e voltamos ao quarto. Sebastian vestiu uma cueca e eu apenas me enrolei nos lençóis, já que a minha peça íntima estava somente às tiras no chão.

Já na cama, descansamos abraçados, apenas curtindo o momento a dois, ou melhor a três. Sebastian a todo instante acariciava a minha barriga com delicadeza, e na maioria das vezes o bebê correspondia, dando um chutinho. Ele estava imensamente feliz, e eu também. Finalmente havíamos nos entendido e agora era para valer.

Meu celular tocou, interrompendo-nos, e eu me prontifiquei a olhar a chamada. Até gelei quando vi o nome de papai na tela, havia me esquecido completamente dele.

— Oi, papai.

— Filha, cadê você, estou há horas te procurando.

— Me desculpe, eu tive que sair.

— Você já foi embora? Mas e o seu noivo?

— Meu noivo? Como o senhor soube? — Olhei pra Sebastian arqueando uma sobrancelha de forma acusadora.

Ele apenas sorriu e levantou os braços, completamente rendido.

— Oras. Quem você acha que que concebeu a sua mão?

— Ah, papai. Vocês dois aprontaram para cima de mim, não acredito — falei sorrindo.

— Ok, mocinha. Não mude de assunto. Como vocês vão embora sem me comunicar nada?

Sebastian se aproximou de mim e, sem pedir permissão, pegou o telefone de minha mão. Corri atrás dele para pegá-lo de volta, mas ele me segurou firme contra o seu peito com um braço, e com o outro levou o celular ao ouvido.

— Oi, sogrão. Eliza estava passando mal, tive que trazê-la pra casa.

— O que ela tinha, já está melhor? — Ouvi meu pai perguntar do outro lado na linha.

— Ela ficou alguns longos minutos quase desmaiada na cama, mas já se recuperou. Não se preocupe.

Ele piscou para mim na maior cara de pau. E eu tive vontade de estapeá-lo.

— Foi sério assim? Ela precisa ir ao hospital urgentemente. — Ouvi papai falando preocupado e, em um movimento rápido, consegui pegar o aparelho de volta.

— Não se preocupe. Eu estou bem, Sebastian que exagera — falei rapidamente.

— Tem certeza, filha?

— Sim. Tenho certeza. Amanhã passo aí em casa para almoçarmos juntos, o que acha?

— Seria ótimo.

Despedimo-nos e me virei para Sebastian, dando-lhe uns tapas.

— Você queria me matar de vergonha? — indaguei sem conseguir segurar o riso.

— Não falei nada demais. Apenas que você estava passando mal.

— Nós dois sabemos que isso não é verdade.

— E você queria que eu dissesse o quê? Que saímos pra fazer sexo e que você teve um orgasmo intenso e quase ficou desacordada?

— Deixa de ser dramático, Sebastian. Além disso, não estou entendendo.

Você nunca foi bobo assim. Sempre sério, certinho, quente... Mas nunca brincalhão.

Ele sorriu e passou a mão pela minha cintura em seguida.

— Só estou feliz, Eliza. Estamos juntos, temos um bebê a caminho. Isso é mais do que sonhei algum dia. Finalmente estou reconstruindo a minha vida, deixando os traumas do passado no passado, e construindo uma família com você.

— Hum, adorei saber disso.

— E você, não está com fome? — perguntou enquanto acariciava os meus cabelos.

— Muita.

— Então vamos até a cozinha comer alguma coisa. Estou morto de cansaço e fome. Tive um dia daqueles.

— Você não me pareceu cansado alguns minutos atrás.

Ele estreitou os olhos e me fitou, sorridente.

— E você está muito danada, menina. Melhor vestir alguma coisa antes que eu mude de ideia e resolva comer outra coisa.

— Só vir, bonitão! — falei, provocando-o, e me deitei de lado na cama, deixando o lençol cair.

Seus olhos faiscaram. Ele se aproximou devagar e se deitou ao meu lado. Sem dizer uma palavra, tomou os meus lábios lentamente, em um beijo calmo e cheio de ternura. Suas mãos começaram a acariciar as minhas costas com suavidade, indo do meu quadril aos meus ombros. Seu corpo estava quente, quase queimando a minha pele, causando-me arrepios.

Ele me penetrou calmamente. Fizemos amor com desejo, mas também com sentimento. Nós nos entregamos e nos doamos um ao outro, como somente um casal que se amava verdadeiramente era capaz de sentir. Intenso demais.

Em seus braços, me senti uma mulher de verdade, não mais uma adolescente mimada. Aprendi que a vida não era só flores, mas também não era somente espinhos, e para tudo havia um propósito. E o meu propósito me abraçava agora, demonstrando todo o amor que estava guardado em seu coração.



Acordei em um sobressalto, ouvindo o tilintar desesperador da campainha. Olhei para o lado e vi Sebastian dormindo profundamente. Levantei-me devagar para não o acordar e peguei meu celular para conferir as horas. Eram seis e meia da manhã.

Quem em sua sã consciência era capaz de fazer todo esse alarme na casa dos outros, a essa hora do dia e em pleno domingo?

Mais uma vez a campainha voltou a tocar. Sebastian virou para um lado, depois para o outro, e despertou. Olhei-me de relance no espelho e até me assustei com as marcas de chupadas espalhadas pelo meu corpo, desde o pescoço até o bumbum. Procurei pelo meu vestido e o vesti depressa. Em seguida vasculhei as gavetas do guarda-roupa e peguei uma boxer dele.

— Meu Deus, o que está havendo lá fora? — Levantou sonolento, e se sentou.

— Eu não tenho ideia. Só sei que estão com pressa, quem quer que seja.

— Que estranho. Ninguém tem esse endereço. Além disso, em pleno domingo? Faça-me o favor!

Corri até o banheiro para fazer xixi e retornei ao quarto às pressas. Essa vida de grávida poderia até ter suas regalias, mas só uma futura mamãe saberia o quanto era sofrido e doloroso carregar um bebê por nove meses.

— Eu vou até lá — comuniquei e saí em direção a porta.

— Tudo bem. Vou me trocar e te acompanho.

Assenti para ele e saí. A campainha continuava a todo vapor, deixando-me irritada. Abri a porta da frente e qual não foi a minha surpresa quando me deparei com dona Celeste e mais duas senhoras no portão.

As três fofocavam tão concentradamente que nem viram minha aproximação camuflada pelas plantas do jardim. Mas foi o suficiente para que eu ouvisse algumas partes da conversa de ambas...

Pouca vergonha... gritos... não me deixaram dormir.

Naquele momento entendi perfeitamente o motivo da euforia, o alvo éramos eu e Sebastian e, claro, nossa noite de reconciliações. Comecei a refletir sobre os acontecimentos, não me lembrava de ter feito tanto escândalo assim, ou

será que fiz? Bom, o caso é que não tinha mais retorno, e agora haviam três onças à espreita no portão.

— Bom dia, senhoras. Em que posso ajudar? — perguntei cinicamente.

— Eliza? — Dona Celeste se alarmou quando me viu. — O que você está fazendo aqui?

As outras duas se calaram e me encararam assustadas. Provavelmente não esperavam me encontrar na cidade pelos próximos anos. E muito menos numa situação como essa. Dona Celeste cravou os olhos no meu pescoço todo marcado e colocou a mão sobre a boca. Creio que para ela eu já estaria queimando no fogo do inferno.

— Sangue de Jesus tem poder. Sua mãe está sabendo dessa sua pouca vergonha? — questionou intrigada.

Soltei uma risada desdenhosa e respondi:

— Que pouca vergonha? Eu apenas passei a noite com o homem que amo. É errado isso?

As três se entreolharam chocadas e a situação piorou quando Sebastian chegou nu da cintura para cima, vestindo apenas uma calça de moletom, e se pôs atrás de mim, beijando-me o ombro.

— Eu ainda não terminei com você, amor — sussurrou em meu ouvido.

Dona Celeste olhou para ele com os olhos saltados e a face vermelha, depois se voltou para mim.

— Você perdeu a sua pureza com um homem casado, Eliza? Mas que decepção, meu senhor.

Revirei os olhos diante o alvoroço dela e bufei irritada.

— Dona Celeste, em primeiro lugar, eu não perdi minha “pureza” com ele, como a senhora diz — falei fazendo um sinal de aspas com os dedos. — Segundo, ele não é casado, e sim noivo. — Abri um sorrisinho sacana. Se ela queria história para contar, eu com certeza iria dar.

— Que Deus perdoe todos os seus pecados — disse colocando a mão no peito.

Sebastian me abraçou por trás e balbuciou em meu ouvido.

— Amor, vai com calma senão a pobre senhora vai ter um infarto.

— Vem cá, dona Celeste. Não estou entendendo todo esse alvoroço. A senhora não transa? — Lancei um olhar provocador e abri um sorriso.

— Eu não tenho que te falar sobre essas coisas, menina insolente. Isso é uma falta de respeito — respondeu nervosa. — Fique sabendo que vou contar tudo a sua mãe, agora mesmo.

— Fique à vontade — respondi.

— Vamos pra casa gente, essa menina se perdeu no pecado. — Ela empinou o nariz e começou a andar.

— Dona Celeste — chamei uma última vez. Ela se virou para mim soltando fogo pelas ventas e as outras duas a acompanharam. — Não se esqueçam de espalhar pela cidade sobre a minha gravidez. — Passei a mão pelo meu ventre, revelando minha barriga começando a tomar tamanho. — É uma parte muito importante da reportagem.

As três estagnaram no caminho, sem saber o que dizer ou fazer. Eu não soube se era fúria ou susto mesmo, mas não esperei para descobrir. Apenas retornei para dentro de casa ouvindo as risadas generosas de Sebastian.

— Pobre das senhoras, Eliza. Não precisava ter pegado tão pesado!

— Elas não vieram atrás de fofoca? Pois agora elas têm assunto para o ano inteiro — respondi e passei as mãos pelo seu pescoço. — Agora a cidade inteira vai saber que eu carrego um filho seu, meu amor.

— Está marcando território, é? — indagou, enquanto suas mãos desciam até a minha bunda.

— Não. Apenas juntando o útil ao agradável.



Capítulo 31

*Porque você é um céu,
você é céu um cheio de estrelas*
Coldplay

Eliza

O restante do dia transcorreu em paz. Almoçamos com papai e Jonas na minha antiga casa, e até fomos surpreendidos por mamãe que chegou da sua rápida viagem no fim da tarde. Ela apenas ignorou a nossa presença e se trancou no quarto.

Não vou fingir que não tenha me entristecido, porque me entristeceu bastante. Eu não queria continuar com essa indiferença entre nós, éramos mãe e filha, não duas desconhecidas.

Para evitar mais constrangimentos, eu e Sebastian decidimos retornar para casa da fazenda mesmo sob os protestos de papai. Ele, que apesar de aceitar de bom grado o nosso noivado, não estava muito convencido a respeito de morarmos juntos antes do casamento, mesmo eu grávida de quase seis meses.

Sebastian teve que prometer que iríamos dormir em quartos separados e eu, como boa filha, concordei. Só que não!

Chegamos à fazenda e eu fui direto para o banho. Depois, ajudei meu amado noivo com a janta e, no final, deixamos a cozinha uma verdadeira zona. A pia ficou repleta de louças sujas e o chão branco de farinha de trigo, na mesma situação se encontravam as nossas roupas. Péssima hora em que inventamos de fazer uma pizza caseira, havia mais massa na minha cara que na forma. Sebastian não se aguentava mais de tanto rir olhando para mim, e no fim caímos na gargalhada juntos.

— Você fica linda assim. Parece uma garotinha aprendendo a cozinhar. Tem farinha até onde não deveria — disse ele, zombando da minha cara.

— Olha quem fala. Você também está todo sujo, querido!

— Claro. Você não se conformou em se sujar sozinha e jogou farinha em mim também. Merece umas palmadas, menina.

— Bobo. — Passei a mão pelo seu pescoço e dei um selinho na sua boca. — Vá tomar seu banho, eu arrumo a cozinha.

— Você lavando louça, Eliza? Vivi para ver isso?

Sorri abertamente.

— Você está muito enganado comigo, Sebastian! — Ajeitei o colarinho da sua camisa e limpei um pouco da farinha. — Vai logo antes que eu mude de ideia, e então será você que vai arrumar a cozinha.

— Ah, é? Estou gostando de ver, senhorita! Mas poderíamos deixar a arrumação pra depois, vem tomar banho comigo? — falou ele.

Sorri mais um pouco e me esquivei dos seus braços.

— Vocês homens só pensam em sexo vinte e quatro horas por dia? Eu ainda estou dolorida de ontem.

— Mocinha, cria vergonha. Foi você que me seduziu desde o início. Só está colhendo os frutos que plantou.

— Cadê aquele homem sério e todo certinho que eu conheci? Está cada dia mais safado. — Arqueei uma sobrancelha e o encarei, tentando me manter séria.

Ele gargalhou.

— A diferença é que agora você é minha mulher, princesa. E já está barrigudinha!

— Cachorro! — Sorri.

Sebastian saiu para tomar banho e eu arrumei a cozinha e lavei a louça enquanto a pizza assava. Depois de tudo pronto, arrumei a mesa e fui tomar um novo banho e trocar de roupa.

Após o jantar, nós sentamos na varanda para namorar um pouquinho e observar as estrelas. Sebastian me envolveu em seus braços e assim ficamos até tarde da noite, conversando e fazendo planos. Falamos do nosso casamento e decidimos que aconteceria após o nascimento do bebê, aqui mesmo na fazenda. Combinamos que seria uma cerimônia simples, com a família e amigos mais íntimos, em frente ao nosso campo de girassóis.



Despertei ouvindo uma leve batida na porta. Sentei-me na cama, o lado de Sebastian estava vazio. Eu nem sequer percebi a hora que ele saiu.

— Eliza, tá acordada? — chamou dona Carmelita.

— Oi. Já vou — respondi.

Fiquei de pé e vesti um robe sobre a fina camisola. Fui até a porta e a abri.

— Oi, menina, bom dia. — cumprimentou-me.

— Bom dia.

— Seu esposo pediu para você tomar seu café da manhã e se arrumar, que logo ele estará vindo para irem à cidade — ela avisou.

— Onde ele está? — questionei.

— Resolvendo alguns problemas na plantação.

— Tudo bem. Obrigada!

Dona Carmelita saiu e eu aproveitei para me arrumar. Coloquei um macacão azul turquesa e sapatilhas, e desci para tomar café. Passaram-se alguns minutos, Sebastian chegou até a cozinha e me deu um beijo na testa.

Sua expressão não negava que o problema na plantação havia sido sério.

— Vou me trocar e já volto — comunicou.

— Tá tudo bem, amor? Você parece preocupado! — perguntei.

Ele me encarou e puxou o ar.

— Estão acontecendo algumas coisas aqui na fazenda. Terei que tomar medidas cabíveis.

— O que está havendo? — questionei, alarmada.

— Vamos para o quarto. Lá eu te explico melhor.

Concordei e o acompanhei até o nosso quarto.

— Há dois dias, alguém mal-intencionado arrombou a bomba de irrigação. E hoje pela manhã um dos funcionários me chamou cedo para ver uma nova sabotagem.

— Meu Deus! — Coloquei a mão sobre a boca — O que fizeram dessa vez?

— Cortaram uma grande parte da plantação durante a noite. Está um verdadeiro caos lá no fundo! — falou soltando um longo suspiro. Ele estava bastante nervoso.

— Meu Deus, amor. Quem poderia estar fazendo uma loucura dessas?

— Alguém que com certeza me odeia!

— Será que tem alguma coisa haver com seu primo? — indaguei.

— Eu realmente não sei. Já liguei na penitenciária que ele está preso e aparentemente não tem nada de errado acontecendo por lá. Mas se tratando das prisões no Brasil, eu não duvido de nada.

Abracei-o.

— Não fica assim. Vamos resolver isso!

— Minha maior preocupação é com vocês, princesa. Quero que arrume algumas roupas. Não vou deixar você dormir aqui enquanto não pegarmos o culpado.

— Você acha mesmo necessário?

— Sim. Vamos passar a noite na nossa casa na cidade, durante o dia a gente vem pra cá. Já deixei dois homens encarregados de fazer uma vistoria à noite.

— Tudo bem! — concordei e entrelacei minhas mãos em sua cintura.

— Vou tomar banho agora. Arrume suas coisas. Além disso, temos uma consulta marcada para você pra daqui uma hora e meia — disse conferindo as horas no relógio de pulso.

— O quê? Mas como? A consulta era só semana que vem Sebastian.

— Ah, tá. Como se eu fosse mesmo esperar tudo isso!

— Quanta ansiedade — sorri.

Ele correspondeu ao meu sorriso e começou a se despir. Tirou a camisa, depois a calça juntamente com a cueca. Aproveitei para dar uma boa inspecionada e tirar uma casquinha.

— E aquele discurso de ontem à noite, Eliza? Agora está aqui se aproveitando da minha inocência, com essa mãozinha boba. Isso é assédio!

Gargalhei.

— Você é um cínico, Sebastian.

Tirei minha mão do seu abdômen e me afastei um pouco. Ele me beijou no rosto, depois pegou uma toalha e enrolou na cintura, indo para o banheiro.

Arrumei algumas roupas na mala e o aguardei na sala, assistindo TV. Em alguns minutos, Sebastian estava pronto, então partimos para a cidade.

Deixamos minha mala em casa e seguimos para a clínica obstétrica. Ao entrar, entreguei meus documentos na recepção, e a recepcionista nos direcionou até uma sala para aguardarmos a médica.

Sentei-me com Sebastian ao meu lado. Havia algumas gravidinhas aguardando também, umas sozinhas, outras com os maridos. Até conversei com uma que estava sentada próxima a mim, trocamos algumas experiências e o número de telefone.

Meu nome foi chamado e nós dois seguimos até o consultório.

A médica nos cumprimentou e pegou todos os meus antigos exames para analisar. Anotou tudo no caderninho de acompanhamento e fez novos pedidos, além de uma maratona de perguntas sobre meu cotidiano e alimentação.

— Sua saúde está ótima, Eliza, e a do bebê também — informou ela. — Estou te passando novos exames de rotina, e também uma ultrassom para mantermos o cronograma. Você pode fazer agora mesmo, se preferir.

— Claro que quero. Ainda não sabemos o sexo, e estamos ansiosos.

— Ótimo. Eu vou pedir a minha assistente que arrume tudo e já volto.

— Ok.

Depois de tudo pronto, a médica pediu para que eu descesse a parte de

cima da minha roupa e me deitasse na maca. Ela passou o gel na minha barriga e começou a deslizar o aparelho.

Sebastian segurou em minha mão e se manteve atento ao monitor. Em certo momento, a médica fez uma pausa e acionou o volume do áudio. O coraçãozinho do bebê batia a toda velocidade, o que fez Sebastian sorrir de orelha a orelha.

— Que danadinho esse bebê de vocês — disse a médica sorrindo. — Está com as perninhas cruzadas. Mas acho que consigo ver o sexo.

Apertei a mão de Sebastian em expectativa.

— Parabéns, papais. Vocês vão ter uma linda menina.

A essa altura do campeonato eu já estava emocionada. Iria ter uma menina e não poderia estar mais feliz. Sebastian me abraçou alegremente, sentindo a mesma emoção que eu.

— Duas Elizas em casa? Não sei se sobrevivo pra contar a história — disse ele. — Se uma me dá um imenso trabalho, imagine duas? — completou sorridente.

— Você me magoa desse jeito — dramatizei.

— Estou muito feliz, minha linda!

— Eu também, meu amor. Já até imagino você andando com uma bolsinha rosa no ombro.

— Vocês serão ótimos pais — disse a médica, contagiada pela nossa empolgação.

Agradecemos e limpei o gel da minha barriga.

Voltamos para casa pisando em nuvens de tanta felicidade. Tratei de ligar pra Michele e contar a novidade, e ela que ficou radiante com a notícia.

Os dias passavam. Sebastian reformou um dos quartos para a chegada da nossa filha e eu estava perdendo os cabelos fazendo uma lista para escolhermos o nome. Havíamos comprado quase tudo. Berço, carrinho, roupinhas. Meu futuro marido estava todo bobo e não fazia questão em esconder.

Em uma noite, fizemos amor após jantar e nos preparamos para dormir. Sebastian se deitou ao meu lado, abraçando-me, e no instante seguinte seu celular tocou.

Ele se levantou para atender e eu me sentei sobre a cama.

— Como é? Onde? — perguntou ele para a pessoa que estava na linha. — Não precisa, vou resolver isso. Estou indo.

Ele desligou a chamada e se voltou para mim, parecia aflito.

— Eliza, vou te deixar na casa dos seus pais, preciso ir até a fazenda.

— Mas por quê? O que houve? — perguntei alarmada

— Os homens que estão fazendo ronda na fazenda conseguiram pagar a pessoa que está por trás dos saques e, pelo que entendi, não é apenas um. Não posso deixar você aqui sozinha, não é seguro.

Sebastian

Cheguei na fazenda em poucos minutos. Passavam das onze da noite, estava um verdadeiro breu. Eliza havia ficado na companhia do pai, porque a mãe só Jesus na causa, nem sequer respondeu meu boa noite ou deu atenção à filha.

Fui em direção aos fundos da casa, onde os vigilantes me aguardavam e mantinham preso o tal sabotador. Encontrei o homem amordaçado em uma cadeira de madeira e os dois rapazes em volta com algumas cordas na mão.

— Boa noite, patrão — falou um deles, seguido o outro.

— Boa noite! O que houve aqui?

— Patrão, encontramos esse homem com um galão de gasolina e isqueiro na mão rondando lá perto do escritório. Estávamos escondidos e provavelmente ele não sabia da nossa presença aqui, por isso o vacilo.

Analisei todas as informações e fechei minha expressão, aquilo estava tudo muito estranho. Havia sido fácil demais, como se ele quisesse ter sido pego. Aproximei-me do homem que me encarava friamente e arranquei o adesivo que cobria a sua boca, fazendo-o esbravejar por causa da dor.

— Desgraçado! — xingou ele.

— Melhor você manejar a língua, se não quiser ficar sem ela — recriminei.

O cara tinha cabelos raspados e uma expressão profundamente sombria, exatamente como o negro dos seus olhos. E o pior é que eu me recordava dele de algum lugar, só não sabia exatamente de onde ou quando.

— Quem mandou você aqui? — questionei-o.

— Qual é, soldadinho. Acha mesmo que tenho medo de você? — falou ele com sarcasmo.

— Pois deveria!

— Por que? Vai me bater? É tão covarde assim que precisa me manter amarrado e ainda sendo escoltado por esses dois marmanjos?

— Não tente me ludibriar! — rebati seco. — Vou contar até três para você me dizer quem te mandou aqui.

— Não precisa perder seu tempo contando, soldadinho. Eu faço questão de falar! Não se lembra de nada quando olha pra mim? Veja só essa cicatriz na minha boca! Pois é, foi você que deixou, não se lembra? Quando foi defender aquela vadiazinha gostosa na boate vários meses atrás. E aí, lembrou?

Olhei para ele, completamente incrédulo. Até daria vontade de rir, se não fossem as circunstâncias e o fato dele ter xingado a minha mulher.

— Toda essa revolta é dor de cotovelo? Ou você é do tipo que passa mal quando recebe um não na cara? — zombei.

— Você se acha, não é Sebastian? Mas acredite, a questão aqui não é dor de cotovelo. Você mexeu com a pessoa errada naquela noite. Só não imaginava que eu fizesse parte do grupinho do seu primo, não é? — Ele sorriu sarcasticamente.

Meu sangue ferveu.

— Então aquele imbecil está por trás disso? Miserável!

Ricardo não perdia tempo, nem oportunidade. Mas eu já deveria saber, dele podia se esperar tudo.

— Liguem pra polícia, agora! — ordenei aos vigias.

— Sim, chefe.

— Se depender de mim, você e Ricardo vão mofar na cadeia! — esbravejei, nervoso.

— Infelizmente pra você, eu sou apenas mais um. — Sorriu friamente. —

Há outros de nós espalhados por aí, e você nem ao menos imagina que está sendo observado vinte e quatro horas por dia. Você e aquela sua mulherzinha.

— O que você está dizendo, maldito? — gritei, perdendo meu total controle.

— Sua amada Eliza está na nossa lista negra, Sebastian. O cerco está se fechando pra você, e Ricardo vai se vingar por onde mais dói.

Meu corpo tremeu instantaneamente e um arrepio súbito se apossou de mim. Soquei seu rosto com tanta força que ouvi o tilintar dos dentes se quebrando.

— NINGUÉM TOCA NELA ESTÁ ME OUVINDO? NINGUÉM!

Ele apenas sorriu diabolicamente e cuspiu o sangue que escorria pela sua boca.

— Está perdendo a linha, Sebastian? Essa garota é o seu ponto fraco, não é? Seu calcanhar de Aquiles!

— Pense o que quiser! — falei exasperado. — Aproveite que está indo fazer companhia a Ricardo na cadeia e dê um recado. Diga a ele que, antes mesmo de tentar se aproximar dela, ele não estará mais vivo para contar o resto da história. Isso é uma promessa! — adverti duramente e logo em seguida me afastei.

Em instantes, a polícia chegou. Dei meu depoimento e registrei uma queixa, certificando-me de detalhar cada parte das ameaças.

O problema é que cada palavra dita por ele não parava de martelar em minha cabeça a todo instante. E, se tratando de Ricardo e todo o seu mau caráter, estava na cara que tinha problemas dos grandes à espreita.

Retornei à cidade e estacionei o carro em frente à casa dos pais de Eliza. Fiquei olhando ao longe, mas não conseguia me mover. Meu peito estava apertado e o pânico começava a me sufocar por dentro.

Eu poderia suportar tudo, mas não conseguia nem imaginar a possibilidade de algo grave acontecer com ela. De repente me senti aquele rapaz de dezoito anos novamente. Perdido, sem saber o que fazer diante as aflições da vida.

Por mais que eu tentasse fugir, meus demônios do passado me perseguiram, jogando na minha cara a todo instante que eu era fraco. Fechei os olhos, completamente entorpecido pelo medo. Eu morreria se alguma coisa acontecesse a ela ou com nossa filha, a minha família era tudo de mais valioso que eu tinha

no mundo. Era como se o meu peito estivesse sendo esmagado, tamanha era a minha angústia.

Bati no volante com força. Minha garganta estava seca, e meus olhos ardiam.

Suspirei profundamente e enviei uma mensagem para ela, informando que já havia chegado. Passaram-se longos minutos até que a luz da frente se acendeu e a mulher mais linda do mundo apareceu na porta acompanhada do pai.

Ela se despediu dele e veio quase correndo até mim. Entrou no banco do carona e me abraçou com força. Correspondi ao seu abraço e inspirei profundamente seu cheiro para me acalmar.

— Eu estava tão preocupada. Graças a Deus que você está aqui, amor! — disse ela. — Você saiu tão aflito e nervoso. Tive medo que acontecesse alguma coisa!

Abracei-a mais forte, sem conseguir me afastar do seu calor.

— Eu te amo tanto, princesa — balbuciei em seu ouvido. — Eu juro que protegerei vocês com a minha vida se for preciso!

— Do que você está falando? — Ela se afastou e me encarou, confusa.

— Eu só quero que você saiba! Não precisa se preocupar com nada, tá bem?

Eliza me fitou por mais um instante e segurou em minha mão.

— Sebastian, o que aconteceu? — indagou.

— Não foi nada. — Tentei responder calmamente para não a assustar. De atormentado já bastava eu.

— Sua mão está machucada. E a sua expressão reflete totalmente o contrário do que você diz!

— Não posso permitir que fique preocupada, Eliza, não fará bem à bebê.

— Você me fez prometer que não teríamos mais segredos nem mentiras. Eu preciso que você confie em mim também! — pediu.

— Tudo bem amor, você tem razão. Vou te dizer, mas sob algumas condições!

— Quais?

— A primeira é que a partir de hoje você não saia de casa sem mim. Nem

mesmo pra ir na esquina. E a segunda é que vamos nos mudar de cidade. Aqui não é seguro pra vocês!

Ela ouviu tudo atentamente e arregalou os olhos diante as minhas condições.

— De maneira alguma não vou sair daqui, Sebastian!

— Eliza, não seja teimosa. É Ricardo que está por trás de tudo isso, ele vai querer se vingar de mim de alguma maneira.

— Não, isso está totalmente fora de cogitação. O bandido aqui é ele, não a gente. Não podemos ficar fugindo por aí como se devêssemos alguma coisa. Além disso, eu aposto que ele fez tudo isso apenas para te provocar. Não tem como ele fazer nada, ele está preso!

— Eliza, não discuta comigo. Essa decisão já foi tomada!

Ela se afastou de mim com os olhos marejados e negou com a cabeça.

— Princesa, vem cá. — Abracei- a. — Vamos pra casa, depois falamos disso com calma.

— Tudo bem. — Ela assentiu

Retornamos para a nossa casa e depois de um banho quente, me deitei com ela na cama. Abracei-a com carinho e dei todo o amor que ela merecia.

Meus beijos se estenderam pelo seu ombro e pescoço, chegando até o seu queixo delicado. A necessidade de senti-la mais próxima a mim era tanta que doía.

Passei meu dedo polegar pelos seus lábios grossos e depois beijei-os ternamente. Pouco a pouco, despi-a e a coloquei por cima de mim. Ergui o meu corpo e a envolvi em meus braços, esmagando os seus seios no meu peito, em uma troca sinuosa de sentimento e calor, beijando e amando-a



Eliza

Um mês depois

Sebastian andava calado e aéreo. Por várias noites durante a primeira semana após o corrido na fazenda, acordara no meio da madrugada completamente suado depois de um pesadelo e só voltara a dormir depois de fazermos amor com total entrega. Lá no fundo, eu sabia que havia acontecido alguma coisa séria naquela noite, além do que havia me contado, mas sempre que eu tocava no assunto ele dava um jeito de desviar o rumo da conversa. Consegui convencê-lo a não nos mudarmos de cidade, mas em compensação eu mal saía na rua e ainda haviam dois oficiais da polícia disfarçados fazendo plantão em frente à nossa casa.

Os dias passaram e as coisas na fazenda se acalmaram. Os girassóis voltaram a florescer e o campo estava em seu máximo esplendor, completamente amarelo. Papai e Jonas nos visitavam frequentemente, enquanto mamãe ainda estava chateada comigo.

Minha barriga cresceu drasticamente nos últimos dias e eu fazia questão de exibi-la em todos os lugares que ia com ele. Certo dia, encontrei dona Celeste e minha mãe em uma loja de artigos para o lar. Ambas me encararam e seus olhares se voltaram para o anel de noivado no meu dedo.

Sebastian, claro, fez questão de me abraçar na frente das duas, vez ou outra acariciava e beijava a minha barriga, deixando estampado para todo mundo o quanto me amava e o quanto estávamos felizes juntos. E a verdade era essa, eu era a mulher mais feliz e sortuda do mundo por tê-lo comigo.

Terminamos de decorar o quarto da nossa princesa e o resultado havia ficado melhor que o esperado. As paredes laterais eram brancas como a neve e as outras de um tom rosa claro, partindo para o coral. O guarda-roupa, a cômoda e o berço também eram em tons de branco e rosa coral, e na mesma tonalidade da cortina da janela e do estofado para amamentação.

O quatinho estava parecendo uma casinha de boneca, com vários brinquedos e ursos decorando o ambiente em cima das prateleiras e nichos, e por último, mas igualmente importante, um tapete em formato de girassol no centro do cômodo.

— Ficou perfeito. Você fez um ótimo trabalho — disse Sebastian, abraçando-me por trás.

— Também gostei, está um sonho! — respondi animada.

Virei-me para ele e o fitei antes de voltar a falar.

— Amor... Pensei bastante sobre o nome da nossa filha e acho que você

vai gostar da minha escolha.

Ele segurou em minha mão e me conduziu até o sofá. Sentou e me colocou sobre o seu colo.

— E que nome você pensou? — perguntou.

— Marta, o nome da sua mãe. O que você acha?

Ele sorriu e respondeu:

— É maravilhoso, Eliza. Fico muito feliz por você se lembrar dela, em homenagem à ela. Mas... — Fez uma pausa. — Eu também pensei em algo, imagino que você irá concordar.

— E que nome seria? — perguntei surpresa.

— É um nome simples, mas com um enorme significado. Sol!

— Eu amei. — Abracei-o. — É isso! Como os girassóis à procura do sol. É perfeito amor... Representa os seus pais, e o nosso amor.



Capítulo 32

Eu vou lhe dar meu coração

Coldplay

Três meses depois

Sebastian

Era meados de julho, as temperaturas estavam amenas com relação ao mês anterior, e os termômetros já marcavam 24C° ao meio-dia. Bem diferente de alguns dias atrás, quando o frio nos atingiu em cheio.

Eliza terminava de se arrumar para que fôssemos almoçar na inauguração de um novo restaurante na cidade. Eu já estava pronto, usando uma camisa cinza de mangas curtas e jeans escuro, deitado sobre a cama, enquanto ela trajava um vestido longo azul marinho, evidenciando a barriga de nove meses, e arrumava o cabelo em frente ao espelho.

— Pronta? — Levantei-me e perguntei quando ela colocou os brincos na orelha.

— Só um instante. — Ela se dirigiu até a cômoda e borrifou alguns jatos do perfume que eu a havia presenteado no dia dos namorados. — Agora estou pronta. — Sorriu lindamente e segurou em minha mão.

— Vamos, ou ficaremos sem reserva — falei.

Nós nos dirigimos para o carro, um Honda Civic 2018 tamanho família que eu havia comprado por pura insistência de Eliza, e dei meu antigo Corolla como entrada. Segundo ela, esse era mais espaçoso e poderíamos acomodar melhor o bebê-conforto quando nossa filha nascesse. Mais um rombo no meu bolso, mas que gastei de bom grado e faria de novo se ela pedisse.

Eliza estava radiante, seus olhos brilhavam e a gravidez a deixou ainda mais bonita, se é que isso era possível.

Chegamos ao restaurante e me apresentei na recepção, informando o número da reserva. Guiei minha mulher até a mesa, entrelaçando as minhas mãos em suas costas, enquanto éramos alvo dos olhares curiosos. Alguns em aprovação, outros nem tanto, mas o importante é que não nos importávamos com isso. O que os outros pensavam a respeito era um problema deles.

Sentamos e fizemos o nosso pedido. Até que fomos surpreendidos por uma mulher chamando o meu nome.

— Sebastian? — Desviei o olhar de Eliza e levantei os olhos para olhar a pessoa que me chamava.

— Oi, Beatriz — respondi e me levantei para cumprimentá-la.

— Que bom te ver — disse ela.

— Digo o mesmo.

Peguei na mão da minha princesa, para que se levantasse, e a apresentei.

— Beatriz, essa é minha noiva, Eliza!

Beatriz a observou de cima a baixo, assustando-se com a gestação. Permaneceu calada por alguns instantes, pensativa, até que voltou a falar.

— É um prazer revê-la, Eliza! — cumprimentou tentando forçar um sorriso.

Eliza a cumprimentou também, mas sua expressão não estava das melhores. Beatriz percebeu o desconforto, inventou uma desculpa qualquer e se despediu, indo até uma mesa próxima.

— Minha linda, o que foi? — perguntei.

— O que foi digo eu! — respondeu, hostil. — Me diz Sebastian, você ficou com essa mulher? — completou indo direto ao ponto.

— De onde você tirou isso?

— Ficou ou não? — questionou.

Ai meu Deus. Passei a mão pelos cabelos sem saber como contar a ela tudo o que havia acontecido, e pior, que Beatriz foi a namorada que tive no passado. Se bem que não aconteceu nada demais nesse nosso reencontro, mas mulher quando implica é um caso sério, e ainda por cima com os hormônios aflorados por causa da gravidez.

— Meu amor, senta. Eu vou te explicar tudo.

— Estou esperando — disse irritada.

— Eu não fiquei com ela, foi apenas alguns beijos, nada demais.

— Como nada demais, seu cachorro!

— Eliza, você tinha me deixado! Entre mim e Beatriz não houve nada, ela é apenas uma das sócias da fábrica que assinei contrato — falei apenas o básico para não a deixar ainda mais irritada.

Ela cruzou os braços fazendo cara de brava e virou o rosto.

— Você fica linda com ciúmes do seu homem, sabia?

— Meu e que já passou por outras mãos enquanto eu estive fora! — rebateu.

— Vamos parar com isso, linda — pedi. — Você sabe que só tenho olhos pra você!

— Não sei se acredito em você! — Ela pegou o celular e me mostrou uma foto em que eu estava conversando com Beatriz.

— Eliza, por favor, sem drama.

— Eu não estou com drama! — Ela se levantou e começou a chorar copiosamente fazendo o maior alarde no restaurante.

Levantei também e lhe segurei os ombros.

— Eliza, não chora, está todo mundo olhando. Vão achar até que te falei algo que não devia!

— Agora você está com vergonha? Foi você que fez isso comigo, seu

cretino! — falou apontando pra barriga.

— Ei. Lógico que não! Essa barriguinha aqui é meu orgulho.

Ela me abraçou, soluçando, as lágrimas descendo sem pudor.

— Esses hormônios estão acabando comigo, por favor, me leva pra casa.

— Calma! Tem certeza que não quer comer primeiro?

— Tenho! — afirmou.

— Tudo bem. Vamos pra casa então.

Guiei-a até o carro e abri a porta para que entrasse. Ela entrou em silêncio e fechou a porta. Voltei para o outro lado, entrei e dei a partida.

— Você quer ir pra fazenda? — perguntei.

— Não — ela respondeu. — Quero dormir e ficar bem longe de você, safado.

— Tá, sei — falei sorridente. — De onde tirou aquela foto?

— Não quero falar sobre isso, Sebastian.

— Eu sei que foi coisa da sua mãe. Ela estava no restaurante naquele dia.

— Sim, foi, e eu acho que você deveria ter me contado.

— Não achei que seria necessário. Foi apenas um jantar.

— Se você diz! — ela respondeu e passou a olhar a paisagem lá fora, sem me dar atenção.

Eu nunca havia visto Eliza com tanto ciúme, hoje ela se superou. Sorri de lado olhando a minha mulher de rabo de olho e pisei o pé no acelerador.



Já passavam das sete da noite, tomei banho e voltei ao quarto para esperar minha mulher que acabara de entrar no chuveiro para se banhar também. Até tentei convencê-la a tomar banho comigo, mas Eliza ainda estava bastante brava, tanto que passou a tarde inteira dormindo e me deixou abandonado às moscas, sem nem um beijinho.

Sequei-me e deitei na cama, vestindo uma boxer branca. Prestei atenção quando ela abriu o chuveiro e, depois de alguns minutos, voltou a fechar,

provavelmente para ensaboar aquele corpo gostoso. Meu membro começou a dar sinal de vida em imaginar que ela estava nua logo ali do lado. Nos últimos dias não estávamos fazendo sexo com frequência, devido ao desconforto que ela sentia nas costas e sua mania boba de dizer que não se sentia atraente. Sem contar que era um caso sério conseguir uma posição confortável. Mas hoje eu já não estava mais me aguentando, esse joguinho de ciúmes me deixou muito excitado.

Ela terminou o banho e voltou ao quarto, envolta em um roupão branco e uma toalha nos cabelos. Olhou-me de cima abaixo e falou:

— Sebastian, pode me dar licença? Eu preciso me trocar.

— Pode se trocar. — Coloquei meus braços atrás da minha cabeça e fiquei observando-a.

— Não vou ficar nua na sua frente.

— Amor, de novo com isso? Quantas vezes vou ter que dizer que você está linda, mesmo barrigudinha?

— Não é só por isso. Ainda estou brava com você. — Ela pegou algumas peças de roupas e seguiu para o banheiro com o nariz empinado.

Levantei-me e fui atrás dela, pegando a no flagra no exato momento que havia tirado o roupão.

— Seu cachorro! — gritou, assustando-se ao mesmo tempo que tentava tapar o sexo com as mãos.

Ela me molhou utilizando o jato do chuveirinho, fazendo com que minha cueca ficasse completamente transparente. Seu olhar se voltou para o meu membro ereto e depois me encarou novamente engolindo em seco.

Retirei o pedaço de pano molhado, jogando-o no chão, e me aproximei dela.

— Sebastian, afaste-se. Você não tem esse direito! — disse envergonhada.

— Claro que eu tenho. Você é minha!

Segurei o seu rosto e beijei os seus lábios, depois o seu pescoço.

— Faz amor com o teu macho, vem!

— Eu não quero! — disse firmemente e me empurrou.

Eliza se desvencilhou de mim e saiu em direção ao quarto.

— Princesa, volta aqui. Não me deixa assim.

— Eu já disse que não quero! Olha só pra mim? Estou parecendo uma pata, nem depilar não consigo mais.

Não me aguentei e comecei a rir.

— Eu quero cabeludinha assim mesmo — falei dando um apertão em seu bumbum. — Homem de verdade não liga para essas besteiras.

Voltei a beijá-la calmante, tranquilizando-a. Logo depois, levei-a até a cama.

— Abra as pernas — sussurrei

— Não, Sebastian, para. Não estou confortável.

— *Shiu*. — Coloquei um dedo sobre os seus lábios.

Desci minhas mãos até o meio das suas pernas e comecei a massageá-la com cuidado, estimulando seu ponto sensível sem desligar nossos olhares. Eliza ainda era muito menina e, apesar de ter amadurecido bastante em algumas situações, em outras se sentia insegura além do limite, principalmente agora.

— Você é linda. Com ou sem bebê. O que sinto por você vai muito além da beleza exterior. Vem de dentro!

Ela suspirou e mordiscou o lábio.

Continuei massageando até ela gozar gostoso nos meus dedos.

Ainda sentindo sua respiração ofegante, deitei-a de lado e me posicionei atrás dela. Levantei sua perna e encaixei meu membro em sua entrada, penetrando-a lentamente.

— Isso, deliciosa — balbuciei.

Ela soltou um gemido e deixou o corpo mais relaxado enquanto eu aumentava o ritmo das penetrações. Estava quase gozando quando ela se afastou de repente, fazendo com que o meu membro saísse do seu corpo.

— Amor, volta aqui, estou quase gozando — gemi.

— Ai meu Deus! — ela falou levantando-se e pôs a mão na barriga fazendo uma careta de dor. — Acho que o bebê vai nascer.

Levantei também, completamente atônito, e toquei em sua barriga. Estava completamente dura por causa da contração.

— Mas como é possível? Sua cesária está agendada somente para semana que vem, ainda não é hora dela nascer — exasperei.

Eliza puxou o ar e colocou a mão nas costas.

— Eu sei. Mas parece que essa mocinha aqui resolveu se adiantar. Por favor, liga pra médica! — ela pediu.

— Filha, por que você não esperou só mais dois minutinhos? — falei sem saber se sorria ou chorava.

Sorrir pela minha princesa que estava vindo ao mundo e chorar com dor nas bolas, provavelmente iriam ficar roxas.

— Ah! — Eliza gritou novamente, firmando-se em mim.

— Calma, Eliza. Respira! Puxa e solta o ar, lembra?

— Cala a boca, Sebastian. Liga logo pra médica, por favor— bradou.

Peguei o celular em cima do criado mudo e disquei o número da doutora Magna. Ela logo atendeu e eu coloquei a chamada no viva-voz.

— Doutora, minha bebê está querendo nascer! — gritou Eliza.

— Eliza, há quanto tempo você está sentindo contrações? — a médica perguntou.

— Há poucos minutos — respondi ao ver que ela se contorcia tendo outra contração.

— Fica tranquila. Essas coisas demoram e você está apenas no início. Eu estou a duas horas e meia de distância da cidade. Peço que vocês vão para a maternidade. Vou ligar para a minha equipe deixar tudo pronto para fazer o seu parto. Enquanto isso, você toma um banho quente, respira e inspira lentamente. Vai ajudar a amenizar a dor.

— Doutora, tem certeza que dá tempo? As contrações estão muito fortes! — perguntei preocupado ao ver que Eliza começava a suar.

— Claro que sim — disse a médica. — Os bebês só nascem rápido assim em novela das nove — falou, fazendo uma piada para que Eliza se acalmasse. Mas pelo visto não deu muito certo.

Desliguei o telefone rapidamente e me virei para ela.

— Tá doendo muito? — perguntei.

— Sim. Às contrações vêm e voltam — respondeu, trêmula. Sua testa

começava a brilhar pelo suor que brotava.

— Vem. Vou ajudar você a tomar um banho quente na banheira.

— Não! Quero ir para o hospital, tá doendo muito! — Ela se sentou na cama gemendo de dor novamente e eu comecei a ficar desesperado.

Ajudei-a a se deitar direito e procurei uma roupa. Vesti-me correndo e coloquei um vestido folgado nela.

— Eliza, respira e tenta se tranquilizar um pouco. Eu vou levar as bolsas no carro — falei.

— Não me deixa aqui sozinha! — implorou.

Ai meu pai. Traguei o ar profundamente, completamente aflito.

— Tudo bem. Vem comigo.

Passei o seu braço pelo meu pescoço. Peguei as bolsas e segurei com a outra mão. Coloquei Eliza no banco do carona e joguei as bolsas no banco de trás. Dei meia volta e corri para a direção, dando uma arrancada a toda velocidade.

Chegamos à rua do hospital em questão de minutos. A frente da maternidade estava completamente lotada de automóveis, o que me obrigou a estacionar o carro do outro lado. Ela não parava de se contorcer e as contrações estavam cada vez mais próximas uma da outra, o que me deixou em pânico. Parecia que seria eu que iria ter um bebê, de tão nervoso.

— Vem amor, você consegue?

— Não! — disse, chorando. — Não consigo andar.

— Ok. Vai ser do jeito mais difícil mesmo.

Passei seus braços pelo meu pescoço, para que se firmasse, e ergui seu corpo. Atravessei a rua com ela em meus braços e, quando estava chegando na entrada do hospital, senti um líquido quente escorrendo pela minha virilha, chamando atenção de todos que estavam na recepção.

— Minha noiva vai ter o bebê, façam alguma coisa! — gritei alarmado, deixando todos assustados.

— Peguem uma cadeira, rápido! — falou uma das enfermeiras.

— Sebastian deixa os gritos apenas para mim. Você vai ter um infarto desse jeito — choramingou Eliza.

— Pra onde levo ela? — perguntei sem um pingo de paciência para esperar a bendita cadeira de rodas.

— Me acompanhe! — respondeu a enfermeira.

Segui a mulher até uma sala pequena de paredes brancas e coloquei Eliza em cima da maca.

— Mãezinha, vou chamar o médico para fazer o exame de toque. Fica calma — disse a enfermeira.

— Como eu vou ficar calma? — bradou Eliza aos prantos. — Parece que estou sendo partida ao meio.

— Princesa, respira — pedi.

— CALA A BOCA! EU JURO QUE NUNCA MAIS FAÇO SEXO COM VOCÊ, DESGRAÇADO!

— Não jure algo que você não pode cumprir, amor.

— AH! — gritou.

Meu Deus, é hoje!

Ela começou a gritar, deixando-me doido. Até que as contrações diminuíram e ela foi se acalmando pouco a pouco. Em poucos segundos, começaram de novo e Eliza se desesperou. Ela se levantou da maca e arrancou o vestido, jogando-o longe. A porta estava semiaberta e havia um fluxo de pessoas andando para lá e para cá, e eu igual um maluco correndo atrás dela com um lençol fino na mão tentando tapá-la.

Consegui envolvê-la com o lençol e corri para fechar a porta. Logo depois, a enfermeira chegou com o médico e mais alguns enfermeiros. Tive que levar Eliza nos braços de novo e pô-la na maca. Nesse momento, levei um soco tão forte no nariz que senti minha cabeça zunir.

Um dos enfermeiros me entregou um algodão para pôr no nariz que começava a sangrar e os outros foram dar assistência ao médico.

— Meu amor, pelo amor de Deus, calma. Desse jeito vai sair todo mundo mancando daqui.

— EU VOU MORRER! — Foi a única coisa que ela respondeu.

— O bebê já está coroando — disse o médico. — Não dá tempo de ir pra sala de parto, muito menos de fazer uma cesárea.

— Por favor, eu quero morfina — gritou ela. — Tá doendo muito...

— Eliza agora você vai ter que fazer força — falou o doutor.

Segurei em sua mão para passar confiança.

— Amor, eu estou aqui. Seja forte pela nossa filha.

— Quando a contração vier você faz força — disse o médico.

Ela assentiu em meio às lágrimas e apertou a minha mão com toda a força que tinha quando a contração chegou em cheio.

— Eu não consigo! — choramingou.

— Força, Eliza. Vamos — falou o médico.

— AH! — gritou.

— Você consegue amor, eu acredito em você.

— A cabeça do bebê está quase passando — falou o doutor. — Agora é com você, mãezinha.

Eliza fechou os olhos e segurou a minha mão bem apertado mais uma vez.

— É agora. Você consegue — disse ele.

Limpei o suor que escorria do seu rosto, sem deixar de confortá-la, minhas mãos tremiam de ansiedade e meu nariz latejava. Ela fez mais algumas tentativas, e eu comecei a rezar a cada grito que saía da sua boca...

E em questão de minutos um chorinho estridente tomou conta do quarto, arrancando lágrimas dos meus olhos e um sorriso iluminado dos lábios dela.

O médico cortou o cordão umbilical e logo em seguida colocou nossa filha sobre os braços de Eliza para que ela a amamentasse. Abaixei para ver tudo de perto e beijei o topo da sua cabeça.

— Parabéns, meu amor. Você conseguiu trazer nossa Sol ao mundo.

A bebê era tão perfeita. Seu corpinho ainda estava coberto de sangue e uma substância esbranquiçada, mas dava para ver seus cabelinhos pretos e a pele clara. Aos meus olhos, parecia um anjo. Um anjo que Deus havia me enviado. Ela era a minha prova viva que para todo fim havia um recomeço.



Eliza

Segurei Sol em meus braços com cuidado, sentindo a suavidade da sua pele de bebê, tão macia feito uma pluma. Dos meus lábios brotou um sorriso enorme, mas as lágrimas não paravam de descer, em uma total felicidade. Podia dizer que por um momento pensei que fosse realmente desfalecer naquela sala de hospital, mas todo o meu sofrimento foi recompensado quando ouvi o seu chorinho pela primeira vez. Uma sensação de calma tão grande se apossou do meu peito e toda a dor que havia acabado de passar se apagou como num passe de mágica. A dor se transformou em alegria, e o meu medo deu lugar a um sentimento tão grande que nada no mundo era capaz de superar: o amor de mãe.

Uma das enfermeiras me ajudou a amamentá-la e para mim foi uma das melhores sensações já experimentadas. Ver aquela boquinha pequena e bem-feita sugando a fonte do seu alimento, sem preocupações, sem pecados, apenas a mais pura inocência, me fez entender o quanto o amor era capaz de atravessar barreiras e erguer palácios.

Sebastian se manteve ao meu lado o tempo inteiro. Seu nariz ainda estava um pouco vermelho e eu me recusava a acreditar que havia sido a autora de todo aquele estrago. Seu olhar bobo não negava o tamanho orgulho que sentia em se tornar pai. Eu realmente tinha muita sorte em tê-lo, pois apesar dos pesares ele sempre se manteve forte ao meu lado, mesmo quando fui eu a fraquejar.

Dois dias se passaram e eu acabara de sair do hospital, estávamos nós três na estrada de volta para casa. Sol dormia tranquilamente em meus braços, enquanto Sebastian dirigia a toda calma e lentidão. Minutos depois, chegamos ao nosso lar. Papai já nos aguardava com Jonas, e até dona Celeste se encontrava na calçada à nossa espera. Provavelmente veio confirmar com os próprios os olhos o nascimento do ano, para depois espalhar pela cidade.

— Amor, o que dona Celeste faz aqui? — perguntei a Sebastian.

— Veio recepcionar vocês — respondeu tranquilamente. — Encontrei com hoje pela manhã. Ela perguntou quando você saia do hospital e eu falei.

— Hum. É, falsidade que não tem limites.

— Não fala assim, Eliza. Ela tem língua solta, mas não é uma pessoa ruim.

— Se você diz, quem sou eu para te contrariar.

Sebastian estacionou o carro na rua em frente à nossa casa e abriu a porta

para que eu saísse. Tapei Sol com a manta vermelha do conjuntinho de saída maternidade para protegê-la dos raios solares e saí do carro, indo em direção à calorosa recepção.

— Olha que gracinha, meu pai. Ela é linda — falou dona Celeste.

— Obrigada — respondi.

— Trouxe um presentinho — disse, entregando-me um embrulho pequeno com corações cor de rosa.

Forcei um sorriso.

— Eliza, peço que me desculpe por tudo o que falei. Não sabia que era você a noiva dele — disse segurando em meu braço.

— Bom, agora a senhora sabe — respondi séria. — Muito obrigada pelo presente.

Apesar de ser pega de surpresa pelo pedido de desculpas, ainda não havia esquecido todas as palavras de ofensas proferidas por ela. As pessoas precisam aprender a falar menos e ouvir mais.

— Não vai me convidar para entrar? — perguntou ela com cara de cachorro abandonado.

— Claro, vamos entrar — respondeu Sebastian ao meu lado, segurando as bolsas na mão.

Fitei-o com um olhar de reprovação, mas ele apenas fechou a expressão. Papai veio ao meu encontro, me abraçou de lado e passou a mão pela cabecinha de Sol, por cima da toquinha vermelha.

— Ela se parece com você, Eliza — falou sorridente.

— Sim. Mas os olhos são idênticos aos do pai. — Sorri orgulhosa e convidei todos para entrarem.

Assim que adentramos a sala, dona Celeste se sentou no sofá de canto cor de marfim e começou a tagarelar como sempre. Meu pai a acompanhou e fez questão de relembrar com detalhe a época em que eu era um bebê, deixando Sebastian bem entretido na conversa. Por fim, falou sobre mamãe, que mal falava com ele e se negou a vir conhecer a neta. Isso era algo que me deixava triste, mas não estava em meu alcance mudar.

Depois de muitas conversas e uma rodada de suco, todos foram embora, deixando-me enfim ter um momento a sós com Sebastian e nossa filha.

Sol era um encanto de bebê, havia nascido com três quilos e novecentos gramas e cinquenta centímetros. Seu rostinho era redondinho feito uma bola e as bochechas gorduchas bem rosadinhas. Mas o que mais me encantou foram os olhos, de um azul intenso que provavelmente iriam ficar iguaizinhos ao do pai quando ela estivesse maior, era a marca registrada dele.

— Amor, vamos para o quarto, preciso de um banho — falei.

— Vamos. Me dê aqui a neném. Quero segurá-la um pouquinho.

Ele pegou a bebê em meus braços, devagar e um pouco sem jeito, mas com o maior cuidado do mundo. Sorri disfarçadamente e fomos para o quarto.

Tomei um banho quente e lavei os cabelos, tirando o excesso da água com uma toalha e me envolvendo em um roupão. Abri a porta do banheiro e senti meu coração derreter. Sebastian trocava a fralda da nossa filha com tanto cuidado que parecia estar tocando em uma boneca de porcelana, ao mesmo tempo em que cantarolava uma musiquinha.

Recostei na porta, sem conseguir perder nem um minuto daquele momento mágico. Observei quando ele descartou a fralda suja na lixeira e colocou outra, voltando a abotoar os botões do macacão. Pegou Sol no colo e continuou a musiquinha até ela pegar no sono novamente.

Sequei uma lágrima que teimou em cair e me aproximei dos dois.

— Atrapalho? — brinquei.

Sebastian levantou o olhar e abriu um sorriso.

— Estou tão feliz. Você não tem ideia, amor! — falou ele.

— Eu também. — Sentei-me sobre a cama. — Sou a mulher mais feliz do mundo por ter vocês. Mas agora acho melhor pôr Sol no berço, senão ela vai ficar mal-acostumada.

— Só mais um pouquinho, Eliza. Não seja estraga prazeres — rebateu. — Além disso, daqui a pouco eu tenho que voltar ao trabalho, as finanças lá na fazenda estão uma bagunça.

— Não sou estraga prazeres, apenas dou prazer. — Arqueei uma sobrancelha e sorri, provocando-o.

Eu tinha total convicção que precisaria ficar mais que um mês de resguardo e em pura abstinência, mas isso não impedia que eu provocasse o meu homem um pouco. Além disso, havia muitas formas de dar prazer.

Ele abriu um largo sorriso.

— Não me tente porque você está impossibilitada. — Ele colocou Sol de volta na cama e se virou para mim. — E ainda fez juras diante um hospital inteiro de que nunca mais faria sexo comigo. Estou anotando tudo, dona Eliza.

— Você não levou isso a sério, levou? — questionei, incrédula.

— Mais é claro que sim. Levei tão a sério quanto o soco que você me deu.

— Esquece isso, amor. — Aproximei-me e enlacei seu pescoço. — Não queria que você trabalhasse hoje. Não quero ficar sozinha.

— E não vai. Só estou esperando dona Carmelita chegar, ela vai te ajudar em tudo — comunicou.

— Adoro ela — respondi com seriedade.

— Bom. Dona Celeste também se ofereceu, caso você...

— Me respeite, Sebastian — interrompi-o. — Ainda prezo pela minha integridade.

Ele gargalhou, divertindo-se com a minha cara de empatia à aquela senhora.

— Vocês vão ficar bem. Os oficiais vão continuar na vigilância aí na frente — disse ele e me deu um beijo na testa.

— Sebastian. Você já está ficando paranoico com isso. O Ricardo está preso, ele não vai nos importunar.

Instantaneamente seu semblante relaxado tomou uma forma mais dura.

— Eliza, de novo não, por favor. Eu não ficaria tranquilo deixando vocês sem proteção.

— Tudo bem. Não vou discutir!

Ele me beijou amorosamente e beijo na cabecinha da nossa filha, saindo do quarto. Fiquei ali, pensativa sobre suas palavras. Será que mesmo preso Ricardo seria capaz de aprontar alguma coisa? Não! Tratei de deixar longe esses pensamentos, isso seria algo impossível.



Capítulo 33

*Eu tive que te encontrar
dizer que preciso de você*
Coldplay

Dois meses depois

Eliza

Enfim havia chegado setembro. O mês das flores, mês do meu aniversário, mês que a cidade ficava completamente amarela pelas florações dos ipês. O mês que conheci Sebastian e, principalmente, o mês do nosso casamento.

Meu aniversário de dezenove anos já havia passado. Comemoramos com um jantar em família e uma noite de amor inesquecível. Nossos dias estavam sendo maravilhosos — eu, ele e nossa pequena Sol. Não poderia pedir mais nada, pois já havia sido abençoada com o que mais importava. Porém, às vezes sentia uma falha em mim, quando me lembrava de Ryerson e do meu sonho que

eu havia deixado para trás.

Acordei com os braços fortes de Sebastian envolvendo o meu corpo seminu, como um escudo protetor. Saí do seu abraço devagar e fui até a janela do quarto. Abri-a e uma brisa suave adentrou, balançando os meus cabelos. A rua e as calçadas estavam cobertas de flores amarelas, e a copa dos ipês se encontravam da mesma forma, dando vida à uma bela paisagem lá fora.

Sebastian despertou também e veio até mim. Afundou o rosto em meus cabelos e me deu um beijo no pescoço, seguido de um aperto em meus seios.

— Bom dia, meu amor — disse ele.

— Bom dia, querido.

— Por que acordou tão cedo?

— Porque precisamos nos arrumar e ir buscar Michele na rodoviária antes de você ir pra fazenda. Ela desembarcou ontem no aeroporto de Belo Horizonte e deve chegar aqui daqui a pouco.

— Eu vou! Você não precisa sair de casa.

— Sebastian, com isso de novo? Não sou uma prisioneira! — retruquei.

— Eliza! É pela sua segurança, amor. Melhor prevenir e evitar ficar saindo de casa.

— Nada feito. Eu vou com você e acabou. Estou cansada de ficar em casa.

— Me esquivei dos seus braços e fui até o banheiro em passos firmes para escovar os dentes.

— Eliza... — chamou ele.

Ignorei o seu apelo e segui até o guarda-roupa. Se tinha uma coisa que eu odiava era ser tratada como criança indefesa. Escolhi uma calça jeans e uma blusinha de mangas. Comecei a me vestir enquanto Sebastian me encarava com cara de poucos amigos. Evitei seu olhar de reprovação e continuei a me vestir.

— Vou dar mamar à nossa filha e te espero lá em baixo — comuniquei e saí.

Ainda pude ouvir o seu longo suspiro antes de fechar a porta.

Segui até o quarto de Sol e a encontrei dormindo profundamente. Parecia um anjinho de tão linda. Peguei-a do berço para trocar a fralda e ela acordou, dando um chorinho dengoso.

Terminei de trocá-la e coloquei um vestidinho rosa decorado com florzinhas vermelhas e o casaquinho, seguido de sapatinhos brancos. Sentei-me sobre a poltrona, acomodei-a em meu colo e lhe dei o peito. Depois de amamentá-la, arrumei sua bolsa e me dirigi até a sala, onde encontrei Sebastian sentado no sofá, já pronto, esperando por mim.

— Poderia ao menos esperar dona Carmelita pra ficar com nossa filha, Eliza. Está muito cedo pra sairmos com ela!

Tudo bem, eu disse que esses meses estavam sendo maravilhosos, e realmente estavam. Mas às vezes meu futuro marido me tirava do sério com esse senso de razão e proteção exagerados.

— Sebastian, deixa de ser coruja só um pouquinho? Existem mantas para isso. Além disso, Sol já tem dois meses e está muito forte e saudável. Você está parecendo um velho!

Ele estreitou os olhos e me encarou.

— Comparado a você eu sou mesmo. Tenho trinta e sete anos, Eliza, sou precavido.

— Meu Deus, quanto exagero. Vamos logo que estamos atrasados.

Ele me encarou uma última vez seriamente e eu sorri de lado, indiquei a bolsa de Sol em cima do sofá para que ele pegasse e seguimos para a garagem.

Acomodamos nossa filha, que dormia novamente no bebê conforto, e seguimos em direção à rodoviária. Logo chegamos, e de longe reconheci aqueles cabelos selvagens e lindos de Michele. Desci do carro com a ajuda de Sebastian, entreguei nossa filha a ele e corri na direção dela.

Ao me ver, ela abriu um sorriso imenso e correu para me abraçar.

— Eliza, que saudade — falou ela.

— Eu também estou morrendo de saudade de você, mulher. Nem acredito que está aqui!

— Lógico que eu viria. Não poderia negar o convite de ser sua madrinha de casamento com aquele deus grego.

Sorri abertamente. Michele não deixava o bom humor de lado nunca.

— Falar nisso, cadê ele e aquela princesinha linda? Estou doida pra apertar aquelas bochechas gorduchas — falou dando pulinhos de felicidade.

— Ai, Michele ela é muito linda. É meu xodozinho. Vem que eles estão

nos aguardando logo ali na entrada.

Ajudei Michele com a mala e a nécessaire, e seguimos em direção à saída. Sebastian estava sentado no banco de trás do carro ninando Sol, que sorria abertamente para ele.

Aproximei-me dos dois e tossi discretamente para chamar a atenção.

— Oi, Sebastian. — Michele logo o cumprimentou, sorridente.

— Oi, Michele. Seja bem-vinda a Itaú — cumprimentou-a e apertou sua mão.

— E essa *cuti-cuti* linda, meu Deus. — Ela se aproximou de Sol e acariciou o seu queixinho, fazendo a bebê dar uma risadinha fofa. — Ela é muito linda, Eliza. Olha só essas bochechas — disse encantada.

Olhei para Sebastian e pisquei um olho. Apesar de nossa quase discussão mais cedo, nosso sentimento era intenso demais para passar despercebido.

— Nós caprichamos para fazer a Sol, Michele — brinquei.

— Imagino que tenha sido a melhor foda das vossas vidas — disse ela, gargalhando.

Sebastian sorriu e eu acompanhei Michele na risada.

— Com certeza ficou pra história, né, amor? — falei, aproximando-me, e ele assentiu com um brilho no olhar e um sorriso safado.

— Sim, mocinha teimosa!

Depois da breve conversa, nós nos acomodamos no carro e voltamos para casa. Sebastian nos ajudou com as bolsas de Michele e seguiu para a fazenda. Levei-a até o quarto de hóspedes para que pudesse deixar suas coisas e a aguardei na cozinha enquanto preparava o café.

Deixei Sol no carrinho próximo à mesa e em poucos minutos Michele retornou.

— Eliza do céu. Que casa linda, que marido lindo e que filha linda — disse ela. — Se você não fosse minha amiga, juro que eu ia investir no bonitão.

Sorri abertamente.

— Nem pense uma coisa dessas. Você não ficaria viva para contar a história — brinquei.

— Boba.

Coloquei o café sobre a mesa, juntamente com os pães de queijo e francês que havíamos comprando no caminho. Michele se serviu e continuamos nossa conversa descabida sobre a minha vida no Brasil, e a dela no Canadá. Em alguns instantes, meu celular começou a tocar e eu atendi prontamente.

— Alô?

— Eliza, sou eu, Larissa.

— Oi Larissa, tudo bem?

— Ah, estou ótima. Estou ligando do celular do meu pai. Acabo de chegar em Itaú e já estou ansiosíssima pelo seu casamento e, claro, pra conhecer a bonequinha.

— Ah, não acredito! Poxa, estou feliz demais, Michele também acabou de chegar na cidade. Vamos marcar para nos encontrarmos mais tarde no parque, que tal?

— Será ótimo. Então até mais tarde.

— Até mais tarde amiga. Beijos.

Encerrei a ligação e voltei a me sentar na mesa com Michele. Conversamos mais um pouco e depois ela foi para o quarto descansar da viagem. Levei minha filha para o jardim, não demorou muito e dona Carmelita chegou. Trocamos algumas palavrinhas e voltamos a entrar em casa.

As horas passaram voando. Logo o almoço estava pronto e Sol de banho tomado, toda cheirosinha. Minha vida havia mudado drasticamente desde que a bebê nasceu, nunca mais pude dormir até tarde, ou passar o dia de pernas para o ar no shopping. Eu não estava reclamando, mas às vezes era cansativo ser mãe e dona de casa, então eu iria aproveitar ao máximo a estadia das minhas amigas na cidade.

Depois do almoço, coloquei minha filha para dormir e aproveitei para descansar um pouco também. Às três da tarde, já estava de banho tomado e arrumada, juntamente com Michele e Sol, para irmos ao parque passar o restante da tarde com Larissa e ver alguns últimos detalhes do meu casamento.

— Michele, pode me ajudar com a bolsa da neném, por favor?

— Claro. Só um minuto. — Ela se olhou no espelho uma última vez e veio até mim.

Peguei Sol em meus braços e entreguei a bolsa a ela. Assim que chegamos

à área da frente, acomodei a bebê no carrinho e seguimos para o portão. Ao sairmos na rua, o carro que estavam os oficiais se aproximou e um deles chamou por mim.

— Seu noivo deixou ordens explícitas para que a senhora não saísse de casa sem segurança, dona Eliza.

Parei próximo à calçada, acenei pra Michele, para que ela me esperasse um minuto, e fui na direção do veículo.

— Meu noivo está exagerando. Eu só quero passar uma tarde agradável com as minhas amigas, fora de casa e sem ter dois homens na minha cola. Será que é pedir muito? — falei duramente.

— Não podemos permitir que saia sem a nossa escolta. São ordens do seu noivo, senhora. Se insistir, serei obrigado a ligar pra ele e informar tudo.

Cruzei os braços, incrédula, e puxei o ar.

— Pode ligar pra ele. Eu não me importo. Pode avisar que estarei no parque do Centro da cidade, e é aqui do lado. E, por favor, sem essa de dona ou senhora, eu tenho apenas dezenove anos, caramba! Agora me deem licença que estou atrasada.

Ambos assentiram e eu saí novamente em direção à Michele e ao carrinho.

—Eliza, por que tem dois oficiais da polícia vigiando a sua casa? — questionou.

— Coisas do meu marido, Michele. Isso já está me dando nos nervos — falei, irritada.

Chegamos ao parque e Larissa já estava à nossa espera. Ela veio rapidamente até mim, me abraçou fortemente e cumprimentou Michele, também com um abraço. Ela se derreteu toda ao ver Sol com os olhinhos arregalados no carrinho, usando chapéu.

Engatamos uma conversa agradabilíssima sentadas na grama, à sombra de um dos ipês floridos que decoravam e alegravam o ambiente em volta do lago. Muitas pessoas andavam e faziam piqueniques por ali naquele horário e Michele estava completamente encantada com a harmonia e beleza da cidade.

O ponto alto da conversa foi sobre o meu casamento que a aconteceria em três dias na fazenda, uma cerimônia simples, apenas com família e amigos. Ambas estavam ansiosíssimas.

— Eliza, mal posso crer que você vai se casar — falou Larissa suspirando.

— Nem eu. — Sorri. — Foi bem ali em frente que trombei com ele. — Apontei para o local em que havia conhecido Sebastian há um ano.

Um ano que havia mudado todos os rumos da minha vida.

— Ai, que romântico — dramatizou Michele, fingindo estar secando uma lágrima, arrancando risadas de mim e Larissa.

— Meninas, vamos andar um pouco, aproveitar o ar livre — sugeri.

— Vamos sim — ambas concordaram.

Levantamos da grama e eu peguei Sol do carrinho, erguendo-a no ar. Ela deu uma risadinha gostosa e meu coração derreteu. Olhei para as meninas, e as duas nos assistiam, bobas, com brilho nos olhos. Mas seus sorrisos morreram quando se deram conta da presença de alguém atrás de mim. Virei o corpo bruscamente, e senti meu sangue gelar pelo susto.



Sebastian

Deixei Eliza em casa com sua amiga e fui direto para fazenda resolver a pilha de problemas que estava em cima da minha mesa no escritório. Essa semana seria extremamente corrida, teria que adiantar vários assuntos antes de colocar a aliança no dedo e enfim poder aproveitar melhor a companhia da minha mulher e filha por pelo menos uma semana.

Cheguei na fazenda e fiz uma vistoria pela plantação que acabara de florescer novamente. O campo de girassóis era dividido em quatro grandes piquetes, fora as outras áreas mais afastadas que ficavam longe de vista. Assim, haviam florações praticamente o ano inteiro; quando um piquete estava próximo da colheita, o outro estava próximo da floração e assim por diante.

A procura pela matéria prima do óleo continuava em grande escala, e isso era muito bom. Os números não paravam de crescer. Em compensação, minha cabeça estava fervilhando com tantos problemas, projetos, contratos, planilhas... Tio Harry me ajudava como dava, mas seu forte mesmo era apenas o campo, as finanças sobravam para mim.

Passei toda a manhã trancafiado no escritório com o representante do banco responsável pelo novo empréstimo, discutindo os termos do contrato, o que me levou ao máximo do estresse.

Já passavam das três da tarde e tio Harry foi para casa um pouco mais cedo; eu fiquei, ainda cheio de serviço pra fazer. Nesse momento, meu celular tocou, tirando toda a minha concentração.

— Alô — atendi rapidamente ao ver o número de um dos oficiais que estavam fazendo a guarda lá em casa.

Meu coração acelerou no mesmo instante, imaginando se teria acontecido alguma coisa com Eliza ou com a minha filha.

— Oi, Sebastian. Tenho uma notícia não muito boa pra te dar.

— Diz logo. Direto ao ponto, por favor! — exigi, aflito.

— Sua noiva saiu de casa pra passear no parque com as amigas e não quis que a acompanhássemos. Achei melhor informar isso a você.

— Porra! Que parte de “ela não deve sair sem proteção” vocês não entenderam? — exasperei.

— Sebastian, peço que fique calmo! Não pudemos fazer nada a respeito, muito menos acompanhá-la passando por cima de suas vontades, e é por isso que estamos te informando!

— Tudo bem. Eu vou resolver isso agora mesmo.

Encerrei a chamada, completamente fora de mim. Eliza estava brincando com fogo e colocando a vida dela e da nossa filha em risco, por causa de um capricho.

Peguei as chaves do carro e tranquei a porta na velocidade da luz. Que droga! Depois de tudo que aconteceu ela ainda não havia enfiado um pinga de juízo naquela cabeça, meu pai? Ela teria que me escutar, de uma forma ou de outra!

Arranquei à toda velocidade na direção da cidade, indo diretamente ao centro onde se localizava o parque em que havíamos nos conhecido.

Estacionei o carro na contramão mesmo e saí em busca dela. Logo a avistei, sentada na grama aos risos com Michele e Larissa. O carrinho de Sol estava bem ao seu lado.

Apressei o passo, sentindo o meu sangue ferver de raiva. Em questão de

minutos, elas se levantaram e Eliza pegou Sol no carrinho, erguendo-a no ar. Foi o tempo exato em que cheguei atrás dela, cravando os meus olhos em suas costas.

Michele e Larissa perceberam a minha presença e seus sorrisos morreram ao notarem a minha cara de poucos amigos. Mas não era para menos, minha vontade era de pegar Eliza e dar uns tapas na bunda para ela deixar de ser tão teimosa!

Ela se virou em minha direção, assustando-se. Abraçou Sol em seu corpo e me fitou um pouco temerosa.

— O que você está fazendo aqui sozinha, Eliza? — gritei, perdendo todo o meu autocontrole.

— Sebastian? Eu... Eu não... não estou sozinha.

— Você entendeu muito bem o que eu quis dizer, garota! Cadê a sua responsabilidade?

— Eu não estou fazendo nada demais. Só quis espairer um pouco — respondeu com os olhos lacrimejados.

— Não está fazendo nada demais? Eu tento proteger vocês e é assim que você corresponde? Correndo perigo à toa? Você sabe muito bem que Ricardo não é brincadeira!

— Por favor, Sebastian, para com isso. Seu primo está preso. Além disso, todas aquelas ameaças já fazem tantos meses, ele nem deve se lembrar mais!

— Pode ter um comparsa dele nesse momento te vigiando, sabia? Nesse tempo você poderia ter sido sequestrada, pensou nisso?

Trinquei os meus dentes com força, tamanha era a minha revolta e decepção com ela.

— Você está me fazendo passar vergonha, Sebastian. Dá pra parar de gritar?

— Ah, porra, Eliza. Você é uma inconsequente! Nunca perdeu ninguém que ama, não é? Por isso não dá valor! Mas com a nossa filha eu não vou deixar que brinque. Se você não quiser voltar pra casa agora mesmo comigo, me entregue a Sol. Contigo ela não fica mais!

Quando dei por mim, já havia despejado tudo e falado até o que não devia. Eliza me fitou assustada, seu rosto já banhado de lágrimas, e até mesmo a bebê

começou a chorar pelo susto da minha voz alterada.

Sei que peguei um pouco pesado. Mas não dava mais para permitir que Eliza me desafiasse assim. Às vezes ela aproveitava da minha paciência e ultrapassava todos os limites.

— Por favor, vamos pra casa! — pedi um pouco mais calmo. — Nosso carro está logo ali.

Ela secou o rosto com a palma da mão e me fitou com um semblante chateado. Permaneci sério, mesmo que por dentro estivesse me martirizando por fazê-la chorar.

Eliza se dirigiu até as meninas e se despediu de Larissa. Em seguida colocou nossa filha no carrinho e chamou Michele. Olhou-me novamente e seguiu em direção ao carro.

Fechei o punho e respirei fundo. Aquele seria um longo fim de tarde.

Assim que chegamos em casa, ela saiu do veículo sem olhar para trás. Pegou nossa filha e entrou em casa em passos firmes.

— Sebastian, me desculpe. Se eu soubesse de tudo isso não teria permitido que Eliza saísse assim sem a devida proteção — falou Michele ainda assustada com os acontecimentos.

— Tudo bem, Michele. Você não tem culpa — tranquilizei-a. — E eu a entendo, Eliza se sente muito presa aqui. Mas é que tenho tanto medo que algo aconteça, que às vezes perco o controle.

— Você a ama muito, não é? — perguntou ela.

— Sim. Muito. Mais do que algum dia imaginei que pudesse amar alguém — respondi com sinceridade. — Só queria que ela deixasse um pouco essa rebeldia de lado e me entendesse. O mundo não é como ela pensa.

— Eu vou falar com ela — disse esboçando um sorriso.

— Obrigado! — agradei-a e entramos em casa.

O restante da tarde passou tranquilamente, na medida do possível. Brinquei com Sol e conversei um pouco com Michele. Eliza me ignorou todo o tempo, nem ao menos olhou na minha cara. Tomei um banho relaxante na banheira e depois jantei sozinho na cozinha, enquanto as meninas conversavam e riam na sala.

Após as dez da noite, Michele seguiu para o quarto de hóspedes e Eliza

subiu para o nosso quarto.

Fui até o berço de Sol e deposei um beijo em sua cabecinha. Apaguei a luz do abajur e liguei a do corredor para não ficar muito escuro, e me dirigi ao quarto. Precisava conversar com Eliza, ela não poderia ficar me ignorando assim.

Entrei no quarto sem fazer ruídos e constatei o barulho do chuveiro ligado. Tirei toda a minha roupa, deixando apenas a cueca boxer, e me deitei na cama. Estava fazendo um calor danado e isso me incomodava bastante.

As roupas que Eliza se vestira naquela tarde estavam postas em cima da cama, bem do lado em que ela dormia. Impulsionei meu corpo e peguei sua calcinha preta de algodão, aproveitei para esfregar o tecido macio entre as minhas mãos.

Fiquei observando o pedaço de pano por um momento, imaginando-o em seu corpo delicioso. Como num instinto, levei a calcinha até o meu nariz e deixei que o cheiro do seu sexo invadissem o meu corpo, levando-me à completamente loucura. Fiquei extremamente duro e concentrado. Tanto que nem ao menos percebi quando Eliza saiu do banheiro e me pegou no flagra com a sua calcinha na cara.

— O que... o que está fazendo? — perguntou ela, alarmada.

Não vou negar que foi uma situação um pouco constrangedora, porque foi! Eu tinha uma mulher linda e de toalha ali na minha frente, mas tinha que me contentar com sua calcinha porque ela estava de birra comigo.

— Nada demais! — respondi desconcertado. Senti-me até uma criança quando é pega fazendo arte.

Ela arqueou uma sobrancelha e recolheu as roupas sobre a cama, pegou a peça íntima e as levou até o cesto de roupa suja, mas antes passou um olhar bem generoso sobre a minha excitação. Como se quisesse me matar do coração, Eliza retirou a toalha e foi até a cômoda. Pegou um creme hidratante e se voltou até a cama. Colocou uma das pernas em cima do colchão e começou a passar o creme em seu corpo, dando-me toda a visão da sua nudez entre pernas.

— Puta que pariu! — xinguei baixinho enquanto me levantava.

Andei firmemente até ela e a agarrei-a pôr trás, sem pedir autorização, enfiando a minha cabeça entre os fios negros do seu cabelo enquanto roçava minha rigidez em seu bumbum redondinho.

— Sebastian, me dê licença. Eu não...

Não esperei que ela completasse a frase. Virei-a e beijei os seus lábios depressa, degustando seu sabor com toda a vontade. Sem desgrudar nossas bocas, a empurrei sobre a cama, abrindo suas pernas com as minhas.

— Sebastian, para! — ela interrompeu o beijo e tentou me empurrar.

— Amor, não se negue pra mim! — pedi, cego pelo desejo.

Voltei a beijá-la, tirei o meu pau para fora da cueca e encaixei-o em sua entrada. Estava tão perto, tão quente, tão gostosa.

— Eu não quero transar — disse, virando o rosto.

Beijei o seu pescoço e forcei um pouco a penetração, arrancando um gritinho da sua boca e um arranhão nas costas.

— Se você fizer isso, será contra a minha vontade!

Parei um pouco, completamente confuso. Afastei o meu corpo do seu e a encarei à procura de uma resposta.

— Eu não entendo. Você me tenta, me provoca, está toda molhada me querendo. E do nada diz que não quer?

— Estou muito magoada, você sabe o porquê! — respondeu.

Respirei profundamente, encarando-a.

— Linda, me desculpe, eu estava fora de mim. Sabe muito bem o quanto tenho medo que algo aconteça a você e a nossa filha.

— Você me fez passar vergonha, Sebastian. Isso não se faz! — respondeu ressentida, levantando-se.

— Eliza, vem aqui amor. Você vai me ignorar pra sempre? Tudo o que fiz foi para o seu bem, sabe disso!

— Você não entende mesmo, não é? — Ela se levantou, pegou um roupão e se cobriu. — Eu estou me sentindo sufocada, Sebastian. Só queria ter uma tarde agradável com as minhas amigas. Eu já abri mão de tantas coisas, não me faça ter que abrir mão de ainda mais.

Pelo seu tom de voz, ela estava realmente chateada. E mesmo com razão, me senti um canalha. Principalmente por ter colocado o meu desejo à frente das suas vontades.

— Sabe bem os meus motivos — retruquei.

— Mas e quanto a mim? Já me sinto parte dos móveis dessa casa. — Olhei em seu rosto e percebi que ela engolia o choro. — Eu desisti de um dos maiores sonhos da minha vida para estar aqui, não quero ficar presa.

— Eliza, é por pouco tempo! — falei.

Eu poderia ter lhe contado tudo o que havia acontecido naquela noite na fazenda em que pegamos um dos comparsas de Ricardo, mas poderia ser muito arriscado para ela naquela época, devido a gravidez.

— Eu não posso ter tanta certeza assim. Na verdade, pensei muito hoje e não sei se quero continuar com nosso casamento agora.

— O que você está dizendo? Não me quer mais, é isso? — questionei sentindo uma pontada no peito.

— Não. Não é isso. — Ela fez uma pequena pausa e continuou. — Eu só não quero mais ficar nessa prisão. Estou cansada, Sebastian, e você só trabalha, mal tem tempo para...

— Eliza, entenda uma coisa. Você quer cancelar o casamento? Ok! A gente cancela. Se quiser terminar nosso relacionamento, a gente termina também. Mas dessa casa, você e a nossa filha só saem comigo. E os oficiais vão continuar lá fora. Isso não está em discussão, caramba. É a segurança de vocês duas que está em jogo. Dá pra entender?

Ela engoliu em seco e eu fui até o guarda-roupa, já completamente impaciente. Peguei um short folgado e vesti.

— Melhor a gente dormir. Essa discussão não vai nos levar a lugar nenhum — falei.

Ela balançou a cabeça em concordância e começou a se vestir.

Fechei os olhos, tentando ignorar a tentação, e de repente meu celular tocou. Peguei o aparelho em cima do criado mudo, era uma ligação de tio Vicente. Atendi ao telefonema e sua esposa começou a falar com desespero.

— Sebastian... aconteceu uma tragédia.

— Tia, o que houve? — Levantei-me, já atordoado.

— O seu tio... — Ela fez uma pausa entre um soluço, estava em prantos.

— Sim. O que tem tio Vicente?

— Ele foi baleado. E agora está lutando pela vida no hospital.



Capítulo 34

*Quando você se sente tão cansado,
mas não consegue dormir*
Coldplay

Eliza

— Sebastian, o que aconteceu? — perguntei preocupada após vê-lo jogar o celular sobre a cama e se sentar com as mãos na cabeça.

Ele levantou a cabeça para mim e me fitou. Seus olhos estavam vermelhos.

— Eliza, meu tio foi baleado e está no hospital.

Levei um choque tremendo ao ouvir isso.

— Quem fez isso, e por quê?

No momento em que ele iria responder, seu celular voltou a tocar e ele atendeu imediatamente. Saiu em direção à janela e logo depois retornou até onde eu estava.

— Era da polícia. Ricardo e toda sua corja fugiram da prisão. E tudo indica

que foi ele o autor do tiro contra o meu tio!

Coloquei a mão sobre a minha boca, sentindo um enorme aperto no peito.

— Eu vou até o hospital agora! — informou.

— Eu vou com você. Pedirei Michele pra ficar com nossa filha em dois minutos fico pronta.

Ele fechou a expressão como se fosse contestar o meu pedido, mas logo depois assentiu.

— Tudo bem. Vamos, rápido.

Corri até o quarto que Michele dormia e, após informá-la sobre o ocorrido e pedir para cuidar de Sol, segui de volta ao meu aposento e troquei de roupas às pressas. Em minutos, eu e Sebastian estávamos no carro em direção ao município vizinho, cerca de dezesseis quilômetros de distância da nossa cidade, para onde o tio dele havia sido levado.

A noite estava bastante escura, sem resquício da lua, apenas algumas estrelas destacavam sua fraca luz no céu. O ar estava quente e sobrecarregado, estranho, exatamente como havia sido todo o dia. Sebastian dirigia em silêncio, mantendo uma seriedade incomum em seu rosto, a atenção totalmente voltada para a estrada. Era possível imaginar o tamanho da angústia que ele sentia. Seu tio era como um segundo pai, o único traço do seu sangue que ainda estava vivo, além de Sol.

Passamos pela curva em que seus pais haviam morrido e um forte calafrio me tomou o corpo. Eu não sabia explicar, mas não foi uma boa sensação. Olhei pra Sebastian e ele me pareceu ter sentido a mesma coisa, tanto que no mesmo instante seu olhar procurou o meu.

— Sebastian — chamei-o.

— Sim?

— Eu sinto muito por hoje. Por favor, me desculpa.

Ele tensionou o corpo e apertou as mãos no volante.

— Depois conversamos sobre isso, pode ser? Eu não estou em um bom momento.

— Tá — concordei tristemente, a agonia me apertando a garganta.

Chegamos ao hospital e fomos direto na recepção pedir informações. A recepcionista pediu que aguardássemos e apontou uma sala de espera logo após

o corredor. Andamos até lá e encontramos a tia de Sebastian sentada, segurando a sua bolsa com um olhar vago, vazio.

— Tia? — chamou ele.

— Oi, meu filho. — Ela secou uma gota de lágrima que escorria em suas bochechas salpicada de rugas profundas, e se levantou. — Meu coração está despedaçado, Sebastian. Meu próprio filho....

Ela tentou falar, mas uma forte onda de choro a cortou.

— Ele queria dinheiro, estava drogado, fora de si. Vicente tentou acalmá-lo e ao ver que Ricardo precisava de ajuda tentou ligar pra alguém, pra polícia, não sei... mas foi impedido com um tiro que lhe perfurou o pulmão.

Sebastian a abraçou mais forte, sem dizer nada. Seu olhar estava frio, e isso me deixou preocupada. Abracei o meu próprio corpo em busca de consolo. Era muito difícil acreditar que uma única pessoa fora capaz de destruir a própria família daquela forma, por pura maldade e inconveniência, apenas para alimentar o egoísmo que estava cravado em seu coração.

Ficamos ali por horas e mais horas, esperando alguém chegar para passar alguma informação. O frio começava a despontar. Então me levantei do meu assento e me aproximei de Sebastian. Ele estava em pé, encostado na parede, e o silêncio mórbido que reinava naquela sala me deixou completamente tensa.

Eu sabia que ele ainda estava chateado comigo. Eu mesma estava chateada comigo. Mas algo em meu íntimo pedia que eu me aproximasse, que sentisse o seu calor mais uma vez.

Levantei a mão para tocar em seus ombros e nesse exato momento uma porta se abriu. Era o médico que havia atendido o tio dele. Seu olhar estava cansado, mas ele tinha a sombra de um sorriso no rosto.

A esposa do tio de Sebastian logo se levantou, indo em direção ao médico em passos rápidos. Sebastian também se dirigiu até ele, e eu os acompanhei.

— São familiares de Vicente Ávila? — perguntou ele.

— Sim. Sou esposa dele — respondeu a tia de Sebastian.

— Pois bem. O quadro do seu noivo é estável. A hemorragia foi controlada e ele já não corre mais tanto perigo. Creio que logo, logo vocês o terão em casa novamente!

— Graças a Deus, doutor. Muito obrigada — ela agradeceu, estampando

um sorriso de felicidade. E eu me permiti respirar com mais tranquilidade.

Sebastian olhou para mim e acenou, seu semblante estava mais leve. Nesse momento meu celular tocou, era Michele.

— Oi, Michele. Tá tudo bem por aí? — perguntei.

— Eliza, tá sim. Só que a Sol não para de chorar. Acho que ela está com fome! — informou.

— A mamadeira dela está em cima da cômoda. Já está esterilizada. Prepara um pouco de leite pra ela, logo chegaremos.

— Tudo bem. Depois me manda uma mensagem informando sobre tudo, ok?

— Ok!

Desliguei a chamada. Sebastian me encarava, esperando que eu falasse quem havia ligado.

— Michele ligou. Sol não para de chorar.

— Tudo bem. Eu vou te levar pra casa. Espere só um minuto.

Concordei e me despedi da tia dele, dirigindo-me até a saída em passos lentos para aguardá-lo. Antes de atravessar a porta, peguei meu celular e conferi as horas, já passavam das quatro da manhã.

Continuei andando e, ao passar pela porta, senti outro arrepio me tomando. Era um desconforto surreal, como se algo não estivesse em seu devido lugar.

Sebastian chegou próximo a mim e, sem dizer uma única palavra, o abracei com toda a força que havia em meu ser. Uma lágrima escorreu pela minha face, foi mais forte que eu. Estava chorando e não sabia exatamente por quê. Eu só precisava senti- lo.

— Sebastian, eu te amo!

Ele me olhou surpreso, mas sorriu. Um sorriso que iluminou a minha alma e aqueceu o meu coração.

— Eu também te amo, minha vida! — Secou a lágrima que descia em meu queixo e selou seus lábios nos meus. Em um beijo rápido, apenas uma demonstração de sentimento, mas um imensurável sentimento, o grande amor que sentíamos um pelo outro.

Entramos no carro e ele deu a partida. As ruas estavam desertas, não havia

sinal de ninguém em nenhum lugar, a não ser a movimentação constante lá dentro do hospital. Saímos da cidade e já nos encontrávamos na pista em direção a Itaú quando ouvi Sebastian soltar um palavrão baixinho. Olhei-o de relance, um pouco exaltada e me deparei com seu olhar alarmado em sinal que havia algo errado.

— O que está... — Comecei a falar, mas ele me interrompeu.

— O freio... o carro está sem freio...

Meu sangue congelou instantaneamente, cortando todo o ar. E no instante seguinte um forte impacto na traseira do carro me fez impulsionar o corpo para frente. Por sorte estávamos com o cinto de segurança.

— Merda. Estamos sendo seguidos — esbravejou ele.

Eu só consegui chamar por Deus naquele momento. Meu corpo estava paralisado pelo medo.

Sebastian pisou o pé no acelerador em uma tentativa de despistar o carro que nos perseguia, mas logo um tiro atravessou, quase que me acertando.

— Eliza, abaixa, rápido! — gritou.

Fiz o que ele pediu e mais tiros foram disparados em nossa direção.

— Droga. Droga — xingou ele.

Quando os tiros cessaram, voltei a levantar a cabeça e meu coração se partiu ao ver que ele sangrava no ombro.

— Meu Deus, você está ferido! — gritei sem conseguir controlar o choro.

— Fica calma. Foi de raspão, eu vou ficar bem.

Mas outra forte batida na traseira do carro quase fez Sebastian perder o controle.

— Sebastian, eu estou com medo. — Vi que uma lágrima brotou do seu olhar, mas ele não permitiu que caísse.

— Não vou deixar que nada te aconteça. Eu juro.

Olhei pelo retrovisor e o carro, que supus ser de Ricardo, se aproximava, pronto para nos tirar da pista. Estávamos nos aproximando da curva que os pais de Sebastian haviam morrido, e a cada segundo que se passava minha esperança de sair com vida de tudo aquilo se esvaía.

— Eliza, destrava o cinto e abra a porta do carro.

Não... Não... Eu não conseguiria fazer o que ele estava pensando. Era demais para mim.

— Não... Eu não consigo...

— ABRA, AGORA!

Tranquei os meus olhos e destravei o cinto com dificuldade. Meu corpo inteiro tremia pela adrenalina e o medo. Em seguida, abri a porta.

— Ao meu sinal você pula! — falou ele.

Um pouco antes de virarmos a curva, a luz de um caminhão iluminou toda a estrada, mais uma vez era como se a história se repetisse. A cada lágrima que descia, eu só conseguia pensar em minha filha.

Mas no instante seguinte, Sebastian desviou o carro para o acostamento, fazendo com que o caminhão batesse em cheio no carro que estava na nossa cola.

— Eliza, pula agora! — disse ele. Mas eu não me movi. Meu corpo não respondia aos meus comandos.

Não sei de onde ele tirou forças, mas mesmo machucado largou a direção e me jogou para fora do carro, fazendo com que eu rolasse pelo chão algumas vezes. Foi um movimento muito rápido. Não pude guardar com total precisão o que aconteceu, mas ele havia cumprido o seu juramento. Eu estava viva, graças a ele.

Ergui a cabeça, ainda atordoada, mas foi o tempo exato para ver o carro cair na ribanceira e logo depois uma imensa explosão clareou o lugar.



Capítulo 35

*Ninguém disse que seria fácil,
ninguém nunca disse que seria tão difícil assim.*

Coldplay

Eliza

Dez dias se passaram desde o acidente. Dez longos dias, e eu ainda não conseguia me lembrar sem descer uma cachoeira de lágrimas pelos meus olhos. Aquele dia ficaria marcado como uma tatuagem na minha memória, o dia que me trouxe as cicatrizes mais profundas, incapazes de esquecer, tanto no corpo como na alma.

Logo após a explosão do carro, acabei perdendo a consciência devido ao impacto forte no chão e uma dor dilacerante na cabeça. Mas a dor que estava em meu coração era muito maior que qualquer dor física.

Acordara em uma cama de hospital com minha mãe ao meu lado. Ela chorava baixinho enquanto segurava a minha mão. Os raios de sol entravam pelas frestas das persianas e uma agulha estava fincada em meu braço, com o

soro.

Levantei um pouco atordoada, sem saber exatamente o que havia acontecido. Mamãe logo me abraçou chorando, e eu retribui. Como não poderia?

— Filha, eu tive tanto medo de te perder! — disse apertando-me entre os seus braços.

Funguei em seu ombro, sentindo a ardência em meus olhos e um imenso bolo em minha garganta.

— Mamãe, o Sebastian. Cadê ele?

Ela me olhou com uma certa tristeza no olhar. E eu... só tive medo do que ela falasse a seguir.

— Ele está vivo, filha. Ele conseguiu pular do carro antes da explosão...

Não esperei que ela terminasse e a abracei mais uma vez.

— Meu Deus, obrigada. — Eu já não conseguia mais segurar a emoção.

— Eliza? — chamou ela. — Tem um porém.

— O quê?

— Não sabemos se ele vai sobreviver. Porque além do tiro... — Ela puxou o ar. — Além do tiro no ombro, que acarretou em uma enorme perda de sangue, ele bateu a cabeça fortemente, o que causou uma lesão grave. Ele entrou em coma, filha.

Quando eu achei que tudo fosse ficar bem, veio a vida e me deu uma rasteira, derrubando-me com tudo no chão.

Relembrar aquele dia fático era como reviver na pele todo o terror que passamos, e que quase acabou com nossas vidas.

Sol começou a chorar no carrinho e eu instantaneamente me levantei para pegá-la. Minha filha estava sendo o meu único consolo naqueles dias difíceis. Ter ela em meus braços, sentir seu cheiro inocente e acordar todos os dias olhando seus olhos idênticos aos do pai era tudo que eu precisava para me sentir confiante e ter fé que tudo ficaria bem. Ela era um pedacinho dele fora do corpo, um presente de Deus para me fazer forte.

Michele e Larissa viajaram seis dias após o ocorrido. Ambas tinham suas vidas para seguir e ficaram comigo além do que deveriam. Posso dizer que tenho amigas maravilhosas, para todas as ocasiões.

Enquanto as coisas não se resolviam, estava ficando na casa dos meus pais. Era inacreditável a forma como mamãe mudou suas atitudes quando viu a minha vida em risco. Muitas vezes precisamos de um choque de realidade para nos darmos conta que nem tudo tem que ser como queremos, há várias maneiras de fazer as coisas do jeito certo sem precisar magoar ninguém. E isso foi uma lição para nós duas.

Troquei a fralda de Sol e agasalhei em meu colo, dando de mamar enquanto acariciava seus cabelinhos pretos com a ponta dos meus dedos. Aproximei meu rosto do seu corpinho e inspirei seu perfume de bebê. Ela largou o peito e me encarou com olhinhos brilhantes, depois deu uma risada gostosa, pousando as mãozinhas sobre os meus seios, dando leves batidinhas.

Sorri vendo seus movimentos e meus olhos se marejaram. A barra que eu estava enfrentando não era fácil, mas eu tinha que ser forte por ela e por ele — o homem que colocou sua vida em risco para salvar a minha e que, mesmo quando tudo parecia perdido, mostrou que o fim era apenas o começo para algo ainda maior.

Sequei uma gota de água que rolou pelo meu rosto, usando meu dedo polegar, e continuei a amamentar minha pequena bebê. Até que uma batida na porta me fez levantar a cabeça.

— Filha? Posso entrar? — perguntou minha mãe.

— Sim. Pode entrar,

Ela se aproximou um pouco temerosa, olhando-me firmemente, e se sentou na cama.

— Como está nossa pequena?

— Ela está ótima. — Sorri. — Quer mamar a cada cinco minutos.

Mamãe sorriu segurando a mão de Sol e depois me encarou.

— Filha, eu sinto muito por tudo. Me arrependo tanto de tudo que fiz! Eu não me dei conta que sua felicidade era aqui com ele. Só agora vejo o quanto você o ama. E está sendo muito difícil pra mim te ver chorar todos os dias baixinho antes de dormir e não poder dividir essa dor com você.

— Está sendo muito difícil, mamãe — respondi

— Eu sei que está. E eu sinto tanto — disse, encarando-me. Seu arrependimento estava visível. — Pensei que o que sentisse fosse apenas uma paixão de adolescentes, dessas que nascem no início do verão e terminam no

fim, e que não valeria a pena deixar o seu futuro de lado por uma aventura. E agora percebo que foi muito além disso. Me sinto péssima, filha. — Ela fez uma pausa e começou a chorar. — Mas nós, pais, também erramos, mesmo quando tudo que queremos é ver nossos filhos felizes e sendo bem-sucedidos. Por favor, me perdoe.

— Ah, mamãe. — Abracei-a de lado, tomando cuidado para não apertar a bebê. — Eu te amo tanto, e sei que também errei. Mas nunca é tarde, não é?

— Não. Nunca é tarde — concordou.

Ficamos um tempo assim, abraçadas, tentando recuperar o tempo perdido, e depois terminei de arrumar Sol. Deixei-a com minha mãe e saí, papai já me esperava no carro para mais um dia de visitas diárias a Sebastian.

Entrei no carro e seguimos em direção ao hospital onde Sebastian estava internado na UTI. A batida forte na cabeça, havia causado lesões profundas e os médicos temiam sequelas irreversíveis, ou até mesmo que ele não acordasse do coma.

Chegamos no local e, enquanto papai me esperava na recepção, me preparei adequadamente para poder entrar no quarto de internação. Entrei no local acompanhada de uma enfermeira como fazia todos os dias. Olhei-o, e ele se encontrava da mesma forma, imóvel. Havia vários aparelhos ligados em seu corpo, e isso me destruía por dentro. O fio da sua vida dependia de máquinas e vê-lo ali, tão indefeso, me apertava o peito, pois era totalmente o contrário do homem forte e destemido que ele sempre se mostrou ser.

Nesse tempo em que estava internado, Sebastian teve duas paradas cardíacas, e uma delas quase o levou a óbito. Os dias passavam e a melhora não vinha, mas eu não deixava de ter fé. Na verdade, era a única coisa que me mantinha de cabeça erguida além da nossa filha: a fé em Deus de que tudo ficaria bem.

A enfermeira saiu e eu me aproximei dele, tocando de leve a sua mão.

— Eu estou aqui, amor — falei em um sussurro. — Não importa o que acontecer, sempre estarei.

Outra lágrima rolou dos meus olhos. Essa era uma das únicas coisas que conseguia fazer bem nos últimos dias.

— Lembra quando fizemos amor pela primeira vez na fazenda? Juramos amor eterno um ao outro, você disse que estava me entregando a sua vida. Então, por favor, amor, eu quero viver a vida contigo. Volta pra mim, Sebastian.

Um silêncio absurdo tomava o quarto, era agonizante. O único som audível era o dos meus soluços em volta do leito.

— Meu Deus, por favor, não o deixe morrer. — Fechei os meus olhos em uma súplica e pedi. — Ele vai sair dessa, eu creio.

Fiquei ao seu lado mais alguns minutos, falando palavras desconexas, relembrando nossos melhores momentos. Todos os dias eu o falava sobre a nossa filha, seus progressos e o quanto estava sapeca. Sabia que ele não poderia me ouvir, e mesmo se ouvisse não se lembraria. Mas eu tinha que tentar de alguma forma.

O tempo de visita acabou e uma das enfermeiras veio me avisar. Beije os meus dedos e os coloquei sobre o seu rosto, me dirigindo até a porta.

— Eliza, o doutor Marcos gostaria de falar com você — disse a enfermeira, assim que atravessei a porta. — É sobre o quadro clínico do seu marido. Ele pediu para te chamar assim que terminasse a visita.

Concordei, um pouco temerosa, e acompanhei a mulher até a sala do doutor. Bati na porta e fui autorizada a entrar.

— Bom dia. Eliza, não é isso? — perguntou ele.

— Sim — respondi.

— É o seguinte, Eliza. Como estou acompanhando o caso do seu noivo desde que ele foi trazido pra cá, me sinto responsável em esclarecer algumas coisas. Sendo que você é a única família dele, é justo que eu te deixe a par da situação.

— Sim, doutor. Por favor, continue.

— Como você sabe, o quadro dele é muito grave. O traumatismo craniano foi muito intenso, sem contar o ferimento causado pelo tiro que o fez perder muito sangue. O fato dele ter chegado aqui com vida foi praticamente um milagre e ele está sendo muito forte. Seu marido tem muita força, Eliza, não é qualquer pessoa que consegue passar pelo que ele está passando e continuar respirando. Mas é aí que está o problema. Como médico, eu preciso que você saiba que estamos dando o nosso melhor para que ele sobreviva. E se ele sobreviver, da mesma forma que pode levar uma vida normal, sem maiores complicações, ele também pode ter sequelas irreversíveis.

Ouvi tudo com atenção, sentindo uma agulha sendo fincada no peito a cada palavra.

— Entendo, doutor. Mas eu tenho fé! — respondi convicta.

— Me admira muito. Mas preciso que você esteja preparada para tudo. Seu noivo pode vir a óbito a qualquer momento.



Capítulo 36

*Diga-me que me ama
volte e me assombre*
Coldplay

Eliza

O dia amanheceu brilhante, mais que o de costume. Levantei-me da cama e fui até a janela para abri-la e ouvir o cantar dos pássaros. Sol logo acordou e começou a chorar a procura de peito. Essa minha filha era muito gulosa.

Mais trinta dias haviam se passado e a minha rotina continuava a mesma, com a diferença que agora eu também ia à fazenda todos os dias. As coisas por lá não poderiam parar, muitas pessoas dependiam daquele emprego e de mim.

O tio de Sebastian ainda se recuperava no hospital, mas já conseguia respirar sem a ajuda de aparelhos. Ou seja, toda a responsabilidade da fazenda ficou em minhas costas, e eu não sabia nem por onde começar. Mas com a cara e a coragem eu fui, e assumi tudo. Até porque eram os sonhos do meu marido que

estavam em jogo, e eu não iria decepcioná-lo.

Papai me ajudou em tudo, com a parte da administração e as finanças. Além dos contratos e outras questões burocráticas, ele tinha muita experiência com essas coisas, devido à construtora, e eu tentei pegar o máximo que podia. Às vezes eu tinha vontade de largar e jogar tudo para o ar, tamanho era o meu estresse diário, mas quando retornava para a cidade no fim do dia e finalmente pegava minha filha no colo, o cansaço e o desespero davam lugar ao consolo, e a esperança voltava com tudo novamente.

Sebastian não havia melhorado em nada o seu quadro clínico. Todas as vezes que eu passava pelos corredores do hospital para vê-lo, as pessoas me olhavam com pesar, como se dissessem “eu sinto muito”. E eu sabia o que se passava em suas cabeças, que ele não iria acordar. Mas eu nunca me deixei abater, nem mesmo depois de tudo o que ouvi do médico há um mês.

Sol voltou a dormir e eu aproveitei para trocar sua fralda e suas roupinhas. Depois a coloquei de volta no berço e comecei a me arrumar, dando uma atenção especial a maquiagem em volta dos olhos, em uma tentativa de amenizar as olheiras, afinal o dia estava apenas começando e muita coisa tinha que ser feita. Visitar Sebastian no hospital, levar Sol no pediatra e depois ir para a fazenda com papai.

Terminei de me arrumar e peguei a bebê juntamente com sua bolsa. Todos tomavam café na cozinha, o que me trouxe um clima nostálgico de meses atrás, quando a minha única preocupação era tirar nota dez nas provas da escola.

— Bom dia, família — cumprimentei.

— Bom dia — responderam com um meio sorriso no rosto. Inclusive Jonas.

Mamãe pegou Sol em seus braços e começou a niná-la, mesmo a garotinha estando ferrada no sono. Não é à toa que dizem que os avós estragam os netos. Sentei-me próximo ao balcão e me permiti usufruir de um café da manhã em família.

Após visitar meu marido, levei Sol ao pediatra e, depois de deixá-la com minha mãe, segui para a fazenda. Trabalhamos arduamente no contrato de vendas da nova colheita e em várias outras questões. Antes do fim da tarde, recebemos algumas visitas inusitadas no escritório, dentre elas a de Beatriz e seu irmão, que vieram nos dar total apoio durante esse período difícil.

Conhecendo Beatriz mais a fundo, percebi que ela não era uma má pessoa.

Na verdade, muito pelo contrário, era uma mulher de grande valor. Se ela não tivesse se metido com meu noivo até que poderíamos ser amigas em algum momento da vida, mas diante as circunstâncias, apenas trabalho já estava de bom tamanho.

O dia transcorreu pesarosamente cansativo. Após concluirmos as tarefas do dia, papai e eu retornamos à cidade, e eu pedi para que me deixasse na casa onde eu morava com Sebastian. De repente senti uma necessidade extrema de estar no nosso quarto, de sentir o cheiro nas suas roupas.

Ele me deixou em frente e eu pedi para que não me esperasse. Papai assentiu e eu entrei. Abri a porta com cuidado e voltei a fechá-la atrás de mim. Tudo ainda estava como naquele dia, até as chaves da moto que ele havia deixado em cima do painel.

Subi as escadas em direção ao quarto e abri a porta. Os lençóis da nossa cama ainda estavam revirados. Eu havia vindo aqui somente para pegar algumas roupas, e na correria acabei não arrumando nada.

Deitei sobre a cama, do lado em que ele dormia, e inspirei o cheiro no travesseiro. Meu coração se apertou de uma forma que pensei que fosse sufocar. As lembranças daquela noite invadiram a minha mente e eu me odiei por não ter feito amor com ele uma última vez.

Fui até o guarda-roupa e peguei uma de suas camisas favoritas. Era uma camisa social de tonalidade azul, bem clara, quase branca. Seu perfume estava entranhado no tecido juntamente com o cheiro do seu corpo.

Abracei a camisa com tanta força, e me permiti chorar. Sentei me na cama e, em algum momento, adormeci abraçada ao tecido.

Acordei com o toque estridente do meu celular. Atendi sem olhar o visor e a voz da minha mãe ecoou na linha.

— Eliza, onde você está? Estou preocupada.

— Oi, mãe. Estou indo. Eu acabei pegando no sono, estou aqui na minha casa.

— Tudo bem, querida. Se apresse que a dona Sol está impossível.

— Em dez minutos eu chego.

Desliguei a chamada e fui até o banheiro lavar o rosto. Meus olhos estavam vermelhos e inchados, e meus cabelos, completamente desgrehados. Arrumei-os o mais depressa possível e saí, mas antes peguei a camisa de

Sebastian e a levei comigo.

Andei pelas ruas desertas, clareadas pela luz da lua, até chegar na casa dos meus pais. Entrei e encontrei Sol no carrinho, rindo das palhaçadas de Jonas, e mamãe na cozinha preparando o jantar. Peguei minha filha no colo e dei alguns beijinhos na sua bochecha. Coloquei-a de volta no carrinho e subi para o quarto. Tomei um banho quente dos pés à cabeça, me troquei e desci, voltando para a sala.

Após a janta, subi com minha filha para o quarto e a coloquei para dormir. Estava quase pegando no sono também quando ouvi uma batida na porta. Era papai.

— Eliza, está ocupada? Eu queria falar com você.

— Estou indo — respondi e me levantei.

Coloquei um roupão por cima da camisola e abri a porta.

— Minha netinha dormiu? — perguntou ele.

— Sim. Como um verdadeiro anjo.

— Ótimo. Eu e sua mãe gostaríamos de conversar com você. É importante.

— Tudo bem... Pode descer, eu já estou indo.

Papai voltou a descer as escadas, e eu fui até minha pequena e a embrulhei. Beije seus cabelos, apaguei a luz do abajur e saí, fechando a porta com cuidado.

Encontrei meus pais sentados na varanda à minha espera.

— Então, o que queriam falar comigo? — questionei.

— Filha, eu e sua mãe estamos muito preocupados com você. Desde o acidente você vem se mantendo fechada e dificilmente sorri. Agora é de casa para o hospital, do hospital pra fazenda e depois de volta pra casa. Sempre tão... triste.

Respirei fundo e me sentei em uma das cadeiras disponíveis.

— Eu sei, papai. Mas enquanto ele não acordar e voltar pra mim, não sei se terei motivos pra ser feliz de novo.

— Meu amor, não diz isso — falou minha mãe. — Você tem motivos, muitos. Nos, sua família. E principalmente a sua filha.

— Filha, como o médico disse. Você tem que estar preparada para tudo. — Papai começou a falar. — Sabe que ele pode não acordar, e é por isso que

estamos preocupados com você. Penso que seria melhor você se consultar com um psicólogo.

— Eu entendo o posicionamento de vocês — respondi tristemente. — Mas eu tenho fé. Por favor, não voltem a me falar essas coisas.

Eles se entreolharam com um certo temor no olhar e assentiram. Virei as costas e voltei para o quarto, deixando-os para trás. Entrei no cômodo e voltei a pegar a camisa de Sebastian, vestindo-a depois de tirar a minha camisola, em uma forma desesperada de senti-lo perto. Minha cabeça doía, mas eu não me importava.

Deitei sobre a cama, encolhi o meu corpo e chorei. Não culpava as pessoas por elas não acreditarem na recuperação dele, mas eu acreditava. Porque sabia que se fosse o contrário, ele acreditaria em mim. Mais uma vez adormeci entorpecida pelas lágrimas.



Sebastian estava em minha frente, com seu habitual sorriso branco estampado no rosto. O vento soprava as flores dos girassóis para lá e para cá, como num vendaval. Eu corri para alcançá-lo, mas a cada passa o que eu dava, parecia que ele se distanciava ainda mais.

— Sebastian, não vá — gritei com desespero.

Ele apenas sorriu e disse:

— Você vai se lembrar de mim, amor, quando os ventos do Oeste soprarem. Você vai lembrar do pôr do sol em seu céu. Como nós caminhamos nos campos de ouro.

A cada palavra, sua voz ficava mais distante. Em um instante ele estava em minha frente e senti que poderia tocá-lo, mas do nada ele sumiu, e o campo amarelo deu lugar a um quarto frio e escuro. No momento seguinte, eu acordei.

Meu corpo estava suado, e minha mente, intrigada. Levantei-me e fui até o banheiro para lavar o rosto. Olhei as horas no celular, marcava três da manhã. E aquela frase que ele havia dito no sonho não saía da minha cabeça.

Você vai se lembrar de mim... você vai se lembrar de mim...

De repente, uma ideia meio louca surgiu em minha mente. Voltei a pegar o celular e digitei a frase na pesquisa do Google. E o que apareceu me deixou

ainda mais intrigada. Era a letra de uma música. Que estranho.

Baixei a música e coloquei os fones de ouvido. Era uma música antiga, muito antiga na verdade, mas muito bonita. Daquelas românticas, melancólicas. Mas o engraçado é que eu nunca havia ouvido antes. Desliguei o Play Music e encostei na parede pensativa. Fiquei ali por alguns minutos, um leve arrepio eriçou todos os pelos do meu corpo e eu me abracei. Quando estava prestes a me deitar, o celular tocou.

— Alô? — atendi.

—Eliza? Aqui é do hospital onde seu noivo está internado. — A voz de uma mulher ecoou do outro lado da linha e meu coração deu um salto. Ela disse o que tinha que falar e eu me sentei na cama com o corpo trêmulo. Eu pensei que em certo momento estaria preparada para aquela notícia, mas estava completamente enganada.



Capítulo 37

*Ela sonhava com o paraíso,
toda vez que fechava os olhos*
Coldplay

Eliza

—Céus! Ele acordou! — falei baixinho colocando a mão sobre a boca.

Ainda estava tentando entender tudo o que havia acontecido.

Eu esperei tanto tempo por isso, desejei com tanta força que quando finalmente aconteceu, mal pude acreditar. Depois que meu corpo parou de tremer um pouco e um choque de realidade bateu na minha porta, levantei-me e me troquei às pressas. Iria vê-lo agora mesmo.

Bati na porta do quarto dos meus pais e os acordei. Papai abriu a porta, estranhando a minha agitação e me olhou de cima abaixo ao ver que eu estava vestida para sair. Até maquiagem eu havia passado. Queria estar linda para voltar a encontrá-lo. Em meu íntimo, temia que ele não me reconhecesse, o médico havia deixado isso bem claro na última vez que falou comigo.

— Papai, ele acordou! Ele voltou pra mim — falei sorridente.

Ele arregalou os olhos, completamente surpreso.

— Você tem certeza disso? — perguntou.

— Absoluta! Acabei de receber uma ligação do hospital informando.

— Isso é maravilhoso, filha. — Ele me abraçou. — Mas você está ciente que ele pode não se lembrar de você, não é? De nenhum de nós.

— Sim, papai. Eu sei. Mas isso não me importa. Por favor, se troque depressa.

Papai foi se trocar e mamãe se dirigiu para o meu quarto para poder ficar com Sol. Nosso trajeto até o hospital levou um século, de tanto que eu estava ansiosa.

Ao chegarmos, me informei sobre o local em que ele estava e, após longos minutos de espera, fui autorizada a entrar.

Sebastian já havia sido transferido de quarto e já estava sem a maioria dos aparelhos, o que me fez soltar o ar que estava preso em meus pulmões. Alívio! Uma enfermeira estava próxima a ele fazendo algumas anotações e eu fui me aproximando devagar, completamente emocionada por vê-lo com os olhos abertos e movimentando o corpo.

Seus olhos, que estavam fixos na mulher ao lado, dando atenção a tudo que ela falava, se desviaram para a minha direção. Prendi o ar quando nossos olhares se cruzaram, e então ele sorriu.



— Enfim em casa — disse ele assim que papai o ajudou a se deitar na cama.

Sebastian estava tendo uma recuperação surpreendente, o que deixou todos alarmados, inclusive os médicos. Mas eu sabia qual a força que o guiava. Era a sua força de vontade! Meu homem era admirável, não fraquejou nem diante da dor física. Segundo ele, não via a hora de ir para casa para poder pegar sua princesinha nos braços novamente.

— Enfim em casa, meu amor! — disse a ele.

Sebastian fez questão que viéssemos para a fazenda assim que saísse do

hospital. E claro, seu desejo foi atendido e agora estávamos todos reunidos no quarto que dava acesso ao campo de girassóis.

Tirando o curativo na cabeça e no ombro, ele estava praticamente novo em folha. Um pouco mais magro, lógico, mas igualmente lindo.

— Eliza, vem cá — chamou.

Aproximei-me dele com Sol em meus braços e sentei sobre a cama.

Ele se sentou com dificuldade, ainda sentia tontura e muita dor, mas nada que o impedisse de pegar a filha nos braços.

— Como nossa filha cresceu — disse, todo bobo.

— Sim — respondi sorridente.

Ele brincava com ela, apertando as suas bochechas gordinhas, enquanto Sol não parava de sorrir. Sua expressão com relação a filha era de pura admiração.

— Vamos deixar vocês a sós — falou mamãe, dando-me um sorriso cúmplice. — Acho melhor levar Sol, está na hora da mamadeira dela.

Sebastian beijou a filha na cabeça e entregou-a para minha mãe. Ela puxou papai para fora do quarto e fechou a porta.

— Como você está se sentindo? — perguntei.

— Com você ao meu lado, eu sempre fico bem.

Toquei seu rosto de leve, tomando cuidado para não encostar no machucado da testa, e dei um selinho na sua boca.

— Linda, me diz uma coisa.

— O que, amor?

— O que aconteceu com o Ricardo? Desde que eu acordei ninguém falou nada dele!

Respirei fundo. Eu não gostava de falar sobre o acidente, muito menos ao que tinha acontecido com Ricardo. Mas Sebastian deveria saber.

— Tudo o que sei é que logo após você desviar o nosso carro, o caminhão bateu em cheio no de Ricardo, deixando só as ferragens retorcidas. Seu primo foi levado ainda com vida e consciente para o hospital, com uma ferida aberta no abdômen e o rosto completamente desfigurado, mas morreu minutos depois, já em estágio de delírio. Ele chamava pela mãe.

— Não queria que as coisas terminassem assim — disse Sebastian. — Mas foi o que ele procurou.

Segurei em sua mão para acalotá-lo.

— Sim, meu amor. Dois homens que estavam com ele também morreram, e um ainda está internado em estado grave. Não sei mais detalhes, porque evito ficar lembrando aquele dia.

— Tudo bem. Vamos mudar de assunto. Quero aproveitar minha mulher agora, vem cá.

Ele passou a mão pela minha cintura, puxando-me para mais perto e me beijou na boca.

— Que saudade de você — disse enquanto mãos ousadas acariciavam as minhas pernas.

— Eu também, mas vai com calma porque você não pode se esforçar. — Pisquei.

Ele sorriu e voltou a me beijar. Um beijo lento, terno, cheio de saudades e amor. Coloquei minha mão do outro lado do seu corpo para me firmar e intensifiquei o beijo, dando uma mordida em seu lábio inferior. Sebastian enfiou a mão em meus cabelos e gemeu baixinho.

— Que beijo delicioso — sussurrou. — Tem alguém lá embaixo te querendo.

— Esse alguém vai ter que esperar um pouquinho, até estar totalmente recuperado.

— Ele precisa de carinho. Hein, só um pouco?

— Descarado! — Sorri — eu só não te bato porque você está de cama, Sebastian. Mas quando estiver cem por cento, vai se arrepender dessas safadezas.

— É só saudade, minha linda.

Encarei-o por um momento, fitando seus olhos que eu tanto amava, e de repente me lembrei do sonho e da música. Peguei o celular no bolso da minha calça e procurei.

— Sebastian, você conhece essa música?

— Qual?

Selecionei o play e uma melodia suave começou a tocar, logo depois a voz de Sting ecoou pelo quarto, cantando *Fields of Gold*. Olhei para Sebastian, e notei que ele estava sério, como se lembrando algo.

— Então, amor, conhece ou não? — perguntei preocupada.

— Sim. Eu conheço. Meus pais a amavam. Passei parte da minha adolescência ouvindo essa música pela manhã. — Ele sorriu, um pouco aéreo, voltando às suas lembranças do passado. — Meus pais sempre foram muito apaixonados, e por diversas vezes os vi dançando na cozinha ao som dessa música. Mas por que a pergunta minha linda?

— Não é nada.

Não falei o verdadeiro motivo pelo qual eu perguntei sobre a música. Não era necessário dizer algo tão real e físico.

Nosso amor resistiu às atribulações e se manteve em pé. Superamos nossas diferenças e nos mantivemos firmes, mesmo quando tudo parecia dizer o contrário. Se isso não fosse a força do destino, eu não saberia dizer o que era, pois somente um sentimento tão forte assim era capaz de resistir às barreiras impostas pelo tempo e fazer com que a emoção prevalecesse sobre a razão.

Com lágrimas nos olhos, o abracei ternamente, e senti suas mãos me envolverem com toda a ternura que era permitida. Como os girassóis que giravam a procura do Sol, meu coração iria à procura do dele, em cada batida.

— Eu te amo — murmurou ele.

— Eu te amo— respondi.



Epílogo

Três meses depois

Eliza

— Amiga, você está maravilhosa! — elogia Larissa completamente empolgada.

Michele se afasta um pouco para analisar melhor o meu vestido de noiva e dá um pulo de felicidade.

— Está perfeito Eliza!

— Será que agora já posso me olhar no espelho? — pergunto e a ambas concordam.

A maquiadora que acabou de me arrumar sorri, cúmplice com as meninas, orgulhosa do resultado, e se afasta também, permitindo que eu vá até o espelho. Morro de emoção ao ver a sintonia do vestido de noiva e todo o conjunto, desde o cabelo, a maquiagem e até o brinco de pérolas em minha orelha.

— Ai meu Deus. — Coloco a mão sobre a boca, completamente admirada.

O vestido é totalmente branco, estilo princesa, colado ao meu corpo até a altura da cintura, com pedrarias e renda desde a cintura até o busto, e saia rodada coberta de tule com detalhes em renda na barra. Na parte de cima, um decote em formato de V e mangas compridas, que dão um ar mais elegante.

A maquiagem marcada nos olhos casa perfeitamente com o batom cor de boca e o blush iluminador, que me deixam com feição mais madura. Meu cabelo está preso em um coque baixo e desalinhado, para acomodar de forma impecável a delicada coroa de pequenas flores brancas e amarelas.

Sobre fazermos uma cerimônia simples apenas para os parentes e amigos mais próximos? Esse plano foi por água abaixo. Nesse exato momento, posso dizer que grande parte da cidade me espera na fazenda.

Passo a mão pelo meu corpo, inspecionando cada detalhe com admiração. Na cintura, há uma faixa estreita, também em renda, que acomoda a cauda de tule gigante do meu vestido. Cada detalhe do tecido fino, com bordados feitos à mão nas laterais, é praticamente uma obra de arte

Posso finalmente dizer que passar esses quinze dias longe de Sebastian valeram a pena. Desde que Larissa e Michele chegaram à cidade, decidimos que teríamos os dias das garotas. Era como uma despedida de solteiro, só que mais prolongada. Enquanto eu, Sol e as meninas ficávamos na cidade, Sebastian dormia na fazenda, e combinamos — a contragosto dele, é claro — que não teríamos relações durante esse período. Era uma forma de ficarmos com saudades um do outro. O plano estava funcionando perfeitamente até dois dias atrás, quando não aguentamos mais e demos uma fugidinha durante a madrugada para matar um pouquinho da saudade. Tudo isso escondido das meninas, que com certeza iam puxar minha orelha se soubessem que eu quebrei nossas regras, até aposta eu havia feito. Por favor, não me julguem. Passar quinze dias sem sexo é muita tortura.

— Acho que estou pronta — falo por fim.

— Sim. Está prontíssima. Agora sim, vai amarrar o bonitão de uma vez por todas — diz Michele.

Sorrio com seu comentário e concordo.

— Vamos? — fala Larissa.

Puxo o ar mais uma vez e respondo.

— Vamos.



Chegamos à fazenda e as meninas descem do carro para me ajudar com a cauda do vestido. Mamãe vem ao nosso encontro com Sol em seus braços. Minha filha está um puro charme, com um vestido de noivinha quase idêntico ao meu e coroa de flores na cabeça. Seus olhinhos brilham ao me ver.

Coloco os pés para fora do carro. Um clássico Chevrolet Deluxe 1941 de cor branca, perfeito para o casamento ao ar livre. Tendo o pôr do sol como parte do cenário, sinto-me como se pisasse em nuvens. Papai, que também veio ao nosso encontro, segura em minha mão, e as meninas erguem a cauda do meu vestido para não arrastar no chão batido. Fecho os olhos para impedir que uma lágrima caia. Pego Sol em meus braços, seguro no braço de papai e me posiciono atrás do arco decorado com flores brancas e cortinas semitransparentes.

Um buquê de girassóis amarelos é entregue a mim pela organizadora do evento, enquanto Larissa, Michele e minha mãe vão para seus devidos lugares. Aperto o braço de papai, demonstrando meu nervosismo, e ele segura em minha mão para me passar confiança. Beijo minha pequena e um filme passa pela minha cabeça com tudo que vivi com Sebastian nesses últimos meses.

Acompanhamos de perto, dia após dia, o desenvolvimento da nossa filha. Seu primeiro sorriso, a primeira vez que ela engatinhou. A única coisa que falta é a realização do meu sonho de vida, que no momento está jogado para escanteio.

A marcha nupcial começa a tocar e meu coração acelera. As cortinas são abertas e ao longe posso ver Sebastian, usando um terno preto, clássico, e de fundo está nosso campo amarelo com o sol se pondo no horizonte.

Neste momento, não posso mais segurar, e uma lágrima cai. Começo a andar pelo tapete verde musgo no ritmo lento do violino, que toca a música Yellow, da banda Coldplay. Essa música define tudo o que ele significa na minha vida.

Olhe para as estrelas

Veja como elas brilham por você

E por tudo que você faz

Sim, elas são todas amarelas

Eu vim de longe

*Eu escrevi uma canção para você
E para tudo que você faz
E chama-se "Amarela"*

*Você sabe que eu te amo tanto
Eu nadei,
Superei barreiras por você
Eu tracei um limite
Eu tracei um limite por você
Você sabe
Por você eu daria todo o meu sangue*



Sebastian

— É, meu filho. Agora é pra valer — diz meu tio em pé ao meu lado enquanto arrumo o nó da gravata.

Sorrio com seu comentário e o olho.

— Sim, tio. Agora é pra valer e eu não vejo a hora de estar definitivamente casado!

Ele pouisa suas mãos em meu ombro, e me abraça.

— Parabéns, Sebastian. Você merece isso, e ela também. Tenho certeza que, de onde estão, seus pais estão orgulhosos do homem que você se tornou e da família que construiu.

— Eu sei que estão — concordo. Esfrego minhas mãos uma na outra para espantar o nervosismo e respiro fundo.

— Pronto? — ele pergunta.

— Acho que sim. Estou nervoso pra caramba.

— Com certeza está — ele fala sorrindo.

— Com licença. — A esposa de tio Vicente dá uma batida na porta e entra.
— Sebastian, já está na hora. Vamos?

Concordo com a cabeça e sigo em direção à porta. Meu tio vem logo atrás de mim.

O espaço da cerimônia está decorado com alguns arcos e cortinas — coisas da minha mulher. Grande parte da cidade se encontra presente.

Ando acompanhado da minha tia até o tapete verde e, como fomos designados pela organizadora, seguimos até o pequeno altar onde o padre nos aguarda. A mãe de Eliza está próxima a mim segurando Sol em seus braços. Minha princesinha abre um sorriso banguela para mim e eu a pego. Deposito beijos em suas bochechas e inspiro sua colônia infantil. Sol está cada dia mais parecida com a mãe, ou seja, cada dia mais linda. Até imagino quando estiver uma moça, vai me dar muito trabalho.

Seus cabelos são pretos e lisos, batendo na altura do pescoço, e sua pele se assemelha à de Eliza, só que um pouco mais clara. E os olhos? Bom, são idênticos aos meus. A única coisa que puxou de mim.

Um breve silêncio se faz presente e logo percebo que o carro da noiva chegou. A mãe de Eliza pega Sol dos meus braços e vai em direção à minha futura esposa.

As madrinhas e padrinhos seguem pelo trilho cor de musgo até seus lugares e é a vez da daminha de honra. E então, após longos minutos de puro nervoso e ansiedade, começa a marcha nupcial e Eliza passa pelas cortinas do arco, vindo em direção a mim.

Perco a fala quando a vejo e sinto meu coração acelerar. Ela chega até mim com nossa filha nos braços e sorri, mas percebo que seus olhos estão marejados. Correspondo ao seu sorriso e fico assim, olhando-a por alguns segundos, até que sua mãe nos interrompe para pegar Sol e o padre dá início à cerimônia.



— Finalmente casados, minha deusa — falo assim que temos um momento a sós.

Estamos na varanda da nossa casa e há poucas pessoas circulando no momento. A maioria estão lá dentro aproveitando da comida e bebida farta. Eliza

segura um copo de champanhe na mão e com a outra me puxa pela gravata para mais perto de si.

— Não vejo a hora de consolidarmos nosso matrimônio — diz ela, mordendo o lábio.

— Podemos fazer isso agora. O que você acha? — Pisco. — Vamos no quarto rapidinho. Ninguém vai ver.

Ela sorri do meu desespero e nega com o dedo. Desespero sim, porque a mulher colocou na cabeça que teríamos de ficar quinze dias sem transar. E mesmo que ela tenha baixado a guarda há alguns dias, não foi suficiente para matar minha vontade, muito pelo contrário. Rapidinha no carro só aguça os sentidos.

— Teremos a vida inteira para isso, Sebastian. Agora vamos dar atenção aos nossos convidados que daqui a pouco pegaremos a estrada.

— Tudo bem. Você venceu dessa vez.

Voltamos para dentro, onde estão sendo servida as bebidas, e rapidamente somos cercados por um grupo de pessoas. Dançamos e tomamos alguns drinks sem passarmos muito tempo separados. A festa está correndo perfeitamente como o planejado e tudo que preciso agora é pegar minha mulher de jeito. Eliza percebe meus olhares nada discretos sobre o seu decote e sorri. Ela sabe que me tem em suas mãos em todos os sentidos. Inclusive no sexo.

Após algumas horas, os convidados se retiram e Sol dorme tranquilamente no carrinho de bebê. Eliza se aproxima da mãe e comunica:

— Mamãe, vamos pegar a estrada agora.

— Vai tranquila, filha — responde sua mãe. — Cuida bem de nossa Sol. Não entendo por que você não a deixa conosco.

— Ah, mamãe. — As duas se abraçam. — Sol é muito bebê, ainda mama. Além disso, serão apenas alguns dias.

Eliza se despede da mãe e vai até as amigas, para se despedir também.

Trocamos de roupa e, enquanto ela termina de organizar algumas coisas, levo nossas malas para o porta-malas do carro. Eliza vem atrás de mim com Sol nos braços, põe a bebê na cadeirinha e entra no banco do carona. Ela usa um vestido rodado, não muito curto, e um casaco. Está um pouco frio, ainda mais a essa hora da madrugada.

Dou a volta e entro. Aproveito sua distração e a beijo com vontade para aquecer. Confesso que só consigo pensar em fazer amor. Não se assustem. Todos os homens são assim, alguns mais, outros menos. A única diferença é que a maioria nem se dá ao trabalho de disfarçar, enquanto outros ao menos têm decência para isso. Faço parte dessa pequena minoria que preza o respeito em primeiro lugar. Mas vamos ser francos, minha esposa é gostosa demais para que eu possa suportar essa cara de bom samaritano o tempo inteiro.

Eliza interrompe o beijo quando minhas mãos invadem sua calcinha e me empurra.

— Amor, espera. Estamos em frente a casa.

— Ninguém vai ver — digo, voltando a beijá-la.

— Sebastian... não. Vamos fazer tudo como manda o figurino. E não será dentro do carro dessa vez. Além disso, nossa filha está bem aqui, não acho certo fazer essas safadezas com ela por perto.

— Eliza, a Sol é apenas um bebê e está dormindo — digo — Além do mais, a culpa é sua que me deixou desse jeito com essa invenção de greve de sexo.

Ela sorri e mesmo assim se afasta.

— Sem mais delongas, Sebastian. Vamos logo.

Contrariado, dou partida e seguimos viagem.

Nossa lua-de-mel será em um hotel fazenda próximo daqui, apenas para passarmos alguns dias tranquilos sem preocupações, curtindo nossa filha e os primeiros dias do nosso casamento. Decidimos ir de carro para aproveitar a vista e tudo o que o trajeto tem de bom para oferecer.

Após algumas horas dirigindo, avistamos uma pousada e decidimos parar para descansarmos um pouco. Já com as chaves na mão, abro a porta e ligo a luz. Pego as nossas malas e coloco-as no interior do quarto. Eliza entra com Sol, que dorme, enquanto analisa o ambiente.

Não é uma hospedagem muito luxuosa, mas é bem confortável e limpa. Tranco a porta e tiro a camisa enquanto ela acomoda nossa pequena na cama. Eliza me olha com carinho de safada, mas se contém. Apenas abre um sorriso travesso.

Sol começa a chorar, despertando do sono. Eliza vira a bebê de lado e a acomoda confortavelmente, dando algumas palmadinhas bem de leve no

bumbum até ela voltar a dormir. Observo tudo, sentindo-me um bobo. Meu peito infla de tanto orgulho e satisfação, vendo minha filha saudável e forte, dormindo e ao lado da minha mulher. Minha linda Eliza.

Ela levanta-se da cama ao ver que Sol dorme profundamente e caminha em minha direção, sorrindo manhosa. Não consigo disfarçar o quanto a amo e desejo. Ela enlaça os braços em meu pescoço.

— E então, o que vamos fazer agora? — pergunta.

— Você sabe o que quero, menina!

Nós nos beijamos e eu a levo para o banheiro em meus braços, sem nos desgrudarmos. Tomamos um banho quente e debaixo do chuveiro nos entregamos um ao outro, em uma troca sinuosa de amor e prazer que nos leva a loucura. Ofegantes, porém satisfeitos, terminamos o banho, nos secamos e vamos para o quarto. Eliza se deita comigo e se aconchega a mim, mas o melhor ainda está por vir. Ainda não dei a ela o meu presente de casamento.

— Eliza? — chamo.

— Oi, amor — responde sonolenta.

— Não dorme agora, quero te entregar algo.

Levanto da cama, ajeito a toalha em minha cintura e pego a minha carteira. Ela também se levanta e fica me encarando com curiosidade estampada nos lindos olhos. Pego o que quero, e confesso que estou nervoso, mas é minha decisão final. Respiro fundo, caminho até ela e, antes de entregá-la, digo:

— Seu sonho também é meu sonho, Eliza.

Ela me encara confusa, mas não diz nada. Entrego a ela os papéis e, assim que ela entende do que se trata, volta a me fitar com os olhos transbordando de lágrimas.

— São passagens... para o... Canadá — fala, trêmula.

Sorrio e a puxo para mim, dando um abraço.

— Sim, meu amor, vamos nós três. Eu, você e nossa filha. E você vai realizar seu sonho, pois o céu é o seu limite.

Ela soluça em meus braços.

— Mas e a fazenda? Que você tanto ama?

— Não importa, Eliza, não importa. Meu tio vai cuidar pra mim, quando

der eu venho visitar e ver como está. — Afasto-me dela, apenas o suficiente para encarar os olhos escuros e brilhantes, emocionados. — Pelo seu sonho eu adio o meu. São só alguns anos. — Limpo suas lágrimas com a ponta dos meus dedos e beijo o topo da sua cabeça. — Eu te amo, muito.

Fim.



Capítulo bônus

Quatro anos e cinco meses depois.

Formei-me com garra e honra na Ryerson, e eu não cabia em mim de tanta felicidade. Foram quatro anos difíceis, mas os mais emocionantes de todos. Ao lado do meu esposo e minha filha, vivi meus anos dourados e realizei meus sonhos. Agora sou uma arquiteta e estou de volta ao Brasil faz cinco meses. É com muito orgulho que carrego em minhas mãos o primeiro projeto assinado por mim, em parceria com a BM engenharia e a prefeitura da cidade.

Com todos os papéis em mãos, saio do escritório que eu e Sebastian montamos na nossa casa na cidade. Vou até nosso quarto, retoco o batom e arrumo os meus cabelos em um rabo de cavalo alto. Agora mais curtos e algumas mechas mais claras, me dão um ar sério, passando a imagem de profissional e mãe que sou. Aquela menininha inconsequente de dezoito anos ficou para trás.

Ajeito meu terninho cor de chumbo e passo minha mão por minha calça social na cor nude. Pego os papéis e desço as escadas, ouvindo os saltos do meu scarpin preto tilintarem no ambiente. Chego à sala e pego as chaves do carro

sobre o painel da TV. Preciso deixar alguns documentos na empresa de papai e retornar para casa para almoçar com a minha família.

— Mamãe, mamãe? — Minha princesa Sol, agora com cinco aninhos, vem correndo até mim assim que passa pela porta.

Agacho, abro os meus braços para recebê-la e beijo o topo da sua cabeça. Seus cabelos pretos já estão batendo no meio das costas. São idênticos aos meus.

— Por que veio tão cedo, meu amor? — Ergo-a em meus braços e logo em seguida Sebastian passa pela porta, olhando-me com semblante divertido.

Ele, aos quarenta e um anos, continua maravilhoso, como se o tempo não passasse. Seus cabelos salpicados de fios brancos dão um charme a mais à expressão máscula. Dentro de um terno preto bem cortado, ele vem até mim, me beija na boca e senta-se no sofá, observando nós duas.

— Eu "biguei" na escola — Sol responde. Vejo-a fechar a cara e cruzar os braços, emburrada.

Olho para Sebastian, confusa, e vejo-o sorrir de lado. Volto minha atenção para Sol, coloco-a no chão e questiono:

— Por que você brigou na escola, mocinha? A mamãe falou para você se comportar. Brigar é feio! — falo em um tom firme.

— Mas mamãe, o Paulinho tava rindo de mim porque todo mundo na escola tem um irmãozinho e eu não tenho um irmãozinho. Aí eu "empurrou" ele e disse que a senhora ia me dar um irmãozinho. Mas ele me empurrou também e todo mundo ficou rindo de mim. Eu chorei muito, mamãe, foi muito "tiste". Eu pedi a tia Carla pra ligar para o papai e agora estou aqui. — Ouvi tudo, alarmada. Ela conversava tão rápido como uma matraca, sem parar.

Olhei para Sebastian e ele estava se segurando para não rir do que Sol havia acabado de falar. Fechei minha expressão e sibilei para que ele ficasse quieto.

— Por que você não pediu a tia Carla para ligar para a mamãe? O papai estava trabalhando.

— Por que eu sou uma princesa e o papai é um príncipe. E os príncipes salvam as princesas.

Olhei novamente para Sebastian com vontade de dar uns tapas. Aposto que ele já foi falar essas coisas para Sol, como se eu não fosse capaz de resolver os problemas.

— Tudo bem, meu amor, vá se trocar que a mamãe vai sair agora e já volta.

Ela acena que sim com a cabeça e sai em disparada em direção às escadas. Olho para Sebastian se esbaldando de rir no sofá e fecho a cara.

— Sebastian, que história é essa? — pergunto, brava.

Ele se levanta e vem até mim, enlaçando a minha cintura.

— Relaxa, meu amor. Foi só uma briga de criança. Agora a gente poderia providenciar o irmãozinho que Sol tanto deseja, o que você acha? — diz já escorregando os lábios pelo meu pescoço.

— De maneira nenhuma. — Afasto-o com minhas mãos. — Preciso deixar esses documentos na BM. Estou atrasada.

— Não vai almoçar com a gente? — ele pergunta contrariado.

— Claro que vou. É rápido. Em menos de uma hora estarei de volta.

Ele arqueia uma sobrancelha e dá um beijo molhado nos meus lábios.

— Tudo bem, não demore.

Sorrio vendo sua boca toda borrada de batom e saio. Já dentro do meu carro, retiro um lenço da minha bolsa, limpo a minha boca e retoco o batom. Chego na empresa do meu pai com toda a documentação, faço uma breve apresentação do projeto e volto depressa para o aconchego do meu lar.

O dia passa rápido. Sebastian, que havia trabalhado a manhã inteira em um novo projeto tecnológico sobre a produção de óleo de girassóis, tira a tarde de folga e não vai à fazenda. Depois do almoço, passamos a tarde juntos, eu, ele e nossa filha. Passeamos um pouco e eu aproveito para fazer algumas compras para o almoço em família que acontecerá no domingo na fazenda.

Já a noite, coloco Sol para dormir e fui para o quarto. Sebastian me aguarda na cama, de banho tomado, usando apenas uma cueca boxer. Assim que entro, vou até ele e me deito ao seu lado.

— Ansiosa para dirigir seu primeiro projeto? — pergunta, passando as mãos em meus cabelos.

— Muito. Esperei por isso a vida inteira — respondo sorridente.

— Eu estou orgulhoso, Eliza.

— Eu sei. Conseguimos, amor. Juntos.

Ergo a minha cabeça e o fito. Mesmo depois de quase cinco anos, seus olhos ainda brilham ao me olhar. Ele leva a mão aos meus cabelos e o solta, fazendo as mechas caírem por meu rosto.

— Vem aqui.

Com uma mão em minha nuca, ele me beija, enquanto escorrega a outra mão por minhas costas.

— Acho que está na hora de darmos um irmãozinho para nossa filha — sussurra em meus lábios.

Sorrio e o beijo novamente, sem respondê-lo. Sebastian tira a minha blusa e a minha calça, fazendo-me ficar em cima da sua excitação. Distribuo beijos e lambidas por seu peito, ouvindo-o gemer. Ele massageia as minhas costas e desce a mão pelo meu bumbum. Para no cóis da minha calcinha e, quando faz sinal de descê-la, a porta se abre. Dou um pulo de susto e quase caio no chão. E uma Sol espertinha entra correndo e vem até nós, pulando em cima da cama.

Ai meu Deus.

— Mamãe, a senhora vai me dar um irmãozinho? — pergunta animada. Seus olhinhos brilham de expectativa.

Sem conseguir formular uma resposta, apenas repreendo-a:

— Sol, não pode entrar no quarto da mamãe sem bater.

— Meu amor, não seja tão dura com nossa filha — diz Sebastian.

— Desculpe, mamãe, eu não estava conseguindo dormir — diz ela, fazendo uma carinha triste. — Eu fiquei com medo de ficar no escuro sozinha e vim para cá.

Meu peito se aperta.

— Tudo bem. A mamãe vai ficar com você até você pegar no sono.

Ela abaixa a cabeça, tristonha.

— Eu queria dormir aqui com vocês. Por favor, mamãe, deixa?

— Meu amor, você tem seu quartinho e...

— Você pode dormir com a gente, minha princesa — Sebastian me interrompe e já pega Sol nos braços e começa a fazer cócegas em sua barriga.

Tenho vontade de esganá-lo. Ele mima Sol demais e ainda passa por cima das minhas ordens.

— Sebastian... — chamo em tom de advertência.

Ele deixa Sol gargalhando em cima da cama e me puxa para o meio da muvuca.

— Mais tarde eu te dou uma injeção calmante — sussurra em meu ouvido.

Sorrio com sua provocação e o empurro na cama. Deixo os dois brincando e sigo para o chuveiro. Após o banho, seco-me, me enrolo em um roupão de seda azul e retorno ao quarto. Encontro Sebastian e Sol dormindo em um sono profundo. Frustrada por estar necessitada de sexo, visto-me e me deito, emburrada. Mas acabo sorrindo sozinha vendo os dois dormindo abraçados.

Assim que os raios do sol penetram as cortinas do quarto, acordo e vejo que estou sozinha. Enrolo-me no roupão e desço as escadas. Encontro Sebastian tomando café, mas não vejo Sol.

— Amor, cadê nossa filha? — pergunto.

Com um pedaço de pão na mão, ele vira para mim e responde:

— Sua mãe passou aqui mais cedo e a levou pra passear. Disse que a leva amanhã para a fazenda.

Desço mais alguns degraus. Acho que não entendi direito o que ele disse.

— Como assim amanhã? Não dei autorização! — digo, irritada.

Nos últimos dias venho passando por mudanças constantes no meu humor que estão me assustando. Sebastian suspira profundamente, levanta-se e vem em minha direção.

— Eu dei autorização. Na verdade, fui eu quem pediu a ela para ficar com nossa filha hoje.

— Não estou entendendo. Mas por quê?

Ele se aproxima de mim, sorridente, e me dá um selinho.

— Se arrume, Eliza. Vamos pra fazenda passar o dia, arrumando algumas coisas para o almoço de amanhã — diz.

Apesar de não achar necessário passar um dia arrumando as coisas para um almoço em família, não contesto. Assinto para ele e retorno ao quarto. Tomo um banho e me arrumo enquanto ele me aguarda na sala.

Antes de sairmos para a fazenda, vou até um lugar no qual eu deveria ter ido há uma semana, mas confesso que estou receosa. Com tudo o que preciso em

mãos, guardo em minha bolsa para que ele não veja e retorno para casa.



O trajeto até a fazenda como sempre foi rápido. Sebastian manteve um sorriso constante nos lábios, mas não falou absolutamente nada. Sei que ele está aprontando para cima de mim, mas nada o preparou para a surpresa que tenho guardada para ele.

O campo de girassóis mais uma vez está florido, e as flores balançam com o vento. Nada é capaz de tirar o encanto desse lugar. Ainda é cedo, as folhas das plantas estão cobertas de orvalho, trazendo-me lembranças de anos atrás.

Sorrio, feliz.

Meu marido chega atrás de mim, abraçando-o e inspirando o perfume dos meus cabelos. Ele nunca perde essa mania e eu amo.

— Faz tanto tempo que não temos um momento assim, não é? A sós — sussurra.

— Sim, faz muito tempo — respondo e fecho os meus olhos, sentindo a brisa suave trazendo o cheiro inconfundível do frescor da manhã.

E é verdade. Desde que retornamos ao Brasil, não tinha sobrado tempo para aproveitarmos um pouco, eu ele. Eu mal venho aqui devido ao projeto arquitetônico que está tomando grande parte do meu tempo e, quando venho, nossa filha nos acompanha. E mesmo antes de retornarmos, eu havia me entregue de corpo e alma à faculdade, dividindo meu pouco tempo entre Sebastian e nossa filha. Ele se manteve ao meu lado todo o tempo, sem reclamar, mesmo quando eu deitava cansada tarde da noite após um dia exaustivo, sem ânimo para satisfazer seus desejos nem os meus próprios.

A nostalgia me invade, levando-me a lembrar dos nossos momentos aqui, quando eu era uma adolescente.

— Se lembra quando passávamos a tarde inteira fazendo amor, depois que você saía da escola?

Com um sorriso nos lábios, me viro para encará-lo.

— Por que eu tenho impressão que essa vinda repentina para cá não tem nada a ver com o almoço de amanhã? — questiono.

— Acho que não é só impressão — ele responde sorridente e eu sinto meu

coração acelerar como na primeira vez.

Céus, como o amo.

Pulo em seus abraços, sentindo suas mãos firmarem em minha cintura, e o beijo, apaixonada, relembrando nossos melhores momentos. Ele anda em direção a casa, mais uma vez recém-reformada, e, assim que chegamos no quarto, sou jogada contra os travesseiros macios da cama.

— Ah Sebastian — murmuro.

Sinto-me uma menina de novo, no auge dos dezoito anos, vivendo uma paixão proibida que incendeia a alma. Sebastian gruda os lábios nos meus, depois se afasta e segue até a porta de vidro, abrindo-a. O sol brilha forte entre os girassóis. O céu está azul e sem nuvens como naquela tarde em que nos entregamos um ao outro de corpo e alma, bem aqui nesse quarto. Ele se vira para mim, esboçando um sorriso, e começa a tirar a roupa.

Apenas de cueca, Sebastian sobe na cama e volta a me beijar. Enfio minhas mãos em seus cabelos e o puxo, faminta. Levanto-me, fazendo com que ele se deite, e sento em cima do enorme volume que se formou dentro de sua cueca, colocando uma perna de cada lado do seu corpo.

— Ah, Eliza — geme.

Fricciono nossos sexos separados pelo tecido fino das nossas roupas íntimas, vendo-o revirar os olhos de prazer e morder os lábios. Mantendo contanto visual, tiro o vestido floral que estou usando e o jogo longe. Abro o fecho do meu sutiã e os meus seios saltam, fazendo o cinza dos olhos de Sebastian se intensificaram.

Seu membro duro lateja.

— Você está deliciosa, sabia? — ele diz, enquanto passeia as mãos pelo meu corpo, indo até o meu sexo, tocando-me por cima da calcinha.

Gemo, ofegante, e reboło em seu dedo, ansiando por suas carícias mais intensamente.

— Eu quero você, meu amor — murmura.

Sentindo seu abraço em minha cintura, ele me beija voraz e desce, lambendo e sugando o meu pescoço até chegar em meus seios. Puxo os seus cabelos, arfando, e solto outro gemido quando ele coloca a minha calcinha de lado e toca meu clitóris, fazendo movimentos circulares.

— Ah! — grito, excitada, e impulsiono a cabeça para trás.

Em um único movimento, ele vira nossos corpos na cama e me cobre com seu corpo, enquanto sua língua invade a minha boca fazendo movimentos sensuais. Seus dedos voltam a acariciar minha vagina, dando atenção ao clitóris que pulsa, querendo-o.

— Que delícia — sussurro, extasiada.

Arranho sua pele quente, aproveitando ao máximo sua carícia, até senti-lo se afastar um pouco e abrir as minhas pernas, ficando de joelhos. Sou tomada pelo calor da sua língua invadindo o meu sexo ensopado. Ele lambe meu clitóris enquanto penetra um dedo, fazendo com que eu me agarre aos lençóis, contorcendo-me.

— Que... gostoso... — Ouço Sebastian murmurar e agarro em seus cabelos.

Arranho seus ombros com força quando ele volta a chupar, sugando de leve e intercalando com lambidas generosas.

— Sebastian — grito o seu nome, sentindo o orgasmo se aproximando.

Ao ver que estou prestes a gozar, ele dá uma última lambida e se levanta, fazendo com que eu solte um gemido frustrada. Tira a cueca e joga em cima do amontoado de roupas, libertando o pênis grande e grosso, completamente rígido.

Maravilhoso! Por esse pau eu cometi as maiores loucuras da minha vida.

Sorrio com meus pensamentos bobos e o encaro. Ele sobe na cama e se posiciona entre as minhas pernas, voltando a me beijar.

— Seu anticoncepcional está em dia? — pergunta em um sussurro, enquanto encaixa a ponta do pênis na minha entrada.

— Esquece meu anticoncepcional, enfia logo — peço, delirando de desejo.

— Tem certeza? Você sabe que é um caminho sem volta.

Mordo os meus lábios, tomada por uma sensação voluptuosa. Meu sexo está completamente lambuzado de excitação.

Ah, Sebastian, se você soubesse.

— Sim, eu tenho certeza — confirmo.

Sem desgrudar nossos olhares, Sebastian começa a me penetrar lentamente. Sinto seu pau me abrindo, fazendo com que eu sinta a minha carne o

envolvendo até o último centímetro. Quente e duro.

— Que delícia — ele geme, vidrado em mim.

Seus lábios alcançam os meus, beijando e lambendo, enquanto ele começa a se movimentar, tirando até o final e depois voltando a me possuir, fundo, deixando-me em êxtase ao sentir toda a sua espessura. Puxo os seus cabelos e arranho as suas costas, ele está me deixando maluca. Sem que eu espere, ele sai todo de dentro de mim e morde os meus lábios. Ergue as minhas pernas, deixando-me completamente aberta para ele e se abaixa, dando uma chupada em meu clitóris, seguido de uma lambida por toda a abertura do meu sexo.

Meu corpo convulsiona.

Antes que eu possa reclamar da falta dos seus lábios em mim, sou invadida novamente pelo seu pênis, com investidas fortes que me fazem perder o ar e os sentidos. Não precisa de muito. Em poucos segundos, eu me derramo em um gozo delicioso, gritando e arranhando os seus ombros como uma louca. Ainda sinto os espasmos do gozo quando o fito e o vejo de testa franzida, o suor escorrendo em seu rosto, os olhos exalando luxúria, os lábios cerrados.

— Ah, Eliza... Porra... — Ele penetra fundo mais algumas vezes e para, apertando o seu corpo contra o meu, enquanto ondas de prazer o fazem tremer.

Ainda trêmula pelo êxtase, abraço meu marido e me aninho sorridente no seu corpo suado, sentindo o seu cheiro inconfundível.

— Pra sempre minha, menina — ele diz ofegante e me força a olhá-lo, erguendo o meu queixo. — Não vejo a hora de ver um resultado positivo quando você fizer o teste de gravidez.

Meus lábios se curvam em um sorriso brando.

— Na verdade, Sebastian, já deu. Você vai ser papai de novo — digo emocionada, vendo-o arregalar os olhos. — Nosso bebê já está aqui dentro. Fiz o teste hoje, antes de virmos para cá.

Ele me abraça, também emocionado, e entre mimos e muitos beijos, passamos juntos o restante do dia.

No dia seguinte logo cedo, a casa fica cheia logo cedo. Meus pais, Sol e os tios de Sebastian. Todos nós conversando alegremente em volta da mesa enquanto comemos o café da manhã. Assim que terminamos, Sebastian pede a atenção de todos e faz o tão importante comunicado. Sol começa a pular e bater palminhas, feliz ao saber que vai ter um irmãozinho. A felicidade é tanta que ela

sai em disparada, rumo ao campo de girassóis.

Sebastian sai atrás dela e eu os sigo. Ele a pega nos braços e a gira no ar, fazendo uma gargalhada alta escapar da sua garganta. Pego uma das flores e inspiro o cheiro. Sol e Sebastian vêm até mim, pego nossa filha e deposito beijos em suas bochechas. Ele se agacha e beija a minha barriga, fazendo-me sentir todo o seu amor.

Se me perguntassem se eu me arrependo de algo, ou se mudaria algo nos anos que se passaram, minha resposta seria não. Pois nesses anos eu vivi intensamente. Errei e aprendi com meus erros, mesmo sofrendo, eu fui feliz.

Mas, principalmente, eu amei.

Sobre a Autora

Aos 23 anos, Jessica Larissa é mãe em tempo integral, esposa, técnica em Agropecuária e estudante de Engenharia Civil. Ingressou no mundo da escrita recentemente, devido sua louca paixão pelo mundo mágico dos livros.

Redes sociais

Perfil do facebook:

<https://www.facebook.com/lara.packer.9>

Página:

<https://www.facebook.com/autorajessicalarissa/>

Grupo do Facebook:

<https://www.facebook.com/groups/221932408436790/>

Instagram:

https://www.instagram.com/p/BpXGJ3Xg0Rp/?utm_source=ig_share_sheet&igshid=1g481zpqemt04

Wattpad:

<https://my.w.tt/2jrXN9eNGR>